

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO**

**BRUNA RAFAELA DE LIMA**



**SÃO LEOPOLDO/RS  
2009**

BRUNA RAFAELA DE LIMA

DA REDE AO ALTAR: VIDA, OFÍCIO E FÉ DE UM HISTORIADOR POTIGUAR

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção título de Mestre, pelo  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck

SÃO LEOPOLDO/RS

2009

L732d Lima, Bruna Rafaela de  
Da rede ao altar: vida, ofício e fé de um historiador Potiguar /  
por Bruna Rafaela de Lima. -- 2009.  
231 f. : il. ; color. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2009.

“Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck,  
Ciências Humanas”.

1. Historiografia. 2. Historiador - Cascudo, Luís da Câmara.  
3. História - Rio Grande do Norte. 4. História - Igreja. 5.  
Religiosidade - Memória. I. Título.

CDU 930.1

BRUNA RAFAELA DE LIMA

Da rede ao altar:  
vida, ofício e fé de um historiador potiguar

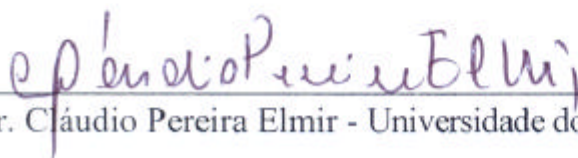
Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção título de Mestre, pelo  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Aprovado em 06 de abril de 2009.

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck - Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir - Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fátima Martins Lopes - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**A dois amores da minha vida que partiram para a eternidade, minha tia Luzia e minha avó Margarida.  
Com amor e eterna saudade!  
E aos demais amigos e familiares que me incentivaram e acreditaram nesse sonho.**

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um dos gestos humanos que considero mais sublimes, uma virtude que dignifica nossa alma. Por pensar desta maneira, agradecer se torna, para mim, uma tarefa muito delicada. Espero não cometer injustiças ao esquecer-me de alguém, mas se isso vier acontecer no papel, no meu coração jamais será esquecida qualquer ajuda que recebi para concretizar esse projeto de vida que comecei em 2007.

Primeiramente, agradeço a Deus, a fé que tenho no meu Deus de que *tudo posso* e de que *tudo passa*, foram sentimentos essenciais para que eu chegasse até aqui. Agradeço, de forma muito especial, à minha família, pois sem a ajuda recebida de todos que a compõem, seja de sangue, seja de coração, eu jamais teria conseguido ir a qualquer lugar. Meu agradecimento – de coração –, por tudo e sempre. De forma bem especial, quero agradecer a meu pai Agostinho e à minha mãe Maria do Carmo, por terem me apoiado e me estimulado.

A todos da minha família de coração, na pessoa de Edeclaiton e Ivone, a todos da minha família materna, na pessoa de minha avó Maria das Dores, a todos da minha família paterna, na pessoa de Alaíde, e aos meus amados afilhados, pelo carinho.

Aos meus tios e tias, especiais em cada momento. Meu especial carinho para Vilma, Valdelice e Valquíria e para os meus primos e primas, que estão sempre torcendo por mim, principalmente, aqueles que me acompanharam mais de perto essa minha estada no Sul: Ceição, Geraldo, Lauraci, Clara, Fernanda, Carol, Marina, Jailma, Livanilde, Alex, Ana do Carmo, Lúcia, Josefa, Paula, Juninho e Giuliani.

Aos amigos do Rio Grande do Norte que, mesmo longe fisicamente, sempre se mostraram muito presentes. Em especial, gostaria de destacar aqueles que me acompanharam mais de perto, como Neto, Íris, Vanessa, Aurinete, Juliany, Arthur, Isabel, Cétura, Jaira, Milena, Maria, Bueno, Consola, Cláudia, Arlene, Luciana, Vanúzia, Priscila, Daniela, Helder, Olívia, Daianne, Jobson, Arlan, Dênisson, Kaliana, Eva, Juciene e Wicliffe que, entre tantos outros que fazem parte da minha vida, me auxiliaram – cada um a sua maneira – sempre que precisei. Meu carinhoso agradecimento a Nonato, por ser tão especial e querido.

Nessa minha temporada acadêmica aqui no Sul, tive amigos que foram anjos – mais que pessoas especiais – e que muito me ajudaram. Refiro-me à Milena, Neto, Perpétua, Íris e Vanessa. Esses anjos queridos foram de suma importância para a realização desse sonho.

*Milena, obrigada de coração, por tudo! Por você ter estado ao meu lado desde o início. Por ter me apresentado a Unisinos, e por ter me ajudado, prontamente, na revisão da Dissertação. Obrigada. Sempre!*

*Meu querido e amado amigo, Neto, procuro palavras para te agradecer, e fico sem saber como, porque sua ajuda foi e é essencial em minha vida acadêmica e pessoal. Amigo, você é um dos responsáveis por tudo isso!*

Perpétua, o anjo do Norte que conheci no Sul e que desde 2007 faz parte da minha vida. Não sei como teria sido viver sem as “asas” protetoras dela, a me conduzir sempre. A amizade de Perpétua foi um presente e um dos meus maiores estímulos para a realização desse sonho. *Amiga, obrigada por você ter sido, além de amiga, mãe, enfermeira, guia, conselheira e anjo.*

*Íris, meu obrigada, de coração, pela presença constante e pelas palavras de carinho sincero. Vanessa, minha amiga, valeu por saber e sentir que posso contar com você, sempre!*

A todos os amigos que fiz no Sul, o meu muito obrigada! A Clô, meu agradecimento especial, por ter se mostrado uma amiga tão verdadeira e boa ouvinte.

Agradeço, de forma muito especial, ao pessoal da Pousada Sinos, o meu lar aqui no Sul, na pessoa do Sr. Darci. Agradeço, ainda, a todos os funcionários, a quem considero como amigos e parte da família. E, de forma muito especial, aos amigos que fiz na Pousada: Renata, Perpétua, Jorge, Luan e Alex. *Meus fiéis companheiros, obrigada!* Obrigada também a outros tantos colegas que por lá passaram, em especial, João, Gilberto, Evandra, Lindomal e Jasson.

À família Possamai, sobretudo, ao Paulo que, desde o início, me ajudou a enfrentar o novo e o desconhecido, e à D<sup>a</sup>. Silda e ao Sr. Benjamin, pelo acolhimento de filha que me deram sempre que precisei. Agradeço, também, aos demais parentes do Paulo que tão bem me acolheram.

Ao Sr. Dorival Fleck e à Camila, que de forma tão carinhosa me acolheram em sua casa. Meu agradecimento pelo fraterno e sincero cuidado.

Às irmãs da Comunidade do Cristo Ressuscitado (Ana C., Ana F., Cristina, Inês e Susana) e ao Padre Roque por todo apoio, carinho e amizade e a todos que integram a comunidade, junto à qual pude vivenciar belos momentos, me sentindo, realmente, parte dela.

A todos os amigos e colegas tão queridos da Unisinos, em especial, a Samantha, Alisson, João Ivo, Paula Tanure, Moacyr, Ney, Jones, Rosicler e Leandro. Agradeço, também, aos queridos “pupilos” da minha orientadora: Mauro, Aninha, Cerveira, Débora, Fabiana, Paula, Fernanda, Tafnes, Rafael, amigos e colegas, que, cada um a sua maneira, fizeram com que esses meses no Sul fossem mais felizes e a distância de casa, suavizada. A vocês, meu agradecimento. Por tudo!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, meu agradecimento pelos ensinamentos valiosos. Quero agradecer, em especial, à professora Marluza,

por toda a confiança e carinho, e à professora Maria Cristina, por ter acreditado em mim, quando eu duvidei que conseguiria. Ao professor Cláudio Elmir e Paulo Moreira que, desde a seleção, me acolheram e se mostraram sempre solícitos. Ao professor Martin, pela cordial disponibilidade e pela valiosa ajuda bibliográfica sobre a História da Igreja no Brasil. Ao professor Padre Inácio, pelos ensinamentos valiosos de vida e de história e pela consideração sincera com que sempre me tratou e me acolhe. Às professoras Ana Sílvia e Heloísa Capovilla pelo carinho e apoio sinceros.

Meu carinhoso agradecimento à Janaina, a eficiente e sempre presente secretária do PPGH. Obrigada pela atenção – mesmo quando eu ainda me encontrava no Rio Grande do Norte – e pelo profissionalismo. Meu agradecimento muito especial às “meninas da Secretaria dos PPGs”. Sou muito grata a cada uma delas - Loy, Dinorá, Jana, Márcia, Sayonara e Maristela – pela carinhosa acolhida e atenção.

Às bibliotecárias da Unisinos, Eliete e Carla, que de forma carinhosa e paciente, prestaram grande e inesquecível auxílio na revisão do texto final da Dissertação.

Aos ex-professores e amigos da UFRN que, mesmo distantes fisicamente, se fizeram tão presentes, me estimulando e ajudando no que fosse necessário. De forma especial, agradeço a Aurinete, Fátima, Wicliffe, Nonato, Almir, Airon, Denise, Maria Emília, Luiz Eduardo, Conceição Guilherme, Paulo, Durval e Arrais. Em especial, à Fátima, Maria Emília e Denise por terem se mostrado – sempre – tão solícitas para me mostrar os melhores caminhos para o crescimento pessoal e acadêmico.

Aos amigos do IHGRN – tão queridos e solícitos – que me acolheram da forma mais fraterna. Sou eternamente grata a essa turma querida: Lúcia, Antonieta, Verônica, José Maria, Vilma, Manoel e Geraldo. Ao presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Dr. Enélio Petrovich, agradeço pela inestimável colaboração. Ao Dr. Jurandir Navarro, vice-presidente do IHGRN e diretor da Biblioteca da ANL-RN, pelo acesso que me franqueou ao valioso acervo desta. Devo mencionar, ainda, a valiosa colaboração do professor Claudio Galvão e do jornalista Luiz Cortez, sempre dispostos a me fornecer as informações que buscava.

À equipe do Memorial Câmara Cascudo pela cordial acolhida, e, em especial, a sua Diretora, Sra. Daliana Cascudo, que se mostrou sempre disponível e interessada em acompanhar, de perto, os passos e as descobertas da pesquisa que realizei. *Daliana, sua ajuda foi e será sempre lembrada. Sou muito grata por sua amizade!*

Agradeço, especialmente, à principal responsável por tudo o que esta Dissertação representa para mim, a minha orientadora, professora Eliane Cristina Deckmann Fleck. Tenho consciência de que por mais que eu escreva, não conseguirei expressar o que ela representa na minha vida e para a realização desse sonho, o Mestrado em História. Posso dizer que Eliane é



uma amiga que ganhei para a vida inteira. E que, além de amiga, foi mãe, professora e orientadora, da forma mais intensa que é possível ser, conciliando todos estes papéis com maestria. *Professora, sem a sua mão a me conduzir e me cuidar eu jamais teria conseguido. Você é um exemplo de vida que procurarei seguir. Sua orientação foi simplesmente perfeita. Obrigada, sempre!*

Cabe agradecer, ainda, à CAPES, pela concessão da Bolsa que tornou possível a realização do Curso de Mestrado, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, em terras tão distantes das potiguares, nas quais viveu e sobre as quais escreveu Câmara Cascudo, de quem nos ocupamos nesta Dissertação.

**“A forma real heroicamente humana de sentirmos e vivermos a História é procurar a normalidade da ação, isto é, a ação no germe, não a tempestade estalando no ar como um castigo, mas acompanhar a evaporação, a formação invisível do fenômeno, a condensação vagarosa dos elementos que deflagrarão a rutilância cegante do meteoro”<sup>1</sup>.**

---

<sup>1</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 16.

## RESUMO

Esta Dissertação se propõe a apresentar duas faces pouco exploradas de Luís da Câmara Cascudo pela historiografia, a de *homem de fé* e a de historiador católico. Na reconstituição da trajetória intelectual de Câmara Cascudo, destacamos as influências recebidas no ambiente familiar; a formação escolar na infância e a acadêmica na juventude; a constituição da família e a maturidade; a sua atuação como jornalista e como professor, para, então, nos dedicarmos, mais detidamente, na sua produção como historiador. Além de ter sido o historiador oficial da cidade do Natal e de ter produzido consagradas sínteses históricas sobre o seu Estado e sua cidade de origem, Câmara Cascudo foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e de todos os Institutos brasileiros, aspecto que abordamos a partir do debate historiográfico sobre o seu “*provincianismo incurável*”, da reflexão sobre a sua concepção de História e da análise sobre a versão de História do Brasil e do Rio Grande do Norte que difundiu através de seus artigos e de seus livros. Debruçamo-nos, ainda, sobre as memórias que Cascudo produziu – vinculando-as à produção de uma “escrita de si” –, sobre aquelas que foram e vêm sendo produzidas sobre ele, com destaque para os lugares de memória que celebram Cascudo na cidade do Natal. Para desvendar as razões do apreço que Câmara Cascudo demonstrou – na sua tão variada produção – pelas temáticas ligadas à religiosidade – popular ou institucional – e à História da Igreja no Rio Grande do Norte, voltamos nossa atenção para a sua tradição católica familiar, para as inúmeras demonstrações de fé e de devoção particular e, ainda, para a ligação estreita que manteve com representantes da Igreja Católica no Estado do Rio Grande do Norte durante um determinado período de sua vida.

Palavras-chave: Luís da Câmara Cascudo. História do Rio Grande do Norte. Memória. Religiosidade. História da Igreja.

## ABSTRACT

This dissertation proposes to present two sides of Luís da Câmara Cascudo less explored by historiography, the one of a man of faith and the one of a catholic historian. In reconstitution of the intellectual path of Câmara Cascudo, we highlight the influences acquired in the familial environment; the school formation in his childhood and the academic in his youth; the constitution of the family and his adulthood; his deeds as a journalist and as a teacher, so we can, then, set about, more closely, his production as a historian. Besides having been the Official Historian of the city of Natal and having produced several established historical syntheses about his State and home city, Câmara Cascudo was a member of the Historical and Geographic Institute of Rio Grande do Norte and of all Brazilian Institutes, a fact we discuss from the historiographic debate about his “*incurable provincialism*”, from the reflection about his conception of History and from his analysis about the version of History of Brazil and Rio Grande do Norte that he disseminated through his articles and his books. We give special attention, as well, to the memories Cascudo produced – linking them to the production of a “self writing” –, about those that were and are being produced about him, highlighting to the places of memory that celebrate Cascudo in the city of Natal. To uncover the reasons behind the estimation that Câmara Cascudo demonstrated – in his varied production – to the themes linked with religiosity – popular or institutional – and to the History of Church in Rio Grande do Norte, we divert our attention to his familial catholic tradition, to the many demonstrations of faith and personal devotion and, then, to the narrow link he kept with representatives of the Catholic Church in the State of Rio Grande do Norte during a certain period of his life.

Keywords: Luís da Câmara Cascudo. History of Rio Grande do Norte. Memory. Religiosity. History of Church.

## **LISTA DE SIGLAS**

ANL-RN - Academia Norte Rio Grandense de Letras

IAHGPE - Instituto Arqueológico Histórico Geográfico Pernambucano

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IHGCE - Instituto Histórico e Geográfico do Ceará

IHGRN - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 PEREGRINAÇÃO EM DERREDOR DE CASCU DO.....</b>	<b>29</b>
2.1 <i>Cascudinho</i> : de príncipe a professor.....	30
2.2 Cascudo esposo, pai e provedor da família .....	39
2.3 Cascudo por múltiplos olhares .....	52
2.4 O memorialista e os sustentáculos da memória cascudiana .....	59
2.5 O “provinciano” e o “universal” .....	68
<b>3 CÂMARA CASCU DO – UM HISTORIADOR.....</b>	<b>80</b>
3.1 O historiador provinciano .....	86
3.2 O historiador membro de Institutos Históricos .....	103
3.3 O historiador contador de histórias .....	115
<b>4 O <i>HOMEM DE FÉ</i> E O HISTORIADOR CATÓLICO .....</b>	<b>127</b>
4.1 Um <i>homem de fé</i> .....	130
4.2 O historiador e a Igreja Católica.....	144
4.3 O historiador e a Companhia de Jesus .....	152
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>170</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>179</b>
<b>ANEXO A - FOTOS REFERENTES AO PRIMEIRO CAPÍTULO .....</b>	<b>200</b>
<b>ANEXO B - FOTOS REFERENTES AO SEGUNDO CAPÍTULO.....</b>	<b>213</b>
<b>ANEXO C - FOTOS REFERENTES AO TERCEIRO CAPÍTULO.....</b>	<b>217</b>
<b>ANEXO D - FOTOS REFERENTES AS CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>229</b>

## 1 INTRODUÇÃO

**“Nenhum historiador jamais escapa às indagações de seu tempo, inclusive quando escreve uma história da memória... A história pertence, sobretudo àqueles que a viveram e que ela é um patrimônio comum que cabe ao historiador exumar e tornar inteligível a seus contemporâneos”<sup>2</sup>.**

Partimos dessa reflexão do historiador Henry Rousso para iniciar a introdução da Dissertação que ora apresentamos. Uma Dissertação que trata de um historiador, dos escritos e das memórias<sup>3</sup> que ele produziu e daquelas que sobre ele já foram e vêm sendo produzidas. Trata-se de Luís da Câmara Cascudo, de quem já nos ocupamos na monografia de conclusão do Curso de Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Nosso interesse em Câmara Cascudo surgiu durante um Seminário de História Moderna e Contemporânea cursado no terceiro período do Curso de Graduação. Nele, tomamos contato não apenas com Cartas Jesuíticas que abordam a atuação dos missionários na Capitania do Rio Grande, como avaliamos o destaque dado ao papel por eles desempenhado na produção historiográfica norte-rio-grandense.

Assim, ao final do Curso apresentamos uma monografia que teve como principal objetivo verificar como dois representantes da historiografia clássica norte-rio-grandense<sup>4</sup> e membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Augusto Tavares de Lyra<sup>5</sup> (1872-1958) e Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) enfocaram a presença dos missionários da Companhia de Jesus em solo potiguar. Para tanto, selecionamos para a análise pretendida os livros *História do Rio Grande do Norte*, tanto o de autoria de Augusto Tavares de Lyra quanto o de Luís da Câmara Cascudo, por serem referência para a historiografia do

---

<sup>2</sup> ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 98.

<sup>3</sup> Em nosso esforço de compreender como se deu a construção dessa memória cascudiana, nos valem do conceito de *memória* proposto por Henry Rousso, para quem ela tem como função primordial garantir a continuidade do tempo, resistindo ao “tempo que muda” e às “rupturas que são o destino de toda a vida humana”. ROUSSO, Henry. A Memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 94-95.

<sup>4</sup> Conforme Denise Monteiro, se trata da historiografia que serviu de matriz para a produzida posteriormente. Constituem matrizes dessa historiografia os trabalhos de Augusto Tavares de Lyra, Francisco da Rocha Pombo e Luís da Câmara Cascudo. Ver mais em TAKEYA, Denise Monteiro. *História do Rio Grande do Norte: questões metodológicas-historiografia e história regional*. **Caderno de História**, Natal, v. 1, n. 1, p. 8-11, jul./dez. 1994.

<sup>5</sup> Augusto Tavares de Lyra era natural do Rio Grande do Norte, da cidade de Macaíba. Nasceu em 1872 e faleceu em 1958, no Rio de Janeiro. Foi um político ligado à oligarquia local (Família Albuquerque Maranhão) e “intelectual” atuante, tendo exercido vários cargos político-administrativos no Estado do Rio Grande do Norte e no Governo Federal. Foi também Governador do Estado, Deputado Federal e Ministro. Foi um dos empreendedores da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Escreveu inúmeros estudos sobre aspectos sociais, políticos e econômicos do Rio Grande do Norte e a somatória desses trabalhos resultou no que é considerado seu livro clássico: a *História do Rio Grande do Norte*, de 1921. *Ibid.*, p. 20. Sobre a atuação de Tavares de Lira na política do Rio Grande do Norte, ver mais em MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2002.

Rio Grande do Norte e por sua condição de marcos iniciais de divulgação da história do Estado<sup>6</sup>. Ao devassar acervos e acessar os arquivos da cidade do Natal<sup>7</sup>, pudemos constatar que muito havia ainda para ser pesquisado sobre a temática da monografia e que a mesma não conseguiria abarcar todas as possibilidades de investigação sobre os historiadores que escolhemos e sobre a atuação da Companhia de Jesus no Rio Grande do Norte.

Ao fim do Curso, mantivemos o interesse na temática, o que nos levou a pensar na possibilidade de cursar uma Pós-Graduação e a investir na elaboração de um projeto de Dissertação. No projeto que apresentamos para o processo seletivo ao Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), propusemos o aprofundamento da análise que iniciamos na monografia, mantendo os historiadores, aos quais já vínhamos nos dedicando – Tavares de Lyra e Câmara Cascudo –, mas ampliando as fontes que seriam alvo de consulta para a identificação das visões que difundiram sobre a atuação dos missionários jesuítas durante o período colonial.

Se, inicialmente, pensávamos em priorizar a análise da visão dos historiadores Tavares de Lyra e Câmara Cascudo sobre a atuação da Companhia de Jesus no Rio Grande do Norte, durante as fases da conquista e da colonização, alteramos significativamente o projeto no segundo semestre de 2007. As alterações decorreram, em grande medida, das disciplinas cursadas, das leituras realizadas, dos seminários e dos encontros de orientação, bem como do produtivo retorno às fontes nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do Memorial Câmara Cascudo e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Os documentos que localizamos e a análise que realizamos durante o primeiro semestre de 2008 acabaram por redefinir os objetivos e, conseqüentemente, a estrutura da Dissertação. Optamos por focar a Dissertação exclusivamente em Câmara Cascudo, priorizando uma de suas faces menos exploradas, a de historiador, e, especialmente, a de historiador cuja produção – concentrada no período entre 1920

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que para consulta, utilizamos a segunda edição das duas obras – que possuem o mesmo título –, isto é, de Tavares de Lyra, a do ano de 1982, e de Câmara Cascudo, a edição de 1984.

<sup>7</sup> Consideramos importante esclarecer que empregamos *cidade do Natal* e não *cidade de Natal*, porque optamos por seguir as recomendações feitas pelo próprio Cascudo: “Diz-se Cidade do Natal como somos obrigados, pela lógica, a dizer e escrever Cidade de Santana do Matos e não Santana de Matos, Cidade do Martins e não Cidade de Martins. Francisco Martins Roriz foi o proprietário da sesmaria e denominou a Serra do Martins. Manuel José de Matos, dono da fazenda Bom Bocadinho, era o possuidor da imagem da Senhora Sant’Ana. Daí o dizer-se a Sant’Ana do Matos, nome do português. Ninguém diz Cidade de Rio, mas do Rio. Cidade de Recife? Não. Cidade do Recife. Cidade do Natal, por ter sido fundada num Dia do Natal. [...] Certo é viver conforme a lógica e não ao sabor pessoal. As coisas têm regras e devem obedecer a elas. Não há revolução social sem a criação de leis. E cada lei é uma obrigatoriedade imediata e humana. Se é assim, seja. Ou uma lei abrigue e anule o estabelecido”. CASCUDO, Luís da Câmara. Errado é que dá certo. **Diário de Natal**, Natal, RN, 14 jul. 1948. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.



e 1980 – apresenta marcas inegáveis de sua fé católica. Uma produção – jornalística ou histórica – que revela a importância que Cascudo atribuiu à Igreja Católica na História do Rio Grande do Norte, e, sobretudo, aos jesuítas no processo da conquista e da colonização do território.

Além de esta Dissertação preencher uma lacuna na historiografia norte-rio-grandense, uma vez que poucos trabalhos se detêm na participação dos jesuítas na História do Rio Grande do Norte, acreditamos que este trabalho contribui significativamente para divulgar a contribuição de Câmara Cascudo como historiador<sup>8</sup>, uma vez que são os seus trabalhos como folclorista e antropólogo, o *Dicionário do Folclore Brasileiro* e *A História da Alimentação no Brasil*, os mais conhecidos fora do Rio Grande do Norte.

Este enfoque, cabe ressaltar, não invalidou o esforço que já havíamos feito em analisar artigos e livros de Cascudo e em identificar qual a importância que o historiador havia atribuído a esta temática. Dentre as possíveis razões para Cascudo dedicar tanta atenção à Companhia de Jesus em seus escritos, pode estar a importância que ele atribuía ao papel de catequizadores, civilizadores e professores que os jesuítas exerceram. Ele mesmo, em várias ocasiões, fez questão de definir as habilidades que um bom professor deveria possuir:

O que fui essencialmente na vida? Um professor! Não havendo amor, quase carnal, com a sua especialidade, o professor é um carregador de palavras imóveis e não um piloto de memórias vivas. Aula não é filme, reproduzindo indefinidamente atos de verismo impecável, mas representação em palco aberto, onde cada exibição é uma atitude responsável, insusceptível de revisão retificadora. As fisionomias dos ouvintes são o mais sensível radar, devolvendo a onda impressiva. O segredo não está no tema, mas no processo comunicante. O vocabulário justo, a imagem legítima, o gesto oportuno e sóbrio. Nenhuma desatenção do professor<sup>9</sup>.

Cascudo os percebia, sobretudo, como promotores da civilização no Estado potiguar e como responsáveis pela difusão e salvaguarda da moral cristã: “Deve o Rio Grande do Norte aos Jesuítas o plano da fortaleza, a escolha provável do local e denominação da Cidade, a pacificação do indígena, indispensável para o estabelecimento regular dum (sic) núcleo europeu”<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Cabe destacar aqui a inestimável contribuição do projeto *Os Descobridores*, coordenado pela professora Margarida de Souza Neves, e que aborda o Cascudo historiador, apresentando-o como um dos descobridores do Brasil, ao lado de Gilberto Freyre e outros.

<sup>9</sup> Texto do convite da exposição: **Câmara Cascudo, cada dia mais vivo: 30 de julho – “Encantamento”**, exposta no Memorial Câmara Cascudo, em Natal-RN, a partir de 30 de julho de 2008. Enviado por email por Daliana Cascudo, neta de Luís da Câmara Cascudo e Diretora do Memorial.

<sup>10</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 201, jul./out. 1940.

Quanto à nossa motivação para estudá-lo, enquanto *homem de fé* e historiador católico, é bem provável que tenha decorrido tanto de uma identificação com o personagem-alvo do estudo, resultante, em grande medida, da criação católica que ambos tivemos, quanto do desejo desta natalense em compreender as razões para a criação e a difusão, no meio acadêmico e popular, de um *São Cascudo*.

Atestando a vitalidade de Câmara Cascudo e a sua mitificação, em 30 de julho de 2008, dia em que se completaram 22 anos de “encantamento”<sup>11</sup> de Luís da Câmara Cascudo, o Memorial Câmara Cascudo idealizou uma exposição intitulada **Câmara Cascudo, cada dia mais vivo: 30 de julho - “Encantamento”**. Este fato recente que destacamos, somado a muitos outros que procuraremos explorar nesta Dissertação, confirma a construção de uma memória sobre o ilustre historiador norte-rio-grandense. Memória assentada, em grande medida, sobre as memórias que ele construiu sobre si mesmo. Sobre as histórias que selecionou e quis guardar.

Indispensável para o desenvolvimento desta Dissertação foi a consulta e o diálogo que mantivemos com a produção historiográfica norte-rio-grandense, em especial, com aquela que se debruçou tanto sobre Câmara Cascudo, quanto sobre o período colonial da Capitania do Rio Grande. Sobre esta última temática, foi extremamente importante o contato que tivemos com a Tese de Doutorado<sup>12</sup> da professora Maria Emília Monteiro Porto, que aborda a presença de jesuítas em terras potiguares, enfocando as missões instaladas na Capitania do Rio Grande no período entre 1597 e 1759. Nela, Porto se debruça sobre a documentação jesuítica para extrair a visão que apresentam da conquista e da colonização da Capitania do Rio Grande. Também enfocando as missões religiosas instaladas na Capitania do Rio Grande, nos valem da Dissertação de Mestrado da professora Fátima Martins Lopes<sup>13</sup> que é tida como referência para os pesquisadores sobre a temática das missões na Capitania do Rio Grande, discutindo-a, também, numa perspectiva historiográfica. Esta abordagem – que

---

<sup>11</sup> O termo encantamento era empregado por Câmara Cascudo para se referir à morte ou ao falecimento de alguém, pois não gostava da palavra morte. Segundo sua neta Daliana Cascudo, esta era uma forma poética por ele empregada para referir-se à morte: “Ele não gostava da palavra morte. E encantamento, para ele, é como se estivesse em outro mundo. Era o que ele sentia quando falava do assunto”. E depois que ele faleceu os seus discípulos passaram a empregar o termo para se referir à morte de Cascudo, sendo assim, Cascudo para esses não morreu, encantou-se. CASCUDO, Daliana (Org.). Câmara Cascudo: 20 anos de encantamento. Natal: Ed. da UFRN, 2007. p. 123.

<sup>12</sup> PORTO, Maria Emília Monteiro. **Jesuítas na Capitania do Rio Grande séculos XVI-XVIII**: arcaicos e modernos. 2000. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Salamanca, Espanha, 2000.

<sup>13</sup> LOPES, Fátima Martins. **Missões religiosas**: índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte. 1999. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. A Dissertação, em 2003, foi publicada em livro: LOPES, Fátima Martins. Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande, 2003.

perpassa o trabalho – fica evidenciada na afirmação feita por Martins: “[...] Saber o que se passou nas Missões por si só pouco acrescentaria ao conhecimento histórico. Essas relações internas às Missões só são importantes e significativas quando colocadas no conjunto da História do Brasil”<sup>14</sup>.

Imprescindíveis também para essa Dissertação – em termos de aprofundamento sobre a atuação missionária jesuítica no Brasil colônia, tema de que nos ocuparemos em subcapítulo específico – foram as leituras realizadas nas disciplinas *Culturas Nativas: história e historicidade I* e *História das Populações Indígenas na América Latina I*, cursadas durante o primeiro ano de Mestrado na UNISINOS. Na primeira disciplina, chamaram nossa atenção os textos de Maria Sylvia Porto Alegre e de Maria Regina Celestino de Almeida<sup>15</sup>, que se enquadram na denominada Nova História Indígena, cuja proposta vem alterando significativamente as visões sobre os períodos da conquista e da colonização.

O estudo de Sylvia Porto Alegre trata não só do desaparecimento dos índios, como também do silenciamento sobre a história desses grupos no Nordeste, priorizando o desmonte do argumento da extinção dos indígenas no Brasil. Segundo a autora, o argumento de que teria havido um “desaparecimento” dos índios surge no século XVI para dar conta da incorporação forçada dos povos indígenas à sociedade nacional e para justificar a expropriação de suas terras<sup>16</sup>. As pesquisas de Maria Sylvia evidenciam que os índios do Nordeste não se acomodaram passivamente à política assimilacionista:

Consolidado o processo de ocupação dos seus territórios, os índios continuaram a se rebelar, porém não mais pegando em armas como nos primeiros tempos. Eles agora resistiam à assimilação forçada recusando-se a sair das terras invadidas, fugindo ao trabalho compulsório nas propriedades dos moradores, abandonando as aldeias e vagando entre as fronteiras das Capitâneas, em “correrias” sem fim, rompendo as normas impostas, praticando “abusos” e voltando aos “maus costumes”<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande, 2003. p. 19.

<sup>15</sup> PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Rompendo o silêncio**: por uma revisão do “desaparecimento” dos povos indígenas. Disponível em: [http://br.geocities.com/esp\\_cultural\\_indigena/texto3](http://br.geocities.com/esp_cultural_indigena/texto3). Acesso em: 25 jan. 2009; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história indígena. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história**: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 27-37.

<sup>16</sup> PORTO ALEGRE, op. cit.

<sup>17</sup> Ibid., 2009.

Também o estudo de Celestino de Almeida se contrapõe aos trabalhos historiográficos clássicos, apontando para aspectos geralmente por eles negligenciados, tais como o papel desempenhado pelas aldeias indígenas coloniais no processo de ressocialização e de reconstrução de identidades e culturas dos diversos grupos indígenas que se reuniam nestes espaços em busca de sobrevivência, diante do caos instalado nos sertões. Essa nova postura defende prioritariamente, que:

Os povos indígenas não estavam na América à disposição dos colonizadores, nem com eles colaboraram por ingenuidade ou tolice. Ao contrário, responderam ao contato de acordo com suas próprias motivações, ligadas à dinâmica de suas organizações sociais, que igualmente se modificavam no decorrer do processo histórico<sup>18</sup>.

Os estudos de Maria Sylvia Porto Alegre e Maria Regina Celestino de Almeida, apesar de tratarem de diferentes regiões, enfocam a temática indígena no Brasil, partindo das novas perspectivas de análise das fontes e de revisões historiográficas criteriosas, que buscam desmistificar a história das populações indígenas brasileiras. Populações que foram “condenadas” – pela historiografia clássica até a segunda metade do século XX – ao “desaparecimento” ou “silenciamento” por parte dos historiadores.

Em se tratando da produção de Cascudo que versa sobre a etapa colonial do Rio Grande do Norte, e, em especial, sobre a situação da população indígena durante este período, pudemos confirmar algumas das constatações feitas por Maria Sylvia Porto Alegre:

No relato dos contemporâneos, endossado pela historiografia regional, a maior parte dos índios aldeados enfrentou a decadência dos aldeamentos passivamente, sem opor nenhuma resistência à integração, desaparecendo sem deixar vestígios. É como se saíssem de cena silenciosamente, deixando para trás suas terras, seus bens, sua cultura, seu passado e seu futuro. No entanto, os documentos por nós localizados mostram a irrealidade dessa visão, contando uma história bem diferente. Uma vez consolidado o processo de ocupação dos seus territórios, os índios continuaram a se rebelar, porém não mais pegando em armas como nos primeiros tempos. [...] No Nordeste, há um silêncio sobre o que ocorreu com os povos indígenas que habitavam tradicionalmente os territórios conquistados, desde meados do século passado, quando se deu a extinção definitiva da maior parte das vilas

---

<sup>18</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história indígena. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 29.

e lugares remanescentes dos antigos aldeamentos missionários, implantados entre os séculos XVI e XVIII<sup>19</sup>.

Valendo-se dos relatos dos missionários e das autoridades metropolitanas, Cascudo reproduz a tese da extinção indígena na conjuntura do processo da colonização da capitania, como comprova a passagem que destacamos:

Agora o Forte dos Reis Magos não será um quisto isolado nas praias nordestinas. Dele sairão colonos, instrumentos de caça e pesca, recursos, caravanas, soldados para diligências em terras longes. [...] Também haveria o aniquilamento implacável da raça guerreira e generosa que povoara a terra antes do branco invasor. Seria a tropa de choque, a vanguarda, os companheiros insubstituíveis. **Depois, lenta e regularmente, iriam desaparecendo, homem a homem, tribo a tribo, saindo da vida, indo para a História, cumprida a missão que lhe custaria o sacrifício total da raça admirável**<sup>20</sup>. (grifo nosso).

As reflexões que estes dois estudos – o de Porto Alegre e de Celestino de Almeida – fazem sobre a história indígena e sobre a historiografia produzida sobre os índios no Brasil decorrem de uma qualificada análise e revisão historiográfica, e também de um cuidadoso uso de conceitos e de uma metodologia de análise criteriosa. É, neste sentido, que a leitura desses dois estudos contribuiu de forma inestimável para a investigação que realizamos, ao chamar-nos a atenção para novas perspectivas de análise e para esses cuidados fundamentais.

Na segunda disciplina, *História das Populações Indígenas na América Latina I*, tomamos contato com a produção de historiadores, antropólogos e de jovens pesquisadores, cujas obras tratam dos mecanismos empregados para a incorporação do índio na sociedade colonial. Estas leituras foram fundamentais para a compreensão do projeto colonial e do trabalho missionário junto às populações indígenas, permitindo o estabelecimento de relações entre as estratégias de evangelização empregadas em outras regiões e por outras ordens religiosas.

Dentre os trabalhos a que tivemos acesso – e por sua aproximação a um dos objetivos da Dissertação –, destacamos a Tese de Dóris Cypriano – *Margens dos Rios Madeira e*

---

<sup>19</sup> PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. **Rompendo o silêncio**: por uma revisão do “desaparecimento” dos povos indígenas. Disponível em: [http://br.geocities.com/esp\\_cultural\\_indigena/texto3](http://br.geocities.com/esp_cultural_indigena/texto3). Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>20</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1984. p. 27.

*Tapajós: situação de contato e dinâmica social – séculos XVII e XVIII*<sup>21</sup>, cujo principal objetivo é o de analisar a relação que se estabeleceu entre os missionários jesuítas e os indígenas Tapajó, Tupinambarana e Iruri, localizados nas margens dos Rios Madeira e Tapajós, nos séculos XVII e XVIII. Vale ressaltar que a abordagem da Tese não desconsidera a influência da ação européia nas sociedades indígenas, e as conseqüentes transformações da ordem cultural que estas sofreram, mas propõe uma análise que parte do pressuposto de que europeus e indígenas agiam em um mesmo plano, onde submetiam constantemente suas pautas culturais a riscos, reavaliando-as em busca das melhores alternativas para a manutenção de seus grupos.

Em termos de revisão bibliográfica, tivemos acesso a alguns dos mais representativos trabalhos escritos sobre Luís da Câmara Cascudo, dentre os quais podemos destacar o livro do seu primeiro e mais destacado biógrafo, Américo de Oliveira Costa, intitulado *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*. Para este autor, que se valeu basicamente de depoimentos e escritos do próprio Cascudo, a obra cascudiana não é uma ilha e sim, um arquipélago, razão pela qual optou por apresentar as mais variadas facetas de Cascudo: as de historiador, etnógrafo, folclorista, antropólogo, jornalista, memorialista, entre outras funções que Cascudo se ocupou em vida. Também consultamos o livro de Diógenes da Cunha Lima, *Câmara Cascudo – Um brasileiro feliz*, no qual o autor, não escondendo sua amizade e profundo respeito pelo biografado, afirma ser um de seus mais fiéis discípulos.

Valemo-nos, ainda, de alguns escritos da professora e socióloga Vânia Gico, em especial de sua tese de Doutorado *Luís da Câmara Cascudo: Itinerário de um pensador*. Foram também fundamentais os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa, coordenado pelo professor e historiador Durval Muniz, da UFRN, e de alguns de seus bolsistas, como os realizados por Francisco Sales Neto e Arthur Torquato, que vêm problematizando algumas das muitas visões consagradas sobre Câmara Cascudo; bem como os do professor e historiador Raimundo Arrais, que preocupou-se em problematizar a ligação de Cascudo com a cidade do Natal na época da modernização da cidade, valendo-se de suas crônicas e de sua produção histórica<sup>22</sup>. Também consultamos os trabalhos do jornalista Luiz Gonzaga Cortez, com o objetivo de obtermos maiores informações sobre a vinculação de Cascudo ao movimento integralista na cidade do Natal e no Rio Grande do Norte.

---

<sup>21</sup> CYPRIANO, Doris Cristina C. de Araújo. **Margens dos Rios Madeira e Tapajós: situação de contato e dinâmica social – séculos XVII e XVIII**. 2005. Tese. (Doutorado em História). UNISINOS, São Leopoldo- RS, 2005.

<sup>22</sup> O jovem Cascudo assinou sua primeira crônica no dia 10 de outubro de 1918, ainda com 20 anos incompletos, no jornal *A Imprensa*. *Cascudinho* publicou uma crítica literária do livro *Bosque Sagrado*, de autoria de Leal de Souza. Ver CASCUDO, Luís da Câmara. **A Imprensa**, Natal, 18 out. 1918. Bric-à-Brac.

Foram de extrema importância os estudos desenvolvidos entre 2003 e 2004, pelo grupo de pesquisa coordenado pela professora e historiadora Margarida de Souza Neves, *O encantamento do passado – Luís da Câmara Cascudo Historiador*, que enfocam o Cascudo memorialista, autor de livros de história regional e de textos historiográficos de caráter mais geral, buscando vincular esta produção a sua inserção na arena pública e nas instituições letradas. O site oficial do projeto, denominado *Os Modernos Descobridores*, forneceu qualificados subsídios para nossa Dissertação.

Os vários trabalhos produzidos e organizados pelo professor e historiador Marcos Silva foram também relevantes para a análise que nos propusemos fazer, sobretudo o *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*, livro que além de promover o reconhecimento da obra cascudiana fora do âmbito nordestino, congrega “A multiplicidade interpretativa de todas essas vozes em relação à obra de Câmara Cascudo, necessária para dar conta de suas diversas facetas teóricas e temáticas e também para expressar uma contemporaneidade analítica pluridimensional na abordagem de sua produção, procura ampliar o debate sobre esse autor [...]”<sup>23</sup>.

A fim de melhor compreendermos os efeitos que determinados eventos ligados à História da Igreja no Rio Grande do Norte e no Brasil tiveram sobre a produção cascudiana, foram importantes autores como Thomas Bruneau, do qual exploramos, especificamente, o seu livro *O Catolicismo brasileiro em época de transição*, no qual são analisadas as bases políticas e religiosas do Catolicismo no Brasil. De acordo com Bruneau, além da doutrina oficial, também um Catolicismo popular criou corpo no Brasil, que “pode ter alguma semelhança com a doutrina oficial em alguns pontos, mas diverge noutros; [...] No Brasil, prevalece o Catolicismo popular porque a instituição foi, muitas vezes, incapaz de manter controle sobre a religião”<sup>24</sup>. Um outro autor que nos serviu de base para melhor compreendermos a História da Igreja no Brasil durante o século XX foi Oscar Lustosa. Seu livro *A Igreja Católica no Brasil República* foi importante, na medida em que nos permitiu entender algumas das posições assumidas por Cascudo, sobretudo aquelas que têm relação direta com o Catolicismo e com a Igreja católica. De acordo com Lustosa, “a ação social dos católicos, no Brasil, foi predominantemente moralista e jurídicista, muito presa aos esquemas de comportamento individual nas normas do casuísmo tradicional. Pouco espaço se dava à

---

<sup>23</sup> SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. xix.

<sup>24</sup> BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 12.

preocupação e às tarefas de reforma da engrenagem social na qual as peças do capitalismo eram intocáveis”<sup>25</sup>.

Além desses dois autores citados, nos utilizamos também do livro *A Neocristandade: um projeto restaurador*, de Riolando Azzi, que aborda a História da Igreja no Brasil no período das décadas de vinte, trinta e quarenta do século XX, fundamental para o estabelecimento de relações entre o conservadorismo católico de Cascudo e o processo da Restauração Católica em curso no Brasil na primeira metade do século XX. Cabe ressaltar que este processo consistiu num “esforço de recriação de um Estado Cristão [que] concretizou-se a partir da década de 20”, e que se assentava “num projeto bem concreto de restauração da influência do catolicismo dentro da sociedade brasileira, contando, para isso, com o apoio expressivo do próprio poder político”<sup>26</sup>.

Em termos de referencial teórico e metodológico para a execução da proposta, foram fundamentais as leituras que realizamos de autores que se dedicam à teorização da história cultural, da história política e da história intelectual, principalmente, daqueles que puderam subsidiar as discussões sobre *escrita da história, lugar institucional, memória, lugares de memória, representações, leitura e recepção, poder e capital simbólico*. Foram, por isso, de inegável importância os pressupostos de Michel de Certeau, Pierre Nora, Roger Chartier e Pierre Bourdieu.

No que se refere especificamente à história intelectual, nos valem das reflexões de Jean-François Sirinelli, para quem “a história dos intelectuais tornou-se [...] em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”<sup>27</sup>. Em nosso esforço de compreensão do *homem de fé* e historiador católico que Cascudo foi, não descuidamos da observação feita pelo autor de que “Nem complacente, nem membro, *a contrario*, de qualquer pelotão de fuzilamento da história, o historiador dos intelectuais não tem como tarefa nem construir um Panteão, nem cavar uma fossa comum”<sup>28</sup>. (grifo do autor).

Apoiamo-nos, também, em Norberto Bobbio, que definiu os intelectuais como um “conjunto de sujeitos específicos, considerados como criadores, portadores, transmissores de idéias”<sup>29</sup>. Entendemos que – a partir desta definição de Bobbio – Cascudo possa ser

<sup>25</sup> LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 175.

<sup>26</sup> AZZI, Riolando. **A Neocristandade: um projeto restaurado**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 9. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

<sup>27</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 232.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 261.

<sup>29</sup> BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 109.



entendido como um intelectual, pois se enquadra perfeitamente no conceito proposto pelo sociólogo, que ainda reforça que “após a invenção da imprensa, a figura típica do intelectual passa a ser o escritor, o autor de livros, de libelos e depois de artigos para revistas e jornais de manifestos, de cartas públicas”<sup>30</sup>. Por outro lado, consideramos extremamente importante – para o estudo aqui apresentado – ter bem presente que “Falar dos intelectuais como se eles pertencessem a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa indistinta é uma insensatez”<sup>31</sup>, mesmo porque a definição do que vem a ser um intelectual deve ter “contornos fluídos” que decorrem de “dificuldades que se traduzem na impossibilidade de uma definição rígida”<sup>32</sup>.

Para os objetivos dessa Dissertação foram também fundamentais alguns dos pressupostos de Michel de Certeau, para quem a história é “um produto de um lugar”<sup>33</sup> e deve ser encarada como uma operação, em que o *lugar* social, as *práticas científicas* e a *escrita* estão em constante acordo. É a partir desse lugar de produção, segundo De Certeau, que o historiador delimita suas escolhas metodológicas, as fontes que serão analisadas e, conseqüentemente, os resultados da pesquisa. Para o historiador francês, a história deve ser percebida como um texto e uma prática construídos a partir de um lugar social, razão pela qual o processo do “fazer história” é marcado pela subjetividade, uma vez que “não escrevemos a História fora da História. Isto é, o conhecimento do passado é textualizado, permeado de intervenções e interdições que configuram o saber histórico”<sup>34</sup>.

Em relação ao conceito de memória e de lugares de memória que empregamos, nos apropriamos das idéias de Pierre Nora, que afirmou que a “memória pendura-se em lugares como a história em acontecimentos” e que “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”<sup>35</sup>, ou, ainda, “a forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção”<sup>36</sup>.

Em nosso propósito de analisar a produção intelectual do Cascudo *homem de letras*, de avaliar a recepção que tiveram e têm seus escritos, e de levantar aquilo que Cascudo leu – e dos livros que possuía em sua Biblioteca – bem como das obras que consultou para a

<sup>30</sup> BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 120.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>32</sup> GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 64, 1993.

<sup>33</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 65-119.

<sup>34</sup> PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>35</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 25, dez. 1993.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p.12-13.

elaboração dos mesmos, recorreremos às reflexões de Roger Chartier sobre história da leitura e da recepção. Este autor foi também fundamental para a análise que fizemos das representações<sup>37</sup> que Cascudo construiu sobre os jesuítas e sobre a Companhia de Jesus em suas obras, na medida em que, para o historiador francês, as representações construídas do mundo social, embora aspirem à universalidade, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. A sua concepção de História, a vinculação a Institutos Históricos espalhados pelo país e o prestígio que desfrutava junto às autoridades eclesiásticas da Igreja Católica no Rio Grande do Norte contribuíram, efetivamente, para a visão que as obras de Cascudo veiculam sobre a atuação da Companhia de Jesus no Estado potiguar durante o período colonial.

No que concerne aos conceitos de capital e de poder simbólico que empregamos nessa Dissertação, estão embasados nos pressupostos de Pierre Bourdieu. De acordo com o sociólogo francês, o poder simbólico pode ser compreendido como a capacidade que algumas instituições sócio-culturais e que alguns indivíduos possuem em relação à constituição da realidade, estabelecendo significado para o mundo social, estando presente em toda parte e em parte alguma, e sendo exercido com conivência daqueles que não querem saber que lhes estão subordinados ou mesmo que o exercem<sup>38</sup>. Esse poder é, segundo Bourdieu, revestido de um capital simbólico, que ele distingue do capital econômico, por ser composto por valores simbólicos, pois “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem ou de subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”<sup>39</sup>.

As discussões sobre a “escrita de si” e a “memória de si” foram feitas a partir da perspectiva que os trabalhos de Ângela de Castro Gomes contemplam: “a escrita de si estabelece uma relação de domínio do tempo que está determinada por seus objetivos e pela sensibilidade que provoca. Embora se possa considerar que toda escrita de si deseja reter o tempo, constituindo-se em um “lugar de memória” [...]”<sup>40</sup>. Foram também extremamente valiosos os trabalhos de Rebeca Gontijo, que, em vários deles, se deteve no processo de construção de um *autor monumento*, construção essa feita a partir de depoimentos do próprio autor e das correspondências trocadas com outros intelectuais. Muitos dos argumentos que

---

<sup>37</sup> Para Chartier, as representações são encaradas como: “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 20.

<sup>38</sup> Ver mais em BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. F. Tomaz (Org.). Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand Brasil, 1989.

<sup>39</sup> Ibid., p.15.

<sup>40</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 18.

desenvolvemos na Dissertação são tributários da análise que Gontijo fez da vida e obra de Capistrano de Abreu: “Os biógrafos consolidaram a imagem de um autor-monumento, acentuando o caráter ímpar de sua trajetória por meio do cruzamento entre sua vida como homem de estudos e figura excêntrica da sociedade letrada”<sup>41</sup>.

Apresentamos e analisamos uma ampla e variada gama de fontes nessa Dissertação. Estamos conscientes de que essas fontes devem ser, necessariamente, tratadas – metodologicamente – de forma diferenciada, e de que nenhuma dessas fontes ou as formas como as tratamos podem nos levar à “verdade”, já que, como bem observado por Durval Muniz: “Não existe nenhum método ou teoria que, a priori, garanta o melhor acesso à verdade dos eventos. Uma teoria ou uma metodologia tem que ser testada quanto à sua capacidade de resolver problemas para se estabelecer a sua utilidade ou não”<sup>42</sup>.

Em relação, especificamente, ao uso dos jornais como fonte, consideramos extremamente pertinentes as recomendações feitas por Cláudio Elmir, de que “A imprensa não informa a história, simplesmente. Se fosse assim, a história enquanto campo de investigação precisaria apenas se apropriar dos fatos fornecidos pelos jornais”<sup>43</sup>, e que “Tanto o deslumbramento quanto a desconfiança extremados prejudicam o desdobramento das pesquisas e o tipo de conclusões a que estas chegam”<sup>44</sup>. Os jornais que analisamos foram, por isso, considerados como uma fonte não inocente, já que, como apontado por Maria Helena Capelato, por detrás de seus caracteres estão escondidos muitos interesses<sup>45</sup>. Em razão disso, não descuidamos de considerar os interesses envolvidos na veiculação de determinados artigos, mesmo porque *A Imprensa*, por exemplo, pertencia ao Coronel Francisco Justino Cascudo, pai de Câmara Cascudo; já *A República* era o jornal oficial do Rio Grande do Norte, enquanto *A Ordem* era o veículo de divulgação da Arquidiocese de Natal, controlado pela hierarquia do clero católico e pelos leigos que eram militantes católicos no Estado.

Dentre as outras fontes que analisamos nessa Dissertação, destacamos os artigos produzidos por Câmara Cascudo e publicados nas Revistas do IHGRN e nas revistas da

---

<sup>41</sup> GONTIJO, Rebeca. O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia. **Revista Anos 90** – Dossiê História e Memória, Porto Alegre, RS, v. 14, n. 26, p. 67, dez. 2007.

<sup>42</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O Historiador Naif ou a análise historiográfica como prática de excomunhão**. Digitado. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2008.

<sup>43</sup> ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, RS, n. 13, p. 21, dez. 1995.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>45</sup> Vale ressaltar que para Maria Helena Capelato “A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudar o jornal como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais”. CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, ED USP, 1988. p. 21.

Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, referentes ao período em que atuou nessas instituições, ou seja, do final da década de 1920 até final de 1980, quando faleceu. Valemos, também, de outros artigos de autoria de Cascudo publicados em revistas nacionais, locais e regionais e de artigos publicados sobre Cascudo e sobre sua produção.

Consultamos, ainda, as edições dos jornais locais mais importantes do Rio Grande do Norte, alguns dos quais já mencionamos, tais como: *A Imprensa*, *A Ordem*, *A República*, *O Diário de Natal* e *A Tribuna do Norte*, contemplando o período da década de 1920 até final da década de 1950. Analisamos os artigos que Cascudo publicou sobre a atuação jesuíta, sobre temas ligados à religiosidade<sup>46</sup> popular ou à História da Igreja no Estado potiguar e, relativamente ao período posterior à década de 50, selecionamos reportagens que versaram sobre Cascudo. Junto ao Memorial e à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, fizemos o levantamento dos livros de autoria de Cascudo disponíveis no Acervo e, também, dos livros que compõem sua biblioteca particular. Do Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, utilizamos as Atas, os livros de autores locais sobre Câmara Cascudo e aqueles de autoria de Cascudo disponíveis em sua Biblioteca, além dos jornais que referimos e que se encontram no Acervo do próprio Instituto.

A Dissertação se constitui de três capítulos que têm como principais objetivos os de evidenciar a importância de Luís da Câmara Cascudo como historiador e apontar para as marcas de sua fé e de seu catolicismo nos artigos e livros que produziu.

No primeiro capítulo – *Peregrinação em derredor de Cascudo* – apresentamos Câmara Cascudo ao leitor, procurando colocá-lo em contato com as diferentes fases da vida do historiador. Destacamos, em razão disso, as suas vivências de infância, a sua criação católica, a sua formação familiar e educacional, a relação que manteve com os pais e amigos, com a esposa e os filhos, e as atividades profissionais que exerceu. Nesse mesmo capítulo, enfocamos, também, os vários *lugares de memória* vinculados diretamente ao historiador e *homem de fé* que foi Câmara Cascudo, e que se constituem em símbolo tanto da memória que ele construiu sobre si, quanto daquela que construíram sobre ele após sua morte. Para realizar essa peregrinação, nos utilizamos de diversos depoimentos sobre Cascudo, de alguns que ele concedeu ou registrou, e, ainda, de uma vasta bibliografia de referência. Ao identificarmos os *lugares de memória* – muitos deles, assumindo a forma de estátuas de concreto de Cascudo

---

<sup>46</sup> Compreendemos religiosidade como “a forma e o sentimento com que cada indivíduo vive suas crenças e práticas religiosas, independente de ele estar filiado a uma instituição religiosa. Tal qual a *identidade*, a *religiosidade* pode ser inconstante, sujeita a questionamentos existenciais, a pressões e incentivos de um grupo, a circunstâncias. BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, religião e história cultural. **Revista de Estudos da Religião** - PUC, São Paulo. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2004](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004)>. Acesso em: 25 jan. 2009.

espalhadas pela cidade do Natal –, procuramos apresentá-los como símbolos do uso de sua imagem por políticos e personalidades ilustres do Estado do Rio Grande do Norte. Concluímos o capítulo, ressaltando o quanto é acertada a percepção de que, se Cascudo se doou, a cidade do Natal também se doou a ele, ao mesmo tempo em que usou de seu prestígio para legitimar o seu próprio brilho.

No segundo capítulo – *Câmara Cascudo – um historiador do Rio Grande do Norte* – nos debruçamos sobre o Cascudo pesquisador e historiador – local, regional e, por vezes, nacional –, destacando a sua inserção nos Institutos Históricos do Brasil. Nos empenhamos, ainda, em mostrar que o historiador – tido como provinciano – foi, sim, muito perspicaz, ao optar por permanecer em seu Estado e se projetar como *o homem de letras* mais reverenciado até os dias de hoje na sua cidade e em seu Estado de origem. Para tanto, nos utilizamos de alguns de seus livros, artigos, discursos, e demais registros históricos, além de análises feitas de alguns de seus livros por especialistas e reconhecidos historiadores. Procuramos, sobretudo, desvendar qual era a sua visão de História, quais as influências teóricas – e metodológicas – perceptíveis na sua produção, e qual a importância que tiveram – na sua vida e na sua obra – os contatos que manteve com outros intelectuais e os espaços de representatividade intelectual – e política – que frequentou. Buscamos, principalmente, resgatar a vida do Cascudo historiador, daquele que escreveu sobre as origens e as histórias de seu Estado e de sua gente, e que reverenciou e divulgou para o mundo a eterna “Noiva do Sol”, a cidade do Natal.

No terceiro e último capítulo – *O homem de fé e o historiador católico* – remontamos à formação católica de Luís da Câmara Cascudo e destacamos algumas das inúmeras demonstrações de fé que deu ao longo de sua vida, bem como o apreço que demonstrou – na sua tão variada produção – pelas temáticas ligadas à religiosidade – popular ou institucional – e à História da Igreja. Para tanto, apresentamos uma série de depoimentos, livros e artigos que atestam a forte ligação de Cascudo com membros da hierarquia católica potiguar, sua devoção aos santos padroeiros e sua preocupação com a preservação do patrimônio e da história de Paróquias e Igrejas do Estado. A análise feita sobre o período da conquista e da colonização e o destaque dado por Cascudo – em seus livros e artigos – à atuação da Companhia de Jesus na História do Rio Grande do Norte<sup>47</sup> merece uma especial atenção nesse capítulo. E não poderia

---

<sup>47</sup> Antes mesmo da publicação dos seus dois principais livros de conteúdo histórico, *História da Cidade do Natal e História do Rio Grande do Norte*, Câmara Cascudo – em alguns artigos publicados na década de 1930 – já havia se dedicado a enaltecer o papel que os missionários jesuítas haviam desempenhado na História do Rio Grande do Norte, corroborando assim, a visão do historiador Pe. Serafim Leite SJ., de cujas informações o historiador potiguar se valia para desenvolver sua argumentação.

ser diferente, uma vez que foi essa visão tão elogiosa sobre os jesuítas – tão presente em seus artigos e livros – que nos despertou o interesse – ainda nos tempos da Graduação – na produção histórica de Luís da Câmara Cascudo e que nos instigou a compreender as razões da importância que o intelectual potiguar atribuiu à religião e à Igreja católica, à moral cristã e às expressões devocionais populares em suas produções.

Ao fim dessa Dissertação, retomamos a imagem do caleidoscópio que foi fundamental na concepção e na forma como se estruturou a Dissertação. Os desenhos que o caleidoscópio cria a cada giro, além de sinalizarem para a multiplicidade de visões que podemos ter sobre um assunto ou sobre um personagem, remetem às muitas e enriquecedoras experiências que vivemos nas terras gaúchas, muito distantes da Natal de Câmara Cascudo. O mais curioso em todo esse processo – que se conclui, formalmente, com essa Dissertação – é que a distância do Rio Grande do Norte permitiu que víssemos coisas que nunca havíamos visto ou imaginado ver sobre Cascudo e sobre Natal.

Se, por um lado, o desenho que selecionamos – a face de historiador de Cascudo –, dentre todos os que o caleidoscópio nos ofereceu, se constituiu num grande desafio, já que poucos estudos têm sido realizados sobre ele nesta perspectiva; por outro, permitiu que, através da análise da produção histórica cascudiana, aprofundássemos o estudo de uma temática – a atuação da Companhia de Jesus no Rio Grande do Norte – que nos é muito especial desde a Graduação. Ao explorarmos a influência que a fé de Cascudo e sua vinculação com a Igreja católica exerceram sobre sua produção, foi inevitável o estabelecimento de uma comparação entre a nossa fé e formação religiosa e à daquele menino criado dentro da tradição católica e do homem devoto e de fé inabalável em Deus. Esta, talvez, seja a explicação – aquela que a razão não explica – para que tenhamos optado também por desvendar as manifestações de sua religiosidade e por identificar e analisar as possíveis marcas de seu catolicismo em sua produção intelectual.

## 2 PEREGRINAÇÃO EM DERREDOR DE CASCUDO

“Eu sou o único homem feliz do Brasil...”.<sup>48</sup>

O intelectual de que nos ocupamos nesta Dissertação – Luís da Câmara Cascudo – já foi objeto de inúmeros estudos, sendo que a maior parte deles foi produzida por historiadores do Sudeste e do Nordeste brasileiros. Alguns deles enfatizam sua vasta produção como folclorista, historiador e antropólogo, outros contemplam diferentes momentos de sua existência, enfocando a sua infância, a juventude, a maturidade e a velhice. Também Cascudo produziu inúmeras narrativas sobre suas vivências e sobre suas pesquisas, constituindo uma certa *escrita autorizada*<sup>49</sup>, que se reproduz nas páginas de suas mais consagradas biografias.

Em vários pontos da capital do Estado do Rio Grande do Norte, onde Cascudo nasceu e viveu até sua morte, encontramos *lugares de memória*<sup>50</sup> que homenageiam o mais ilustre intelectual potiguar<sup>51</sup>. Cada um a sua maneira e em seu tempo<sup>52</sup> fundamentais para a difusão de uma memória sobre Cascudo, tais como a sua Biblioteca, o Memorial Câmara Cascudo, a Pedra do Rosário, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANL-RN)<sup>53</sup> e a Faculdade Câmara Cascudo, entre outros.

<sup>48</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Entrevista. **Manchete**, Rio de Janeiro, 29 fev. 1964.

<sup>49</sup> Como bem observado por Marc Bloch: “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele”. BLOCH, Marc. Introdução à História. Lisboa: Europa-América, 1965 apud RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. **Revista Virtual História e História** Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br.cfm?tb=historiadores&id=11>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

<sup>50</sup> Empregamos a expressão *lugares de memória* na acepção de Pierre Nora, que a pensou como a “solução do problema de não se ter mais memória”. Nora trabalhou com a idéia de que não existe uma memória verdadeira e, sim, uma memória que foi reconstituída a fim de conferir um sentido de identidade possível: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

<sup>51</sup> Luís da Câmara Cascudo é hoje sinônimo de *Dicionário do Folclore Brasileiro* e de cultura popular. O termo potiguar é o gentílico usado para designar quem nasce no estado do Rio Grande do Norte e, em tupi, quer dizer “comedor de camarão”. As tribos potiguares habitavam as regiões do litoral do Nordeste brasileiro e eram inimigas dos portugueses. Ver mais em MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007. Nessa Dissertação, empregamos o termo potiguar para designar não apenas as pessoas que nascem no Estado, mas também o próprio Estado do Rio Grande do Norte.

<sup>52</sup> Concordamos, com Pierre Nora, de que a memória deve ser entendida “em permanente evolução [...], vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. NORA, op. cit., p. 9.

<sup>53</sup> Ver anexo A (foto de placa em homenagem a Câmara Cascudo fixada na ANL – RN).

Para desvendar os processos que consagraram Cascudo como alguém digno de ser lembrado no presente e no futuro<sup>54</sup>, consideramos fundamental reconstituir as diferentes etapas de sua vida, por entendermos que estas foram determinantes na formação do intelectual que hoje conhecemos através dos escritos que produziu<sup>55</sup>.

Assim que optamos – neste primeiro capítulo – por apresentar a vida de Cascudo à semelhança de um caleidoscópio, imagem que nos remete não apenas as suas múltiplas faces e etapas de vida, mas também às diversas narrativas, tanto as produzidas por ele mesmo, quanto as que enfocam o mais renomado intelectual potiguar<sup>56</sup>. Nesse esforço de compreender Cascudo nas suas mais variadas faces – jornalista, professor, escritor, historiador, folclorista e etnógrafo –, não podemos ignorar a importância que a família, a educação recebida e o catolicismo exerceram na formação do intelectual norte-rio-grandense e, por que não dizer, do intelectual brasileiro Câmara Cascudo.

## 2.1 *Cascudinho: de príncipe a professor*

Luís da Câmara Cascudo nasceu a 30 de dezembro de 1898, na antiga Rua Senador José Bonifácio, conhecida como Rua das Virgens<sup>57</sup>, no bairro da Ribeira, em Natal. Ao falar sobre si e sua família, Cascudo costumava contar:

Me chamo Luís, em homenagem, a Luis, rei da França. Fui o terceiro filho e único sobrevivente. Meu pai era tenente da polícia, que lutou contra cangaceiros. A rua onde nasci tinha um nome lindo: Rua das Virgens. Um

<sup>54</sup> GONTIJO, Rebeca. O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia. **Revista Anos 90** – Dossiê História e Memória, Porto Alegre, RS, v. 14, n. 26, dez. 2007.

<sup>55</sup> Para a realização desta Dissertação, procedemos ao levantamento de vasto e variado material junto a arquivos e acervos de Natal. Destacamos os jornais natalenses A Imprensa, A Notícia, A República, A Ordem, A Verdade, o Diário de Natal e Tribuna do Norte; as revistas, Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Revista Província, Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Revista do Centro Polymathico, Revista do Instituto Histórico de Pernambuco e a Manchete; Correspondência ativa e passiva; arquivo documental do ex-prefeito Sylvio Piza Pedroza; livros do acervo do IHGRN e do acervo pessoal de Luís da Câmara Cascudo, disponíveis para consulta no Memorial Câmara Cascudo, em Natal.

<sup>56</sup> Para o historiador Durval Muniz, “a História possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio que o inventa [...]”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz apud CESAR, Temístocles. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. História. A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Resenha. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 268, jan./jun. 2008.

<sup>57</sup> Esta rua passaria, a partir de 1955, a se chamar Rua Luís da Câmara Cascudo. Ver anexo A (foto do cartão de comemoração, que comenta o decreto da mudança do nome).



dia o prefeito resolveu mudar para Rua Luís da Câmara Cascudo. Escrevi-lhe umas cartas desaforadas, até que ele trocou, ou melhor, acrescentou algo mais: Rua Luís da Câmara Cascudo, ex-Rua das Virgens<sup>58</sup>.

Nascido no crepúsculo do século XIX<sup>59</sup>, Luís da Câmara Cascudo teve uma infância e mocidade de príncipe, vivendo-as intensamente em uma chácara conhecida como *Vila Cascudo*<sup>60</sup>. Nesta chácara ocorriam, com frequência, encontros culturais, reuniões literárias, recitais de músicos renomados, jantares e almoços festivos, que contavam, eventualmente, com a presença de personalidades famosas como Mário de Andrade, Plínio Salgado, Margarida Lopes de Almeida, Olegário Mariano, entre outras. Foi nesse ambiente que cresceu o *Príncipe do Tirol*<sup>61</sup>, o *Cascudinho*<sup>62</sup>. Segundo Jaime Wanderley, a alcunha popularizou-se de tal forma, que Luís da Câmara Cascudo veio a instituir oficialmente o *Principado do Tirol*. Foi, especialmente nas décadas de 1910 e 1920, que o *Principado* teve seus momentos de nobreza e de glória, o que não impediu, como bem observado por J. Wanderley, “que a função do ‘principado’ se prolongasse na continuidade dos anos”<sup>63</sup>. As razões para que Cascudo fosse tido como o *Príncipe do Tirol* são explicadas, geralmente, dessa forma:

Motivado pela grande fortuna que o Cel. Cascudo desfrutava, pelo alto conceito de que gozava nas rodas Políticas do Estado, em meio às quais as suas palavras e suas ações sempre decididas e claras valiam por uma

<sup>58</sup> ANGELO, Assis. O Velho que sabe tudo. Entrevista com Luís da Câmara Cascudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1979. Folhetim. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>59</sup> Segundo um de seus biógrafos mais conhecidos, Américo de Oliveira Costa, o século XX teria sido o “século cultural norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo”. Cf.: COSTA, Américo de Oliveira. Mestre Cascudo em Quatro Tempos. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, RN, v. 33, n. 21, p. 69-76, maio 1990.

<sup>60</sup> A *Vila Cascudo* era uma mansão, segundo relato de Jaime Wanderley, publicado na Revista *Província*: “[...] uma vez chegados à Vila, recebíamos uma chave e nos dirigíamos ao quarto indicado, a fim de trocarmos a nossa roupa, por um pijama de categoria e os sapatos por cómodos chinelos de “chagrin” [...]”. WANDERLEY, Jaime. O Príncipe do Tirol. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 28, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>61</sup> Câmara Cascudo era chamado de “*Príncipe do Tirol*” por ser filho de um dos homens mais ricos de Natal, o Coronel da Guarda Nacional e grande comerciante, Sr. Francisco Justino de Oliveira, que possuía a maior casa no bairro do Tirol, bairro nobre de Natal, no século XX.

<sup>62</sup> Era desta maneira que Luís da Câmara Cascudo era chamado – por seus pais – na infância e mocidade. Seus conhecidos mais íntimos também o chamaram assim durante toda a sua vida. O sobrenome Cascudo decorre do fato de seu avô paterno, Antônio Justino de Oliveira (1829-1894), ter sido conservador e um defensor fiel da Monarquia no Brasil. Como durante o Império, os membros do partido conservador no Rio Grande do Norte eram chamados de “*Cascudo*”, o termo foi incorporado como sobrenome à família. O Coronel Francisco Justino, pai de *Cascudinho*, deu prosseguimento à tradição passando-o também ao filho Luís. Tornou-se, desde então, sobrenome oficial da família.

<sup>63</sup> Ver mais em: WANDERLEY, op. cit., p. 32.

credencial de fôrça (sic), *Cascudinho* ficou sendo conhecido como ‘Príncipe do Tirol’<sup>64</sup>.

Em sua infância, o menino Cascudo – o único filho sobrevivente do casal Cel. Francisco Cascudo e D. Ana da Câmara Cascudo – teve os livros, os quadros e a música entre seus mais fiéis companheiros e melhores amigos<sup>65</sup>. O fato de os três irmãos de Câmara Cascudo terem morrido nos primeiros anos de vida, em decorrência de doenças comuns da época, como a difteria, fez com que *Cascudinho* fosse criado em clima de extrema proteção, cercado de segurança e privado de brincadeiras comuns da infância com outras crianças. Ao falar sobre a sua infância, Cascudo costumava dizer que:

Fui uma criança profissionalmente enfermiça: pálida, doente, com pulmões suspeitos. Assim, não tenho recordações de infância, nunca corri, nunca subi uma árvore, nunca brinquei livremente, passava a vida sentado vendo figuras e os jogos parados. Não tive companheiros de infância, decorrentemente, para meu destino, já a minha meninice, a minha infância, foi uma infância de livros, de ver figura e ver a paisagem que se transformou numa paisagem humana, e aí começa o mistério da vocação. Sempre amei as histórias contadas pelas amas e pelos espetáculos populares: a feira, o mercado, as procissões. Sempre amei o cotidiano e não o excepcional, e decorrentemente, os meus livros vêm dessa paixão pelo normal e pelo cotidiano<sup>66</sup>.

A religiosidade familiar parece ter sido um elemento importante na formação de *Cascudinho*. O próprio Câmara Cascudo conferiria importância ao seu batizado, referindo-se a ele no artigo “Um Provinciano Incurável”, publicado na *Revista Província*, editada pela Fundação José Augusto<sup>67</sup>: “nasci na Rua das Virgens e o Padre João Maria batizou-me no bom Jesus das Dôres (sic), Campina da Ribeira, capela sem torre (sic), mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer”<sup>68</sup>. (grifo nosso). O destaque dado por Cascudo ao seu batizado seria

<sup>64</sup> WANDERLEY, Jaime. O Príncipe do Tirol. *Revista Província*, Natal, RN, n. 2, p. 29, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>65</sup> Donana, como era chamada a mãe de *Cascudinho*, gostava de música clássica e de ler romances. Era muito religiosa e era considerada “a grande Dama da sociedade potiguar”.

<sup>66</sup> DEPOIMENTO de Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>67</sup> A revista foi uma homenagem da Fundação José Augusto e do Governo do Estado a Cascudo. A presidente da Fundação, na época, professora Ilma Diniz, fez a apresentação: “ao estudioso que cumpre, aos 70 anos, meio século de atividade literária”. Cf. DINIZ, Ilma Melo. Apresentação. *Revista Província*, Natal, RN, n. 2, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>68</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. *Revista Província*, Natal, RN, n. 2, p. 5, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

retomado no necrológio escrito por Enélio Lima Petrovich<sup>69</sup>, e publicado na Revista do IHGRN: “[...] foi batizado pelo padre e santo João Maria<sup>70</sup> (09.05.1899) [...]”<sup>71</sup>, com menos de um ano de idade. Infere-se desta informação que não apenas a família observava os preceitos da religião católica, ao realizar seu batizado nos primeiros meses de vida, como também que ela marcaria a criação de Cascudo.

*Cascudinho* foi – como ele mesmo admitiu – uma criança solitária e de poucos amigos, o que talvez o tenha levado a prestar atenção às pessoas que visitavam sua casa, e a fazer descrições das mais apuradas. Tal idéia é desenvolvida pelo professor Durval Muniz, para quem Câmara Cascudo foi:

**Menino solitário**, que via pouca gente, preso entre os muros do seu distante principado do Tirol, desconfiado, parece ter desenvolvido um olhar apurado para a observação do outro que se aproximava. Menino rico, de esmerada criação, recebendo em casa as mais influentes autoridades e os grandes artistas e intelectuais do país e até do exterior, mimado pelos pais e pelas serviçais, um dandi da Belle Époque, sempre vestindo as roupas da moda, parece ter desenvolvido **esse olhar atento aos detalhes dos gestos e dos hábitos, este olhar que seleciona pela aparência, que estabelece**

---

<sup>69</sup> Enélio Petrovich é o atual presidente do IHGRN, ocupando o cargo desde 1963. É sócio correspondente do IHGB, ex-secretário do Estado do Rio Grande do Norte, publicista, advogado, historiador, escritor, jornalista, imortal da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Foi aluno da primeira turma de Direito da UFRN e teve Cascudo como professor. Afirma ser, acima de tudo, um discípulo de Câmara Cascudo, que tem como missão de vida zelar pela memória potiguar. Para ele: “Cascudo foi um gênio. É o único gênio do Rio Grande do Norte. Eu digo muito que não foi a guerra que projetou Natal, foi Cascudo. [...] Ele sempre foi uma bússola através da qual eu fiz minha trajetória cultural. [...] ele foi o samaritano da cultura norte-rio-grandense. Cascudo foi um grande homem. Da sua boca nunca saía palavras de mágoas e ele dizia sempre: ‘nunca some os desenganos’. E eu tenho essa frase escrita na minha mesa. Para mim, Câmara Cascudo é um guia permanente”. Dentre sua vasta produção bibliográfica, destacamos o livro: PETROVICH, Enélio Lima. **Em três tempos**: Antônio Soares de Araújo Filho, Luís da Câmara Cascudo, Peregrino Júnior. Natal, RN: Nordeste Gráfica, 1999; o Necrológio de Câmara Cascudo, publicado na Revista do IHGRN, além de inúmeros artigos da Revista do IHGRN e da ANL-R, que serão utilizados ao longo dessa Dissertação.

<sup>70</sup> Sobre a importância do Padre João Maria no Rio Grande do Norte, encontramos passagens do texto de Umberto Peregrino (sócio correspondente do IHGRN), intitulado: “*Lembrando Câmara Cascudo*”, que foi publicado na Revista do IHGRN. Umberto escreveu: “[...] Para os que não sabem muito sobre o Rio Grande do Norte – elucidarei que o Padre João Maria é de fato um Santo de devoção do povo em Natal. Seu busto, na Praça Pública, permanece dia e noite iluminado de velas que lhe levam por amor e gratidão das graças alcançadas. Padre João Maria foi vigário da paróquia, virtuoso e caridoso como só os santos o são. Ia aos pobres com o consolo de sua palavra cristã e as ajudas que podia dar – tirando do mínimo que possuía. Um Santo, que estava na vida também de Câmara Cascudo desde que o batizou [...]”. PEREGRINO, Umberto. *Lembrando Câmara Cascudo*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 166, 1985-1986. Tais passagens nos ajudam a esclarecer um pouco da história de Padre João Maria e sua valorização no Estado. Padre João Maria talvez venha a ser o primeiro santo do Rio Grande do Norte. Seu processo de Canonização já está em andamento.

<sup>71</sup> PETROVICH, Enélio Lima. Necrológio de Luís Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 160, 1985-1986.

**distâncias e afastamentos pela *mis an scene* do personagem<sup>72</sup>.** (grifo nosso).

Essa infância marcada por uma rotina de privações e de cuidados<sup>73</sup> era quebrada somente quando *Cascudinho* viajava de Natal para o interior do Rio Grande do Norte, a fim de visitar parentes e para se fortalecer com o ar seco do sertão<sup>74</sup>.

Os pais de *Cascudinho* integravam a burguesia rural do Rio Grande do Norte, tendo suas origens ligadas à cidade de Campo Grande. O pai, o Coronel Francisco Justino – simpático e muito comunicativo – era mascate. Em suas andanças pelo interior fez amizade com Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, primeiro governador republicano do Rio Grande do Norte e importante chefe político do Estado na virada do século XIX para o século XX. Essa amizade contribuiu – e muito – para a promoção social do Coronel. Foi Pedro Velho quem o nomeou Alferes do Batalhão de Segurança em 1892, e tenente, em 1895. Posteriormente, outro governador, Ferreira Chaves<sup>75</sup>, o nomeou delegado no interior.

Mas foi a atividade de comerciante que rendeu fortunas ao Coronel, principalmente, a partir de 1900<sup>76</sup>. A importância e o prestígio do comerciante Coronel Justino – como era conhecido o pai de *Cascudinho* –, pode ser avaliada a partir deste registro: “basta lembrar o esforço de um fornecedor para agradá-lo. Como era importador da Alemanha, certa vez, uma fábrica enviou-lhe como lembrança nada menos do que dois mil espelinhos de bolso com o retrato do menino Luís”<sup>77</sup>.

<sup>72</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Ágeis, irrequietos e buliçosos**: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo. Digitado. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2008.

<sup>73</sup> Um menino que, mesmo morando próximo ao Rio Potengi (principal Rio que corta o Estado do Rio Grande do Norte e que divide a cidade do Natal em duas zonas, a norte e a sul) precisava fugir do zelo matriarcal, para poder pescar ou brincar com os peixes.

<sup>74</sup> Como consta no fascículo – publicado pelo Diário de Natal – que integra a coleção Personalidades da História do RN, n. 1 – Câmara Cascudo. [segunda edição] 2008: “[...] Lá (no sertão), com os parentes, costumava fazer o que em casa lhe era vedado: tomar banho em açudes, caçar e pescar. Luís passava horas, compenetrado, ouvindo dos mais velhos, histórias de cangaceiros e heróis, alimentando-se daquele universo que mais tarde o tornaria um mestre, um especialista em resgatar temas guardados somente na memória dos mais antigos, passados de geração a geração por meio da tradição oral [...]”. PERSONALIDADES da História do RN - Câmara Cascudo. 2. ed. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 1, p. 3, 16 jan. 2008.

<sup>75</sup> Joaquim Ferreira Chaves Filho era pernambucano, tendo exercido as funções de desembargador no Rio Grande do Norte. Foi também o primeiro governador do Rio Grande do Norte eleito pelo povo, através do voto em aberto ou “voto de bico de pena”. Governou o Rio Grande do Norte por dois mandatos, de 25/03/1896 a 25/03/1900 e de 01/01/1914 a 01/01/1920. Cascudo dedicou seu primeiro livro *Alma Patrícia*, de 1921, a Ferreira Chaves que havia sido seu padrinho de batismo.

<sup>76</sup> Ver mais em: PERSONALIDADES da História do RN - Câmara Cascudo. 2. ed. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 1, p. 4, 16 jan. 2008.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 4.

O pai de Cascudo, além de importante comerciante, foi também Deputado Estadual e chegou a dirigir entidades como a Associação Comercial e a Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Norte. É dentre o amplo e diversificado círculo de amizades de seu pai que encontramos os primeiros amigos de Cascudo, pessoas com as quais ele tinha contatos mais freqüentes: “Ainda cedo Cascudo esteve envolvido com importantes figuras do cotidiano político e das letras. Seu pai foi homem influente e possuía força nas decisões políticas, principalmente na capital, Natal”<sup>78</sup>.

Foi o patrimônio acumulado e o prestígio que levaram o Coronel a montar um jornal para seu herdeiro, na cidade do Natal. Nele, o príncipe *Cascudinho* colocaria à prova seus dons artísticos e literários. O jornal recebeu o nome de *A Imprensa* e circulou entre 1914, ano de sua fundação, e 1927. Apesar de se dedicar aos mais variados tipos de notícias locais, regionais e nacionais, o jornal servia, quase que exclusivamente, para saciar a veia artística, intelectual e cultural de *Cascudinho* e seus companheiros.

Essas circunstâncias de sua infância e juventude colaboraram de forma decisiva – e positiva – na educação e formação do intelectual potiguar Luís da Câmara Cascudo. Os tempos no “*Principado do Tirol*”, e mesmo antes, na Ribeira, determinaram, em grande medida, a trajetória da vida do *homem de letras*<sup>79</sup> Câmara Cascudo, um menino que, ao invés de brincar com os amigos, jogar bola em praças, passear e fazer zombarias, chegou a possuir uma biblioteca que, à época, era tida como referência por intelectuais do Estado. Um menino que, apesar dos muitos brinquedos – muitos deles, vindos do exterior e presenteados por amigos de seu pai – passava a maior parte de seu tempo junto aos livros<sup>80</sup>. “Em casa, *lia, lia e lia* revistas, álbuns de gravuras, viagens, curiosidades, desenhos, livros de estórias infantis cheios de magia, cavernas de dragões, princesas e cavaleiros valentes que misturavam suas vozes às das amas narradoras”<sup>81</sup>.

A formação educacional de Câmara Cascudo começou em casa. Seu pai, preocupado com a educação do herdeiro – que deveria ser das mais esmeradas –, contratou professores para darem aulas ao menino em casa, em um gabinete preparado exclusivamente para tal

---

<sup>78</sup> Cfe. TORQUATO, Arthur Luís de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas**: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945). Monografia (Graduação em História) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2008. p. 22.

<sup>79</sup> Cfe. CHARTIER, Roger. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (Dir.). **O homem do iluminismo**. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Presença. 1997. p. 143-144.

<sup>80</sup> COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 11.

<sup>81</sup> GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia** Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 428.

finalidade. Foi o professor Celestino Pimentel quem ensinou *Cascudinho* a escrever, a ler e a contar.

Cascudo teve uma rápida passagem pelo Externato Sagrado Coração de Jesus, colégio feminino dirigido por duas irmãs, Guilhermina e Maria Emília de Andrade. Contrariado com a decisão tomada pela esposa e descontente em relação à instrução que o filho recebia, o Coronel – após retornar de uma temporada nos sertões – matriculou *Cascudinho* no Colégio Diocesano Santo Antônio<sup>82</sup>, para que nele desfrutasse da companhia de colegas meninos. Em casa, *Cascudinho* teve alguns professores particulares: Pedro Alexandrino, de Literatura Clássica, Francisco Ivo Cavalcanti<sup>83</sup>, de Conhecimentos Gerais, e João Tibúrcio, de Latim. Os estudos secundários foram cursados no Atheneu Norte-Rio-Grandense, colégio modelo à época, no qual viria a ser professor da cadeira de História do Brasil, alguns anos depois.

A partir de 1910, Cascudo começou a adquirir os primeiros livros de sua biblioteca<sup>84</sup>. Alguns foram selecionados por ele mesmo<sup>85</sup>, outros foram indicados por seus mestres e amigos. Os primeiros ocupantes da *Babilônia*<sup>86</sup> foram, em sua maioria, trazidos de fora do Estado e do país, tendo em vista a facilidade que seu pai, o Coronel, tinha em mandar buscá-los no exterior.

Matriculado em bons colégios, o menino *Cascudinho* teve aulas com alguns dos professores mais renomados de Natal, na época, como os professores Pedro Alexandrino e Francisco Ivo, que foram decisivos na formação intelectual de *Cascudinho*: “Foram estímulo para pensar e arrumar suas leituras tanto indicando bibliografia como discutindo idéias. Incentivaram o raciocínio e a decisão intelectual por si próprio e nunca por imposição alheia,

---

<sup>82</sup> O Colégio Diocesano Santo Antônio era também chamado de *Colégio dos Padres*. Na época, era um dos colégios católicos mais tradicionais de Natal. Acreditamos que a formação recebida nesse colégio deva ter contribuído de forma significativa para a fervorosa devoção católica de Cascudo.

<sup>83</sup> Francisco Ivo Cavalcanti dá nome a uma das escolas mais conhecidas da rede pública de Natal.

<sup>84</sup> A *Babilônia*, sua biblioteca particular, é famosa em todo Estado, não só pela grande quantidade de volumes que possui, mas também pela qualidade de seu acervo, que conta com obras de Jorge Amado, Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Mário de Andrade entre tantos outros que, em sua maioria, contam com preciosas dedicatórias.

<sup>85</sup> Atualmente, a *Babilônia* integra o acervo do Memorial Câmara Cascudo. Em 1987, ano seguinte a sua morte, todos os livros foram transferidos para uma sala localizada no segundo andar do Memorial, sob os cuidados de sua diretora Daliana Cascudo, sua primeira neta. Sobre o acervo que reuniu, Cascudo costumava dizer: “A maior alegria da minha salinha de livros é que a maioria dos livros estão autografados, e, naturalmente, com a morte desses autores, o livro vai criando uma dimensão sentimental maior, toda vez que eu abro” CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e sua Biblioteca. In: LYRA, Carlos. **Luís da Câmara Cascudo. Depoimentos**. Natal: EDUFRN, 1999. p. 60. Entrevista concedida a Carlos Lyra em 06/12/1974.

<sup>86</sup> A *Babilônia* era um local sagrado para Cascudo. Até mesmo Dona Dhália, sua esposa, tinha muito cuidado ao entrar para não atrapalhar sua concentração. Seu gabinete abrigava, além dos preciosos livros, os santos que colecionava. Essas informações e outras mais sobre a *Babilônia* de Cascudo podem ser encontradas em: CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e sua Biblioteca. In: LYRA, Carlos. **Luís da Câmara Cascudo. Depoimentos**. Natal: EDUFRN, 1999. p. 59-65. Entrevista concedida a Carlos Lyra em 06/12/1974.

o que ele reforça sempre nos seus textos”<sup>87</sup>. Posteriormente, Cascudo se tornaria amigo do professor Francisco Ivo, a quem chegou a convidar para dar aulas a seu filho Fernando Luís. Este episódio foi narrado pelo professor em depoimento publicado pela Revista *Província*, e no qual nos revela um pouco do *Cascudinho* aluno e iniciante no mundo das letras:

Iniciei as aulas referidas, na certeza de aquê (sic.) meu trabalho demoraria muito pouco tempo, porque, apesar regamente recompensado, pois o Cel. Cascudo marcara-me a mensalidade de trinta mil réis, logo aos primeiros contactos (sic.) com o aluno reconheci sua rebeldia, o que não se coadunava com o meu regime de mestre-escola, habituado a dar cocorotes e puxantes de orelhas, nas crianças que eram por mim lecionadas. E isto fazer, no *Cascudinho*, seria um crime de lesa majestade, perante os pais, especialmente a sua genitora. [...] Ler e contar bem foi por mim alcançado em pequeno espaço de tempo, mas fazer o *Cascudinho* ter boa caligrafia não me foi possível conseguir. [...] **Depois de amistosa conversa, onde, juntos tomamos um café feito para nós dois, o *Cascudinho* declarou-me desejar lecionasse eu alguma coisa ao seu filho Fernando Luís, de modo que ele também tivesse lições que lhe fossem dadas pelo antigo professor, hoje, seu amistoso amigo e colega. Aceitei a lembrança**<sup>88</sup>. (grifo nosso).

Apesar da infância e da juventude solitária, Cascudo parece ter sido intensamente marcado pelas relações afetivas que manteve, como se pode constatar no afeto dedicado, primeiramente, aos seus pais e professores, e, posteriormente, à esposa, filhos e netos, e aos amigos e parceiros profissionais. A gradativa emancipação da proteção familiar e, sobretudo, do pai, parece ter se dado no momento em que *Cascudinho* foi pela primeira vez à escola. A escola – um espaço mais coletivo e independente – foi, sem dúvida, fundamental para aquilo que Cascudo se tornaria: um professor, um orador e um homem público que apreciava estar cercado de ouvintes ou de falantes.

Enquanto o Cascudo-menino viveu à volta dos livros, o Cascudo da juventude – que tinha tudo para se tornar um homem calado e retraído –, acabaria se tornando falastrão e extrovertido, como ele mesmo se descreveria anos mais tarde. Privado de contatos na infância, Cascudo despertaria para os costumes e para o cotidiano das pessoas que existiam fora dos limites do *Principado*. Isto fez com que Luís da Câmara Cascudo se tornasse um

<sup>87</sup> GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 428.

<sup>88</sup> CAVALCANTI, Francisco Ivo. Luís da Câmara Cascudo. Aluno Primário. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 50-52, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

intelectual que ousou romper com os limites de sua *Babilônia*, ao deixar o conforto de sua escrivania para realizar suas pesquisas.

Os livros, sem dúvida, continuariam sendo seus companheiros, mesmo porque foram seus grandes aliados para saciar sua imensa curiosidade. Corroborando essa idéia, Américo de Oliveira Costa escreveu: “Na obra, ou seja, nos livros de Mestre Cascudo, há uma característica especial que convém ressaltar: é a sua oralidade, o seu estilo coloquial. Em qualquer livro de Cascudo, há sempre o homem que ele foi que se levanta e fala.”<sup>89</sup> “A oratória, para ele, é o atributo com que se familiarizou e por onde faz expandir, com irradiações magníficas, a sua cultura e a sua inteligência”<sup>90</sup>.

A *Babilônia*, inegavelmente, materializaria e evidenciaria os valores que Cascudo havia recebido e que pregaria, posteriormente, para sua família, seus alunos e companheiros letrados. Valores que tinham como pressupostos o amor aos livros, às letras e à arte de ensinar e aprender com o povo, e que podem ser encontrados em suas entrevistas e depoimentos:

Meu pai fundou um jornal em 1914, e em 15, com dezessete anos eu era repórter. O hábito, a vida de repórter, junto as leituras de movimento, fizeram de mim a curiosidade viva pelo povo, ouvindo, anotar e divulgar. Fui, pois, um bom repórter, decorrentemente, um etnógrafo. Em 1918, comecei a ser professor [...]<sup>91</sup>.

A este seu primeiro contato com o mundo das letras – bastante estimulado pelos pais – se seguiu o período de atuação como jornalista, como professor na cidade do Natal e o de formação na Faculdade de Direito do Recife, fundamental para a composição do seu perfil intelectual. *Cascudinho* ingressaria – por vontade do pai – na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, curso que logo abandonaria. Em 1928, Cascudo se formaria pela Faculdade de Direito do Recife, concluindo também, no mesmo ano, o curso de Etnografia, na Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Norte.

Para melhor entendermos a trajetória de Cascudo como intelectual – que viveria cercado de admiradores, “discípulos” e dos inseparáveis livros –, abordamos, na seqüência,

---

<sup>89</sup> COSTA, Américo de Oliveira. Mestre Cascudo em Quatro Tempos. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, RN, v. 33, n. 21, p. 73, maio 1990.

<sup>90</sup> VIVEIROS, Paulo de. Luiz da Câmara Cascudo - orador. In: LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. p. 11. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

<sup>91</sup> DEPOIMENTO de Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.



tanto a sua formação acadêmica e a atuação profissional, quanto a sua vida afetiva e familiar, na medida em que influenciaram, de forma inegável, a sua produção.

## 2.2 Cascudo esposo, pai e provedor da família

Os tempos de riqueza e de luxo do *Principado* de Cascudo chegariam ao fim em consequência da crise internacional de 1929, que fez com que o Coronel perdesse sua fortuna. A falência do pai foi motivo de muito desgosto para Cascudo, que teria chegado a comentar com o escritor e folclorista Deífilo Gurgel que a causa da ruína do pai foi ter sido muitas vezes “um homem muito generoso, padrinho de muita gente em Natal, [a quem] os afilhados normalmente relacionavam [...] como avalista”<sup>92</sup>.

Na época, o *Príncipe do Tirol* estava com 31 anos e se encontrava apaixonado por uma moça de vinte anos, Dália, filha do desembargador Teotônio Freire e de dona Sinhá Freire, com quem se casaria no dia 21 de abril de 1929, e com quem teria dois filhos, Fernando e Ana Maria.

Na maioria das vezes que Câmara Cascudo se referia a seu casamento, fazia questão de ressaltar a paixão que sentia por D. Dália, figura destacada por seus biógrafos e em seus próprios escritos. Luís da Câmara Cascudo conheceu Dália Freire, nos tempos de *Príncipe do Tirol*, quando tinha seus 27 anos e já se encontrava inserido no mundo das letras. Dália<sup>93</sup> tinha 16 anos e era uma adolescente de família abastada e respeitada da capital. A atração que sentiram um pelo outro levou ao casamento, como se constata neste depoimento da própria Dália Freire: “eu era uma menina, quase uma menina moça, adolescente, propriamente dita, mas me atraí por ele, em grande parte pelos lindos olhos verdes que ele tinha. Conheci usando na lapela umas violetas, um raminho de violetas, mas, depois, no começo do nosso namoro, ele substituiu a violeta por uma Dahlia. Os anos passam rápido, nos casamos”<sup>94</sup>.

O casamento aconteceu no ano de 1929, mesmo ano da crise que atingiu a família do Coronel Francisco Justino. Ao matrimônio com Dália Freire se seguiram outras mudanças na

<sup>92</sup> Ver mais em: PERSONALIDADES da História do RN - Câmara Cascudo. 2. ed. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 1, p. 5, 16 jan. 2008.

<sup>93</sup> Dália Freire era filha de um juiz federal, José Teothonio Freire, “magistrado austero, ilustre e digno”, como Cascudo escreveu na História do Rio Grande do Norte. “O casamento assegurou a Cascudo, dentro da paz do lar, junto dos dois filhos, Anna Maria e Fernando Luís, o ambiente de trabalho favorável à atividade intelectual”. Cfe. ARRAIS, Raimundo. Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, PE, ano 4, n. 48, p. 09, ago. 2006.

<sup>94</sup> DEPOIMENTO de Dália Freire Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

vida do até então *Príncipe do Tirol*, decorrentes da perda da fortuna familiar e das conseqüentes trocas de endereço, que terminariam em 1947, quando a família passou a residir na casa da Junqueira Aires, nº 377, propriedade dos pais de Dália. A principal delas, no entanto, decorreu da necessidade de prover o sustento da nova família.

Muitas são as menções de gratidão e amor eterno à esposa que foi capaz de muitas renúncias para que Cascudo se consolidasse como intelectual:

O amor para mim foi um estímulo, não só no que realizei culturalmente, como na serenidade do meu lar, a fidelidade àquela menina de 1925, que eu casei-me em 29, e continua com a idade com que eu a conheci. Mas mesmo para Dália, para minha mulher, para Dalequinha, nós atravessamos a diversidade dos amores: o amor do namoro, do noivado, do matrimônio, da paternidade, dos filhos, dos avós. A vida foi mudando e o nosso amor foi tomando nuances mais penetrantes, de variedades que a nossa sensibilidade empresta. Assim, nós dois de mãos dadas, vemos a paisagem hoje com olhos que não víamos quando éramos namorados<sup>95</sup>.

Dália é freqüentemente retratada como uma espécie de anjo protetor ou como uma inspiração para seu trabalho: “mas para um trabalhador mental como eu, o amor foi um estímulo, a força, a fidelidade, a alegria do trabalho e da posse. Ainda posso ficar ao lado da minha mulher muito tempo de mãos dadas, sendo suficiente a sua presença”<sup>96</sup>. Um dos depoimentos de D. Dália chama-nos a atenção para a atitude resignada com que encarava o distanciamento de Cascudo ou a sua entrega ao trabalho, comportamento próprio das mulheres dos homens públicos e letrados daqueles tempos. Devotadas aos maridos, elegantes, discretas, sóbrias e ricas<sup>97</sup>:

Eu acho como esposa de escritor, que ela precisa se doar e, também, ter muito de renúncia. Eu conto isso pelo fato meu próprio. Era recém casado, não, mas de algum tempo de casado, já tinha filhos e muitas vezes tentei, desejei que ele me acompanhasse. Nós tínhamos um horário muito diferente, é claro, porque ele trabalhava até quase ao amanhecer. Trocava, muitas vezes, a noite pelo dia, quer dizer, amanhecia trabalhando em sua biblioteca. Uma noite, já mais para a madrugada mesmo do que para a noite, eu já estava agasalhada, mas era uma noite chuvosa, vamos dizer, na intimidade, gostosa. Eu levantei-me, fui até a porta de sua biblioteca que era velada por

<sup>95</sup> DEPOIMENTO de Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>96</sup> Ibid., 2008.

<sup>97</sup> ABREU, Regina. Saindo da vida para entrar na História. In: \_\_\_\_\_. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 21.

uma cortina, não deixei que ele me visse, apenas eu abri, entreabri a cortina, e ele estava absorvido totalmente. **Eu senti que naquele momento era o escritor, e não o homem. Se eu o chamasse naquele momento, não encontraria o homem, nem o marido, e sim o escritor**<sup>98</sup>. (grifo nosso).

Câmara Cascudo, é preciso lembrar, fazia parte de uma geração que nasceu na virada do século XIX para o século XX, momento em que as *Humanidades* gozavam de prestígio. Era bastante usual – entre as pessoas que integravam a elite nesse período – a aquisição de livros, razão pela qual ocupavam as estantes de um espaço nobre de suas residências, como a famosa *Babilônia* de *Cascudinho*. Esses gabinetes de trabalho eram, geralmente, lugares próprios dos homens, dos chefes de família, cujas bibliotecas pessoais acompanhavam sua trajetória de vida, funcionando como marca identitária<sup>99</sup>. *Cascudinho* foi um desses homens que consideravam seu gabinete de trabalho como um lugar “sagrado” de produção.

Em muitos de seus escritos encontramos referências a sua intimidade e aos sentimentos que nutria por seus pais, sua esposa, seus filhos e netos. O boêmio<sup>100</sup> que passeava e se divertia nas ruas da Ribeira<sup>101</sup> é, também, descrito como o homem sensível e apaixonado que voltava para casa, para a mulher e os filhos e, principalmente, para a sua *Babilônia*. Protegido por esta atmosfera de proteção familiar, e embalado por sua rede de dormir, Cascudo podia dedicar-se, sem sobressaltos, à boemia e aos seus escritos:

<sup>98</sup> DEPOIMENTO de Dália Freire Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>99</sup> Ver mais em: ABREU, Regina. Um Homem de Letras. In: \_\_\_\_\_. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996. p. 137.

<sup>100</sup> Cascudo era tido como boêmio – confesso –, ou como definiu Vicente Serejo, um boêmio metódico, já que, segundo Ana Maria Cascudo, filha de *Cascudinho*, uma vez por mês, ao sair de casa para receber seu salário, Cascudo tomava cerveja com os amigos ou com as pessoas mais comuns. Assim, suas farras se davam uma vez ao mês, motivando, muitas vezes, pedidos de desculpas a sua esposa, D. Dália. Ver mais em Entrevista de SEREJO, Vicente. Cascudo na mira de Serejo. **O POVO**, Fortaleza, CE, 19 ago. 2006. Caderno Vida & Arte. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>101</sup> Cascudo era assíduo freqüentador do bairro da Ribeira, “palco da convivência e da sociabilidade de Cascudo com tipos populares que inspiraram muitos de seus trabalhos etnográficos”, razão pela qual Cascudo “é parte da memória do bairro por muitas noitadas vividas ao lado de gente simples do povo” Ver mais em FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal**. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernos descobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008. A partir de 1940, o bairro da Ribeira passou a destacar-se pelo comércio e pela vida noturna, vindo a ser – cada vez mais – freqüentado pelos boêmios letrados da cidade. Câmara Cascudo, nascido no bairro, jamais deixou de freqüentá-lo, pois gostava de conversa, da noite, dos amigos, da viola, do violeiro e do côco-de-roda do bairro das Rocas (vizinho da Ribeira). Ao chegar nesses bairros, *Cascudinho* reunia a sua volta jornalistas, estudantes, intelectuais, poetas, meretrizes, populares e contadores de causos. GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia** Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 427.

Como escritor, Luís da Câmara Cascudo foi motivado por dois impulsos originários. Um mais acadêmico/formal, outro mais *contaminado* pela subjetividade e pela criação. O aprofundamento na leitura da obra permite entrever que esse diálogo se encontra presente na construção da escritura de seus textos, denunciando sua emoção e sensibilidade, intuição e conhecimento <sup>102</sup>. (grifo da autora).

O Cascudo que se trancava em sua *Babilônia* – espaço que era respeitado por D. Dália, sua esposa e “flor predileta” – era o mesmo que circulava entre os mais diferentes grupos sociais, que se divertia bebendo e conversando nos bares do bairro da Ribeira, locais que considerava privilegiados para os estudos dos costumes populares. Este hábito arraigado faria com que o *Príncipe do Tirol* se apresentasse como um “canguleiro” <sup>103</sup> e manifestasse seu gosto pela cultura popular:

Tenho a impressão de ser o que chamam na Itália, *Uomo qualunque*, **um homem igual aos outros**. Toda a minha vida se resume naqueles dois versos de Afrânio Peixoto: Ensinou e escreveu, nada mais aconteceu [...] **Sempre amei as histórias contadas pelas amas e pelos espetáculos populares: a feira, o mercado, as procissões**. Sempre amei o cotidiano e não o excepcional, e decorrentemente, os meus livros vêm **dessa paixão pelo normal e pelo cotidiano** <sup>104</sup>. (grifo nosso)

Muitos de seus estudos, efetivamente, versariam sobre *costumes*, como a *História dos nossos gestos* <sup>105</sup>, entre outros. A maioria dos depoimentos sobre Cascudo reforça essa descrição, a de um homem simples, que convivia com todo mundo e de quem todos gostavam:

Quase todo dia, às duas da tarde, ele saía de casa, de paletó, gravata, chapéu e charutão no bico, sozinho em direção à ribeira... certo dia eu o segui... (Cascudo) entrou em um barzinho vagabundo... estava sentado na cabeceira

<sup>102</sup> GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 421.

<sup>103</sup> Denominação comum dada aos pobres do bairro da Ribeira onde Cascudo nasceu. Em seu livro **O Tempo e Eu**, Cascudo chegou a afirmar: “[...] Sou, pois, um canguleiro [...]” apud COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 10.

<sup>104</sup> Depoimento de Luís da Câmara Cascudo. In: BRESSANE, Zita (Prod.) **Depoimento. TV Cultura. Cascudo**. São Paulo. Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia: TV Cultura, 1978. 1 videocassete, VHS. NTSC, son., color.

<sup>105</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos nossos gestos**: uma pesquisa mímica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1976. Este foi o último livro de Cascudo. Sua primeira edição é de 1976 e a segunda, de 1987. Nele, Cascudo narra a história, o detalhe, a curiosidade e a evolução de gestos comuns, integrantes do dia a dia do brasileiro, comparando-os com outros povos. apud GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 422.

de uma mesa ao lado de uma garçonete e do outro estava um motorista da praça, todos os três tomando cerveja. Eu disse: ‘Mestre você está fazendo o quê?’ Ele disse: **Não está vendo meu filho, estudando costumes**’<sup>106</sup>. (grifo nosso).

Não podemos esquecer que, durante a década de trinta, Cascudo também exerceu importantes funções políticas<sup>107</sup>, apesar de se considerar – e de se apresentar como – apolítico: “filho único de chefe político, ninguém acreditava no meu desinteresse eleitoral. Impossível para mim dividir conterrâneos em cores, gestos de dedos, quando a terra é uma unidade com sua gente”<sup>108</sup>.

Várias situações comprovam sua ligação com o mundo político partidário, como a sua eleição para deputado estadual: “graças ao prestígio de seu pai e ao decidido apoio do Governador Juvenal Lamartine, ele foi eleito Deputado Estadual com 9.466 votos, pelo Partido Republicano Federal, no pleito realizado no dia 27 de julho de 1930”<sup>109</sup>. Em uma de suas biografias, consta que exerceu o mandato de deputado por apenas cinco dias, devido às repercussões da Revolução de 1930 no Estado. Em suas Memórias, ao escrever sobre o episódio, expressou claramente sua compreensão do “fazer política”: “Deputado Estadual em 1930, assumi a 1º de outubro. No dia 3 veio a Revolução e acabou com meu mandato. **Não houve tempo de exercer benemerência ou nocividade**”<sup>110</sup>.(grifo nosso). Cascudo teria recebido, inclusive, um convite do presidente Getúlio Vargas para ser senador pelo Rio Grande do Norte.

O ano de 1932 foi um marco na vida do intelectual potiguar. Seu pai, sem dinheiro para pagar as dívidas que – diante da conjuntura externa – cresciam a cada dia, perdeu a chácara do Tirol, selando de vez a falência que se abateu sobre a família Cascudo. Esse fato teria se dado, principalmente, devido à política de intervenção instituída por Getúlio Vargas, que fez com que o pai de Cascudo perdesse o apoio político local, única possibilidade de

<sup>106</sup> Depoimento de Veríssimo de Mello. In: BRESSANE, Zita (Prod.) **Depoimento. TV Cultura. Cascudo**. São Paulo. Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia: TV Cultura, 1978. 1 videocassete, VHS. NTSC, son., color.

<sup>107</sup> A atuação política de Cascudo constitui ponto bastante controverso nas biografias produzidas sobre ele, por ter sido orientada por uma postura conservadora. Afinal, foi monarquista durante toda a sua vida e, também, antimarxista, o que o levou a apoiar o Golpe Militar de 31 de março de 1964.

<sup>108</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 05, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>109</sup> SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 2, 06 jan. 1999. DN-educação, p. 23. Projeto Ler. Com as imposições da Revolução de 30 a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte foi dissolvida e o mandato de Luís da Câmara Cascudo e dos demais eleitos durou apenas cinco dias.

<sup>110</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **O Tempo e Eu**: confidências e proposições. Natal, RN: Imprensa Universitária, 1968 apud FERREIRA, Sônia Maria Fernandes. **De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado**. Natal, RN: Climax-Arte, 1986. p. 44. (Coleção Edições Clima, v. 51).

contornar a crise<sup>111</sup>. Com a falência, Cascudo passou a depender de cargos públicos, atuando como professor e se valendo da atividade de jornalista e escritor para garantir a sobrevivência da família. E foi nesse momento que, de acordo com Raimundo Arrais:

A política, tentação difícil de vencer para um intelectual de província, seduziu-o naquele tempo em que as fortes ideologias nacionalistas movimentavam as massas. Sob influência de Gustavo Barroso, folclorista, historiador e líder integralista cearense, Cascudo torna-se o chefe local da Ação Integralista Brasileira (da qual fizeram parte proeminentes intelectuais do Estado, como Manuel Rodrigues de Melo e Hélio Galvão), escrevendo entusiasmados artigos sobre o assunto<sup>112</sup>.

À falência, às mudanças de residência<sup>113</sup> e à necessidade de garantir o sustento da família, se somaria a morte do pai – de ataque cardíaco – no mês de maio de 1935. O Coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo, que falecia aos setenta e dois anos de idade, triste, pobre e só, havia, contudo, conseguido deixar para o filho uma grande riqueza – que se traduziria, efetivamente, em *bens simbólicos*<sup>114</sup> e que se refletiriam num *capital simbólico*<sup>115</sup> – que acabariam por direcionar a vida e definir a projeção de *Cascudinho* como intelectual.

<sup>111</sup> Ver mais em: TORQUATO, Arthur Luís de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas**: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945). Monografia (Graduação em História) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2008. f. 22.

<sup>112</sup> ARRAIS, Raimundo. Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, PE, ano 4, n. 48, p. 10, ago. 2006.

<sup>113</sup> Do *Principado do Tirol* a família mudou-se para uma casa menor na Avenida Junqueira Aires, onde residiram de 1933 até aproximadamente 1936. Neste endereço, viria a falecer o Coronel Cascudo, em 1935. Mais uma mudança de endereço ocorreria em 1937, desta vez para uma casa na Rua Conceição, no centro da cidade, onde morariam de 1937 até a mudança para a casa dos pais de Dália na Avenida Junqueira Aires, que aconteceu em 1947. Foi nesta residência – em que viveu até sua morte – que Cascudinho produziu boa parte de suas obras históricas, tributárias dos tempos passados entre os livros e as grandes personalidades no Principado do Tirol.

<sup>114</sup> Neste trabalho, consideraremos *bens simbólicos*, a educação esmerada, o acesso aos livros mais atualizados, as aulas particulares recebidas e que constituíram a base para o futuro do intelectual. Diante dessa nossa reflexão, acreditamos ser oportuno resgatar a afirmação de Bourdieu de que: “[...] qualquer herança material é, propriamente falando, uma herança cultural; além disto, os bens de família têm como função não só certificar fisicamente a antiguidade e a continuidade da linhagem, e, por conseguinte, consagrar sua identidade social, mas também contribuir praticamente para sua reprodução moral, ou seja, para a transmissão de valores, virtudes e competências [...]”. BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica do social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 75.

<sup>115</sup> Para Bourdieu, o *capital simbólico* corresponde ao capital econômico relacionado com o capital cultural e social, apresentando-se através de rituais de reconhecimento social, prestígio, honra, status, etc. BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica do social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007. O *Capital Simbólico* deve ser entendido como *Carisma*. Consiste de uma propriedade qualquer – força cultural e social, apresentando-se através de rituais de reconhecimento social, prestígio, honra, estatus [status] físico, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e de avaliação que lhes permitem percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira *força mágica*: uma propriedade que, por responder às “expectativas coletivas”, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico. Damos uma ordem ela é obedecida: é um ato quase mágico. Cf. BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: PAPIRUS, 1996. p. 176.

Acreditamos que a crise financeira – que se abateu sobre a família de Cascudo na década de 30 e a morte do pai – possam explicar o ingresso de Cascudo nas fileiras do Integralismo; nas palavras de Dom Hélder Câmara, “um movimento que seduzia”<sup>116</sup> por sua proposta de combate ao comunismo, levando-os a participarem ativamente da *Câmara dos Quatrocentos* e a vestir a *camisa verde*:

[...] A organização hierárquica e patriarcal da AIB dava a Cascudo um conforto espiritual, a figura do chefe, daquele que tem o controle nas mãos, representando na figura de Plínio Salgado, substituía a figura do seu pai, que perdera as forças financeiras e o prestígio político, inclusive vindo a falecer em 1935. Cascudo vivia um período de insegurança existencial, perdendo aos poucos os alicerces que sempre os sustentara, impondo-lhe uma responsabilidade que não tivera até então, logo, o discurso integralista surgia como um patamar que lhe garantiria segurança e uma forma de se erguer social e financeiramente [...]<sup>117</sup>.

Há, no entanto, – e é interessante mencionar – um certo silenciamento sobre a participação de Cascudo no movimento integralista<sup>118</sup>, que se daria, justamente, neste período. Apesar disso, sua adesão ao Integralismo pode ser atestada em artigos que encontramos no *Jornal A Offensiva* – periódico publicado no Rio de Janeiro e que divulgava notícias sobre o movimento integralista em todo Brasil – e que fazem referência explícita a Câmara Cascudo. Ao analisarmos os artigos desse jornal, chamou-nos atenção a edição de 11 de outubro de 1934 – em especial, a sessão dedicada à Província do Rio Grande do Norte – que refere o seu envolvimento e evidencia a estreita relação entre o catolicismo e o movimento integralista no

<sup>116</sup> DOM Hélder Câmara: o santo rebelde. Direção: Erika Bauer. Produção: Andréa Glória. Brasília, DF: Cor Filmes, 2004. 1 DVD (74 min), son., color. Gênero: Documentário.

<sup>117</sup> TORQUATO, Arthur Luís de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas**: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945). Monografia (Graduação em História) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2008. f. 27.

<sup>118</sup> Quanto às razões do “aparente” silenciamento acerca da participação de Cascudo na AIB (Ação Integralista Brasileira), na condição de um dos chefes do movimento integralista no Rio Grande do Norte –, afirma Arthur Luís Torquato: “durante alguns momentos da pesquisa encontramos pessoas que afirmavam que a participação de Cascudo na Ação Integralista Brasileira não passava de lenda, o que de certa forma evidencia a funcionabilidade das estratégias de silenciamento adotadas pelo erudito. Ao silenciar esse momento de sua vida, Cascudo tentava desvencilhar sua imagem de qualquer participação em movimentos radicais” apud TORQUATO, Arthur Luís de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas**: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945). Monografia (Graduação em História) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2008. f. 86. Também Durval Muniz alertou sobre este silenciamento e sobre as razões de sua manutenção: “o que ficou de fora e porque, que relação estes critérios de pertencimento ao autor tem com a própria imagem de autor que construiu e a imagem de obra que definiu? É preciso analisar os critérios de racionalidade aventados para delimitar sua obra, os critérios de exclusão e inclusão e como estes se articulam com a necessidade de se construir uma biografia coerente, atravessada por certas constantes de valor, um certo campo de coerência e concentração teórica, uma certa unidade estilística. **Será que os textos que produziu em defesa da monarquia e do integralismo fazem parte de sua obra?** Os discursos panegíricos a pessoas influentes e as saudações a autoridades fazem parte de sua obra? Porque não? Se o autor é um foco de expressão, porque tudo que ele expressa não é sua obra?”. (grifo nosso) apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o tempo”**: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Não paginado. Projeto de pesquisa CNPq.

Estado potiguar: “[...] Continuam sem desfalecimento [sic] todos os trabalhos integralistas de propaganda e doutrinação, falando nas sessões de domingos o secretario do D.P. e o Chefe Provincial. Na noite de 9 do corrente, a convite do padre Dr. Walfredo Gurgel, reitor do Seminário de São Pedro, o Chefe Provincial Dr. Câmara Cascudo pronunciou uma conferencia aplaudidíssima sobre as Bases Integralistas em Face da Sociologia Católica”<sup>119</sup>.

Tornando pública sua posição contrária ao marxismo – e à ameaça que representava a Intentona Comunista de 1935<sup>120</sup> –, Câmara Cascudo vestiria a *camisa verde* do Integralismo brasileiro, tornando-se um dos membros de maior destaque<sup>121</sup> no Rio Grande do Norte, ao atuar como Chefe Regional da Ação Integralista Brasileira – AIB no Estado. Esse movimento de cunho fascista exerceu fortes influências sobre a elite potiguar, da qual Cascudo fazia parte. Conforme Luís Gonzaga Cortez, escritor e jornalista que publicou estudos sobre o integralismo no Rio Grande do Norte, a passagem de Câmara Cascudo na AIB ocorreu da seguinte forma:

O escritor Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), monumento maior da cultura potiguar, foi um dos maiores divulgadores da ideologia da Ação Integralista Brasileira, movimento político conservador e nacionalista, liderado pelo escritor paulista Plínio Salgado, entre os anos 1932/37, época em que as posições políticas eram de direita ou de esquerda, comunista ou anti-comunista, fascista ou anti-fascista. Intelectual consagrado na sua terra natal, Natal, Câmara Cascudo, ao se tornar o primeiro chefe da Ação Integralista Brasileira-AIB, na “Província do Rio Grande do Norte”, em 1933, já era um nome conhecido nos meios culturais e políticos do Rio de

<sup>119</sup> PROVÍNCIA do Rio G. do Norte. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, p. 01, 11 out. 1934.

<sup>120</sup> Durante a Intentona *Comunista*, a cidade do Natal foi sede do primeiro governo marxista da América Latina. De acordo com a historiadora Denise Monteiro, em 1935, o Brasil assistiu à fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Após a promulgação da Lei de Segurança Nacional, o presidente Getúlio Vargas ordena o fechamento da ANL, levando à Insurreição Comunista em Natal, Recife e Rio de Janeiro, sucessivamente. Em 1935, governava o Rio Grande do Norte, o governador eleito pela Assembléia Legislativa Estadual, Rafael Fernandes Gurjão. Seu mandato foi marcado por greves e pela fundação da Aliança Nacional Libertadora no Estado. Foi durante a *Insurreição Comunista* em Natal que se constituiu um Governo Popular Nacional Revolucionário, que viria a se expandir pelo interior do Estado e seria alvo da repressão apud MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007. p. 214.

<sup>121</sup> Cascudo é referido por Cortez como um dos responsáveis pelo “sucesso” do integralismo na *Província* do Rio Grande do Norte, tanto pelos participantes do movimento quanto pela imprensa que divulgava as notícias integralistas: “como todo integralista, Cascudo foi um jornalista cristão, anti-burguês, anti-capitalista, nacionalista, anti-liberal, contra o banqueirismo internacional que ainda hoje mantém o Brasil numa situação de dependência e escravização financeira” MELO, Luiz Gonzaga Cortez G. de. **Câmara Cascudo: o jornalista integralista**. Natal, RN: CCHLA -UFRN, 1995. p. 03.



Janeiro e São Paulo, principalmente entre os grupos conservadores (republicanos ou monarquistas)<sup>122</sup>.

O ideário integralista, segundo Arrais, teria suas asas cortadas pelo golpe do Estado Novo de 1937, que atingiu democratas, comunistas e integralistas. Por prudência, Cascudo teria queimado as camisas verdes e os livros integralistas, mas é “possível que essas convicções tenham se fundido num catolicismo que ele conservará por toda a vida”<sup>123</sup>.

Foi com a ocupação de professor – e com o salário do Atheneu – que Cascudo sustentou a família e pôde manter um hábito trazido da infância: a compra de livros. Já ao final da década de cinquenta, Cascudo viria atuar também como professor de Direito Internacional e de Etnografia Geral na UFRN, Universidade da qual foi um dos patronos fundadores e através da qual se projetou no meio acadêmico.

Escolhido – por sua oratória ímpar dentre os letrados do Rio Grande do Norte – para ser o orador na cerimônia de inauguração da Universidade, em 1959, Cascudo proferiu um discurso que o projetou ainda mais no meio acadêmico do Rio Grande do Norte. Em sua saudação, Cascudo ressaltou a importância da Universidade como “o mais elevado acervo cultural e educacional da sociedade civilizada, evocando a irradiação da arte helênica e do humanismo romano, no ensino da ciência, da plástica artística e das letras”<sup>124</sup>. Destacou, ainda, os esforços que os intelectuais norte-rio-grandenses faziam para superar o atraso e para se aprimorarem no mundo das letras, expressando sua admiração e confiança no papel que a Universidade desempenhava no Brasil, e, conseqüentemente, no Estado:

Se a Universidade se instala para viver, e viver para sempre sem serviço do Brasil no horizonte do Universal e do Humano, é indispensável saber-se em que direção orgânica, no ponto de vista psicológico e mesmo doutrinário, caminhará ela, a menina -e- moça dos nossos cuidados, dedicações e ciúmes. [...] Uma Universidade é plasmadora de Cultura em defesa ascensional da Civilização. Se, nesta hora, não definirmos Cultura e não formos até o

<sup>122</sup> MELO, Luiz Gonzaga Cortez G. de. **Câmara Cascudo**: o jornalista integralista. Natal, RN: CCHLA-UFRN, 1995. p. 01.

<sup>123</sup> ARRAIS, Raimundo. Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Contínente Documento**, Recife, PE, ano 4, n. 48, p. 10, ago. 2006.

<sup>124</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso no Ato da inauguração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: NAVARRO, Jurandyr. **Rio Grande do Norte**: os notáveis dos 500 anos. Natal, RN: Ed. do autor, 2004. p. 420.

conceito de Civilização, teremos feito crime notório contra o Espírito, renegando o bom Combate e perdido a Fé<sup>125</sup>.

Cascudo exerceu o magistério por muitos anos, até se aposentar como professor de Direito da UFRN, da qual recebeu títulos de “Professor Emérito”<sup>126</sup> e de “Doutor Honoris Causa”<sup>127</sup> – ambos pela Faculdade de Direito da UFRN – instituição na qual deixou discípulos como Enélio Lima Petrovich e Diógenes da Cunha Lima.

A carreira de professor foi desenvolvida em paralelo a de historiador e de pesquisador. Foi no período de elaboração da tese para o concurso de ingresso como professor no Atheneu que Cascudo revelou o gosto pela pesquisa documental, pela busca da verdade histórica, pela erudição e pela polêmica.

Cabe lembrar que, curiosamente, esse advogado foi, por muitos anos, professor de História no Ateneu Norte Rio Grandense. A tese apresentada para o ingresso no magistério público em 1932, versava sobre a discussão bizantina a respeito do acaso ou da intencionalidade no descobrimento do Brasil, tema apaixonante para muitos dos historiadores de então<sup>128</sup>.

O trabalho apresentado por Cascudo para a cátedra de História do Brasil, em 1928, é considerado um dos destaques de sua produção como historiador. Publicado em 1933, foi três vezes reeditado<sup>129</sup>, como apontado por Vânia Gico:

<sup>125</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso no Ato da inauguração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: NAVARRO, Jurandy. **Rio Grande do Norte: os notáveis dos 500 anos**. Natal: Ed. do autor, 2004. p. 422.

<sup>126</sup> “As instituições universitárias costumam distinguir os seus mestres de maior saber e talento com o título de professor emérito. Seguindo esta tradição, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no reitorado do Professor Onofre Lopes, conferiu o título de professor emérito ao escritor Luís da Câmara Cascudo. Na solenidade de entrega deste honroso título, o Professor Américo de Oliveira Costa saudou o homenageado perante a Assembléia Universitária, realizada no dia 21 de março de 1967” apud SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 5, 27 jan. 1999. DN-educação, p. 91. Projeto Ler.

<sup>127</sup> COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. À mesa com Cascudo: da água, do pasto, da horta e do pomar à cozinha como fábrica dos sonhos. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, RN, v. 46, n. 34, p. 11-20, jan./jun. 2005.

<sup>128</sup> NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>129</sup> CASCUDO, Luís da Câmara **A intencionalidade no descobrimento do Brasil**. Natal, RN: Imprensa Oficial, 1933. O estudo *A intencionalidade no descobrimento do Brasil* foi editado pela primeira vez em Portugal, ainda na década de 30 (Funchal - Ilha da Madeira: Tipografia d’ “O Jornal”, 1937). Constitui o primeiro dos ensaios do livro de 211 páginas intitulado *Informação de História e etnografia*. Recife: Tradição, 1944. Trinta anos depois de escrito, reaparecerá – sem modificações – para compor um livro de 82 páginas intitulado *Dois Ensaios de História*. (Natal: Imprensa Universitária, 1965).

Com sua entrada no magistério estadual, tornou-se professor efetivo de História da civilização, em 1932, com apresentação de duas teses aprovadas com distinção. Uma ‘tese sorteada’ que trata da ‘Origem do homem americano – sua evolução política e social – aztecas [sic] e incas’, e a outra, ‘tese de livre escolha’ que discute ‘A intencionalidade no descobrimento do Brasil’ editadas posteriormente, em livros e artigos. Perderia a cadeira com o ‘golpe’ de Getúlio Vargas, mas, voltou à cátedra pelo imperativo constitucional<sup>130</sup>.

O Câmara Cascudo-professor que encontramos em depoimentos, artigos e plaquetes<sup>131</sup> é um homem interessado em transmitir conhecimentos sem preocupações com as formalidades. Um professor que, na maioria das vezes, é mais lembrado como “grande amigo e mestre” para todas as ocasiões, do que somente como um professor, que ensina e cobra conhecimentos. Poderíamos listar um número considerável de personalidades importantes do Rio Grande do Norte que foram seus alunos e deixaram suas impressões sobre esta face de Cascudo. Para ilustrá-las, selecionamos dois, de dois momentos diferentes. O primeiro, de um ex-aluno do Atheneu Norte-Rio-Grandense, e o segundo, o de um ex-aluno de Direito da UFRN. O jornalista, advogado e membro da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, Otto Guerra, ex-aluno de Cascudo do Atheneu, relembra o professor que conquistou a turma e se tornou amigo dos alunos:

Era, sem dúvida, um professor completo. Abria novos horizontes à mente dos alunos. Ensinava a pensar, a investigar, a procurar as razões primeiras dos fatos, a enquadrá-los dentro do mundo, não aparecendo todos aqueles sucessos, que os compêndios narravam, como acontecimentos à parte na história dos povos. [...] Não adotava compêndios, não limitava terrenos. O campo era vasto, livre o aluno. Nenhum daquela turma pode negar o quanto deve a Câmara Cascudo, senhor absoluto da matéria, mas que ensinava como se aquilo tudo fluísse muito natural e fosse muito fácil de aprender. E sobretudo, que, realizando o grande ideal do mestre, sabia estimular o trabalho do aluno, despertar o gosto pela iniciativa. Formados, casados, pais de filhos, não esquecem o antigo professor, que absolutamente não chamam de velho mestre, mas de amigo, jovial companheiro<sup>132</sup>.

O segundo depoimento é de um ex-reitor da Universidade que foi seu aluno no Curso de Direito. Nele nos chama a atenção que Cascudo, mesmo sendo professor de Direito

<sup>130</sup> GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo**: itinerário de um pensador. 1998. f. 40. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, mimeo.) -- PUC-SP, São Paulo, 1998.

<sup>131</sup> Denominação usada para designar publicações com menos de cinquenta páginas.

<sup>132</sup> GUERRA, Otto. Luís da Câmara Cascudo – Professor. In: LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. p. 10. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

Internacional, manifestava sua “paixão” pela cultura popular e pelos estudos dos costumes e tradições potiguares. De acordo como o ex-reitor, Domingo Gomes:

O mestre Cascudo foi meu professor de Direito Internacional, na antiga Faculdade de Direito, da nossa universidade. O mais interessante como professor, é que comumente ele aproveitava os momentos destinados a sua aula, para falar de sua experiência como homem e, sobretudo, da gente, do povo, das visitas que ele fazia aos países, e eu me lembro muito bem, agora, quando de uma viagem que ele fizera a África, ele comparando os costumes e os hábitos nordestinos com os africanos. Como ele mostrava para nós alunos, a identificação do povo africano com o povo nordestino. E, como aluno, pouco aprendi de Direito Internacional com o velho mestre, mas aprendi, sobretudo, do meu velho mestre, do mestre de todos nós, tudo sobre o folclore, tudo sobre cultura popular, sobre o hábito e costumes da nossa gente e do nosso povo. [...] Cascudo foi a universidade antes dela ter sido criada. Ele foi o embrião da nossa universidade, e criou, muito antes de se pensar na nossa universidade, a universidade popular, a universidade sem muros, a universidade sem hábito, a universidade do povo<sup>133</sup>.

Chamou-nos a atenção que a maioria dos depoimentos de seus ex-alunos o apresenta como um “contador de histórias”, cujas aulas eram um momento de prazer, de divertimento, a ponto de os alunos nem verem o tempo passar. Estas recordações parecem encontrar eco na forma como Cascudo encarava a docência e sua passagem pelo Atheneu: “[...] um colega do magistério haver-lhe pedido a demissão ao Presidente Juvenal Lamartine, porque considerava indignidade um professor do “respeitável” educandário andar indagando Lobisomem e estudar Catimbó, enrolado com os “mestres” e os juremias miríficos [...]”<sup>134</sup>. Esse incidente no Atheneu parece ter perturbado bastante a Câmara Cascudo, pois o encontramos referido em vários de seus depoimentos e em entrevista que concedeu a Carlos Lyra:

Quando fui professor do Atheneu Norte-Rio-Grandense, do nosso ginásio, professor por concurso, catedrático, um meu colega foi pedir ao governador do Estado para que me demitisse. Eu não podia ser demitido senão por um processo regular, porque era catedrático por concurso, e meu crime era esse: o professor catedrático do Atheneu, que faz pesquisas a respeito do lobisomem, burrinha de padre, do bumba-meu-boi, que ouve pastoras, que

---

<sup>133</sup> DEPOIMENTO de Domingos Gomes de Lima. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>134</sup> Trecho extraído de: COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 27.

está desmoralizando o ensino secundário no Rio Grande do Norte. Não é digno de subir para a cátedra e dar aulas sobre História do Brasil<sup>135</sup>.

Cabe lembrar que, na época, o Atheneu era o estabelecimento de ensino público de maior prestígio no Estado do Rio Grande do Norte. O trecho da entrevista que transcrevemos nos remete a sua nomeação, em 1928, – pelo então governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, – como professor interino. No ano de 1929, Cascudo foi indicado pelo mesmo governador ao cargo de diretor do referido educandário, indicação que resultava das influências políticas paternas e do desempenho como professor secundário. Sabe-se que, apesar das pressões, Cascudo não perdeu seu emprego no Atheneu, vindo a, mediante concurso, efetivar-se no cargo:

[...] A erudição, a memória, os conhecimentos extraordinários do Mestre davam dimensões inesperadas aos temas do programa. [...] Rompia-se, igualmente, na sua cadeira, em que a seguir, se empossaria vitalício por concurso, a tradição, o sistema, o hábito do professor dogmático e mecânico. Ao contrário: descia até os alunos, estabelecia pontos de passagem e ângulos de convergência. Nada de compartimentos estanques, de zonas surdas, entre professor e estudantes<sup>136</sup>.

As mudanças trazidas pela Revolução de 30, no entanto, fizeram com que perdesse o cargo de diretor do Atheneu: “sem dúvida, o escritor Câmara Cascudo foi um dos correligionários de Lamartine que aderiu logo à Revolução de 30. Mesmo assim, era considerado “carcomido”<sup>137</sup> e, por isso, perdeu o cargo de diretor do Atheneu Norte-Rio-Grandense”<sup>138</sup>.

Cascudo sempre fez questão de referir sua paixão por ensinar e o prazer que sentia em ser professor, como se pode constatar neste depoimento: **‘faço questão de ser tratado por esse vocábulo que tanto amei: professor**. Os jornais, na melhor ou na pior das intenções, me

<sup>135</sup> LYRA, Carlos. “Cascudo as razões de minha preferência”. *Revista Século* – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 57, 1998. Entrevista concedida ao autor em: 19/08/1976.

<sup>136</sup> COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 26-27.

<sup>137</sup> Essa denominação foi dada aos adeptos do regime deposto com a Revolução de 30.

<sup>138</sup> SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. *Diário de Natal*, Natal, RN, n. 2, 06 jan. 1999. DN-educação, p. 24. Projeto Ler.

chamam folclorista. [...] **Eu sou um professor.** Até hoje minha casa é cheia de rapazes me perguntando, me consultando”<sup>139</sup>. (grifo nosso).

O Cascudo *homem de letras* – que viveu sua vida propagandeando sua paixão pela cultura popular, pelo magistério e pela história de sua terra e de sua gente – chegaria aos seus mais de 80 anos, afirmando que, apesar de considerar “a velhice [...] um naufrágio!”, a visão comprometida lhe aguçava a sensibilidade e a ternura:

Assim, é sempre agradável ouvir o que não se ouve, ouvir com a sensibilidade. Sou uma coisa rara. Sou, sabidamente, um velho bem humorado. É porque a surdez põe muito de distância, arminho e pelúcia nos pensamentos. É preciso muita obstinação para me ser desagradável, é preciso escrever e insistir, mesmo assim a mensagem contundente, perde os ganchos e as arestas, e eu transformo os cacos de vidro em bolinhas para os meus netos brincarem<sup>140</sup>.

### 2.3 Cascudo por múltiplos olhares

Neste subcapítulo, apresentamos um breve inventário das mais representativas biografias de Luís da Câmara Cascudo. Ressaltamos que não desconhecemos os cuidados que uma incursão nas biografias escritas sobre Cascudo exige, na medida em que elas são, em sua maioria, apresentadas como um “documento histórico destinado a gerações futuras”, “um depoimento verídico”, um “resumo de [...] um magnífico esforço produtivo”, um “perfil de um homem [...] que sempre se mostrou na sua atuação notável” ou, então, “um esboço de uma grande existência”<sup>141</sup>. Também consideramos extremamente oportunas as reflexões de Pierre Bourdieu<sup>142</sup>, que nos adverte de que não se pode pensar na vida de um sujeito, ou numa biografia<sup>143</sup>, como uma seqüência linear ou como um todo coerente:

<sup>139</sup> DEPOIMENTO de Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>140</sup> Ibid., 2008.

<sup>141</sup> ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996.

<sup>142</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 185.

<sup>143</sup> Pierre Bourdieu nos chama a atenção para um aspecto extremamente relevante para a proposta desta Dissertação: nos relatos biográficos, os sujeitos se convertem em ideólogos de sua própria existência, selecionando certos acontecimentos significativos. Ibid., p. 189-190.

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações <sup>144</sup>.

Margarida de Souza Neves, pesquisadora carioca e autora do projeto *Modernos Descobridores do Brasil*, além de atribuir a Luís da Câmara Cascudo a condição de um dos *descobridores do Brasil* – ao lado de Capistrano de Abreu, Cecília Meireles, Mário de Andrade e Monteiro Lobato – destaca as “muitas facetas” do intelectual potiguar que precisam ser consideradas:

Luís da Câmara Cascudo foi homem de muitos ofícios. Estudante de medicina que, em razão de problemas financeiros familiares, abandonou o curso que desejava concluir, não para clinicar, mas para ter seu próprio laboratório de pesquisa, foi plural em suas atividades. **As biografias que sobre ele foram escritas aludem, invariavelmente, a suas muitas facetas** de jornalista, poeta bissexto, professor, advogado, crítico literário, memorialista, biógrafo, musicólogo, e também historiador, ainda que seja mais conhecido na história cultural brasileira como folclorista e etnógrafo <sup>145</sup>. (grifo nosso).

Dentre as biografias de Luís da Câmara Cascudo mais citadas pela historiografia norte-rio-grandense podemos destacar: *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*; *Câmara Cascudo - Um Brasileiro Feliz*; *Câmara Cascudo - Um homem chamado Brasil*; *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968* <sup>146</sup>.

As duas primeiras fazem um balanço geral da vida e da obra de Cascudo, sendo que a primeira biografia a ser produzida sobre ele foi escrita por Américo de Oliveira Costa <sup>147</sup>, que

<sup>144</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 189-190.

<sup>145</sup> NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História** São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>146</sup> As obras são: COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lido, 1998. OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil**. Brasília: Brasília Jurídica, 1999. MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968**. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3 v. Bibliografia Anotada.

<sup>147</sup> Américo de Oliveira (1910-1996) bacharel em direito, ex-professor de Direito da UFRN, foi contemporâneo, amigo, ex- aluno e biógrafo de Câmara Cascudo. Foi, também, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras do Rio Grande do Norte e do Instituto Histórico e Geográfico (IHGRN), tendo sido, ainda, autor do livro **Viagem ao Universo de Câmara Cascudo**, publicado pela Fundação José Augusto, de Natal (RN), em 1969, bem como de vários outros trabalhos sobre a vida de Cascudo.

se utilizou das anotações feitas pelo próprio Cascudo<sup>148</sup>. Em *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*, o autor não apenas destaca a diversidade da produção cascudiana, como as suas inúmeras faces, ao afirmar que:

[...] A obra cascudiana não é uma ilha; é um arquipélago, pela multiplicidade e pela variedade dos territórios que a integram. Nela, há o historiador, o etnógrafo, o folclorista, o antropologista [sic], o sociólogo, o ensaísta, o jornalista, o tradutor-comentador, o memorialista, o cronista, um indigitado e insólito romancista de costumes... animais [...]<sup>149</sup>.

O livro de Diógenes da Cunha Lima<sup>150</sup> assume um outro caráter, já que foi produzido a partir da convivência que o autor teve com seu biografado, contemplando o tempo em que Cascudo foi seu professor, a relação entre afilhado e padrinho e a amizade construída. O livro de Gildson Oliveira<sup>151</sup> faz também o balanço da vida e obra, mas se baseia, principalmente, nas muitas entrevistas concedidas por Cascudo ao longo de sua vida e também em muitos depoimentos. A última obra, a de Zila Mamede<sup>152</sup>, composta de três volumes, é um levantamento dos escritos de Cascudo (livros e outros trabalhos) até a data de sua publicação em 1970.

A biografia escrita pelo escritor potiguar Diógenes da Cunha Lima<sup>153</sup> nos apresenta um Câmara Cascudo feliz<sup>154</sup>, um homem que irradiava sabedoria e felicidade. Para o autor,

<sup>148</sup> Câmara Cascudo escreveu alguns livros de cunho memorialístico. Um dos mais citados por Américo de Oliveira Costa foi: CASCUDO, Luís da Câmara. **O Tempo e Eu**: confidências e proposições. Natal, RN: Imprensa Universitária, 1968.

<sup>149</sup> COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 7.

<sup>150</sup> Ex-aluno de Câmara Cascudo, Diógenes da Cunha Lima também se apresenta como um de seus discípulos. Formado pela Faculdade de Direito, foi Secretário de Estado de Educação e Cultura, reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professor do curso de Direito da UFRN. Exerceu ainda as funções de Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Consultor Geral do Estado e Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

<sup>151</sup> Jornalista, filho de uma amiga pessoal de Câmara Cascudo, tendo sido amigo próximo dos filhos de Cascudo; razão pela qual teve acesso livre à casa da família Cascudo. Fez algumas entrevistas com o “mestre”, das quais se utilizou em seu livro. Ver mais em: OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil**. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

<sup>152</sup> Uma “potiguar”, mas que nasceu na Paraíba, e que dá nome à Biblioteca central da UFRN. Por ter sido do meio letrado potiguar se aproximou de Cascudo, devido aos muitos amigos em comum. Foi importante escritora, poetisa, tendo publicado cinco livros de poesias: *Rosa de pedra* (1953), *Salinas* (1958), *O arado* (1959), *Exercício da palavra* (1975) e *Corpo a corpo* (1978). Escreveu ainda estudos bibliográficos sobre Câmara Cascudo e João Cabral de Melo, que a incluiu entres os maiores poetas do país. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/zila/>>. Acesso em: 28 jan. 2009.

<sup>153</sup> O livro **Câmara Cascudo: um Brasileiro Feliz** foi lançado, originalmente, em 1978, tendo sido reeditado em 1993 e em 1998, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento de Cascudo.

<sup>154</sup> Diógenes justificou o seu interesse em escrever um livro sobre Cascudo e a escolha do título – **Câmara Cascudo**: um Brasileiro Feliz da seguinte forma: “Quando eu levei para Cascudo esse livro, ele disse: ‘O título não é bom porque está chamando os outros brasileiros de infelizes’. Eu brinquei, discuti com ele e disse que ia ficar assim mesmo, mas depois ele adotou. Feliz por quê? Porque ele fez tudo que desejava. Ele era filho único de pais ricos. Pôde estudar e dedicar-se ao estudo. O que ele queria, ele fez na vida. Teve uma família que ficava ao lado dele e que o adorava; teve amigos em todo canto do Brasil e do mundo; realizava o seu trabalho com amor, com dedicação e entusiasmo; procurou, na vida, entender o sentido do que é humano, do que é brasileiro e fez isso durante uma longa existência, com êxito, em todas as atividades e profissões a que ele se dedicou. Então, um homem absolutamente fantástico, bem humorado e, realmente, eu não conheci nenhum outro brasileiro mais feliz do que ele”. Comentário de Diógenes sobre o lançamento da terceira edição do livro. LIMA, Diógenes da Cunha. Natal na íntegra. **Arte e Cultura**. Disponível em: <<http://www.tafalado.com.br/natalnaintegra/cultura/diogenes.htm>>. Acesso em: 03 set. 2008.



isso era Câmara Cascudo. Um homem de bom humor, de simpatia, de extraordinárias virtudes humanas<sup>155</sup>. A biografia de Diógenes é um marco na construção da memória cascudiana, pois nela, encontramos bem evidente a preocupação de que Cascudo não fosse esquecido, ocupando, em razão disso, espaço privilegiado na bibliografia cascudiana.

Já a obra de Zila Mamede, publicada em 1970, se apresenta sob a forma de bio-bibliografia, reunindo todos os trabalhos produzidos por Cascudo até aquela década: os artigos de jornais, os discursos, as conferências e os livros. Constitui-se, em razão disso, em obra de referência para os estudiosos dos temas cascudianos. Com um propósito semelhante, o livro de Vânia Gico<sup>156</sup>, de 1996, ampliou este levantamento sobre a produção cascudiana e incluiu comentários analíticos sobre ela.

Não há como discordar de Neves em sua constatação sobre as múltiplas faces de Câmara Cascudo. Acreditamos que uma delas, no entanto, não foi ainda suficientemente explorada nas obras que enfocaram a sua vida e obra – e que apresentamos aqui muito brevemente –: a de historiador católico<sup>157</sup>. É sobre esta face que queremos nos deter com mais profundidade nessa Dissertação, apresentando Luís da Câmara Cascudo como um *homem de fé* e como um historiador, em cuja produção se reconhecem as marcas de seu catolicismo.

Esta face nos remete ao menino que foi considerado abençoado pelos pais – por ter sobrevivido às doenças que haviam provocado a morte de seus irmãos – que foi batizado com menos de um ano de idade por um padre, que é tido pelo povo potiguar como santo, que teve formação – familiar e escolar – marcada, inegavelmente, por um profundo catolicismo, e que, já adulto, teve uma longa e forte ligação com a hierarquia da Igreja Católica do Rio Grande Norte. Enfim, uma das faces do intelectual que, certa vez, chegaria a afirmar que, poderia perder sua cultura e sua inteligência, mas nunca perderia sua fé<sup>158</sup>.

Tido como o mais importante *homem de letras* de seu Estado, enquanto viveu, e reverenciado por isso até os dias atuais, Cascudo também era visto por seus amigos como um *homem de fé* extremada, como fica evidente nesta afirmação de Enélio Lima Petrovich<sup>159</sup> e que remete a aspecto que abordaremos com maior ênfase no último capítulo:

<sup>155</sup> LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo**: um brasileiro feliz. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998.

<sup>156</sup> Vânia Gico é professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRN e sócia efetiva do IHGRN. Sua tese aborda a produção cascudiana, a partir de 1968, como uma espécie de complemento à obra de Zila Mamede. GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo**: bibliografia comentada 1968/1995. Natal, RN: EDUFRN, 1996.

<sup>157</sup> Aprofundaremos esta questão em capítulo específico da Dissertação: O *Homem de Fé* e o Historiador Católico.

<sup>158</sup> Na missa de corpo presente, celebrada no dia 01 de agosto de 1986, Dom Nivaldo Monte, então arcebispo de Natal, ressaltou a fé e a religiosidade de Câmara Cascudo, destacando suas qualidades e semelhanças com o Criador. Cfe. EMOÇÃO na Missa. **Diário de Natal**, Natal, RN, p. 06, 01 ago. 1986. Vale observar que o jornal fez uma série de reportagens que cobriram a morte e o sepultamento de Câmara Cascudo.

<sup>159</sup> Atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, ex-aluno de Cascudo, grande amigo, admirador e autor de seu necrológio.

[...] Jamais uma palavra amarga fez brotar de seus lábios. De formação e vivência cristãs, Comendador da Ordem de São Gregório Magno (Santa Sé) e da Ordem Militar de Cristo, de Portugal, dignitário de todas as honrarias nacionais e de além fronteiras do país, levou, para o céu, entre suas mãos dadivosas, o terço que pertenceu ao padre João Maria, o Santo Potiguar que o batizou. [...] <sup>160</sup>.

Em uma homenagem prestada a Câmara Cascudo, em 1947, o Cônego José Adelino Dantas – Reitor do Seminário São Pedro <sup>161</sup>, à época –, também ressaltaria a importância que a religião exercia na vida e na obra de Câmara Cascudo:

Cascudo nunca enxergou qualquer incompatibilidade entre a verdade e a luz. Homem do Evangelho e Homem dos livros, Cascudo se integraliza num mesmo plano de valorização humana. Vive da fé servindo ao Intelecto e proclamando o Primado eterno do eterno do Espírito. Saúdo, pois, como amigo e Sacerdote, o querido conterrâneo, [...] mais admirado e mais acreditado ainda por todos aqueles que, como eu, não se cansam de fazer justiça aos seus reais méritos de *homem de letras* e de *homem de fé* <sup>162</sup>. (grifo nosso).

Referências a sua fé podem ser também detectadas em suas autobiografias e em muitos de seus escritos. No artigo “Um Provinciano Incurável”, ao lembrar-se da infância, Cascudo se refere aos meses do ano, vinculando-os às datas de comemorações religiosas da cidade do Natal:

[...] Criei-me olhando o Potengi, o Monte, os mangues da Aldeia Velha onde vivera, menino como eu, Felipe Camarão. Havia corujas de papel no céu da tarde e passarinhos nas árvores adultas, plantadas por Herculano Ramos. **Natal de noventa e seis lampeões [sic.] de querosene. Santos Reis da Limpa em janeiro. Santa Cruz da Bica em maio. Senhora d’Apresentação em Novembro** <sup>163</sup>. [...] Natal que se apavorou com o

<sup>160</sup> PETROVICH, Enélio Lima. Necrológio de Luís Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 162, 1985-1986.

<sup>161</sup> Seminário que é o responsável até os dias de hoje pela formação dos seminaristas, padres e diáconos, da Arquidiocese de Natal-RN.

<sup>162</sup> DANTAS, José Adelino. Luiz da Câmara Cascudo – Homem de Fé. In: LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. p. 12. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

<sup>163</sup> A passagem grifada refere datas importantes do calendário católico do Rio Grande do Norte, constituindo-se em marcos da religiosidade potiguar. O dia de Santos Reis – festejado em janeiro – celebra a festa dos três reis magos que fazem parte da história da fundação da cidade e é feriado municipal em Natal. A festa de Nossa Senhora da Apresentação também é celebração de referência em Natal, uma vez que a santa é a Padroeira da cidade. O dia a ela dedicado é 21 de novembro, declarado feriado municipal na Capital. É, no entanto, celebração que se reflete no Estado todo, pois todas as paróquias da Arquidiocese de Natal participam com homenagens e festejos para a Santa. No texto, Cascudo nos faz pensar que não só era conhecedor do calendário católico potiguar, como era devoto dos santos e quiçá um participante de tais comemorações.

holofote, enchendo as igrejas de bramidos e arrependimentos [...] <sup>164</sup>. (grifo nosso).

A passagem acima nos deixa ainda mais convencidos da importância que a religião católica e a devoção tiveram na vida de Câmara Cascudo, a ponto de, em diferentes momentos de sua vida, terem perpassado a sua escrita, sobretudo, daquela que podemos denominar de “escrita de si”:

[...] podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. [...] Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral, e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. [...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua’ verdade <sup>165</sup>.

Vivendo num período em que escrever sobre si era parte essencial do percurso de um *homem de letras*<sup>166</sup>, Câmara Cascudo também investiu na construção de uma auto-representação. O livro *O Tempo e Eu* é um desses exemplos. Trata-se de uma autobiografia escrita em 1968, quando contava com 70 anos. O texto se caracteriza por não apresentar uma narrativa baseada numa linearidade cronológica – esperada em uma biografia – e por investir em pequenos flashes de memória que registram “encontros sucessivos com pessoas e coisas, pensamentos e paisagens, idos e vividos”. Cascudo a denominou de “peregrinação ao redor de mim mesmo”, por apresentar passagens de sua vida enfocadas a partir de registros afetivos. Estes ganhariam destaque no livro, ocupando a primeira e mais extensa parte do referido trabalho, que pode ser entendida como a “construção de seu altar de convivência afetiva”, no qual são consagrados aqueles que, segundo o próprio Cascudo, despertavam – de diferentes formas – sua memória emocional, seus ‘santos do oratório doméstico’<sup>167</sup>. A ligação que Cascudo mantinha com a Igreja e com os seus membros era notória e assumia singular

<sup>164</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 05, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>165</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História** Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13-14.

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>167</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **O Tempo e Eu**: confidências e proposições. Natal, RN: Imprensa Universitária, 1968. Fichamento feito por Silvia Ilg Byington, p. 17 e p. 15. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

importância em sua vida. Em *O Tempo e Eu*, Cascudo evidenciaria sua formação religiosa, ao declarar: “nasci numa sexta-feira, **dia de São Sabino**<sup>168</sup>, 30 de dezembro de 1898, às 5,30 da tarde.” (grifo nosso).

É fundamental ter presente que o que já foi escrito ou dito sobre Cascudo, em grande medida, deriva do que ele deixou escrito sobre si e sobre o que queria que fosse lembrado, como fica evidenciado neste depoimento:

Compreendi minha vida e vivo a minha vida. Não vivi a vida dos outros. Estudei o que amei. Pesquisei e discuti sobre assuntos que queria escrever. O comum é aparecer uma novidade e o sujeito largar o que está fazendo e fazer a novidade... O segredo da vida está no entendimento. Se você não entende a vida, torna-se desajustado. É o professor querendo ser senador e o Senado se interpondo entre ele e a cátedra. Fui só professor na vida. Foi grande o número de convites para sair de Natal. Casei com a moça que queria e fui o quis ser, um professor<sup>169</sup>.

Apesar da insistência – e até veemência – com que afirmava ter sido “apenas” um professor, em alguns momentos, Cascudo chegou a reconhecer a importância de seu trabalho como historiador: “eu sou autor da História do Rio Grande do Norte, História da cidade do Natal, de Mossoró, Santana do Mattos, de Cerro Corá”<sup>170</sup>. Mas, segundo um de seus biógrafos, Américo de Oliveira, é a sua face “memorialista” que nos permite melhor avaliar esse processo de construção de uma determinada memória pelo próprio Cascudo: “Um pouco mais ou um pouco menos, mas por quase todos os seus livros, o memorialista Cascudo sempre se denuncia. Raro aquêle [sic.] volume em que não afloram um detalhe, um episódio, uma evocação, da infância, da mocidade, da idade madura, o Pai, a Mãe, a Espôsa [sic.], os

---

<sup>168</sup> São Sabino foi bispo da cidade de Piacenza na Itália no século IV e se distinguiu pelo seu saber, pelo zelo pastoral e pelas suas exímias virtudes. Realizou alguns milagres, e dentre eles, um foi destacado pelo Papa Gregório Magno, o de ter salvado a cidade de Piacenza da enchente do Rio Pó. Sabino sempre se manteve próximo dos fiéis e foi considerado por muitos deles como um pai caridoso, penitente, humilde, que andava pelas ruas com roupas simples e, às vezes, sem sapatos. Informações obtidas em: PARÓQUIA de Santo Afonso. Disponível em: <<http://www.paroquiadesantoafonsomariadeligorio.org.br>>. Acesso em: 24 ago. 2008. Cascudo tinha tão presente o calendário católico de homenagem aos santos que ao referir-se aos dias do calendário civil acabava por vinculá-los, daí a menção feita ao dia de São Sabino.

<sup>169</sup> Última entrevista concedida por Cascudo ao jornalista Osair Vasconcelos publicada no jornal Diário de Natal em 11 de junho de 1986 apud SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 6, 03 fev. 1999. DN-educação, p. 114. Projeto Ler.

<sup>170</sup> LYRA, Carlos. Cascudo as razões de minha preferência. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 58, 1998. Entrevista concedida ao autor em: 19/08/1976.

Filhos (completados agora, nesta sua verde velhice, pela graça e a glória dos netos), os Amigos, lugares por onde andou, cenas e ocorrências que viveu ou de que participou”<sup>171</sup>.

Mas, como bem lembrado por Walter Benjamin: “O importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”<sup>172</sup>. E é sobre uma das variáveis deste delicado e ininterrupto “trabalho de Penélope” que nos debruçaremos nos próximos subcapítulos.

## 2.4 O memorialista e os sustentáculos da memória cascudiana

O Câmara Cascudo que apresentamos nesse subcapítulo é aquele cuja memória não foi perpetuada apenas por estudiosos de sua terra, mas aquela que é evocada através de sua presença<sup>173</sup> nos mais variados recantos da capital. Ao percorrermos a cidade do Natal, pode-se constatar que a produção cascudiana tem sido usada para solidificar sua memória, numa tentativa de anular o tempo, fazendo com que o Cascudo historiador e *homem de fé* se “encontrem perpetuados nesse espaço do eterno”<sup>174</sup>.

O texto de apresentação do Memorial Câmara Cascudo – que pode ser acessado no site da Fundação José Augusto<sup>175</sup> – corrobora esta constatação. Dele depreende-se a existência de um culto à memória de Cascudo pelo Governo do Estado, decorridos já 22 anos de seu “*encantamento*”, com destaque para a importância desempenhada pelo Memorial Câmara Cascudo, o mais notório e emblemático dos *lugares de memória*<sup>176</sup>:

<sup>171</sup> COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 229.

<sup>172</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1, p. 37.

<sup>173</sup> Entendemos que a presença de Cascudo – na história de Natal e do Rio Grande do Norte – ultrapassa os limites de uma presença física, pois apesar de passados já 22 anos de seu falecimento, sua “presença” permanece viva e atual. Um exemplo disto é a obra **História da Cidade do Natal** que Luís da Câmara Cascudo escreveu e que é, ainda hoje, referida como a oficial e a mais importante para o Governo do Estado do Rio Grande do Norte e para algumas instituições como a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e o Instituto Histórico do Rio Grande do Norte. Ao fazermos uma pesquisa sobre a cultura do Rio Grande do Norte no site oficial da Fundação José Augusto, constatamos que o historiador de referência é Câmara Cascudo e a obra indicada é **Historia da Cidade do Natal**.

<sup>174</sup> SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo**: um homem chamado cidade. 2008. 56 f. Qualificação (Mestrado em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2008.

<sup>175</sup> A Fundação José Augusto desde 1963 é o órgão responsável pela política cultural do Governo do Estado, está presente na vida cultural e artística do Rio Grande do Norte.

<sup>176</sup> Entendemos os *lugares de memória* como os sustentáculos que garantem que a memória não seja esquecida, como os grandes responsáveis para que esta esteja sempre em movimento e sempre viva. Cf. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

Memorial Câmara Cascudo – Câmara Cascudo é figura célebre da pátria Potiguar. Maior historiador e folclorista do nosso Estado, seu memorial conta com um acervo de cerca de 10.000 livros, móveis, cartas e documentos que retratam e relembram sua trajetória. O local designado pelo Governo do Estado para abrigar o Memorial Câmara Cascudo é uma construção do século XVIII erguida para servir de sede ao Real Erário. Foi reconstruído em 1875 para servir à Tesouraria da Fazenda. Já serviu também para uso do Quartel General do Exército Nacional. O Memorial normalmente é sede do Encontro de Cultura Popular, que acontece durante as comemorações da Semana do Folclore, com montagem de palco em frente ao prédio para apresentações de grupos folclóricos. A biblioteca do Memorial é aberta aos pesquisadores, mas não faz empréstimo externo porque são livros, alguns muito raros, do acervo do escritor<sup>177</sup>.

Também o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte remete à importância de Câmara Cascudo como intelectual do Estado. Na mais antiga instituição cultural do Estado, o “mestre” Cascudo que “se encantou” é cultuado até os dias de hoje. Diante dessa constatação, somos levados a concordar com Regina Abreu, quando ela afirma “que as homenagens póstumas recriam a pessoa no templo da memória”<sup>178</sup>, nesse caso, esse templo seria o próprio IHGRN. O próprio Cascudo, referindo-se ao IHGRN, escreveu: “O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte não teve, em sua história, senão os elementos mais altos da dignidade cultural do mundo. Foi à Casa da Justiça. **Hoje é a Casa da Memória**”<sup>179</sup>. (grifo nosso).

Compreendemos que no campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados, fundamentalmente, a partir das construções póstumas. A confecção de máscaras mortuárias, os discursos – necrológicos – proferidos por ocasião do enterro e a produção de biografias são algumas das formas empregadas para manter viva a memória do indivíduo. Memória que, diga-se de passagem, é construída item por item<sup>180</sup>.

Em relação a sua máscara mortuária<sup>181</sup>, sabe-se que foi doada ao IHGRN em 1994, por seu autor, o Dr. Jório Marques de Souza<sup>182</sup>, o que revela o poder que detinha o IHGRN, à

<sup>177</sup> MEMORIAL Câmara Cascudo. Disponível em: <[http://www.fja.rn.gov.br/fja\\_site/navegacao/ver\\_memorial.asp?idmemorial=6](http://www.fja.rn.gov.br/fja_site/navegacao/ver_memorial.asp?idmemorial=6)>. Acesso em: 03 ago.2008.

<sup>178</sup> ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996. p. 67.

<sup>179</sup> Ver anexo A (Foto do texto que compõe a placa da entrada do IHGRN).

<sup>180</sup> Ibid., p. 67.

<sup>181</sup> Confeccionada em gesso, a partir do molde tirado do rosto do cadáver, a máscara mortuária constitui uma homenagem póstuma, cujo sentido consiste em reter o derradeiro momento do sujeito – limiar entre a vida e a morte, divisa entre dois tempos: o da vida na terra e o da eternidade. O sentido etimológico de *máscara mortuária* inclui a idéia de disfarce e da aparência enganadora. Apesar da fidelidade aos traços do indivíduo representado, trata-se de uma representação, a confecção de um artista, a partir da utilização do gesso. Uma vez morto o indivíduo, por determinação dos deuses, inicia-se o processo de sua recriação pelos homens. Ibid., p. 67-68.

<sup>182</sup> As informações sobre a doação da máscara podem ser encontradas no artigo MÁSCARA Mortuária de Cascudo é doada ao Instituto Histórico. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1994-95-96, Natal, RN, v. 87, p. 77-78, 2001. (Edição comemorativa do V Centenário do Rio Grande do Norte). Ver anexo A (foto da máscara mortuária com a legenda informativa).

época, já que não foi encaminhada ao Memorial Câmara Cascudo, local destinado a ser o principal *guardião da memória*<sup>183</sup> do intelectual potiguar.

Também no IHGRN, encontramos outro símbolo de culto à memória de Cascudo: uma escultura de sua mão direita feita em argila em 1951, doada ao Presidente do IHGRN, Enélio Lima Petrovich em 1991<sup>184</sup>. Espalhadas pelo Instituto, encontramos inúmeras fotos – das mais diversas – de Câmara Cascudo, acompanhadas de frases de sua autoria, que demarcam e guiam os caminhos de quem percorre o local. Os percursos de visitação parecem nos sugerir uma espécie de diálogo com Cascudo, já que dirigem nossa atenção não apenas para a contemplação de sua história, mas também para seus ensinamentos. No IHGRN encontramos, ainda, uma estante específica para reunir o conjunto de sua obra, o que não impede que em outras salas do Instituto sejam encontradas referências a Cascudo ou a livros de sua autoria.

O Memorial Câmara Cascudo localiza-se no centro histórico da cidade e é um dos locais de maior *poder simbólico*<sup>185</sup> em termos de história, além do IHGRN e do Palácio do Governo. Encontra-se em lugar privilegiado, numa das principais praças históricas da cidade, sendo, por isso, ponto obrigatório das excursões de turismo que percorrem as atrações históricas e culturais da cidade. É também local de visitação de grupos escolares e de investigações realizadas por universitários e por pesquisadores, pois sua biblioteca possui um importante acervo aos interessados na vida e na obra de Câmara Cascudo. De acordo com pesquisas recentes, como as realizadas pelo grupo de bolsistas coordenado pela professora Margarida Neves, o Memorial funciona como o local de maior veneração à memória de Cascudo na capital norte-rio-grandense, por se constituir em um espaço que:

[...] Todos os visitantes que são levados para percorrer o Forte dos Reis Magos, marco fundacional da cidade situado na embocadura do Potengi; o Centro de Turismo no antigo presídio da cidade, onde se abriga o principal mercado de artesanato; a linda Igreja do galo e antiga Catedral natalense, conhecem também a grande homenagem da cidade a seu filho mais ilustre e, levam como testemunho de que estiveram em um dos cartões postais da cidade, fotos em frente ao prédio do Memorial e junto ao Monumento em bronze. [...] **O Monumento erguido na praça em frente à entrada**

<sup>183</sup> Pensamos no Memorial como um dos mais significativos lugares de memória de Cascudo, um verdadeiro *Guardião de memória* que guarda/possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória. Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e afetividade do grupo ou do indivíduo. [...] Ser guardião da memória torna-se um projeto. Cfe. GOMES, Ângela de Castro. A guardião da memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

<sup>184</sup> Ver anexo A (foto da mão com legenda).

<sup>185</sup> No sentido de ser como um: “*poder mágico do criador que é o capital de autoridade associado a uma posição que não poderá agir se não for mobilizado por uma pessoa autorizada, ou melhor, ainda, se não for identificado uma pessoa e seu carisma, além de ser garantido por sua assinatura*”. Cfe. BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002. p. 154.

**principal do Memorial não deixa duvidas sobre o lugar e a estatura de Câmara Cascudo nessa cartografia simbólica. Fundido em bronze, forjado em tamanho natural, erguido por uma gigantesca mão, está entronizado em Praça Pública o grande herói da Literatura Potiguar.** [...] Como os grandes heróis homenageados nas praças das cidades, Natal homenageia o homem que inscreveu seu nome no cenário letrado do país e Internacional. [...] <sup>186</sup>. (grifo nosso).

Ao nos depararmos com o Memorial Câmara Cascudo, no centro de Natal, sentimos o quanto o *capital simbólico* acumulado por Cascudo foi construído de forma densa e estável, fazendo com que ele seja tomado como símbolo ímpar da “cultura letrada” do Estado, um verdadeiro modelo de *homem de letras*. Refletindo a importância dada a ele, o prédio – que é a sede do Memorial desde sua fundação até hoje – é apontado como um dos mais importantes da cidade em termos de valor patrimonial histórico, tendo sido doado pelo Governo do Estado para tal finalidade. A doação evidencia – com nitidez – a percepção que o poder estadual tinha de Câmara Cascudo e do Memorial, cuja função seria a de preservar a memória desse símbolo estadual. Esta sua condição de símbolo – de identificação com o Rio Grande do Norte – pode ser observada na afirmação feita por Mário de Andrade, quando de sua primeira viagem a Natal, em 1927: “E a entrada linda de Natal pelas doze horas. Manso o Potengi [sic]. Forte dos Reis Magos a bombordo. **Estamos enfim no Rio Grande do Norte, propriedade do meu amigo Luís da Câmara Cascudo [...]**” <sup>187</sup>. (grifo nosso).

O Memorial foi idealizado pela Fundação José Augusto – órgão responsável pela ação cultural do Governo do Estado – e inaugurado em 1987, se constituindo numa das homenagens de maior valor simbólico e cultural para o filho ilustre Câmara Cascudo <sup>188</sup>. Desde sua fundação, o Memorial é presidido por Daliana Cascudo, primeira neta de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>186</sup> Cf. FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado**: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>187</sup> Mário de Andrade passou por Natal em sete de agosto de 1927, ao retornar de uma viagem à região Norte do Brasil e à Bolívia, ocasião em que conheceu Cascudo pessoalmente. Anos depois, regressaria ao Rio Grande do Norte, permanecendo de 14 de dezembro de 1928 a 27 de janeiro de 1929. Apesar de se corresponderem desde 1924, Mário e Cascudo estreitaram os laços de amizade somente durante essa última visita de Mário a Natal. Acerca da passagem de Mário de Andrade por Natal, ver ANDRADE, Mario de. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 191 e 228-306 apud SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo**: um homem chamado cidade. 2008. 56 f. Qualificação (Mestrado em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2008.

<sup>188</sup> Essa homenagem prestada a Cascudo pela Fundação José Augusto – através Governo do Estado – tem um valor inestimável, a começar pelo prédio cedido para a instalação do Memorial. Sua construção data do século XVIII, tendo servido de sede ao Real Erário da Capitania; foi reconstruído em 1875, quando assumiu sua feição neoclássica e passou a servir à Tesouraria da Fazenda. Posteriormente, abrigou o Quartel General da 7ª Região Militar do Exército Nacional sediado em Natal. Essas informações sobre o prédio foram obtidas em FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado**: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.



O acervo que encontramos no Memorial Câmara Cascudo nos faz pensar que a idéia que Cascudo plantou durante toda sua vida, a de cultivar seus conhecimentos, sua obra e manter sua presença em constante evidência, se mantém com a ajuda de sua neta, Daliana. Sobre ela, Cascudo costumava falar com ternura e orgulho, alegrando-se ao contar alguns curiosos episódios, como aquele em que a neta o presenteou com uma “varinha de condão”, o que, segundo ele, o tornava o único avô do mundo a ter ganho algo assim de presente. Este episódio nos leva a pensar numa espécie de magia às avessas, pois a menina que o presenteou com a varinha é quem hoje – feito as fadas madrinhas que atendem aos desejos nos contos infantis – garante a preservação do local e da memória do avô<sup>189</sup>.

Acreditamos, sem dúvida, que o Memorial deva ser percebido como um monumento de culto ao seu patrono, como definido por Jacques Le Goff, uma vez que o monumento é um sinal do passado, uma marca, é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação<sup>190</sup>. Estas funções são plenamente desempenhadas pelo Memorial, pois nele sua vida está em permanente evidência, através de exposições, cujos temas têm relação direta com a vida e a obra de seu homenageado<sup>191</sup>.

Apesar de existirem muitos outros *lugares de memória*<sup>192</sup> dedicados a Câmara Cascudo, o Memorial tem sido o mais ativo dentre todos, e o mais identificado com o culto a sua memória. Enélio Petrovich, em artigo que homenageia Cascudo na Revista do IHGRN, por ocasião de sua morte, chegou a afirmar:

Em Natal, nos informa, pelo telefone, o jornalista e consócio Paulo Macedo, presidente da Fundação ‘José Augusto’, órgão do governo do Estado, que a Casa da Cultura será, agora, O Memorial Câmara Cascudo, encravado na chapada onde nasceu a cidade presépio, ao lado do nosso IHG/RN e da Catedral Metropolitana. Mais adiante, do Palácio Potengi. É um monumento,

<sup>189</sup> Este episódio nos leva a pensar na idéia de Michael Pollack acerca da intencionalidade na construção da memória. Ao caracterizar a relação entre memória e identidade, Pollack afirma que a memória “é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

<sup>190</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 535-553.

<sup>191</sup> Só no primeiro semestre de 2008, o Memorial sediou uma exposição e apoiou outra. A primeira, em abril, intitulada – Cascudo: o olhar do etnógrafo (apoiada pelo Memorial e sediada no Museu Câmara Cascudo) e a segunda, em julho – Câmara Cascudo, cada dia mais vivo: 30 de julho -“Encantamento”. (sediada no Memorial).

<sup>192</sup> Consideramos como tal a sua Biblioteca particular – Babilônia (hoje preservada no Memorial) –, o Memorial Câmara Cascudo, a Pedra do Rosário, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, a Faculdade Câmara Cascudo, a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, o Museu Câmara Cascudo e etc.

corpo inteiro do mestre de todos nós, que fazemos parte das instituições culturais do Estado norte-rio-grandense [...] <sup>193</sup>.

Há outros *lugares de memória*, dentre os muitos, que merecem ser destacados, como a Pedra do Rosário <sup>194</sup>, que guarda um traço forte do catolicismo de Cascudo, e a casa em que viveu – e produziu – Câmara Cascudo, localizada na atual Avenida Luís da Câmara Cascudo (antiga Avenida Junqueira Aires), e onde funcionará a sede do Instituto Câmara Cascudo <sup>195</sup>.

A Pedra do Rosário <sup>196</sup>, local de grande importância para a história de Natal, pode ser considerada um lugar de memória que atesta não apenas a forte religiosidade de Cascudo, mas também a reverência dos natalenses pelos espaços que frequentava. A placa de identificação da Pedra do Rosário traz gravada uma frase de Cascudo <sup>197</sup>, e demarca não apenas o prestígio do intelectual potiguar, mas sua devoção: “aqui deixo o grito de alerta, alerta de canguleiro, devoto <sup>198</sup> da Padroeira” <sup>199</sup>.

Em depoimento publicado pelo Jornal Diário de Natal, por ocasião do enterro de Câmara Cascudo, em 1º de agosto de 1986, o professor Ulisses de Góis – homem influente, que gozava de prestígio junto à Igreja do Rio Grande do Norte, e seu amigo particular –, lembrou que uma de suas principais lutas na juventude havia sido a de ter dado início a “um movimento para construir a Pedra do Rosário. Era muito católico e sempre esteve ligado àquele local” <sup>200</sup>. A avaliação feita por Ulisses de Góis vem confirmar a importância que o

<sup>193</sup> PETROVICH, Enélio Lima. Necrológio de Luís Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 180, 1985-1986.

<sup>194</sup> Trata-se do local onde enclhou um caixote contendo a imagem de Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira de Natal, no dia 21 de novembro de 1753. Localiza-se às margens do Rio Potengi, e bem próximo encontra-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. É o templo mais antigo da cidade. Apesar de não ter sofrido grandes alterações ao longo do tempo, as paredes internas do templo foram, há poucos anos, revestidas por uma barra de azulejos. O local em que a Pedra do Rosário se localiza, no entanto, sofreu grandes alterações.

<sup>195</sup> “INSTITUTO CÂMARA CASCUDO: instituição já criada (em outubro de 2007) e em fase de implantação. Lá funcionará uma instituição que faça jus ao seu patrono e lute pela preservação e divulgação de sua vida e obra. Nossa intenção é que acabando a restauração da casa, em dezembro de 2008, o Instituto seja inaugurado”. CASCUDO, Daliana. **Instituto Câmara Cascudo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 4 ago. 2008.

<sup>196</sup> Consta que da Pedra do Rosário se consegue visualizar o pôr-do-sol mais bonito da Capital à beira do Rio Potengi.

<sup>197</sup> Fomos informados, já ao final da escrita desse trabalho, que, muito provavelmente, devido às mudanças feitas no local em que se encontra a Pedra do Rosário – uma reforma que, segundo nos relataram, transformou radicalmente o local –, a placa de identificação, inaugurada em 1953 e que tinha como autor Câmara Cascudo, não se encontra mais no local. SALES NETO, Francisco Firmino. **Sobre a Pedra do Rosário** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 20 jan. 2009.

<sup>198</sup> Acreditamos que ao mencionar a “Padroeira”, Cascudo esteja se referindo à Padroeira da Arquidiocese de Natal, Nossa Senhora da Apresentação. A Pedra do Rosário, segundo a tradição, seria o local em que os pescadores teriam encontrado a imagem da santa trazida pelo Rio Potengi.

<sup>199</sup> Frase da placa de identificação da Pedra do Rosário apud. FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado**: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>200</sup> Fragmento retirado da reportagem: PERDA Lamentável. **Diário de Natal**, Natal, RN, p. 6, 01 ago. 1986.

catolicismo teve na vida e na formação de Cascudo, acompanhando-o de sua infância até sua morte. A forte ligação que Cascudo mantinha com a Pedra do Rosário <sup>201</sup> permite que a percebamos também como um lugar da memória cascudiana, mais um dentre os tantos que celebram uma memória que se irradia pelas ruas da cidade e reforçam sua condição de símbolo da cultura do Estado do Rio Grande do Norte.

Também Cascudo construiu para si um “espaço sagrado”, o casarão da Avenida Junqueira Aires, hoje Avenida Luís da Câmara Cascudo, que deixou de ser apenas a residência particular de família para se tornar o espaço em que recepcionava seus convidados ilustres, seus discípulos, alunos e curiosos pela história de Natal e do Rio Grande do Norte. Nos dias de hoje, ao adentrarmos o casarão, constatamos que as salas que serviram de cenário para as animadas conversas e para “criativa e intensa” produção de Cascudo, estão revestidas de assinaturas dos visitantes que por lá passaram, e que muitas vezes, deixaram depoimentos e saudações a Cascudo. Além disso, na entrada do casarão nos deparamos com placas encomendadas pelas principais instituições culturais do Estado, como o IHGRN e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras do Rio Grande do Norte, em sua homenagem, antes mesmo de sua morte em 1986 <sup>202</sup>.

O casarão <sup>203</sup> da atual Avenida Luís da Câmara Cascudo que, na segunda metade da década de 1940, passou a ser a residência fixa da família de Cascudo, ainda como conseqüência do momento difícil vivido no início da década de 1930, se transformaria, anos mais tarde, no cenário privilegiado de atuação do intelectual, do escritor, do folclorista e do historiador. Nesse mesmo espaço, porém bastante distante da *Babilônia*, Cascudo também desfrutaria de momentos de intenso e terno convívio familiar. Nele, os filhos seriam educados, os amigos seriam recebidos e os netos chegariam:

---

<sup>201</sup> Entendemos que a Pedra do Rosário possa ser percebida desta forma, por se constituir em local de culto de devotos da Padroeira da cidade do Natal – Nossa Senhora da Apresentação – de quem Cascudo era devoto declarado. Por localizar-se à margem de uma favela – Paço da Pátria – conhecida por ser violenta, a Pedra do Rosário não tem podido merecer a atenção de estudiosos e pesquisadores, devido à falta de segurança no local. A maior afluência à Pedra do Rosário se dá por ocasião da festa da Padroeira, quando os fiéis vão prestigiar a Santa durante a procissão e a missa que são realizadas no local. A vinculação mais explícita entre a Pedra do Rosário e Câmara Cascudo pode ser encontrada numa placa de bronze - inaugurada no local, a 21 de novembro de 1953, - e cuja inscrição “Aqui deixo o grito de alerta, alerta de canguleiro, devoto da Santa Padroeira” é seguida de sua assinatura.

<sup>202</sup> Ver anexo A (fotos das placas no casarão da Av. Luís da Câmara Cascudo).

<sup>203</sup> “O chalé que originalmente pertenceu aos pais de D. Dália, a amorosa mulher de Câmara Cascudo, data de 1900 e é um dos poucos remanescentes de um estilo considerado neoclássico na cidade. Na verdade, é uma construção de arquitetura um tanto híbrida, com seus beirais de madeira trabalhada, seu alpendre que segue a tradição colonial e seus janelões abertos para a rua. É uma bela casa, o que a destaca diante das outras construções locais” apud FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal**. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008. Ver anexo A (foto da Casa de Câmara Cascudo).

Uma pequena sala que dá acesso aos quartos da casa mudam e, ao invés de quadros de pintores nordestinos, retratos do importante círculo de amizade do escritor e das assinaturas da biblioteca, um outro ambiente começa a se desenhar, um espaço vedado ao público e destinado à privacidade da família começa a ser revelado. Nas paredes, o visitante vira apenas retratos do casal, de seus filhos e netos. Os quartos, pequenos em relação à sala ampla, ao vestíbulo e a biblioteca, revelam um ambiente simples no qual se desenrolava o dia a dia da família Cascudo<sup>204</sup>.

Numa das salas do casarão, o visitante encontra uma peça revestida de forte “simbologia afetiva e simbólica”. Em frente a uma das paredes repleta de fotografias de Cascudo foi colocada a cadeira que pertenceu a seu pai, o coronel rico que exerceu influência marcante na vida de Cascudo e que foi presença forte em suas recordações pessoais. Cascudo se referia a ela da seguinte maneira:

Junto a essa janela, a velha poltrona de meu pai, onde ele costumava sentar, feita ainda na antiga tração Força e Luz, pelos operários. Quando ele faleceu, em 1935, meu sogro passava longas temporadas em nossa casa, na praça sete de setembro, onde faleceu, numa casa que não existe mais. A poltrona passou a ser de meu sogro, e hoje, minha, onde faço a revisão nas idéias mais atrevidas, acomodando-as ao diário<sup>205</sup>.

Em contraste com este ambiente “simples” e “discreto” de convívio familiar, existia um outro – no interior do casarão –, que refletia o prestígio do intelectual. Em muitas das fotografias expostas nas paredes do Memorial, Cascudo aparece em meio aos seus livros, no seu “espaço sagrado” de trabalho, a *Babilônia*<sup>206</sup>, reforçando a imagem de intelectual. Nelas encontramos, também, placas em sua homenagem e assinaturas de ilustres visitantes como as do presidente Juscelino Kubitshek, de Gilberto Freyre, de Dorival Caymmi e de Mário de Andrade, entre tantos outros nomes. Algumas das fotos retratam, ainda, Cascudo recebendo as mais “ilustres” personalidades de sua época, revelando a naturalidade com que transitava pelo casarão e conciliava o universo íntimo familiar com o universo do *homem de letras*.

<sup>204</sup> FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado**: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008. Ver anexo A (foto da Casa de Câmara Cascudo).

<sup>205</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e sua Biblioteca. In: LYRA, Carlos. **Luís da Câmara Cascudo. Depoimentos**. Natal: EDUFERN, 1999. p. 59-65. Entrevista concedida a Carlos Lyra em 06/12/1974. apud FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado**: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>206</sup> Ver anexo A (foto dele com Sylvio na Babilônia).

Revelando ter consciência do valor material de sua *Babilônia*, Cascudo fazia questão de divulgar os livros, as obras de arte e as relíquias<sup>207</sup> que havia conseguido reunir, em suas entrevistas e em seus escritos memorialísticos: “e, neste cantinho, esta imagem de São José de Botas, datado de 1809. Olha só! **Tenho-o como uma peça rara, neste acervo, que nem sei mais se é acervo meu ou seu, ou do povo, ou do estado. Vamos dizer que me sinto dono e tomo conta**”<sup>208</sup>. (grifo nosso).

As fotografias tiradas durante suas viagens de estudo também ocupam lugar de destaque em seu gabinete de trabalho, como a que realizou à África, e cujas fotografias motivaram a exposição organizada pelo Memorial e pelo Museu Câmara Cascudo, em abril de 2008, intitulada *Cascudo: o olhar do etnógrafo*. A abundância de registros fotográficos – sobre suas viagens e sobre seu cotidiano – nos leva a supor que Cascudo gostasse de ser fotografado, chegando, inclusive, a determinar como deveria ser fotografado e o que podia ser exibido de sua intimidade<sup>209</sup>.

Existem, ainda, outras fotografias que retratam momentos da vida de Câmara Cascudo e que se encontram na Fundação José Augusto, integrando o acervo de Sylvio Pedroza<sup>210</sup>. Neste último acervo, localizamos muitas fotografias de Sylvio e de Cascudo juntos – revelando a forte amizade que existia entre eles –, bem como outras que registram momentos mais oficiais, como a da condecoração de Câmara Cascudo – por Sylvio Pedroza – com a Ordem do Mérito Militar, em 1954<sup>211</sup>. Esta amizade – materializada nas fotografias – transparece também nas cartas que trocaram entre si, e nas quais fica evidente que o intelectual assumiu a função de “assessor para todos os assuntos” do político potiguar, condição que parece ter sido útil quando Cascudo precisou obter alguns favores<sup>212</sup> – não necessariamente para si – de Pedroza<sup>213</sup>.

<sup>207</sup> Dentre as relíquias que integram o acervo, destaca-se uma imagem de São José de Botas, de 1809.

<sup>208</sup> LEMOS, Afrânio Pires. Na Cultura popular repousa a grandeza. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 1, n. 1, p. 10, 1996. Entrevista com Câmara Cascudo.

<sup>209</sup> O acervo fotográfico particular de Câmara Cascudo encontra-se no Memorial, sob os cuidados de sua neta Daliana Cascudo.

<sup>210</sup> Ex-prefeito da cidade do Natal (1946-1950) ex-governador do Estado do Rio Grande do Norte (1951-1955). Em 1948, como prefeito da capital, nomeou Câmara Cascudo historiador oficial da Cidade. Enquanto esteve à frente da administração da prefeitura de Natal e no Governo do Estado do Rio Grande do Norte mostrou grande apreço pela cultura e pela arte potiguar, incentivando e patrocinando artistas e intelectuais. Foi durante a sua administração que Cascudo teve seus livros *História da Cidade do Natal* e *História do Rio Grande do Norte*, publicados pelos órgãos oficiais. A nomeação de Cascudo como historiador oficial da cidade Natal será abordada no segundo capítulo dessa Dissertação.

<sup>211</sup> Ver anexo A (foto de Cascudo com Sylvio recebendo medalha).

<sup>212</sup> Ver anexo A (foto da carta de Cascudo a Sylvio em 1954).

<sup>213</sup> Aqui chamamos a atenção para mais uma das várias faces de Cascudo, aquela que as cartas nos revelam e que são apresentadas – de forma bastante panorâmica – neste primeiro capítulo.

Entre livros, obras de arte e fotografias, o Cascudo intelectual – acompanhado de amigos e seguidores que conheceu nos tempos de juventude e de professor – não deixava de se assemelhar, de certa forma, ao *Cascudinho* de infância solitária, rodeado de brinquedos e livros. A maturidade, apesar de não ter conseguido diminuir seu gosto por coleções, parece ter aprimorado em Cascudo o gosto pelo convívio com os amigos a quem reservava o privilégio de adentrar na *Babilônia*:

Entremos no tempo de recordar. Aqui está um velho álbum de fotografias. Quem está nele? Amigos que tenho por aí. Quero um bem enorme a essas pessoas, que se tornaram amigas, minhas, eu, um camarada que nunca quis sair daqui, ir morar na Corte. No máximo, dei meus passeios e ganhei quantidade de amigos que me enternece. Olhe aqui: Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswald, Pagu, Mennotti, Gilberto Freire, Agamenon, Monteiro Lobato. Djanira, José Mariano, Antônio Carlos, Ministro Renato Almeida, Ruben Braga, Nilo Pereira, Tarsila e Anita, Di e Pio Correia <sup>214</sup>.

Sobre a relação que mantinha com seus amigos – dos mais distantes lugares do Brasil e do mundo –, ele costumava dizer em entrevistas que tinha diferentes tipos de amigos, “quase sempre sinceros”, “amigos, amigos e mais amigos” <sup>215</sup>. Pessoas que conheceu em vários momentos de sua vida, no Estado ou em viagens de estudo pelo Brasil e pelo mundo, amigos que foram seus parceiros na boemia ou em vários de seus trabalhos, que seguiram seus ensinamentos ou que o ouviam com toda a admiração. Também eles foram, a seu modo, com seus depoimentos e obras, os produtores de uma memória cascudiana.

## 2.5 O “provinciano” e o “universal”

Para Afrânio Peixoto, Câmara Cascudo era “*um provinciano incurável*”, denominação que foi aceita pelo potiguar: “encontrara meu título justo, real e legítimo – *PROVINCIANO INCURÁVEL*” <sup>216</sup>. Cascudo fazia questão de ser chamado e conhecido como “o provinciano”, como “o filho do Rio Grande do Norte” que ganhou projeção sem sair de sua terra de origem

---

<sup>214</sup> LEMOS, Afrânio Pires. Na Cultura popular repousa a grandeza. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 1, n. 1, p. 13, 1996. Entrevista com Câmara Cascudo.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>216</sup> CASCU DO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 06, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

e, sobretudo, como o norte-rio-grandense mais fiel a sua terra. Apesar dos inúmeros convites para deixar o Rio Grande do Norte, para morar e trabalhar nos “grandes” centros do sul e sudeste na época, Cascudo resistiu, justificando:

Dois homens quiseram fixar-me fora de Natal: - Getúlio Vargas no Rio de Janeiro e Agamenon Magalhães no Recife. Jamais os esquecerei, porque nada pedira. Alguém deveria ficar estudando o material economicamente inútil. **Poder informar dos fatos distantes na hora sugestiva da necessidade. Fiquei com essa missão** <sup>217</sup>. (grifo nosso).

O trecho acima nos revela a importância que Cascudo conferiu a sua opção e, ainda, a função que atribuiu a si mesmo, a de um informante da distante província para o resto do mundo. Para alcançar este intento, Cascudo montou uma eficiente rede de comunicação, mantendo correspondência com os mais diversos endereços e intelectuais do mundo, razão pela qual recebeu da pesquisadora Vânia Gico a denominação – muito apropriada – de *um Hermes Universal no Nordeste do Brasil*<sup>218</sup>, numa alusão ao mensageiro da mitologia clássica. A sua condição de *Hermes*, isolado no Nordeste do Brasil – região que, na época, se encontrava marginalizada em relação às regiões Sudeste e Sul – fez com que Cascudo assumisse com muito mais determinação o desafio de informar.

Ele, no entanto, não se limitou a conhecer o mundo através das notícias que lhe chegavam através das correspondências. Financiado por amigos e órgãos públicos, realizou viagens de estudo à África e à Europa, onde fez observações sobre cultura popular, todas documentadas em fotos e relatórios, que resultaram em livros de reconhecimento nacional como o livro: *História da Alimentação no Brasil*<sup>219</sup>, que foi fruto de sua viagem à África.

As correspondências trocadas por Cascudo foram, sem dúvida, determinantes na construção da sua obra e para as suas relações pessoais e acadêmicas<sup>220</sup>. Foi, muitas vezes, através delas que o *homem de letras* pôde se fazer presente entre os demais “homens de

<sup>217</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 06, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>218</sup> GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 419-431.

<sup>219</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1983.

<sup>220</sup> Concordamos com a idéia de que “analisar a correspondência e não outro tipo de documento não é uma escolha qualquer. Apesar de ser um documento fragmentário, pois não resolve por si só problemas e questões e, muitas vezes, registra somente uma parte de um diálogo que se perdeu no tempo, tem a vantagem de revelar um discurso bastante subjetivo” apud LIMA, Patrícia Souza. Correspondência de intelectuais: O Arquivo Gustavo Capanema como lugar de sociabilidade. **Revista Primeiros Escritos**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 01, jun., 1999. LABHOI (Laboratório de História Oral e Imagem).

letras” de sua época. De acordo com Ângela de Castro Gomes: “o ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem escreve se expõe, dando uma “prova” de sinceridade. **Há necessidade e prazer na troca de cartas [...]**”<sup>221</sup>. (grifo nosso). Pensamos que as cartas trocadas por Cascudo se enquadram nas considerações feitas por Castro Gomes e muitas delas evidenciam a necessidade que ele sentia de comunicar-se e de ser lido, ouvido e de ter suas cartas respondidas.

Para além deste aspecto mais subjetivo que se impõe – de forma muito significativa – na troca de cartas entre amigos ou correspondentes nacionais e estrangeiros, acreditamos que uma análise das correspondências escritas por Câmara Cascudo deva considerar o pressuposto de Chartier de que “os usos do escrito, em todas as suas variações, são decisivos para se compreender como as comunidades ou os indivíduos constroem representações de seu mundo e investem de significações plurais, contrastadas, suas percepções e suas experiências”<sup>222</sup>. As “representações de mundo” contidas nas cartas de Cascudo podem nos auxiliar na compreensão da personalidade de seu autor e nos revelar aspectos ímpares de sua trajetória.

Segundo Vânia Gico, Câmara Cascudo tinha nas cartas que trocava um importante suporte para suas pesquisas, uma espécie de fontes de dados, “intercâmbio e registro cotidiano vivido, numa época em que o correio eletrônico ainda não se instalara na vida das pessoas, substituindo, muitas vezes, a fortuna das cartas dos estudiosos”<sup>223</sup>. A percepção da importância que as informações obtidas através das cartas tinham para o seu trabalho pode ser constatada neste depoimento publicado no jornal *A República*<sup>224</sup>, em julho de 1943:

Um dos nossos hábitos comodistas é não responder cartas ou retardar indefinidamente a satisfação desse dever. Há, naturalmente, cartas que só

<sup>221</sup> GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História** Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 20.

<sup>222</sup> CHARTIER, Roger. Avant-propos. In: \_\_\_\_\_. (Dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*. [S.I]: Fayard, 1991 apud GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 166.

<sup>223</sup> GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 419.

<sup>224</sup> Fundado a 1º de julho de 1889, foi o órgão da imprensa oficial do Estado do Rio Grande do Norte até 1933. Nele eram publicados os cadernos do Diário Oficial. Cascudo começou a escrever crônicas para este jornal logo após a falência do jornal de seu pai, *A Imprensa*. De acordo com o livro de Zila Mamede, a primeira referência a Cascudo no jornal *A REPÚBLICA* é o artigo: O MAIS ANTIGO MARCO COLONIAL DO BRASIL, de 06 de setembro de 1928, no qual escreve sobre o Marco de Touros, a partir de uma viagem de “investigação e pesquisa” que havia feito apud MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968**. Natal: Fundação José Augusto, 1970. v.1, pt. 1. Bibliografia Anotada.



merecem silêncio. Outras exigem o cumprimento imediato. São consultas, por exemplo, que esclarecerão dúvidas. São informações para quem está estudando um assunto. Raramente, muito raramente, registro uma falta de resposta. Houve, entretanto, anos passados, um episódio digno de registro. Estava escrevendo O MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO, que a “Brasileira” de S. Paulo publicou. Lá juntando documentos, adquirindo livros, forjando o ambiente, sem bibliotecas e arquivos. Numa manhã registrei quatro cartas. Uma para o Prefeito de Polícia de Paris, mr. Chiappe. Outra para o Príncipe Max de Saxe, professor na Universidade de Basileia. Outra para o prof. Fezas Vidal, Reitor da Universidade de Coimbra. A última, para o Rio de Janeiro, era a mais próxima e mais fácil. Tratava-se de um exemplar de uma publicação oficial, comprada, dada ou emprestada. O destinatário, grande político, com uma tradição de polidez e de inteligência, compreenderia tudo. Recebi respostas da Suíça, da França e de Portugal. Recebi quanto pedira, relatório, notas, cópias autenticadas, com frases amáveis e cativantes. Do meu patrício brasileiro, o político amabilíssimo, nunca chegou as mãos um linha sequer [sic]. Não espero mais porque ele morreu. Está perdoado e creio que Deus fez o mesmo para com su’alma...<sup>225</sup>.

Ao assinar suas cartas como *Luís Natal*<sup>226</sup>, Cascudo parece reafirmar não apenas sua condição de “provinciano”, mas também sua forte ligação com a cidade. Uma cidade que fazia parte do seu nome. O apego consciente ao provincianismo, contudo, não impediu que as correspondências promovessem a sua universalização, na medida em que punham Cascudo em contato com o que ocorria no Brasil e no Mundo.

As inúmeras cartas escritas por Câmara Cascudo atestam seu gosto por essa prática – a de escrevente<sup>227</sup> –, que consistia num elo que o aproximava dos demais intelectuais e personalidades políticas nacionais. Dentre os nomes de seus destinatários mais renomados, encontramos: Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Nilo Pereira, Cassiano Ricardo e Artur Coelho, entre tantos outros. Vale ressaltar que essas pessoas não apenas recebiam cartas de Cascudo, como também lhe enviavam cartas. Deve-se, no entanto, fazer uma distinção entre as cartas que escrevia:

<sup>225</sup> Jornal *A República* apud GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia** Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 423.

<sup>226</sup> Ver anexo A (carta a João Lyra quando assinou Luís Natal, no livro *Jasmins do Sobradinho*).

<sup>227</sup> “O termo escrevente é de Roland Barthes e foi criado para diferenciar do termo escritor (a). O (a) escrevente seria aquele (a) que usa a palavra para se comunicar, testemunhar, explicar sem a preocupação com a língua. Marina Maluf, *Ruídos da Memória*, se utiliza deste termo para pensar suas personagens. BARTHES, Roland. *Escritores e escreventes*. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 31-39 apud PAULA, Débora Clasen de. **Da mãe e amiga Amélia**: cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX). 261 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - RS. 2008.

Entre tantas alternativas que elegia como fonte de pesquisa, uma das mais importantes foi a sua correspondência. Nominava as cartas<sup>228</sup> em que solicitava informações de pesquisa aos amigos, colegas pesquisadores e instituições de “inquéritos diretos”, “cartas perguntadeiras” e **correspondência precatória**, como por fim consagrou chamá-las. Enquanto suas agendas (cadernetas de notas) guardavam anotações pessoais, as cartas eram textos sempre destinados aos outros. Mesmo sendo uma característica comum das cartas, para Cascudo constituíam, uma maneira de mostrar-se a si próprio, como fez em tantas outras passagens da sua obra. A escrita de si mesmo, chegou inclusive, a particularizar suas memórias nos livros: *O tempo e eu, Ontem, Na ronda do tempo e Manual do doente aprendiz. Desse modo, sua correspondência precatória tanto fala do seu cotidiano particular e da família, quanto da produção da sua obra*<sup>229</sup>. (grifo da autora).

Nesse sentido, concordamos com a idéia de Ângela de Castro Gomes quanto ao convívio entre intelectuais que as cartas favoreciam:

O convívio entre intelectuais, como a leitura, é fundamental para o desenvolvimento de idéias e sensibilidades. Para escrever, pintar, compor etc., o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo. Por isso afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita<sup>230</sup>.

Apesar de ter sido reconhecido como o *provinciano incurável*, as cartas nos permitem dimensionar uma outra face de Cascudo, na medida em que nos revelam a “[...] importância da troca de correspondência, pois ela pode abarcar tanto os intelectuais reconhecidos como sociáveis, quanto aqueles cuja preferência é a vida mais reclusa dos gabinetes de estudo e

<sup>228</sup> “As cartas consultadas nesta pesquisa são as publicadas ou acessadas por amigos pesquisadores. O grande acervo epistolar está restrito à família Cascudo em Natal/RN, não se encontrando acessível ao público”. GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 422.

<sup>229</sup> GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 422.

<sup>230</sup> GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 51.

pesquisa. As cartas são, pois, uma prática de escrita que integra a produção de textos de muitos intelectuais [...]”<sup>231</sup>.

Em algumas de suas correspondências, Cascudo revela a capacidade que tinha para “negociar” propostas de trabalhos e de propor projetos, como se constata numa carta do final da década de 1930, mais precisamente do ano de 1937, dirigida ao então Ministro da Educação no período, Gustavo Capanema. Nela, Cascudo sugere ao Ministro o lançamento de uma coleção intitulada *História do Brasil*, na qual cada Estado brasileiro teria narrada a sua história. O que nos leva a crer que Cascudo já projetava seu papel de historiador do Rio Grande do Norte no final de 1930<sup>232</sup>.

Entusiasmado com o desafio a que se propôs – o de construir uma história do Rio Grande do Norte –, Cascudo realizou inúmeras viagens aos sertões de seu Estado, se proclamando um “desbravador”, um “documentador”, um descobridor, recuperador e registrador da *cultura popular*<sup>233</sup>. Esta fidelidade à terra de origem foi enaltecida por seus biógrafos e ressaltada como traço significativo da personalidade de Cascudo:

Esta fidelidade de homem e do escritor ao seu burgo originário constitui, aliás, uma das coordenadas para o julgamento de sua personalidade. Através das oscilações da fortuna, não cedeu às possíveis injunções. Esta é a sua Pasárgada, onde é amigo do Rei, mas também de vaqueiros, pescadores, cantadores, macumbeiros, pretas velhas, seresteiros, contadores de estórias antigas, gente humilde da praia, do brejo ou do sertão. Esta é a sua barresiana verdade, pois sua obra tanto se fundamenta na sabedoria dos livros como na sabedoria do povo<sup>234</sup>.

Estudos mais recentes têm destacado esta característica da vida e da obra de Câmara Cascudo, como o de Durval Muniz:

---

<sup>231</sup> GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 51.

<sup>232</sup> Ver anexo A (foto da carta de Cascudo a Capanema).

<sup>233</sup> O termo *cultura popular* era definido e empregado por Cascudo, a partir da concepção de que: “cultura popular é a que vivemos. É a cultura tradicional e milenar que nós aprendemos na convivência doméstica. A outra é a que estudamos nas escolas, na universidade e nas culturas convencionais pragmáticas da vida. Cultura popular é aquela que até certo ponto nós nascemos sabendo. Qualquer um de nós é um mestre que sabe contos, mitos, lendas, versos, superstições, que sabe fazer caretas, aperta mão, bate palmas e tudo quanto caracteriza a cultura anônima e coletiva” apud ANGELO, Assis. O Velho que sabe tudo. Entrevista com Luís da Câmara Cascudo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 jan. 1979. Folhetim. Disponível em: <<http://www.modernos.descobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>234</sup> COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 15.

Tendo estudado em Recife, entre 1924 e 1928, pôde acompanhar de perto o Congresso Regionalista de 1926 e pôde se tornar membro e representante do Rio Grande do Norte do Centro Regionalista do Recife [...] Cascudo é mais um intelectual deste período, que nunca sai da sua vida provinciana. A exemplo de Gilberto Freyre, a obra de Cascudo é condicionada e limitada pela realidade e pelas relações que mantém numa sociedade provinciana<sup>235</sup>.

O Cascudo viajante – das viagens de estudo pelo interior do Nordeste e pela Europa –, o intelectual potiguar interessado no universal, que tinha data marcada para voltar à *província*, que o reverenciava a cada volta de viagem. Num dos documentos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras que analisamos, encontramos referências a uma solenidade preparada pelos amigos e confrades do IHGRN e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras após retorno de uma viagem a Montevidéu. Cascudo foi recebido com grande estilo e solenidade e das várias homenagens a ele prestadas resultou uma publicação para “aclamar” o filho “ilustre”<sup>236</sup>.

Tanto as viagens de estudo que realizou, quanto as correspondências que trocou com outros intelectuais e com personalidades do mundo da política favoreceram a constituição de um certo *capital simbólico cascudiano*. Foi através delas que o “modesto funcionário público” não apenas cultivou e alargou relações que garantiram seu prestígio e o sustento de sua família, como rompeu como os limites do provincianismo. As inúmeras cartas – enviadas e recebidas – e as fotografias espalhadas pelo Memorial, mais do que atestar os laços afetivos que construiu ao longo dos anos, revelam a clara consciência que Cascudo tinha do papel político que um intelectual exercia.

Sobre a missão a Montevidéu, Cascudo chegou a declarar: “em 1946 fiz parte de uma comissão enviada pelo Ministério das Relações Exteriores ao Uruguai. Éramos três: Aloísio de Castro, Angione Costa e eu, único sobrevivente”<sup>237</sup>. Segundo uma de suas biografias, foi “em reconhecimento à sua cultura, [que] Câmara Cascudo foi convidado pelo Ministro das Relações Exteriores, Embaixador João Neves da Fontoura, para integrar uma Missão Cultural Brasileira que visitou Montevidéu, capital do Uruguai, na primeira quinzena de outubro de 1946”<sup>238</sup>.

<sup>235</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o tempo”**: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Não paginado. Projeto de pesquisa CNPq.

<sup>236</sup> Evento que resultou na publicação de: LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

<sup>237</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 06, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>238</sup> SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 3 13 jan. 1999. DN-educação, p. 47. Projeto Ler.

As descobertas que fez e os contatos que manteve durante suas viagens ao exterior foram lembrados por Cascudo em vários de seus trabalhos, o que denota a importância que a eles atribuiu. Afinal, “Textos de história são lidos e recebidos como portadores de realidade. Deles se espera, grosso modo, “a verdade do acontecido”. Narrativas de memória, por seu lado, correspondem a testemunhos: eu estive lá, eu vi”. São portadores de uma autoridade da fala, bem se sabe, e mesmo se arvoram ao privilégio de ter a tutela do passado”<sup>239</sup>. Um de seus biógrafos, Américo de Oliveira, ressaltou a contribuição inegável destes estudos para a produção cascudiana:

Suas viagens ao exterior, sobretudo a África e Portugal, sempre tiveram objetivos definidos e temporários: ver, observar, anotar, coligir material. A elaboração vem produzir-se, porém, aqui, na sua colméia provinciana, matriz de sua obra generosa e fecunda. E nada lhe faltou, aqui, para erguê-la, com a segurança da sua importância e da sua perenidade<sup>240</sup>.

Margarida Neves, por sua vez, ao justificar a viagem de Cascudo ao continente africano, destaca que uma,

reiterada busca o conduz a viajar fisicamente à África à procura das águas que partem desse continente e desembocam no vasto estuário da cultura brasileira, assim como o leva a outras viagens, simbólicas desta feita, pela literatura clássica e pelas tradições de todas as paragens, para nelas achar a fonte comum do particular amálgama que, para ele, é o Brasil [...] <sup>241</sup>.

Sobre essa viagem à África – considerada um dos acontecimentos mais marcantes da década de sessenta na sua trajetória de intelectual – Cascudo chegou a declarar:

Essa viagem se impunha e explica pela necessidade de conhecer a contemporaneidade da alimentação negra nas áreas da antiga exportação de escravos para o Brasil. A zona sudanesa está suficientemente analisada, mas

---

<sup>239</sup> PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>240</sup> COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 15.

<sup>241</sup> NEVES, Margarida de Souza. Para descobrir “a alma do Brasil”: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia**. Rio de Janeiro: Ed. UniverCidade, 2003. p. 386.

a banto, a maior, ficara para mim confusa e de rara notícia positiva. Na África, ocorre o mesmo caso brasileiro. Grande bibliografia sobre nutrição e pouco registro sistemático no plano histórico. O debate revolve índices de vitaminas e rendimentos em calorias. Citam os alimentos ao correr da discussão sobre os valores dietéticos, sugestões de reformas e as surpresas do metabolismo negro. Não há uma geografia da culinária africana. Esse foi o motivo da minha viagem. Os resultados obtidos são de extraordinária importância para o meu trabalho<sup>242</sup>.

Já referimos a satisfação que Câmara Cascudo sentia em ser um *homem de letras* singular, que se dedicava a temas sobre os quais ninguém manifestava interesse. Dentre os de sua preferência, se encontravam “as histórias contadas pelas amas e pelos espetáculos populares: a feira, o mercado, as procissões”<sup>243</sup>. Numa das entrevistas que concedeu, reiterou que seus trabalhos decorriam em grande medida do cotidiano, do popular. Isto parece nos apontar para a necessidade que Câmara Cascudo sentia em se “construir” como diferente e único no que fazia, o que nos faz corroborar a idéia defendida por Marcos Silva, que, ao apresentar a obra de Câmara Cascudo, a define como um “oceano de significados”:

Comentar Câmara Cascudo é explorar um **oceano de significados** e o ato de nele mergulhar se processa a partir do próprio universo em que se penetra. O olhar sobre o oceano que parte de um estar em sua profundidade, todavia, não abole a tarefa crítica, antes a identifica como trajeto que jamais dispensará faces auto-reflexivas, uma vez que argumentos de seu alvo também foram, de alguma forma, alicerces do discurso que pretende percorrê-lo<sup>244</sup>.

Esta percepção do historiador Marcos Silva, um dos estudiosos da temática cascudiana, também destaca a sua condição de “intelectual provinciano”, que se dedica ao estudo dos temas populares, sem abandonar os grandes fatos da história do Rio Grande do Norte. A obra cascudiana nos surpreende pela diversidade temática e pela monumentalidade, uma vez que seus trabalhos envolvem costumes e tradições populares, fatos históricos e a vida de personalidades ilustres da História do Brasil e do Mundo. De acordo com Américo de Oliveira, Cascudo teria tido entre suas preferências “a terra comum, os seus homens e fastos,

<sup>242</sup> Entrevista concedida à Revista O Cruzeiro, de 03 de agosto de 1963 apud SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 5, 27 jan. 1999. DN-educação, p. 85-86. Projeto Ler

<sup>243</sup> DEPOIMENTO de Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>244</sup> SILVA, Marcos A. da. Câmara Cascudo e a Erudição Popular. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 317-334, nov. 1998. Trabalhos da memória.

os seus atos e legendas, episódios literários ou artísticos”<sup>245</sup>. Durval Muniz, por sua vez, questiona esta afirmação e propõe a ampliação destas preferências, a partir de uma incursão na sua vida pessoal, nos títulos que compõem a sua biblioteca, nos roteiros dos lugares que visitou e nos contatos que estabeleceu e que foram “determinantes” para sua obra:

A doença e a morte, eis os dois temas constantes na vida e na obra de Câmara Cascudo. Estas duas ameaças supremas e constantes para os corpos, para seu corpo, vão estar presentes em todos os seus escritos, inclusive em suas autobiografias de doente aprendiz<sup>246</sup>. Sua obra pode ser entendida como uma luta constante contra morte, contra o tempo, contra a história, que produzem a ruína dos corpos e das coisas, que produzem o esquecimento, outra forma de morrer e a grande doença do mundo moderno, mundo infectado pelo vírus da novidade e da juventude, pela falta de memória e desprezo pela tradição<sup>247</sup>.

Os temas sobre os quais se debruçava eram, sem dúvida, uma decorrência das suas vivências pessoais e dos autores com os quais entrava em contato, através de leitura ou correspondência, reforçando o quanto “é impressionante a versatilidade com que Câmara Cascudo aborda os temas de sua produção, toda ela testemunhando uma vivência quase excepcional de sua terra e de sua gente”<sup>248</sup>. Deve-se, contudo, reconhecer que sua produção se caracteriza por um inegável ecletismo, que resultava da enorme capacidade que Cascudo tinha de – à semelhança de um camaleão – ajustar-se às situações e de conciliar posições, como constatado por Durval Muniz:

Embora o tema central de seus escritos fosse a cultura, nunca deixaram de estar presentes, em suas reflexões, enunciados retirados das teorias raciais e eugenistas, com as quais tomou contato ainda muito jovem. Mesmo sendo um crítico acerbo do evolucionismo e do cientificismo do dezenove, tanto por suas convicções no campo da etnografia, como por sua fé católica, não deixa de dar importância à raça, às características somáticas, étnicas ou

<sup>245</sup> COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 24.

<sup>246</sup> Ver CASCUDO, Luís da Câmara. **Pequeno Manual do Doente Aprendiz**. Natal, RN: Imprensa Universitária, 1969.

<sup>247</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Ágeis, irrequietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2008.

<sup>248</sup> MATOS, Odilon Nogueira de. Luís da Câmara Cascudo, historiador e folclorista no seu centenário. **Revista Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, SP, ano, 31, n. 172, p. 3-10, jan./mar. 1999.

biológicas na análise, tanto do processo histórico de formação do povo nordestino, quanto no processo de formação da cultura regional<sup>249</sup>.

Os muitos biógrafos de Câmara Cascudo, como pudemos constatar, têm ajudado a consolidar esta imagem do intelectual, cuja trajetória foi ímpar, versátil, e até excêntrica no mundo letrado nacional, reforçando sua condição de *autor-monumento*<sup>250</sup>.

Ao longo deste capítulo, muitas das faces de Cascudo foram apresentadas ao leitor: a do menino solitário, a do jovem dado à boemia, a do professor, a do intelectual que fundou a Academia de Letras do Rio Grande do Norte<sup>251</sup> e foi o “eterno noivo” da Academia Brasileira de Letras<sup>252</sup>, e a do político conservador. O Cascudo que dizia se realizar nas visitas que fazia às feiras populares – através das quais tinha acesso aos costumes da gente potiguar – e nas *aulas de cultura popular* que dava sentado numa mesa de bar, foi também o historiador oficial da cidade do Natal, a capital de seu Estado.

É sobre o Cascudo historiador – que foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), sócio efetivo e benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e sócio-correspondente de todos os Institutos Históricos do Brasil – que nos ocuparemos a seguir. No capítulo seguinte faremos uma análise de alguns de seus principais livros históricos sobre o Rio Grande do Norte e sobre Natal. Também abordaremos

<sup>249</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Ágeis, irrequietos e buliçosos**: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2008.

<sup>250</sup> Nos inspiramos no trabalho de Rebeca Gontijo sobre as biografias escritas sobre Capistrano de Abreu. Ver GONTIJO, Rebeca. O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia. **Revista Anos 90 – Dossiê História e Memória**, Porto Alegre, RS, v. 14, n. 26, dez. 2007.

<sup>251</sup> Câmara Cascudo foi o principal responsável pela fundação, em 1936, da ANL-RN, instituição que o elevou, posteriormente, à condição de imortal norte-rio-grandense. Em uma *Acta diurna* que escreveu em 1949, Cascudo ressaltou que: “[...] Em nossa casa, ou melhor na sala e alpendre, fizemos as primeiras sessões preparatórias, acertando dois pontos essenciais e definitivos. Primeiro: - eu jamais seria presidente da Academia... Segundo: - aceitaria a secretaria Geral na primeira diretoria. Pedi a Waldemar de Almeida a hospedagem no Instituto de Música, rua Vigário Bartolomeu, 630. Aí fizemos a primeira eleição, 14 de novembro de 1936 e que se considerou a fundação. [...] Finalmente, na noite dum sábado, 15 de maio de 1937, no Instituto de Música, declarou-se a Academia instalada regularmente e fiz as comunicações, desafogado da missão. E historiei a vida da entidade. Um ofício primeiro dirigi ao Governador Rafael Fernandes. Acusou o recebimento o chefe do seu gabinete, Paulo Pinheiro Viveiros, hoje presidente da Academia. Esse foi o começo. Hoje é o aniversário do primeiro passo. Como se diz no ATO DOS APOSTOLOS, não posso calar-me, NON POSSUMUS NON LOQUI...”. Ver mais em: CASCUDO, Luís da Câmara. Há treze anos... **A República**, Natal, RN, p. 08, 09 ago. 1949.

<sup>252</sup> O fato de Cascudo ser tido como o *eterno noivo* da Academia Brasileira de Letras se deve à recusa em se candidatar a ser um dos imortais brasileiros. Dizia ele preferir ser imortal apenas do Rio Grande do Norte e manter uma relação de noivado eterno com a Academia Brasileira. Em visita ao local, teria afirmado que: “[...] sabe V. Excia., que eu nesta casa e numa distância de 2.500 quilômetros, vivo aquela figura ideal portuguesa “lá a sempre noiva”, eu sou o sempre noivo da Academia. A Academia não envelhece, não muda, sua morfologia airosa e simpática. Eu a acompanho com amor em potencial, orgulhoso dela, sem recalque, com amor, e com elevação” apud HOLANDA, Aurélio B. de. Visita do escritor Câmara Cascudo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Anais de 1967, Rio de Janeiro, v.117, p.124, jan./jun, 1967.



a vinculação que Cascudo manteve com temas ligados à cidade do Natal e ao Rio Grande do Norte, buscando mostrar como o provincianismo do qual ele dizia ser fruto foi fundamental em suas produções e o transformou no exímio contador de histórias da historiografia do Estado potiguar.

### 3 CÂMARA CASCU DO – UM HISTORIADOR

“Casquinho”<sup>253</sup>.

A você, historiador, deve ser mais ou menos incompreensível que eu não seja guardador de datas”<sup>253</sup>.

Este pequeno trecho extraído de uma carta enviada por Mário de Andrade a Câmara Cascudo<sup>254</sup> permite inferir que Cascudo já era tido como historiador desde a década de 1930. Bastante reveladora – e passível de explicação – é a associação que o literato estabelece entre ser historiador e ser guardador de datas. Através dela, Mário de Andrade parece sugerir qual a percepção que Cascudo tinha de história, “com um determinado tipo de história [...] aquela preocupada, sobretudo com o tempo cronológico e as datações – um traço marcante de sua identidade”<sup>255</sup>.

Antes mesmo de fazer parte do grupo de confrades do IHGRN, Câmara Cascudo se identificava com as propostas dessa Instituição, o que pode explicar sua projeção no meio letrado norte-rio-grandense<sup>256</sup> e a plena aceitação da sua produção como historiador.

Curiosamente, uma das faces menos exploradas do intelectual potiguar é, justamente, a de historiador. Como já apontado, com muita propriedade, por Raimundo Arrais<sup>257</sup>, apresentá-lo como historiador, implica escrever sobre um Câmara Cascudo:

<sup>253</sup> ANDRADE, Mário de. Carta de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: 22/05/1933. In: MELLO, Veríssimo de. (Introdução e notas). **Cartas de Mario de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1991. p. 128.

<sup>254</sup> Para Silvia Byington, as cartas trocadas entre esses homens de letras, além de informarem sobre seus projetos pessoais – projetos iniciados, abandonados ou retomados – revelam, sobretudo, o quão intenso e produtivo foi o diálogo que se estabeleceu entre eles, já que “Muitas dessas idéias, cultivadas a quatro mãos, florescem, posteriormente, nas páginas das obras consagradas de cada um, sendo incorporadas ao seu fazer artístico e intelectual”. BYINGTON, Silvia Ilg. *Prezados modernistas: a correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de M.(Org.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005. p. 493.

<sup>255</sup> NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008. Cabe lembrar que durante boa parte da primeira metade do século XX, predominou uma História orientada pelos pressupostos do Positivismo, e que Cascudo foi por eles significativamente influenciado.

<sup>256</sup> Esta projeção individual, se identificando e assumindo as funções do Instituto, nos faz concordar com a idéia explorada por Francisco Neto, de que Câmara Cascudo pode ser percebido “como um Instituto Histórico à parte, à medida que ele produziu uma história do Rio Grande do Norte que o próprio Instituto não havia conseguido realizar”. Mesmo “individualmente, mas [...] contando com o apoio dos jornais locais A Imprensa, A República e Diário de Natal na divulgação dos seus escritos, Cascudo selecionou e pinçou dos arquivos, antigos moradores da cidade, além de fatos que considerava mais importantes no processo histórico norte-rio-grandense. Ao longo de toda sua vida, Câmara Cascudo publicou inúmeros artigos em jornais locais, nacionais e até internacionais. Dentre os jornais locais destaco esses três, nos quais Cascudo possuiu colunas fixas: A Imprensa (coluna Bric-a-brac), A República (coluna Acta diurna) e Diário de Natal (também coluna Acta diurna)”. SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: um homem chamado cidade**. 2008. 56 f. Qualificação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2008.

<sup>257</sup> Raimundo Arrais é professor do Departamento de História da UFRN e escreveu alguns trabalhos sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo, tais como, o livro: **Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20**. Natal, RN: Editora da UFRN, 2005. v. 1, 158 p.; e alguns artigos, como: Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Contínente Documento**, Recife Pernambuco, p. 06-21, 31 jul. 2006; além de palestras e cursos, como: **Cidade do Natal na Obra de Câmara Cascudo (1920-1960)**. 2006 - palestra; **Câmara Cascudo, Historiador da cidade de Natal (1920-1950)**. 2007. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

[...] menos invocado, menos conhecido fora e mesmo dentro do meio acadêmico. Aparentemente um Cascudo menor, o Cascudo historiador da cidade de Natal, título que se sustenta no exercício de uma atividade a que ele se dedicou durante décadas [...] Um Cascudo que reivindicou a cidade como sua própria fonte de aprendizagem e como sua grande leitora: origem e destinação de sua atividade intelectual <sup>258</sup>.

Ao longo de seus mais de 80 anos, Cascudo produziu cerca de cento e cinquenta livros, sobre os mais variados temas. Dentre os que podemos denominar de históricos, destacamos dois livros: a *História da Cidade do Natal* (1947) e a *História do Rio Grande do Norte* (1955), por sua relevância para esta Dissertação. Cascudo também escreveu artigos – alguns dos quais se mantêm inéditos<sup>259</sup> – e outros que foram publicados nas revistas dos Institutos Históricos dos quais fazia parte como membro efetivo ou correspondente, além de plaquetes, artigos de jornal, palestras e conferências de cunho histórico, que serão considerados na análise que pretendemos fazer.

Segundo um de seus mais importantes biógrafos, Américo de Oliveira Costa, pode-se dizer que Câmara Cascudo foi historiador desde a década de 1920, produzindo escritos históricos até a década de 1960:

[...] ai estão, entre ensaios, biografias e tratados, ‘Lopez do Paraguai’(1927); ‘A Intencionalidade no Descobrimento do Brasil’(1933); ‘O Mais Antigo Marco de Posse’(1940); [...] ‘Governo do Rio Grande do Norte’(1939); ‘História da Cidade do Natal’(1947); ‘Os Holandeses no Rio Grande do Norte’(1951); ‘História do Rio Grande do Norte’(1955); ‘História da República no Rio Grande do Norte’(1965) <sup>260</sup>.

Também de acordo com Arrais, o Câmara Cascudo cronista desde a década de 1930 já pode ser percebido como um historiador, sobretudo, se considerarmos as *Actas Diurnas*<sup>261</sup>,

<sup>258</sup> ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

<sup>259</sup> Passados vinte e dois anos de sua morte, alguns de seus escritos inéditos vêm sendo descobertos, como os que vieram a compor o livro *No Caminho do Avião*, cujos originais se encontravam com um amigo de Câmara Cascudo, no exterior. Esse livro foi escrito por Cascudo em 1933 e entregue a um amigo, italiano de nascimento e natalense de coração, chamado Rocco Rosso. Não foi publicado na época, tendo ficado inédito durante todos estes anos. Após o falecimento de Rocco Rosso, o seu genro, Dr. Miranda Gomes, descobriu o original nos pertences do sogro e encaminhou à família Cascudo. Em 2007, o livro foi publicado pela editora da UFRN.

<sup>260</sup> COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao Universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto. 1969. p. 27.

<sup>261</sup> O próprio Cascudo explicou o uso do termo Actas Diurnas: “ACTA DIURNA era uma espécie de jornal diário, uma folha onde os acontecimentos do dia eram fixados pelas autoridades de Roma, para conhecimento do povo. Pregavam-na a uma parede num dos edifícios do FÓRUM. No ano 131, antes de Cristo, já existia a ACTA DIURNA, informando ao cidadão romano as ‘novidades’ ou diretivas governamentais. Júlio César, cinquenta e nove anos antes do nascimento de Cristo tornou a ACTA DIURNA oficial, de aposição obrigatória num determinado logradouro público. Conservo o título em latim. Por isso aparece o ACTA com a segunda consoante do alfabeto. ACTA significa, no latim, ações, obras, feitos, façanhas. DIURNA é o que se pratica sob o sol, no espaço de um dia, ou diariamente”. CASCUDO, Luís da Câmara. O que quer dizer “Acta Diurna”? **Diário de Natal**, Natal, RN, 03 ago. 1943. Acta Diurna. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>. Acesso em: 25 jan. 2009.

publicadas nos jornais natalenses como *A República* e o *Diário de Natal*<sup>262</sup>, e nas quais enfoca a história da cidade do Natal: “era nos refugos que estava o interesse de Cascudo. Refugos da modernização: naqueles pontos em que a cidade antiga sobrevivera, o historiador e o folclorista iriam se encontrar, salvaguardadas, as tradições orais”<sup>263</sup>.

Assim, a trajetória de historiador do mais ilustre potiguar se definiu a partir do contato com a documentação existente nos arquivos norte-rio-grandenses:

[...] há que se notar a ingratidão da tarefa que Cascudo enfrenta ao se dedicar ao passado da cidade e da província, especialmente devido ao estado precário dos arquivos históricos do Estado. Daí o principal veio de conhecimento de Cascudo ter-se dirigido não para a história, mal servida de documentos escritos, mas para o abundante banquete da etnografia, que podia se refestelar com as fontes das tradições populares [...] podemos ver aquela tendência comum aos livros de Cascudo, de descrever coletividades [...] o historiador cede facilmente o lugar ao folclorista<sup>264</sup>.

Como bem observado por Michel de Certeau, além das escolhas e caminhos que um historiador trilha para desenvolver seus trabalhos, seu discurso é grandemente influenciado pela relação que estabelece com seus pares, pois

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde eu falo e do domínio por onde conduzo uma investigação. Essa marca é indelével. No discurso onde faço representar as questões gerais, essa marca terá a forma do *idiotismo*: meu dialeto demonstra minha ligação com um certo lugar<sup>265</sup>.(grifo do autor).

Essas reflexões de Michel de Certeau nos instigam a refletir sobre a importância que tiveram para Cascudo as passagens pelos colégios religiosos, pelo Atheneu, pela Faculdade de

<sup>262</sup> Na coluna *Acta diurna*, publicada a partir de 1939, a cidade do Natal aparece como a temática preferencial. De tempos em tempos, no entanto, a coluna passava a denominar-se *Respondendo*, e através dela, Cascudo esclarecia as dúvidas dos leitores sobre a história do Rio Grande do Norte. Ver SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo**: um homem chamado cidade. 2008. 56 f. Qualificação (Mestrado em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2008.

<sup>263</sup> ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

<sup>264</sup> ARRAIS, Raimundo. Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, PE, ano 4, n. 48, p. 14, ago. 2006.

<sup>265</sup> CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 17.

Medicina do Rio de Janeiro e pela Faculdade de Direito do Recife<sup>266</sup>. Em relação a essa última instituição, é possível afirmar que os contatos que Cascudo manteve com outros acadêmicos, professores e intelectuais foram determinantes para sua carreira<sup>267</sup>. Além dos laços de amizade com Joaquim Inojosa, seu colega de pensão durante os tempos da Faculdade de Direito, Cascudo pôde conviver de perto com alguns intelectuais recifenses como Lucilo Varejão, Mario Melo e Gilberto Freyre. Entre seus professores destacavam-se algumas importantes personalidades do Recife na época como Netto Campello, Odilon Nestor, Gervásio Fioravanti. Uma nota de agradecimento, divulgada pelo jornal *A Imprensa*, em 1922, refere a boa acolhida dos pernambucanos a Luís da Câmara Cascudo, o Diretor do jornal *A Imprensa* na época:

O meio intelectual recifense distinguiu o escritor patricio, pelos seus representantes mais autorizados com demonstrações honrosas que muito nos sensibilizam por se refletirem sobre a nossa mentalidade, de que Luís Cascudo é o expoente entre os da sua geração. Sem propósito de declinar nomes sempre mencionaremos pelo seu valor sem (sic) duas opiniões os de Mário Sette e Lucilo Varejão, romancistas ilustres, [...], Mário Mello (sic), Rodolfo Lima, historiógrafos, [...], todos cercando o nosso confrade das mais penhorantes demonstrações de estima e admiração, a que nos confessamos gratos<sup>268</sup>.

De acordo com a professora Vânia Gico<sup>269</sup>, Cascudo foi um intelectual de seu tempo, o que pode ser evidenciado na sua ligação com o poder estabelecido, apesar de, curiosamente, se dizer apolítico, postura que era bastante comum entre os intelectuais do período, como

<sup>262</sup> Cabe lembrar que na primeira metade do século XX, período em que Câmara Cascudo estava em pleno processo de aprimoramento intelectual, as profissões liberais como Medicina e Direito eram destinadas aos filhos da elite brasileira. Nas escolas brasileiras de Direito, o darwinismo social e o racismo científico faziam parte do currículo, sendo considerados fundamentais para o desenvolvimento cultural e econômico brasileiro. Os quadros do governo Vargas foram compostos por pessoas que, além de integrarem essa elite, haviam sido fortemente influenciadas por essas ideologias ensinadas nessas escolas, sobretudo na de Direito. Analisando por esse viés, podemos entender a postura racista e a restrição à imigração judaica que dominaram a mentalidade da intelectualidade brasileira no período.

<sup>267</sup> Nos apropriamos da reflexão de Durval Muniz sobre a influência que a Faculdade de Direito e os momentos vividos por Cascudo em Recife exerceram na obra que ele escreveu. Segundo Durval, Câmara Cascudo “como a maioria de sua geração cursou a Faculdade de Direito do Recife, tendo oportunidade de aí estar no momento de ebulição do Movimento Regionalista e Tradicionalista, encabeçado por Gilberto Freyre, que foi fundamental na construção da idéia de Nordeste. Tendo estudado em Recife, entre 1924 e 1928, pode acompanhar de perto o Congresso Regionalista de 1926 e pôde se tornar membro e representante no Rio Grande do Norte do Centro Regionalista do Recife, fundado no ano de sua chegada à cidade. Como nos fala Sérgio Miceli, Cascudo é mais um intelectual deste período, que nunca sai da sua vida provinciana. A exemplo de Gilberto Freyre, a obra de Cascudo é condicionada e limitada pela realidade e pelas relações que mantém numa sociedade provinciana”. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o tempo”**: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Não paginado. Projeto de pesquisa CNPq.

<sup>268</sup> LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, RN, p. 01, 13 set. 1922.

<sup>269</sup> Ver mais em GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo**: itinerário de um pensador. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo, 1998.

Gilberto Freyre e Jorge Amado. Além disso, Câmara Cascudo tratava a história de maneira descritiva, se restringindo à descrição dos fatos, sem apresentar uma visão crítica, concepção que caracterizava a historiografia de sua época.

A concepção de história presente em seus trabalhos foi bem apontada por Arrais:

O trabalho de artesão solitário que Cascudo realizou sobre os documentos serviu a ele mesmo, alimentando os livros que o projetaram como intelectual para além do estreito círculo da província. De fato, ele se distancia da figura do erudito solitário, anônimo e desprezado, que consome seus dias no silêncio de organizador de arquivos para servir aos pesquisadores. Distancia-se também da figura do historiador que teoriza (que dá aos acontecimentos históricos um ordenamento e uma lógica, ou, para adotarmos o modo de dizer de Cascudo, estabelece um ‘juízo’) <sup>270</sup>.

Acreditamos que esta avaliação feita por Arrais permite a identificação de uma aproximação entre o modelo cascudiano e o modelo de Heródoto, na medida em que para o historiador grego:

História quer dizer originalmente ‘busca, investigação, pesquisa’; então o - historiador, do ponto de vista etimológico, é uma pessoa que se informa por si mesma da verdade, que viaja, que interroga, em vez de limitar-se a transcrever dados à sua disposição e repetir genealogias, cronologias e lendas, ou compilar registros relativos à fundação das cidades, tudo com o intuito exclusivo de satisfazer a curiosidade ingênua de um público ainda pouco exigente sem estabelecer a menor distinção entre acontecimentos reais ou relatos imaginários, entre fatos ou peripécias fantásticas <sup>271</sup>.

Câmara Cascudo seguiu, sem dúvida, a tradição deixada por Heródoto, ao considerar – como ele – que uma das tarefas do historiador é a de “salvar os feitos humanos do esquecimento” <sup>272</sup>. Esta posição viria a ser reafirmada em seu discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em 1943: “a História é uma capitalização de experiências. Lembra, aconselha, anima, vivifica. Nenhum poder decretará a imortalidade. Só ela conserva

<sup>270</sup> ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

<sup>271</sup> HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Mário da Gama Kury, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 8 apud FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998. p. 22.

<sup>272</sup> Cabe lembrar que na obra de Heródoto que: “Os resultados das investigações [...] são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam” HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Mário da Gama Kury, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 19. apud: FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998. p. 23.

e torna presente o milênio”<sup>273</sup>. Em inúmeras entrevistas, conferências e discursos proferidos ao longo de sua vida, Cascudo voltaria a reafirmar a sua concepção de História e sua percepção sobre qual era a atribuição de um historiador: “Creio na História, na narrativa de feitos... Constatar o episódio é o essencial”<sup>274</sup>.

Como bem apontado pelo historiador Marcos Silva, Cascudo:

Como historiador e biógrafo, assumiu freqüentemente posturas mais convencionais, ligadas a vieses da política oficial. Na condição de intérprete da história do Brasil, em múltiplos campos de escrita, enfatiza dimensões de tradição e continuidade milenares, num contexto marcado intelectualmente pela nostalgia diante da perda das tradições (Freyre) e pela busca de novas alternativas para a sociedade brasileira (Prado Jr. e Buarque de Holanda). Sem pretender transformar o autor norte-rio-grandense em suposto “precursor” de ninguém e preservando diferenças teóricas e políticas, é importante, todavia, identificar suas sintonias e os confrontos com essas tendências do debate sobre sociabilidades e culturas, que incluem outros clássicos brasileiros, como os referidos Freyre, Andrade e Buarque de Holanda<sup>275</sup>.

Neste capítulo, nos propomos a reconstituir a trajetória de *historiador* de Câmara Cascudo, destacando, em primeiro lugar, as marcas do provincianismo presentes em sua produção histórica para, em seguida, reconstituir e analisar a ligação de Cascudo com o IHGRN<sup>276</sup> e com os demais institutos históricos regionais<sup>277</sup>, vinculando seus livros e artigos aos objetivos dessas instituições e ao contexto da produção intelectual brasileira em que se inserem.

<sup>273</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. **Oradores – Rio Grande do Norte (1889-2000)**: biografia e antologia. 2. ed. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2004. p. 266.

<sup>274</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio e fuga do real**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1974. p. 91.

<sup>275</sup> SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003. p. xv- xvi.

<sup>276</sup> “O IHGRN, uma das entidades culturais mais antigas do Estado, foi fundado em Natal, sob a inspiração do IHGB, a 29 de março de 1902, durante o primeiro Governo de Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão. Naquele momento, havia a preocupação com a preservação do patrimônio histórico-documental, que possibilitaria a escrita da história de acordo com os parâmetros da ciência positivista, do encontro da história nacional com a memória social e do testemunho documental”. ARAÚJO, Marta Maria de; SILVA, Ana Verônica O. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e o seu acervo documental da História Colonial do Rio Grande do Norte e Brasil. **HISTEDBR**. 2006. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_082.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_082.html)> Acesso em: 10 abr. 2007.

<sup>277</sup> Analisamos a obra cascudiana produzida no âmbito do IHGRN, do IHGB e dos Institutos históricos regionais, a partir da perspectiva de Michel de Certeau, para quem os discursos são produtos de um lugar social, que é também um lugar funcional e estrutural. De acordo com Certeau: “[...] *Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural [...]. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.* CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: \_\_\_\_\_. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 66-67. É por partilharmos dessa compreensão de Michel de Certeau que nos detemos nos vínculos mantidos por Cascudo com o IHGRN, na medida em que essa instituição foi um dos principais ambientes da produção histórica cascudiana.

### 3.1 O historiador provinciano

Não podemos esquecer que, muitos anos antes de sua entrada no IHGRN, em 1927, e mesmo antes de sua filiação ao Instituto do Ceará, em 1924, Cascudo já havia iniciado sua carreira como escritor, mais precisamente em 1918, manifestando desde cedo seu grande interesse pela história da cidade do Natal<sup>278</sup>. Esse interesse demonstrado na década de vinte ganharia contornos de responsabilidade ao final da década de quarenta, quando Cascudo tornou-se historiador oficial da cidade do Natal. Foi com o reconhecimento público e a autoridade que a condição lhe dava que ele esclareceria, em 1948, qual deveria ser a denominação correta da cidade:

Há tempos passados, num dos momentos de bom humor, lembrei-me de restabelecer a verdade sobre a grafia exata e fiel do nome da capital noroeste-grandense. **É Cidade do Natal e não Cidade de Natal.** Para esse fim expus a documentação desde Fevereiro de 1614, lembrando ter sido oficialmente, nas folhas e arquivos, em toda legislação da Província, o título usado e lógico. **Somente no século XX, na primeira década, é que o pouco caso, a indiferença, a displicência ou a ignorância, permitiram o Cidade de Natal, novidade em aberração à unanimidade da lei do costume e de tradição histórica**<sup>279</sup>. (grifo nosso).

Além de ser um competente “guardador de datas”, Cascudo não descuidava de esclarecer aspectos da história de sua cidade, Natal:

[...] Escrevi na HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, 310: ‘O Pelourinho é a imagem originária da independência municipalista, a liberdade administrativa dos Conselhos, a soberania democrática expressa na letra dos forais’.

[...]

A explicação da História é simples e desconcertante. Natal não tinha o Pelourinho porque não possuía Governo Civil, administração localista, eleita

<sup>278</sup> Desde que iniciou sua atividade como escritor, em 1918, Cascudo se dedicou a descrever e enfocar a cidade do Natal. No entanto, a princípio, dedicou-se a registrar dados sobre os escritores e os literatos de sua época, e só em menor grau escreveu sobre os fatos e os personagens do passado de sua terra – ao gosto da história produzida naquele momento. Isto pode ser constatado no livro: *Alma patricia*. Ver mais em SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: um homem chamado cidade**. 2008. 56 f. Qualificação (Mestrado em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2008.

<sup>279</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Errado é que dá certo. **Diário de Natal**, Natal, RN, 14 jul. 1948. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.



pelos pelouros na vontade dos Homens-bons. Natal não sendo um Município, com seu governo, não tinha direito ao Pelourinho, que era justamente a materialização desse governo, desse direito, dessa regalia. É a lição da História...<sup>280</sup>.

Cabe lembrar que em seu primeiro livro *Alma Patrícia*<sup>281</sup>, publicado em 1921, Cascudo já mostrava interesse pela história potiguar. Rocha Pombo<sup>282</sup>, renomado historiador e autor do livro *História do Rio Grande do Norte* (1922), ao escrever sobre *Alma Patrícia* e sobre Câmara Cascudo, teceu comentários bastante elogiosos: “por que é que só agora publicou esse livro? Se me tivesse vindo antes tê-lo-ia como certeza aproveitado na íntegra para o meu trabalho que está no prelo, sobre o nosso Rio Grande do Norte. Como é bom estreitar assim já seguro e lépido!...”<sup>283</sup>. Esta apreciação reforça nossa convicção de que Cascudo já era reconhecido como um historiador antes mesmo de sua filiação aos Institutos Históricos. O primeiro livro de Cascudo foi, no entanto, também alvo de duras críticas, como esta que destacamos e que foi publicada no jornal *A Notícia*<sup>284</sup>:

Que valor poderá ter um livro onde se estudam, isoladamente, algumas personalidades que estão abaixo do nível intelectual do neo-crítico do Alma Patrícia?!... Respondam-nos os que têm consciência e um pouco de imparcialidade nos seus julgamentos. Em artigos posteriores, analisaremos,

<sup>280</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Símbolo jurídico do Pelourinho. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 45-47, p. 67-69, 1948-1950.

<sup>281</sup> Para Manoel Rodrigues de Melo: “Nesse livro, destacam-se duas tendências que tomariam corpo e se consolidariam, mais tarde, com o tempo e com o estudo continuado: o crítico literário e o historiador. É o primeiro trabalho de literatura norte-rio-grandense que se preocupa em documentar o fato literário, biografando os autores e fixando-os no Tempo e no Espaço”. MELO, Manoel Rodrigues. Câmara Cascudo: historiador. In: LUÍS da Câmara Cascudo: sua vida e sua obra. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Pongetti. 1969. p. 79-80.

<sup>282</sup> Francisco da Rocha Pombo, paranaense de nascimento, atuou como poeta, historiador e jornalista em várias partes do Brasil. Foi membro do IHGB, da Academia Brasileira de Letras, sócio correspondente do IHGRN, autor da coleção **História do Brasil** e autor do livro: **História do Rio Grande do Norte**, de 1922, “escrito sob encomenda para o Governo do Estado. Foi ele o encarregado pelo governo estadual de escrever sobre a história potiguar para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil”. LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. f. 24. Monografia (Graduação em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

<sup>283</sup> POMBO, Rocha. apud MELO, Manoel Rodrigues. Câmara Cascudo: historiador. In: LUÍS da Câmara Cascudo: sua vida e sua obra. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Pongetti. 1969. p. 80-81.

<sup>284</sup> O jornal *A Notícia* era dirigido por Anfilóquio Câmara e o Kerginaldo Cavalcanti. As duras críticas feitas à primeira produção de Cascudo foram escritas por Nascimento Fernandes. Consideramos importante informar que dentre todas as fontes que consultamos para a realização dessa Dissertação, essa foi a única crítica a Cascudo e a sua produção que encontramos, e que a mesma se refere, exclusivamente, ao lançamento de *Alma Patrícia*.

(sic) detalhadamente, o conteúdo do livro, que nos deu assumpto (sic) para essas divagações<sup>285</sup>.

[...]

Se as coisas cômicas e, por vezes (sic), ridículas, prendem, de alguma forma, a atenção (sic) do publico, é bem possível que o *Alma Patrícia* seja lido e admirado”<sup>286</sup>.

Contrapondo-se à opinião de Rocha Pombo, o jornalista Nascimento Fernandes não se limitou a criticar o livro, estendendo seus comentários à conduta de *Cascudinho*, o jovem *Príncipe do Tirol*:

O sr. Luis da Câmara Cascudo, jovem de vinte e poucos annos, (sic) acadêmico perpetuo (sic) de uma escola superior, jornalista por temperamento e orador por snobismo, acaba de enfrentar, com aquella (sic) superioridade que todos lhe reconhecemos, a ferocia terrível dos pseudos críticos indígenas, dando á estampa um volumoso livro, a que deu o titulo de *Alma Patrícia*. Accentuemos, (sic) preliminarmente, que nos não separam ódios nem antipathias (sic) pessoaes, (sic) para que deste modesto entendimento literário posa resultar uma polemica irritante e sem finalidade”<sup>287</sup>.

A este período em que *Cascudinho* atuou como jornalista e fez suas primeiras incursões pela história potiguar, se seguiram os tempos de professor e historiador oficial. A denominação de “*provinciano incurável*” – que lhe havia sido dada por Afrânio Peixoto – seria, segundo o próprio Cascudo, aquela que melhor lhe definiria como historiador. Seu amor à cidade do Natal e sua dedicação à história do Rio Grande do Norte alimentaram esse provincianismo<sup>288</sup>:

<sup>285</sup> FERNANDES, Nascimento. [Irreverências]. **A Notícia**, Natal, RN, ano 1, 04 set. 1921.

<sup>286</sup> *Ibid.*, 11 set. 1921.

<sup>287</sup> FERNANDES, Nascimento. Irreverências. **A Notícia**, Natal, RN, ano 1, 04 set. 1921.

<sup>288</sup> Na opinião de Margarida de Souza Neves, “é, sem dúvida, como estudioso da cultura e das tradições populares que Cascudo merece ser lido”, no entanto, o que se constata é “a recorrência com que é identificado, sobretudo no Rio Grande do Norte, como o *historiador Luís da Câmara Cascudo*”. NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “*Provinciano Incurável*”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

Natal, minha cidade Natal, é o cenário imóvel na minha memória. Natal foi a impressão primeira, o ambiente emocionador da minha meninice, adolescência e madureza. O homem é a cidade em que nasce. O povo da minha cidade foi a minha curiosidade inicial, a pesquisa do repórter, a análise do estudioso. O povo na convivência termina sendo a grande família anônima, da qual nós vivemos. Por isso, eu acredito aos oitenta anos, que quem não tiver debaixo dos pés da alma, a areia de sua terra, não resiste aos atritos da sua viagem na vida, acaba incolor, inodoro e insípido, parecido com todos<sup>289</sup>.

A condição de *provinciano* foi valorizada pelo próprio Cascudo, pois, segundo ele, por “Ter permanecido na Província, [...] constitui-me uma fonte de informação, na mesma autoridade das outras, com a vantagem de não poder ser enganado pela imaginação da burla, podendo confrontar as notícias no processo da equivalência”<sup>290</sup>. Essa percepção, contudo, não o impediu de refletir sobre as causas desse provincianismo: “A pobreza de meu pai, não me permitia abandoná-lo e viajar para o sul, vencer no Rio. Filho único, devia retribuir em assistência quanto tiver em pecúnia e carinho. Fiquei, definitivamente e sem recalques, provinciano. Ia ser, até a velhice, professor jagunço”<sup>291</sup>.

Pode-se dizer que, em alguns momentos de sua trajetória, o Cascudo historiador se confundiu com o Cascudo professor que ao lecionar História, despertava em seus alunos o amor às origens e o culto à memória<sup>292</sup> e às tradições. Ele mesmo declarava ter sido “um homem que envelheceu ensinando história num ginásio de província, que continua enamorado dos livros, emoldurando com eles todos os seus sonhos, que nas viagens dedica parte maior de sua afetuosa curiosidade aos testemunhos imóveis da História”<sup>293</sup>. O professor parece ter sido muito bem sucedido em seus intentos, como atesta este depoimento de Alvarado Furtado:

O mestre Cascudo nos ensinou a amar nossa terra, sua gente, seus valores tradicionais. Um arguto professor na arte de ensinar sempre e de estimular vocações que se entremostravam em estudantes que hoje se espalham por

<sup>289</sup> DEPOIMENTO de Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>290</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**: pesquisas e notas. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967. p. 249.

<sup>291</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **O tempo e eu**: confidências e proposições. Natal, RN: Imprensa Universitária, 1968. p. 48.

<sup>292</sup> Como bem apontado por Juliana Pinto “toda memória requer um trabalho de organização, continuidade e coerência que, ao longo do tempo vai garantindo uma identidade social própria. A memória exerce um papel fundamental no interior do processo de construção de identidade”. PINTO, Juliana da Silva. “A Nina que despertou: da disputa de memórias à construção de um mito”. **Revista Primeiros Escritos**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 6, jun. 1999. LABHOI (Laboratório de História Oral e Imagem).

<sup>293</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A função dos arquivos. Separata de: **Revista do Arquivo Público**, Recife, ano 7-10, n. 9-12, 1952-1956.

todo o país, revelando tendências profissionais e despertando, pela sua bondade, devoções definitivas. **Obstinado na procura do documento, reativador de memórias mortas e valorizando as que ainda sobreviviam no anonimato de suas existências até então perdidas**<sup>294</sup>. (grifo nosso).

As dificuldades e as decepções, às vezes, se sobrepunham ao amor que sentia por sua terra e ao empenho de “guardar a memória da gente potiguar”: “Antes de fazer, pense na penitência de quem escreve história atual, de mão estendida, pedindo e as promessas chovendo, como todas as promessas e como elas mesmas, não vindo jamais”<sup>295</sup>.

Este não foi o caso do livro *História da Cidade do Natal*, encomendado e financiado pelo então prefeito Sylvio Pedroza<sup>296</sup>, que, no ano seguinte, conferiria a Cascudo o título de historiador da cidade do Natal:

*História da cidade do Natal*, publicado em 1947, não é livro que consagre nenhum intelectual, pela pressa com que foi escrito, pelas lacunas e falhas que apresenta. Mas é com ele que Cascudo se legitima como o historiador da cidade de Natal. [...]. Na *História da cidade do Natal*, Cascudo procura recuperar pela escrita as formas tradicionais da cidade, ameaçadas de desaparecer sob os golpes da modernização [...] <sup>297</sup>.

A referência feita às “formas tradicionais da cidade” presentes nas páginas de sua obra parece comprovar o quanto foram importantes para Cascudo os tempos em que “estudava costumes” nos bares da Ribeira, ouvindo os pescadores e cantadores. Aspecto que fica bem evidenciado na epígrafe que Cascudo escolheu para seu livro *Rede de Dormir*, de 1957:

Temos de habituar-nos a considerar como fontes da história os mesmos fenômenos cotidianos de nossa vida popular, cujo valor testemunhal de modo algum é inferior às crônicas e documentos antigos. Da ornamentação de um pórtico e de um instrumento agrícola, da forma de uma casa à botina

<sup>294</sup> Depoimento de Alvarado Furtado de Mendonça apud PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 179, 1985-1986.

<sup>295</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947.

<sup>296</sup> Além de patrocinar a publicação, Sylvio Pedroza fez questão de redigir, juntamente com Cascudo, as dedicatórias feitas em alguns exemplares distribuídos a instituições. Isto pode ser constatado no exemplar que foi dedicado ao Jornal *A Ordem*. Ver anexo B (foto da página do exemplar que apresenta a dedicatória feita por Cascudo e Sylvio ao jornal *A Ordem*).

<sup>297</sup> ARRAIS, Raimundo. Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, PE, ano 4, n. 48, p. 13-14, ago. 2006.

de uma mulher, pode-se haurir mais informação de História da Civilização que de muitos molhos de atas dos nossos arquivos<sup>298</sup>.

O trecho acima nos revela o quanto Cascudo foi um historiador ímpar, que, além de se interessar por temas do cotidiano, tinha uma percepção bastante inovadora em relação a fontes e ao seu uso. Produziu, em razão disso, “uma obra toda ela dedicada a revelar as ligações que, no curso do longo tempo, aproximam o que o povo diz, pensa e faz e o saber da cultura refinada dos livros”<sup>299</sup>. Ele mesmo, chegou a afirmar que:

Queria saber a História de todas as coisas do campo e da cidade. [...] Convivência com os humildes, sábios e analfabetos, sabedores dos segredos do Mar, das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. [...] Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia<sup>300</sup>.

Era também pouco convencional em seu processo de criação, pois, às vezes, escrevia deitado na rede, onde se deixava ficar fumando seu charuto. Este hábito recebeu críticas de Mário de Andrade<sup>301</sup>, que chegou a sugerir, em uma das cartas que trocou com Cascudo, que ele abandonasse a rede e fosse escrever sobre o mundo que o cercava. Mário também recomendou que ele procurasse se dedicar aos trabalhos folclóricos e abandonasse os históricos. Em carta de 1937, expressou sua opinião sobre os trabalhos que Cascudo vinha realizando, e principalmente, sobre o método que empregava:

[...] Sei que você pode fazer isso e mais. Você tem a riqueza folclorista passando aí na rua a qualquer hora<sup>302</sup>. Você tem todos os seus conhecidos e amigos do seu Estado e Nordeste para pedir informações. Você precisa um bocado mais descer dessa rede em que você passa o dia inteiro lendo até

<sup>298</sup> SCHIER, Bruno. Aufbau der Deutschen Volkskultur apud CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, Achiamé; Natal, RN: EDUFRRN, 1983.

<sup>299</sup> ARRAIS, op. cit., p. 19.

<sup>300</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 05, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

<sup>301</sup> Para Arrais, Mário de Andrade não chegou a compreender a rede “como parte do método cascudiano de criação”. ARRAIS, Raimundo. Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, PE, ano 4, n. 48, p. 16, ago. 2006.

<sup>302</sup> Segundo Veríssimo de Melo: “Aqui está a crítica de Mário de Andrade a linha de trabalhos históricos que Cascudo vinha até então (1937). Aconselhava-o a voltar-se para os estudos folclóricos – riqueza ‘aí passando na rua a qualquer hora’.” In: MELLO, Veríssimo de. (Introdução e notas). **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1991. p. 149.

dormir. Não faça escritos ao vai-vem da rede, faça escritor [sic.] caídos das bocas e dos hábitos que você foi buscar na casa, no mucambo, no antro, na festança, na plantação, no cais, no boteco do povo. Abandone esse ânimo aristocrático que você tem e enfim jogue as cartas na mesa, as cartas do seu valor pessoal que conheço e afianço, em estudos mais necessários e profundos<sup>303</sup>.

As cartas trocadas entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo revelam uma amizade que se iniciou na década de 1920 e que durou quase vinte anos<sup>304</sup>. A relação entre eles não foi apenas amistosa – como podemos constatar no trecho de uma carta de 1937 que transcrevemos acima – tendo sido marcada, também, por condenações e críticas<sup>305</sup>.

Se considerarmos a afirmação de Eric Hobsbawn, de que “*o ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem*”<sup>306</sup>, pode-se dizer que Luís da Câmara Cascudo exerceu com eficiência esse ofício ao longo de sua vida, pois além de ter sido:

O mais conhecido como folclorista e etnógrafo, o autor do monumental *Dicionário do Folclore Brasileiro* foi também historiador reconhecido em seu tempo não apenas por suas obras relativas a história do Rio Grande do Norte e da cidade de Natal, mas também por seus trabalhos históricos mais amplos, em particular seus textos sobre a origem do homem americano, sobre o descobrimento do Brasil, sobre os arquivos e sua função e por suas excelentes notas e tradução do relato de viagem de Henry Koster<sup>307</sup>. Um de seus primeiros livros publicados foi prefaciado por Rocha Pombo. Hoje, suas

---

<sup>303</sup> Carta de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: 09/06/1937. In: MELLO, Veríssimo de. (Introdução e notas). **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1991. p. 149-150.

<sup>304</sup> A primeira carta de Mário para Cascudo data de 14 de agosto de 1924, sendo uma resposta à primeira carta de Cascudo. Não se conhece o conteúdo e a data exata desta carta enviada por Cascudo; sabe-se apenas que foi entre julho e agosto de 1924 e que foi acompanhada de um artigo que Câmara Cascudo escreveu sobre Mário. Já a última carta de Cascudo para Mário que se conhece data de 12/06/1944 e a de Mário para Cascudo é de 03/01/1943, dois anos antes da morte de Mário de Andrade.

<sup>305</sup> Episódios como este – que envolviam condenação e crítica – não impediram que entre eles se aprofundasse a relação de amizade e se estabelecesse o compadrio, já que Cascudo convidou Mário para ser padrinho de crisma de Luís Fernando, seu primeiro filho.

<sup>306</sup> HOBSEBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 apud MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007.

<sup>307</sup> KOSTER, Henry **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Luís da Câmara Cascudo. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978. Recentemente a Fundação Joaquim Nabuco lançou a 11ª edição do livro de Koster (Recife, Editora Massangana, 2002) apud NEVES, Margarida de Souza. **Literatura: prelúdio e fuga do real**. Disponível em <[http:// www.modernosdescobridores.com.br](http://www.modernosdescobridores.com.br)>. Acesso em: 13 ago. 2008.

obras sobre folclore e cultura popular, para o autor livros de cunho etnográfico, são fontes preciosas para os historiadores da cultura <sup>308</sup>.

Foi no livro *História da cidade do Natal*, de 1947, que, segundo Fátima Martins, Cascudo deixou mais evidente sua concepção de História e do “fazer História”:

Trabalho publicado pela Prefeitura da Cidade de Natal, é uma coletânea de artigos que o autor foi publicando ao longo de duas décadas sobre a história de Natal. Abarcando cerca de 300 anos de história da cidade, é pioneiro neste tipo de produção. Apresenta, no final, uma bibliografia composta majoritariamente por seus próprios livros utilizados e uma bibliografia para obras sobre folclore. Para os períodos iniciais da ocupação e para o período holandês, para os quais não há documentação no Rio Grande do Norte, faz uma pesquisa bibliográfica, e, no fim de alguns capítulos, principalmente os quatro primeiros referentes aos períodos iniciais da colonização, traz a bibliografia que utilizou: cronistas como Gabriel Soares de Souza, Frei Jaboatão, Robert Southey, Anthony Knivet, e os holandeses (Gaspar Barléus, Joannes de Laet, George Marcgrave) <sup>309</sup>.

Sylvio Pedroza, para referendar o título de historiador atribuído a Cascudo, se valeu de Américo de Oliveira para destacar aspectos da sua produção:

Na **História do Rio Grande do Norte**, assinala Américo de Oliveira Costa, ‘Cascudo estabelece o processo de evolução social e política do território, afirmando-se, resistindo, avançando dos precários organismos comunitários, desde as iniciais células de fixação, após as rudes manhãs da conquista, da expulsão dos invasores, da colonização [...]’. Tive a honra de prefaciar a 2ª edição, publicada no Rio de Janeiro em 1984. Na verdade, ninguém conhecerá o Rio Grande do Norte sem ler essa História. Em suas páginas, palpitam os sonhos, as lutas e as realizações da gente potiguar <sup>310</sup>. (grifo do autor).

Referindo-se aos méritos do livro *História do Rio Grande do Norte* (1955), Sylvio Pedroza afirmou: “[...] E Cascudo inova, ainda, quando divide o livro por assuntos, esgotados

<sup>308</sup> NEVES, Margarida de Souza. **Literatura**: prelúdio e fuga do real. Disponível em <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>309</sup> LOPES, Fátima Martins. Fontes para a História do Rio Grande do Norte no IHGRN. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH/ RN: o ofício do historiador, 1., 2004, Natal, RN. **Anais...** Natal, RN: EDUFRRN, 2006.

<sup>310</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. **Política e cultura**: dois vultos potiguares - Pedro Velho & Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 1989. p. 20-21. Plaquete encontrada no acervo do IHGRN.

em cada capítulo, facilitando a pesquisa pela condensação dos aspectos relevantes de cada setor característico do Estado”<sup>311</sup>.

Deitado em sua rede ou confinado em sua *Babilônia*, fazendo pesquisa bibliográfica ou documental – junto aos precários arquivos norte-rio-grandenses –, o certo é que Cascudo produziu uma obra monumental, cuja peculiaridade, segundo Margarida Neves “reside, em primeiro lugar, **no método por ele adotado** (grifo nosso). A chave desse método parece estar na noção de *convivência*”<sup>312</sup> do erudito com o popular, do etnógrafo e folclorista com o historiador:

[...] o marido apaixonado, que já idoso, gostava de contemplar a lua de mãos dadas com a mulher, e o boêmio bebedor e farrista renomado; o católico a quem a Santa Sé outorgou a comenda da ordem de São Gregório Magno e o especialista em magia branca, superstições e amuletos, presença obrigatória em todos os terreiros de Natal; o coordenador do movimento integralista no Rio Grande do Norte nos anos 30 e o escritor que na década de 60 era respeitado e admirado por intelectuais de esquerda tais como Celso Furtado, Jorge Amado e Moacyr de Góes; o conhecedor erudito da literatura clássica greco-romana e renascentista e o embevecido interlocutor dos pescadores Chico Preto ou Pedro Perna Santa e de Bibi, a velha ama da casa de seus pais a quem considerava uma “*Sherazade humilde e analfabeta*”; o grande nome da etnografia e dos estudos de folclore no Brasil e o escritor pouco lido pelas gerações mais jovens de cientistas sociais brasileiros. No labirinto que se apresenta sempre aos que se aventuram pela vida e pela obra de Câmara Cascudo, [...] [são apresentados ao] polifacético conjunto dos escritos de Luís da Câmara Cascudo: o caráter enciclopédico da obra e o perfil de descobridor do Brasil de seu autor<sup>313</sup>. (grifo da autora).

Também o historiador Raimundo Arrais destacou a originalidade do método e dos resultados obtidos por Cascudo:

Diferente da forma como seus mestres transmitiam o conhecimento, dissipando-o nos ventos da oralidade das ruas, sem cuidarem de fixar esse

---

<sup>311</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. **Política e cultura**: dois vultos potiguares - Pedro Velho & Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 1989. p. 20-21. Plaquete encontrada no acervo do IHGRN.

<sup>312</sup> NEVES, Margarida de Souza. Para descobrir “a alma do Brasil”: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Nenhum Brasil existe**: pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Ed. UniverCidade, 2003. p. 383.

<sup>313</sup> NEVES, Margarida de Souza. Para descobrir “a alma do Brasil”: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Nenhum Brasil existe**: pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Ed. UniverCidade, 2003. p. 378.



conhecimento no papel, Cascudo transpõe para a página escrita tudo o que descobre, aprende, presencia. Com ele, a oralidade se converte em escrita<sup>314</sup>.

O reconhecimento dessa originalidade pode explicar as razões para, em 25 de dezembro de 1948, Cascudo ter recebido – por decisão do então prefeito, Sylvio Piza Pedroza –, o diploma de pergaminho de Historiador da cidade do Natal e a miniatura em ouro da chave da cidade. A partir de então, Cascudo seria encarregado – oficialmente – de guardar a memória da cidade do Natal<sup>315</sup>, como ressaltado por Sylvio Pedroza na cerimônia de nomeação:

Se tornava fácil para mim a execução da recomendação, porquanto a cidade do Natal já tinha o seu grande e incansável Historiador, e só nos competia consagrar, de direito, aquilo que já existia de fato, reconhecido e proclamado por todos os natalenses. Estes viam na figura de Luís da Câmara Cascudo o ‘Hércules amarrado às ameias da Fortaleza dos Reis Magos’, - no dizer do poeta Otoniel Menezes, o guardião zeloso de nosso passado histórico, seu maior e mais autorizado intérprete - captando e irradiando, da Província para todo o País, tudo o que fomos na constante de uma história repleta de feitos heróicos e imorredouros...<sup>316</sup>.

O Cascudo apresentado como “enciclopédia brasileira” – denominação que lhe foi dada por Margarida de Souza Neves – e reconhecido nacionalmente como o maior folclorista brasileiro, parece, no entanto, continuar sendo lembrado como o historiador do Rio Grande do Norte e da cidade do Natal:

O que hoje se faz, como trabalho de equipe, em institutos e departamentos, em centros de estudos e em cursos de extensão, ele, o pioneiro, fez sozinho. O que temos em ciências sociais, folclore, em etnografia, em antropologia, **história, de modo todo especial, a ele deve mos.** Nada se pode aditar a isso senão, em cada caso, a admiração que todos devotamos ao mestre, ao rio-grandense-do-norte de maior, mais vasta e mais erudita bibliografia, em todos os tempos. O historiador do Estado e da cidade do Natal, o historiador de tantos municípios, o biógrafo de tantas figuras ilustres que construíram o progresso de nossa terra, na dimensão econômica, social, política e

<sup>314</sup> ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

<sup>315</sup> Credita-se a nomeação de Cascudo como historiador oficial de Natal à participação do prefeito Sylvio Pedroza em um Congresso de História em San Juan, capital de Porto Rico. Ao final do Congresso teria sido feita a recomendação de que: “fosse cultivada a memória das cidades capitais do Continente Latino Americano, e nelas se nomeasse um historiador oficial”. O depoimento dado por Pedroza deixa isto evidente: “Em meu regresso, assinei Decreto que criava o cargo de Historiador da Cidade do Natal, e nomeava Luís da Câmara Cascudo para exercê-lo, **em função honorífica e gratuita**”. (grifo do autor) apud PEDROZA, Sylvio Piza. **Política e cultura**: dois vultos potiguares – Pedro Velho & Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 1989. p. 20. Plaquete encontrada no acervo do IHGRN.

<sup>316</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. **Política e cultura**: dois vultos potiguares – Pedro Velho & Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 1989. p. 20. Plaquete encontrada no acervo do IHGRN.

intelectual em que viveram. Mestre Cascudo traçou, desde cedo, o seu itinerário. **A História abriu-lhe as portas à capacidade extraordinária da pesquisa e da narração, os fatos simples, que nem sempre estão na história oficial, estabelecida, um tanto gorda e enfática**<sup>317</sup>. (grifo nosso).

Diante do papel de “redentor da história potiguar” que assumiu, os intelectuais letrados da “Província de Cascudo”, os seus confrades do Instituto Histórico e seus parceiros imortais da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras<sup>318</sup>, seriam levados a reconhecer que: “Não foi a Guerra que projetou Natal no mundo. Foi Cascudo”<sup>319</sup>.

Tal qual um *descobridor*, o Cascudo historiador oficial empenhou-se na execução da tarefa, empreendendo uma série de viagens. Emblemática é a que realizou ao Marco de Touros, acompanhado de alguns de seus amigos letrados:

Ávido em aprofundar-se cada vez mais nos estudos e na história de nossa colonização, suas raízes e primórdios, conheceu, em 27 de agosto de 1928, ao lado de Nestor Lima, distante de Natal cerca de 100 quilômetros, o célebre Marco de Touros, símbolo português primeiro, chantado em território pátrio, a 7 de agosto de 1501. Um ano após o descobrimento do Brasil<sup>320</sup>.

[...]

Sentado ao lado do ex-governador do Estado [Sylvio Pedroza], num ‘jeep’, subindo e descendo dunas para localizar o primeiro marco português em terras brasileiras, chantado na primeira expedição de reconhecimento da terra recém-descoberta, lá para os lados de Touros, no Rio Grande do Norte. Estudo histórico ainda hoje válido quanto ao primeiro marco português em chão do Brasil<sup>321</sup>.

<sup>317</sup> PEREIRA Nilo apud PETROVICH, Enélio Lima. **Em três tempos**: Antônio Soares de Araújo Filho, Luís da Câmara Cascudo, Peregrino Júnior. Natal, RN: Nordeste Gráfica, 1999. p. 40.

<sup>318</sup> A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras foi fundada por Câmara Cascudo em 1936. A primeira reunião foi realizada na casa de Cascudo, que “atendendo a um apelo da Federação das Academias de Letras, com um grupo de amigos e intelectuais, fundou a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em 14/11/1936, na sede do Instituto de Música, sendo eleito Henrique Castriciano, presidente. Entre os fundadores da Academia, podem ser citados os seguintes intelectuais: Aduato Câmara, Otto de Brito Guerra, H. Castriciano, Edgar Barbosa, Antonio Soares de Araújo, Nestor dos Santos Lima, Januário Cicco, Floriano Cavalcanti, Luís Gonzaga do Monte” A TRADIÇÃO e a Renovação: poetas, escritores e intelectuais. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 1998. Cadernos especiais. Educação e Cultura. (Coleção História do Rio Grande do Norte, 14). Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br>>. Acesso em: 09 out. 2008. Ver anexo B (placa de identificação da ANL-RN, com dados referentes à fundação).

<sup>319</sup> PETROVICH, op. cit., p. 31.

<sup>320</sup> Ibid., p. 41.

<sup>321</sup> Ibid., p. 180.

Desta viagem de estudo resultaram alguns artigos, com destaque para o intitulado *O mais antigo marco colonial do Brasil*<sup>322</sup>, no qual Câmara Cascudo apresenta sua posição sobre o controvertido tema, fundamentando-a também em documentos históricos:

O Marco é tipicamente um marco de domínio, um atestado de posse. Difere imenso do que está plantado no Rio Guajú, limite com o Estado da Paraíba, e que é um marco divisório, com inscrições e datas. O da praia de Touros é autenticamente um documento colonial, um sinal da política colonizadora de D. Manuel, o herdeiro da campanha marítima de D. João II. O Marco afirma a soberania portuguesa nas regiões onde é encontrado. A cruz de Cristo significava que as terras conquistadas pertenceriam ao Rei para a difusão da fé<sup>323</sup>.

Em sua preocupação de definir os limites do território potiguar, Câmara Cascudo também lançará mão de artigos da Revista do IHGRN, da Revista do IHGB e de outros livros sobre a História do Estado, como os livros de Rocha Pombo e Tavares de Lyra, que serão referidos ao longo desse artigo que mencionamos.

Também Américo de Oliveira ressaltou a importância destas viagens de estudo e do esforço que fazia para completar as informações que cronistas viajantes haviam recolhido em séculos anteriores:

As anotações, às centenas, que acompanham a tradução cascudiana, comprovam a autenticidade do viajante, - e vale destacar os elementos de interesse histórico ou de permanência e atualidade com que elas enriquecem o volume, tornando em língua nacional 'Viagens ao Nordeste do Brasil'. '... deve-se levar em conta... a segurança desta tradução, ao lado das notas com que o Sr. Câmara Cascudo completa e ainda mais valoriza o texto de Koster' (afirma o crítico Álvaro Lins) 'Ele quase que realiza uma nova obra empregando nela as suas conhecidas qualidades de historiador, sobretudo a erudição, o espírito crítico, o bom gosto, o conhecimento do passado, nas suas fontes originais'<sup>324</sup>.

Mesmo antes de ser nomeado "historiador oficial da cidade do Natal", Cascudo já se sentia incumbido de uma missão – a de "guardar a memória do povo potiguar". Isto parece

<sup>322</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *O mais antigo marco colonial do Brasil*. (Edição do "Centro de Imprensa - C. M. M." - Natal-1934). In: RIO Grande do Norte: 500 anos. Natal, RN: IHGRN, 2001. Plaquete encontrada no IHGRN.

<sup>323</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>324</sup> COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969. p. 177.

ficar evidente na proposta – que encaminhou ao Ministro Capanema, no final da década de 1930 – da criação de uma coleção de História do Brasil, composta pelas histórias de cada Estado. Há nesta proposta um evidente desejo de Cascudo ser mais do que o historiador de seu lugar e de sua gente, na medida em que este livro lhe traria o reconhecimento nacional como o historiador do Rio Grande do Norte.

Em seu livro *História do Rio Grande do Norte*, Cascudo deixa evidente a percepção que tinha de sua missão e o enfoque que daria:

Esta *História do Rio Grande do Norte* é um trabalho sistemático de informação menos de fontes impressas do que dos arquivos. Pareceu-nos essencial divulgar o conhecimento do Passado tendo pouco interesse na fixação dos comentários pessoais, sempre discutíveis. Procura-se, na fórmula interpretativa, explicar a razão de acontecimentos e desenhar a psicologia dos homens que estiveram à frente dos sucessos antigos <sup>325</sup>.

Ao escrever sobre a história do Rio Grande do Norte e de Natal, Câmara Cascudo entendia que cabia a ele, como historiador, trazer à superfície aquela espécie de “vida na escuridão e no esquecimento”, resgatando aquilo de que “ninguém mais se lembra” <sup>326</sup>, pois, segundo ele, “A História evidencia que os movimentos decorrem dentro de uma área limitada. A tendência inevitável da História é mostrar o que foi escondido pelo documento” <sup>327</sup>.

Para Margarida Neves, Câmara Cascudo atuou “como um historiador clássico, [pois] ao descrever as guerras com os holandeses, parece fazer ecoar as palavras de Heródoto”, exercendo com isso o papel de olho e de memória escrita <sup>328</sup>, uma vez que seus trabalhos “são resultados de suas longas investigações o que apresenta em seus livros, e é *para que não se apague a memória dos acontecimentos* que escreve sobre os *feitos maravilhosos e admiráveis* de potiguares e de batavos” <sup>329</sup>.

---

<sup>325</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984. [Introdução].

<sup>326</sup> ARRAIS, Raimundo. *Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos*: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

<sup>327</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 10-11.

<sup>328</sup> Cfe. HARTOG, François. O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999. p. 38 apud NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>329</sup> NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

Cascudo acreditava que era de fundamental importância para o futuro do Rio Grande do Norte a preservação de sua história, mesmo porque:

O precioso da História contemporânea é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem ou para o mal, são testemunhas [sic] de vistas, indispensáveis e ricas de notícia. Testemunhas [sic] e não juízes ou advogados. Todos testemunhas [sic]. O futuro estudará, confrontará e dará sentença. Muita gente pensa que a História é uma velhinha amável e covarde que aceita, por preguiça e senectude, as decisões dos contemporâneos. **Todos nós julgamos escrever a História quando apenas escrevemos para a História**<sup>330</sup>. (grifo nosso).

No prefácio do livro *História da Cidade do Natal*, Câmara Cascudo deixa muito evidente que tipo de história iria priorizar:

Uma HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL registrará [sic.] o essencial, o característico e a “constante” sociológica teimosamente sobrevivente. Cada autor esbarrará no mesmo caminho com a mesma pedra. Não é possível um critério geral, dogmático, para dizer-se o que é essencial, característico e constante na História de qualquer coisa [sic.] neste Mundo. Um facto [sic.] julgado precioso pode ser julgado dispensável. A puerilidade para uns é ciência para outros. Tentei evitar omissões maiores fixando no último capítulo, *De rebus pluribus*, as efemérides da Cidade. Mesmo assim muitos dias estão brancos e possivelmente muita curiosidade ocorreu nele s. Não li. Não vi. Não encontrei<sup>331</sup>.

Segundo Durval Muniz Albuquerque, a maioria dos intelectuais nordestinos, e dentre eles, Cascudo, praticava a escrita como uma forma terapêutica de encarar as mudanças:

Escrever para não deixar morrer as coisas da cultura popular, ameaçadas pelo progresso, pela modernização. Mas, ao mesmo tempo, escrever o popular para se inscrever como sujeitos deste conhecimento, destes saberes, ganharem nome vivendo destes restos moribundos, fazendo a vida através desta agonia lenta do que tomam como objeto da escrita. Escrita expiatória, a literatura, a memória, o ensaio, a história buscam conter essa sensação de morte de um tempo, de uma sociedade, de um espaço, de vidas masculinas que parecem se abater, se deixar tragar pela inexorável voragem do tempo. Escrever para salvar da morte personagens, acontecimentos, costumes, textos

<sup>330</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. [Apresentação].

<sup>331</sup> Ibid., p. 09.

do passado é, ao mesmo tempo, distanciá-los, matá-los, ao agenciá-los em textos que se pautam por novas regras, ao atribuir-lhes novos lugares, novas inscrições, novas identidades, novos lugares de sujeito e objeto <sup>332</sup>.

Seu envolvimento afetivo e sua admiração pela cidade podem ser constatados neste trecho do prefácio do livro que o alçou à condição de historiador oficial de Natal:

A cidade do Natal é uma perspectiva indefinida. Sentimos que, tendo vida, está na fase de um desenvolvimento violento, diário, incessante, ganhando os tabuleiros, subindo os morros. [...] Natal é uma cidade sem problemas. O que chamamos, com suficiência e pedantismo, problemas, são apenas soluções sabidas e retardadas pela falta de finanças ou de vontades positivas <sup>333</sup>.

De acordo com Arrais, Cascudo manifestava-se – com alguma ambigüidade – em relação à remodelação urbana – orientada pelos ideais de civilização e progresso – que a cidade do Natal vinha sofrendo,

Fazendo da escrita um instrumento de intervenção, Cascudo manifesta, naquelas primeiras crônicas publicadas nos jornais A Imprensa e A República, um grande desejo de intervir nos rumos da cidade: nessas crônicas ele comenta as conseqüências da introdução de um novo ritmo de vida nas ruas, aponta o lado negativo de novas formas de ordenamento social, recorda o passado de uma Natal que se distinguira nitidamente da Natal dos anos vinte, invoca o papel do Estado na proteção de uma cultura popular que ele vê sob o risco do desaparecimento, exalta a modernização da cidade e a regeneração da política e partilha com as elites locais as inquietações trazidas pela emergência do proletariado. [...] É nesse ponto de intercessão entre o entusiasmo do futuro e a nostalgia do passado que se encontra o Cascudo que assina crônicas nos anos vinte. Aos poucos, já nos anos trinta, podemos sentir uma lenta alteração do equilíbrio entre esses dois sentimentos, pois ele parece ir realizando uma mudança de rumo cada vez mais decidida em direção ao passado da cidade de Natal, esfriando aquele entusiasmo adolescente da Belle Époque natalense, da qual saíram Alma patrícia, Histórias que o tempo leva e Joio <sup>334</sup>.

<sup>332</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A escrita como remédio**: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

<sup>333</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 10-11.

<sup>334</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Crônicas de origem**: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20. Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005. p. 04. Versão digitada.

Para Cascudo, um dos marcos das mudanças vividas pela cidade do Natal<sup>335</sup> foi a Segunda Guerra Mundial, que teria oferecido uma grande oportunidade para que ela se desenvolvesse e se projetasse, inclusive, internacionalmente, razão pela qual chegou a apresentá-la como uma “força motriz” do progresso de Natal:

A indústria da guerra salvou o Rio Grande do Norte. A riqueza incalculável dos minérios teve sua ocasião da presença financeira e econômica, em formidável incremento, trazendo milhões e milhões de cruzeiros para a fortuna privada e reforçando, consideravelmente, as finanças estaduais. Por outra parte a guarnição militar, com milhares de homens, a presença dos norte-americanos no aeroporto de Parnamirim, elevaram em alto nível o desenvolvimento das vendas mercantis pelas despesas naturais das unidades sediadas em Natal e compras pessoais. Se por um lado, esse escoamento prodigioso agravava o problema do abastecimento, por outro garantia a perfeita estabilidade financeira do Estado e mesmo o aparecimento de várias fortunas privadas<sup>336</sup>.

Na opinião de Arrais, estudioso das mudanças ocorridas em Natal nas primeiras décadas do século XX, “parece assentado para esses intelectuais que, dentro da cidade, não haveria mais como conceber um retorno ao seio da natureza. Não restava dúvida que passaria por Natal o movimento daquele progresso que conduzia a História”<sup>337</sup>. Para Pedro Lima, este processo de reordenação urbana foi magistralmente descrito por Cascudo, a quem devemos a sua reconstituição histórica:

[...] Enquanto Cascudo evocava a Cidade Nova como um lugar bucólico e heróico, cujas residências eram batizadas de forma lúdica, uma parte da imprensa a chamava de cidade das lágrimas, denunciando o processo de retirada dos posseiros que habitavam ali. Neste caso, a marcha do processo de modernização se traduzia na forma de exclusão e segregação social e espacial. [...] Outros espaços habitados pela população pobre, como os bairros Rocas e Alecrim, são bem descritos por Cascudo. Junto com o Baldo, eles formaram os primeiros espaços periféricos da Cidade do Natal. Assim a

<sup>335</sup> Concordamos com a afirmação de Arrais de que: “No centro da tensão entre essas duas forças, a natureza e a técnica, se encontra a cidade de Natal. É isso que percebemos nos escritores do início do século XX. Para eles, a Natal antiga estava mais próxima da natureza; a nova Natal, ao contrário, e em boa medida, era um artifício, o resultado da operosidade humana, a filha daquele progresso que ia cumulando nela edificações, vias, veículos, ao mesmo tempo em que seus moradores – com os meios de transporte acelerados e a energia elétrica – iam se libertando das limitações impostas pela ordem da natureza”. *Ibid.*, p. 04.

<sup>336</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984 apud LIMA, Pedro de. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal, RN: EDUFRN, 2006. p. 124.

<sup>337</sup> ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

partir dos textos do historiador, pode-se acompanhar os processos através dos quais foi se delineando a *terceira margem do rio* no mapa social e espacial de Natal, indicando com quase um século de antecedência os rumos de sua configuração atual<sup>338</sup>. (grifo do autor).

Por outro lado, parece importante ressaltar que Cascudo apresentava uma verdadeira preocupação com relação aos efeitos sociais desse progresso:

Câmara Cascudo deu uma conotação dramática ao seu discurso a favor de um desenvolvimento harmônico para a Cidade do Natal. Essa dramaticidade ao mesmo tempo em que destacava possíveis conflitos entre a população e os proprietários da terra urbana, também chamava a atenção para a responsabilidade do poder público, como intermediador daquela relação conflituosa. Dos administradores, Cascudo esperava o milagre da previsão e não a displicência administrativa, vale dizer o planejamento e a fiscalização em lugar da conivência e omissão<sup>339</sup>.

Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a cidade do Natal que Cascudo pretendia preservar – guardar na memória – era justamente aquela que vinha se descaracterizando com os efeitos da modernização, com as demolições e novas edificações, o alargamento e a abertura de novas ruas, a introdução dos automóveis, além da chegada de novos moradores<sup>340</sup>. É esta proposição que faz com que ele tenha procurado recordar os lugares que desapareceram e evocar os nomes cuja procedência ninguém mais conhecia, pois para ele “a tarefa do historiador da cidade é retirar o véu do tempo, é dar significado a fatos, nomes, datas e origens, dissolvendo os mistérios envoltos em lendas correntes e versões incorretas”<sup>341</sup>.

Temendo o apagamento de suas origens e a proximidade de sua morte – e com ela, o provável esquecimento do que eles haviam representado na sociedade em que viveram – intelectuais como Cascudo revestem sua produção de um outro significado:

O trabalho literário, a erudição histórica, a pesquisa etnográfica e folclórica, o texto memorialístico, o ensaio sociológico passam a ser não somente uma

---

<sup>338</sup> LIMA, Pedro de. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal, RN: EDUFRN, 2006. p. 151-152.

<sup>339</sup> Ibid., p. 155.

<sup>340</sup> SOUZA, Itamar de. Migrações para Natal: análise sociológica do processo migratório. Natal, RN: Editora Universitária, 1976, p. 18 apud ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

<sup>341</sup> ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.



estratégia de compreensão do mundo, das mudanças que estão ocorrendo a sua volta, como um remédio para curar às feridas subjetivas e físicas deixadas pelo desabar do ‘mundo de suas infâncias, despreocupadas e livres. Tornam-se assim vozes dos que estão perdendo a fala, mas também falas que emudecem estas outras possíveis vozes. Se o cantador emudece diante da radiola, da vitrola, do cinema, da revista ilustrada, porque não escrever seus versos em livros que os imortalizem, e no mesmo movimento imortalizem quem evitou sua morte, um Leonardo Mota, um Gustavo Barroso, um Juvenal Galeno, um Luís da Câmara Cascudo<sup>342</sup>.

O modelo ímpar de escrita e seu inovador método de pesquisa, somados à sua versatilidade, garantiram a ele um lugar de destaque no mundo letrado norte-rio-grandense. Cultuado em vida – como um homem símbolo da cultura letrada no Rio Grande do Norte – Cascudo seria, após sua morte, alvo de um culto, como atestam os inúmeros lugares de memória e de homenagem que encontramos na cidade do Natal.

Um dos maiores incentivadores do culto a Cascudo foi Sylvio Pedroza, político potiguar que assumiu a postura de “mecenas” da cultura, durante seus mandatos à frente da cidade do Natal e do estado do Rio Grande do Norte, e que acreditava firmemente que: “No crepúsculo glorioso de sua rica e fascinante existência, Luís da Câmara Cascudo já era um homem símbolo. Ele reviveu a nossa história, deu vida aos nossos grandes mortos, estimulou os jovens, projetou nossa terra dentro e fora das fronteiras do País, sonhou nossos sonhos e cantou nossas canções”<sup>343</sup>.

### 3.2 O historiador membro de Institutos Históricos

Ao tratar da relação que Cascudo manteve com os Institutos Históricos, Margarida de Souza Neves constatou que

[...] não contente em pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi sócio correspondente desde 1934, e ser sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a mais antiga instituição cultural do Estado, fundada em 1902, e que divide com o Palácio do Governo e a Catedral Velha a face mais nobre da praça principal do

<sup>342</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A escrita como remédio**: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index.2.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

<sup>343</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. **Política e cultura**: dois vultos potiguares - Pedro Velho & Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 1989. p. 25. Plaquete encontrada no acervo do IHGRN.

Centro Histórico de Natal, Cascudo associou-se a todos os Institutos Históricos existentes nos estados da federação<sup>344</sup>.

É sobre este historiador que, escrevendo a partir de seu local de origem – e, muitas vezes, escrevendo sobre suas origens –, sobre os processos de ocupação e povoamento do Estado potiguar, divulgou seus trabalhos nacional e internacionalmente, através de artigos publicados e conferências proferidas em Institutos históricos brasileiros que nos ocuparemos neste item. Concentraremos nossa atenção na visão que esta produção – vinculada aos IHGBs – traz sobre a atuação da Companhia de Jesus no Rio Grande do Norte e nas referências que faz ao papel desempenhado pela Igreja na história desse Estado.

A produção de Luís da Câmara Cascudo se insere na historiografia clássica norte-riograndense, caracterizada por produções de grandes sínteses históricas regionais, em consonância com o modelo de História difundido pelo Instituto Histórico. De acordo com a historiadora Denise Monteiro, a primeira fase da historiografia clássica norte-riograndense<sup>345</sup> correspondeu aos primeiros setenta anos do século XX e, para ela, “foi caracterizada, especialmente, pelo peso mítico de Câmara Cascudo. Foi constituída pela produção de historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pertencentes a uma geração anterior à formação universitária em História”<sup>346</sup>. Para a historiadora, a esta fase “correspondem às obras seminais; [...] sua matriz de pensamento é profundamente conservadora e [...] nela pode ser identificado um esforço de construção de uma certa identidade norte-riograndense”<sup>347</sup>.

Ao ser criado em 1838, o Instituto Histórico Brasileiro (IHGB)<sup>348</sup> tinha como principais objetivos os de “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários

<sup>344</sup> NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>345</sup> A primeira fase da historiografia norte-riograndense teve como características principais: “uma visão de sociedade esvaziada de conflitos sociais; uma visão de política como atividade exclusiva das elites; a recorrência, como tema dos estudos, de determinados fatos históricos enobrecedores, nos quais celebravam-se certos personagens históricos que deles participaram; a predominância da descrição sobre a interpretação, originando uma história crônica ou factual; e a ausência do que nós chamamos hoje de rigor metodológico, especialmente no que diz respeito à ausência de informações sobre a base documental desses estudos”. MONTEIRO, Denise Mattos. Balanço da historiografia norte-riograndense. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH/ RN: o ofício do historiador, 1., 2004, Natal. **Anais...** Natal, RN: EDUFRN, 2006.

<sup>346</sup> *Ibid.*, 2006.

<sup>347</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. Balanço da historiografia norte-riograndense. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH/ RN: o ofício do historiador, 1., 2004, Natal. **Anais...** Natal, RN: EDUFRN, 2006.

<sup>348</sup> Concordamos com a afirmação de que “Os Institutos Históricos e Geográficos são instituições responsáveis pelos acervos documentais que guardam grande parte das fontes da história colonial, imperial e republicana brasileira. Sua importância em levantar, metodizar e sistematizar um conhecimento histórico foi tamanha a ponto de o historiador José Honório Rodrigues (1978) afirmar que a pesquisa histórica nasceu com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, no Rio de Janeiro. Do ponto de vista dessa missão, o IHGB auxiliou o governo imperial na definição de um projeto de nação e de uma identidade nacional”. ARAÚJO, Marta Maria de; SILVA, Ana Verônica O. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e o seu acervo documental da História Colonial do Rio Grande do Norte e Brasil. **HISTEDBR**. 2006. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_082.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_082.html)> Acesso em: 10 abr. 2007.

para a história e geografia do Império do Brasil”<sup>349</sup>, impondo aos seus membros “a mais perfeita e atual regra de metodologia histórica”<sup>350</sup>.

Já ressaltamos a ligação que Luís da Câmara Cascudo mantinha com todos os institutos históricos do Brasil e também com o IHGB, como sócio correspondente. A produção cascudiana, inegavelmente, sofreu influências de sua filiação aos Institutos Históricos e Geográficos, instituições que estimulavam e difundiam a construção de “histórias locais”, perpassadas por valores como os de defesa da unidade da nação, do catolicismo e da cultura ocidental, sobretudo européia e ibérica<sup>351</sup>. Nesse sentido, pode-se dizer que sua produção foi fortemente influenciada pelas teorias deterministas e evolucionistas oriundas do Oitocentos, ainda vigentes nas primeiras décadas do século XX, e cujos pressupostos concentravam-se na *raça* como elemento definidor das identidades sociais<sup>352</sup>.

O primeiro Instituto a que Câmara Cascudo se filiou foi o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará (IHGCE), em 1924. A filiação foi noticiada pelo jornal A Imprensa, de propriedade de seu pai, e do qual Cascudo era o diretor à época. A matéria recebeu como título “**Uma honrosa distinção**”, seguido da frase “LUIS DA CÂMARA CASCUDO FOI ELEITO SÓCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO DO CEARÁ”<sup>353</sup>. Nela era destacada a gratidão do povo potiguar e o reconhecimento ao trabalho do jovem iniciante historiador: “o gesto de alta significação honrosa, não somente enobrece sobremodo o nome do jovem historiador patricio estimulando-o a novos trabalhos, como [premeia] o seu esforço sincero pelo inteiro conhecimento de nosso passado”<sup>354</sup>.

O convite para integrar – como “confrade” – do IHGCE partiu de seu presidente à época, o Dr. Thomaz de Pompeu de Souza Brasil, e de duas figuras ilustres do meio político e intelectual cearense, o deputado federal, Dr. José da Justa, e o historiador Sr. Barão de Studart, o que revela as importantes relações de amizade que Cascudo mantinha fora do Estado e que o ajudaram em sua projeção como historiador.

O segundo Instituto ao qual Cascudo se filiou foi o do Estado de Pernambuco, o Instituto Arqueológico Histórico Geográfico Pernambucano (IAHGPE), em 1925. Sobre esse acontecimento, temos a Ata da posse de Câmara Cascudo no IAHGPE, e alguns informes do

<sup>349</sup> REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, v. 1, 1839. p. 22 apud RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982. p. 37.

<sup>350</sup> RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982. p. 37.

<sup>351</sup> DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica Brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998. p. 23-90.

<sup>352</sup> ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 13-44.

<sup>353</sup> Informações extraídas da nota publicada no Jornal. **UMA HONROSA distinção**. **A Imprensa**. Natal, RN, ano 11, n. 2345, p. 01, 21 dez. 1924. Ver anexo B (a nota completa no Jornal A Imprensa).

<sup>354</sup> **UMA HONROSA distinção**. **A Imprensa**. Natal, RN, ano 11, n. 2345, p. 01, 21 dez. 1924. Ver anexo B (a nota completa no Jornal A Imprensa).

Instituto que trazem informações sobre sua participação como orador em várias sessões, mesmo na função de sócio correspondente<sup>355</sup> ou, então, sobre a doação que fez de um de seus trabalhos, o livro *Histórias que o tempo leva*<sup>356</sup>.

Em nota sobre o livro *Histórias que o Tempo Leva*, publicada no jornal *A Imprensa*, o historiador Barão de Studart escreveria que: “Bem jovem é ainda o meu confrade, mas já se condecora com justos títulos ao bom conceito e ao apreço dos estudiosos do nosso passado; com os meus, pelo menos, pode contar com segurança. No seu belo livro, há me perdoe, um grave erro: o título; as páginas traçadas por sua penna não os gastará o tempo”<sup>357</sup>. Cascudo recebia, através deste comentário, o aval de um dos mais renomados historiadores à época. Na verdade, isto abria caminho para o reconhecimento dos demais confrades.

Os artigos que Cascudo escrevia nas Revistas dos Institutos também evidenciam o bom relacionamento que mantinha com seus confrades, com homens ilustres como, por exemplo, o cearense Gustavo Barroso. O contato estreito com o renomado historiador e a admiração mútua ficam atestados em sua Biblioteca, a *Babilônia*, pois nela encontramos quarenta e seis livros de Gustavo Barroso – o autor com o maior número de livros – sendo que boa parte deles contam com dedicatórias de estima e amizade fraterna feitas pelo autor. Esta reverência à obra de Barroso fica evidente em um dos artigos de Cascudo publicados na Revista do Instituto do Ceará. Nele, ao escrever sobre um vocábulo indígena e sobre a Capitania do Rio Grande, Cascudo enaltece a produção de Barroso, mencionando: “O Sr. Gustavo Barroso, num livro esplêndido, em que divulgou no idioma francês as mais expressivas lendas indígenas do Brasil, sintetiza Anhangá da seguinte forma [...]”<sup>358</sup>.

Estas filiações, no entanto, nos provocam algumas indagações: o que teria levado Cascudo a se filiar primeiramente ao Instituto cearense? Por que razão não teria integrado de imediato o IHGRN? Sabe-se que somente após ter sido sócio correspondente de Institutos dos estados vizinhos, que Cascudo passou a ser sócio da instituição responsável pela guarda da

<sup>355</sup> A imprensa pernambucana noticiou: “Realiza-se hoje, as 19 e 1/2 horas, a homenagem do Instituto Arqueológico a memória do saudoso monarca Dom Pedro de Alcântara. Constará de uma sessão pública, no seu salão de honra, da qual será orador o jovem historiógrafo Luís da Câmara Cascudo, que dissertará sobre a tradição e a moral de Dom Pedro II. O Instituto Arqueológico convida todos os seus associados para sessão de hoje e bem assim aqueles que desejem associar-se a essa homenagem ao grande brasileiro”. [ATAS]. *Diário de Pernambuco*, Recife, PE, p. 1, 03 dez. 1925. Instituto Arqueológico. Material pesquisado na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), em Recife. Material digitado porque foi através do microfilme, os originais não estavam disponíveis para pesquisa.

<sup>356</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Histórias que o tempo leva...** da história do Rio Grande do Norte. Mossoró: Esam, 1991. (Mossoroense, 757). Edição fac-símile. Este livro se constitui num pequeno livro de contos que tem como eixo central a narrativa de aspectos da História do Rio Grande do Norte, publicado em 1924. Foi o primeiro livro do autor a ser lançado nacionalmente.

<sup>357</sup> STUDART, Barão de. *Histórias que o tempo leva*. *A Imprensa*, Natal, RN, ano 11, n. 2345, p. 01, 21 dez. 1924.

<sup>358</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Anhangá, o mito de confusão verbal. *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*, Recife, PE, v. 32, n. 151-154, p. 76, jan./dez, 1932.

memória sagrada do Rio Grande do Norte, local que depois foi denominado por ele, de “casa da memória potiguar”.

Câmara Cascudo tomou posse como sócio efetivo no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em sessão solene ocorrida no dia vinte e nove de março de 1927, data de aniversário da criação do IGHRN. A Ata da 27ª sessão solene de posse da Diretoria e das comissões permanentes do IHGRN registrou o momento em que Cascudo ingressou na “Casa da Memória” do Rio Grande do Norte <sup>359</sup>:

Aos vinte e nove dias do mez [sic.] de Março do anno de mil novecentos e vinte e sete, às vinte horas, no salão nobre do Palácio da Presidência do Estado, nesta cidade Natal, presentes os Senhores Doutores Hemeterio Fernandes Raposo de Mello, Nestor dos Santos Lima, [...], Dom José Pereira Alves, bispo diocesano, Dr. Augusto Leopoldo, vice-presidente do Estado; [...], os novos associados: Desembargadores Francisco de Albuquerque Mello, e Silvino Bezerra Netto, [...], e o Acadêmico Luís da Câmara Cascudo. [...] <sup>360</sup>.

Em consulta às Atas do IHGRN, constatamos que, desde logo, Câmara Cascudo assumiu várias funções importantes no Instituto, tais como a de presidente de comissão de comemorações solenes da casa, Diretor da Biblioteca do IHGRN, coordenador de projetos de livros de homenagens, orador oficial, secretário da casa e redator da Revista do IHGRN<sup>361</sup>. Elas também nos revelam que já a partir de abril<sup>362</sup>, ou seja, do mês seguinte a sua integração ao Instituto, Cascudo passou a secretariar as reuniões, uma vez que passou a assinar as Atas como responsável:

[...] O Snr.(sic) Presidente declarou que tendo o Instituto deliberado festejar o 1º centenário de nascimento do Marechal Deodoro da Fonseca, nomeava uma comissão dos Snrs.(sic) Drs. Luiz Antonio, Julio Rezende e Luís da Câmara Cascudo para organizar a solenidade. [...]. O sócio Luis da Câmara Cascudo apresentou e justificou um projecto (sic) para que o Instituto publique em volume algumas produções do poeta Lourival Açucena, nascido a 17 de Outubro de 1827, como homenagem ao seu primeiro centenário.

<sup>359</sup> ATA da Sessão Solene de posse da Diretoria e Comissões do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do dia 29 de março de 1927. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 23-24, p. 342-343, 1926-1927.

<sup>360</sup> Ibid., p. 342-343. A Ata foi assinada pelos sócios: Hemeterio Fernandes Raposo de Mello, Nestor dos Santos Lima e Julio de Mello Rezende.

<sup>361</sup> Cfe. ATAS de Sessões do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do dia 17 de julho de 1927. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 23-24, p. 348-349, 1926-1927.

<sup>362</sup> Ver anexo B (foto de uma página da Ata de abril de 1927, na qual Câmara Cascudo aparece como um dos sócios assinantes responsáveis por ela).

Posto a votos, foi o projecto (sic) aprovado e designado Luís da Câmara Cascudo para escrever o prefácio e dirigir a publicação<sup>363</sup>.

Cascudo foi por muitos anos o orador oficial do IHGRN e participou ativamente de suas sessões até o início da década de 1980, quando já atuava como sócio benemérito. As suas últimas participações em sessões do Instituto foram marcadas por um misto de saudade e compromisso com a Instituição. Em 1982, na página de abertura da Revista do IHGRN, Cascudo expressaria estes sentimentos:

Entre os **Sócios Beneméritos**, vivos, sou o mais antigo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. E assim, com os olhos da saudade, vejo o salão nobre, suas sessões solenes, sua valiosa biblioteca – o maior acervo bibliográfico do Estado, as comemorações festivas, homenagens, evocações, vida histórica de nossa terra, na dimensão do tempo e do espaço. Quantas vezes falei de sua tribuna, convivi com os moços e veteranos confrades, participei das intenções beneméritas do Instituto, agora octogenário. Saúdo, pois, esse passado eminente, augurando o futuro não menos ilustre. O destino do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte é avivar, em todos nós, a consciência histórica da nossa vida vivida. Sua Revista é um documentário revelador do esforço tenaz e meritório. Os Institutos Históricos e Geográficos têm uma missão, alta e nobre, de investigar e comunicar o Passado no plano divino do Entendimento, da União Fraternal [...] <sup>364</sup>. (grifo do autor).

Afastado das sessões – por se encontrar adoentado –, Câmara Cascudo se fazia presente nas sessões do IHGRN, pois seus textos eram enviados e lidos por sua filha Ana Maria ou pelo presidente da casa. Ele próprio se referia a essa presença não física da seguinte maneira:

Saúdo os 82 anos do venerando Instituto Histórico. E numa festa de conagração e júbilo, posse de velhos amigos e figuras da elite cultural do País, com saudação do querido Nilo Pereira, **sinto-me presente à romaria**

---

<sup>363</sup> ATA de Sessão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do dia 29 de março de 1927. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 23-24, p. 344-359, 1926-1927.

<sup>364</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 73-74, 1981-1982. [Apresentação].

**lírca e histórica de hoje, vivendo o tĩmbre sentimental do lá menor dos meus 85 anos** <sup>365</sup>. (grifo nosso).

Após seu falecimento, uma série de sessões e publicações do Instituto foram feitas em sua homenagem, não sendo raros os artigos publicados na Revista do IHGRN que não referissem e celebrassem o “mestre”. O artigo *O Cascudo Polimorfo*, do sócio correspondente do IHGRN, Silvio Meira, publicado na Revista do Instituto em 1993, é um exemplo dessa reverência ao mais célebre potiguar, como fica evidenciado nesta passagem:

Para dar-lhes um retrato completo de Luís da Câmara Cascudo e de sua obra teria de falar muitas horas. Só a sua bibliografia encheria o espaço regulamentar de uma oração acadêmica. Preciso dizer a tão culto auditório, em poucas palavras o que foi a sua vida e a extensão de sua obra. É um universo, como bem o classificou Américo de Oliveira Costa, seu biógrafo, em ‘Viagens ao Universo de Câmara Cascudo’. Como todo universo seus horizontes escondem continentes, mares, rios, oceanos e céus lindíssimos. Um pouco de tudo se encontra na produção extensa variada daquele homem” <sup>366</sup>.

Cascudo foi alvo de inúmeras homenagens por parte do Instituto. Uma das mais significativas se estendeu de 24 a 30 de dezembro de 1964, por iniciativa de seu presidente Enélio Lima Petrovich, e da qual resultou um livro publicado pelo IHGRN, em 1969. A importância dessa homenagem foi destacada na Apresentação do livro que o presidente do IHGRN elaborou:

Realmente, a iniciativa da ‘Casa da Memória’ – a mais antiga instituição cultural do Rio Grande do Norte significou a primeira manifestação pública da província, e que obteve acolhida e repercussão nacionais e fora do país, em louvor da obra e da vida de Luís da Câmara Cascudo. E neste fim de 1968, quando transcorrem os seus 50 anos de labor intelectual ininterrupto e 70 anos de idade (hoje), o Instituto Histórico e Geográfico reuniu tudo o que se disse na ‘Semana Câmara Cascudo’, e faz publicar este valioso, ao qual

---

<sup>365</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 75-76, 1983-1984. [Apresentação].

<sup>366</sup> MEIRA, Silvio. Louvação Cultural de Câmara Cascudo e Homero Homem. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 84 -85, p. 99, 1992-1993.

achamos por bem denominar: ‘Luís da Câmara Cascudo – sua vida e sua obra’<sup>367</sup>.

A trajetória de Cascudo no IHGRN, iniciada em 1927, foi marcada pela obstinação em cumprir a missão que ele próprio se impôs, a de ser um fiel guardador da história do Rio Grande do Norte. Na maioria das vezes, por ser o orador oficial, era o encarregado de fazer as conferências e proferir os discursos solenes de homenagem. O trecho que transcrevemos do discurso que proferiu em homenagem a Felipe Camarão é bastante ilustrativo do prestígio que Cascudo desfrutava entre seus pares:

Sob a presidência do sr. dr. Nestor Lima, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em sessão magna comemorativa da passagem do 3º aniversário da investidura de Felipe Camarão nos posto de Capitão-General dos índios do Brasil, foi aberta a sessão e o presidente convidou para presidir a o exmo. sr. General Cordeiro de Farias[...]. Usou da palavra, em seguida, o dr. Luís da Câmara Cascudo, orador oficial do Instituto, pronunciando uma palestra elucidativa sobre a discutida naturalidade de Felipe Camarão, explicando os fortes argumentos que o levaram, como a outros, a proclamá-lo, segundo a sua própria e feliz expressão, como, ‘um legitimo papagerimú’[sic.], baseando suas afirmações em fatos e documentos incontestáveis. Ambos os oradores foram muito aplaudidos<sup>368</sup>.

Em vinte e sete de abril de 1934, Cascudo teve seu nome aprovado como sócio correspondente do IHGB. Por ocasião de sua posse, foram ressaltados alguns de seus feitos como historiador, justificando sua participação como membro do mais prestigioso dos Institutos históricos brasileiros:

Professor de História do Brasil do Atheneu Norte-Rio-Grandense e jovem de formosa inteligência, que sempre cuidou de aprimorar pela cultura desinteressada, o Sr. Dr. Luís da Câmara Cascudo foi proposto para sócio correspondente do nosso velho e benemérito Instituto. Não são poucos, nem precários, os títulos que lhes justificam a pretensão. [...] A diversos grêmios

<sup>367</sup> PETROVICH, Enélio Lima. **Luís da Câmara Cascudo: sua vida e sua obra.** Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Pongetti, 1969. p. 11. Nota explicativa.

<sup>368</sup> ATA da sessão magna comemorativa do 3º Centenário de Felipe Camarão, a 14 de maio de 1943. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 38-40, p. 190-191, 1941-1943.



históricos e literários, do país e do estrangeiro, pertence o Dr. Luís da Câmara Cascudo. Fazendo-o agora nosso Instituto seu sócio correspondente<sup>369</sup>.

Foi na condição de confrade do IHGB, que Cascudo conseguiu atingir seu maior propósito, o de “fazer reviver o passado em função do futuro”<sup>370</sup>, mesmo porque para ele “a posteridade fará sua casa com o material que juntamos no presente”<sup>371</sup>, assemelhando-se, por isso, ao modelo difundido por Ranke, no qual “a história não será feita senão a partir dos testemunhos diretos e das fontes as mais autênticas”<sup>372</sup>:

Talvez mais ainda do que suas facetas de historiador clássico ou de cronista hagiógrafo, é como historiador positivista que muitas de suas obras explicitamente históricas o caracterizam. Com efeito, Cascudo empreende sua escrita da História na esteira da afirmação de Leopold Von Ranke, para quem o historiador deveria desvendar, no embate com os documentos, aquilo *que realmente aconteceu*. Essa é a marca distintiva de sua tese de ingresso no magistério público sobre *A intencionalidade no descobrimento do Brasil*<sup>373</sup>. Essa é também a característica essencial de seus livros sobre história regional e local. E sem dúvida é o desejo de desvendar a verdade última dos fatos que está na origem de sua obsessão pela busca das origens, revelada pela procura da localização exata da *Casa do Cunhaú*<sup>374</sup>, onde sacerdotes portugueses, colonos e índios fiéis a Portugal foram mortos pelos holandeses e seus aliados indígenas; pela descrição minuciosa da *Primeira Igreja do Seridó*<sup>375</sup>–, da qual a pregação católica se estenderá pelo solo sertanejo para fazer da fé elemento fundante da identidade do homem do sertão<sup>376</sup>; pela busca daquele que considerava *O mais antigo marco colonial do Brasil*<sup>377</sup>, o padrão que assinalava a posse da terra que hoje corresponde ao Rio Grande do Norte para a coroa portuguesa e que - materialmente por ele localizado - é hoje uma das atrações oferecidas aos visitantes do Forte

<sup>369</sup> REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, v. 169, p. 226-257, p. 255-256. 1934.

<sup>370</sup> NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>371</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A função dos arquivos. Separata de: **Revista do Arquivo Público**, Recife, ano 7-10, n. 9-12, p. 08, 1952-1956.

<sup>372</sup> RANKE, Leopold Von apud GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org.). **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 29.

<sup>373</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **A intencionalidade no descobrimento do Brasil**. Natal, RN: Imprensa Oficial, 1933.

<sup>374</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **A casa de Cunhaú**: história e genealogia. Natal, RN: [s.n.], 1933. Trata-se de um original inédito de livro, recentemente localizado no Memorial Câmara Cascudo, em Natal.

<sup>375</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **A mais antiga igreja do Seridó**. Natal: [s.n.], 1952.

<sup>376</sup> Cfe. CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1975.

<sup>377</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **O mais antigo marco colonial do Brasil**. Natal, RN: [s.n.], 1934.

dos Reis Magos, sentinela colonial construída sobre arrecifes no encontro do rio Potengi com o Atlântico <sup>378</sup>. (grifo da autora).

Apesar de longa, esta citação consegue reconstituir a atuação de Câmara Cascudo enquanto historiador, bem como identificar sobre quais temas da história potiguar ele se debruçou. Ela, também, evidencia que muitos dos trabalhos de Cascudo se filiaram às orientações emanadas dos Institutos históricos regionais <sup>379</sup> e do nacional, uma vez que demonstravam “a obrigação de colher os documentos históricos” <sup>380</sup>.

A ênfase dada por Cascudo aos temas da história da cidade do Natal e ao Estado do Rio Grande do Norte está vinculada a esta enorme disposição em controlar e preservar as informações acessadas através dos documentos sobre a história norte-rio-grandense. Por várias vezes e em diversas situações, os historiadores do IHGRN destacaram a posição assumida por Cascudo, como confirmado nesse discurso proferido pelo seu confrade, o historiador Manoel Rodrigues de Melo, em sessão do Instituto potiguar, em 1964:

A História da Capitania do Rio Grande nasce como planta débil em terra longínqua e distante. [...] Nasce com a Carta de Doação e com o Foral da Capitania de João de Barros. **Nasce com a esquadra discutida de Aires da Cunha, que Luís da Câmara Cascudo, divergindo dos demais historiadores, afirma não ter vindo ao Rio Grande do Norte.** Nasce entre sonhos, lutas, fracassos, ambições, vitórias <sup>381</sup>. (grifo nosso).

O IHGRN embora não tenha sido o primeiro Instituto que Cascudo passou a integrar, foi a instituição na qual sua imagem se perpetuou até os dias de hoje. Ele sempre reconheceu a importância da Casa da Memória:

---

<sup>378</sup> NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>379</sup> Um exemplo desse modelo defendido pelos Institutos fica evidente no estatuto do Instituto de Pernambuco, ao qual Câmara Cascudo se filiou ainda em 1925. “O Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano tem por fim coligir, verificar e publicar documentos, monumentos e tradições históricas que lhe for possível obter ou de que tiver notícia, pertencentes à história das províncias que formaram as antigas capitanias de Pernambuco e Itamaracá, desde a época do seu descobrimento até nossos dias”. RIAGP, v. 1, p. 22. “Todos os demais Institutos estabeleceram o mesmo princípio em seus estatutos” apud RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982. p. 40.

<sup>380</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>381</sup> MELO, Manoel Rodrigues. Câmara Cascudo: historiador. In: LUÍS da Câmara Cascudo: sua vida e sua obra. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Pongetti. 1969. p. 69.

Esta Casa é uma sentinela. Esta Casa está sempre em permanente serviço. As figuras augustas, que se vão da lei da morte libertando, sentem-se presentes na juventude operosa, digníssima de Enélio Lima Petrovich. Nada desapareceu. É preciso pensar o que é contingente e passageiro, e quais são as permanentes de nossa própria dignidade. O Exército, a Marinha, o Ensino, as Casas da Memória, a Cultura, essas darão as gerações futuras as coordenadas, o caminho para a própria dignidade humana <sup>382</sup>.

Ao adentrarmos as instalações do IHGRN, sentimos o quanto a presença cascudiana é marcante. Vale destacar o comentário feito por Almino Affonso que, ao escrever sobre o intelectual potiguar, chama a atenção para a forte marca cascudiana no ambiente do IHGRN. Em 1988, atendendo a um convite do referido Instituto, Affonso proferiu conferência, na qual referiu-se a um “terceiro encontro com Câmara Cascudo, desta vez estranhamente definitivo”:

Havia dois anos, Câmara Cascudo “encantara-se”, como costuma dizer o presidente Enélio Lima Petrovich. Ao entrar nas dependências daquela instituição centenária, de imediato dei-me conta – pelas fotografias, em cada parede, evocando o Grande Mestre, pelas revistas cujos ensaios o fazem reviver, pelas suas obras – às dezenas – nas estantes da biblioteca, tudo ali estava a dizer-me que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte é a casa de Luís da Câmara Cascudo <sup>383</sup>.

Em inúmeras ocasiões, e valendo-se da função de orador oficial do IHGRN, Cascudo manifestou sua percepção sobre o papel que os institutos históricos deveriam desempenhar. Na conferência que proferiu por ocasião do 65º aniversário de fundação do Instituto, Cascudo fez questão de destacar:

[...] Apelo para vós! A emoção foi sonho, e choque a presença do tempo rápido do rei da Índia, e o grande poeta vivendo o poema imortal. Esta é a função dos Institutos. É dizer aos Câmaras Cascudos **analfabetos** e **efêmeros** que passam pela vida: aqui houve determinado fato. Esta é a pedra, esta é a casa, esta é a ruína, este é o nome, este é o episódio que honram e dignificam nossa terra e nossa gente. A vida tumultuosa que nos cerca, a necessidade de andarmos hoje com os motores a jato, determina a especialização. O órgão tem que ficar para documentar e valorizar o momento que passa. A História, o passado. Porque tudo é passado, e tudo é

<sup>382</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **O Instituto Histórico**: estímulo e valorização da cultura. Natal, RN: IHGRN, 1967. p. 22. Plaquete em Homenagem ao 65º da Fundação do IHGRN. Edição comemorativa: Natal (1902-1967). Mensagem Cultural do Instituto Histórico: sua presença e seu testemunho.

<sup>383</sup> AFFONSO, Almino. Câmara Cascudo: alma do povo. In: \_\_\_\_\_. **Testemunhos e perfis**. Brasília, [s.n.], 1998. p. 64.

futuro. [...] Esta, pois, é a Casa da Memória, a casa evocadora, imemorial e intemporal. Não pertence a ninguém, porque pertence a todos. Guarda os patrimônios mais vivos, as recordações mais caras<sup>384</sup>. (grifo do autor).

Nesta mesma conferência, o confrade Câmara Cascudo fez também questão de ressaltar o valor das publicações do IHGRN, como a Revista: “E assim, nasceu o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. ‘A Casa da Memória’, que hoje, sessenta e cinco anos depois, tem na sua revista um dos mais altos patrimônios do Nordeste, em documentação”<sup>385</sup>.

A compreensão de que o Instituto era um dos mais importantes e privilegiados espaços para o cultivo da memória do povo potiguar e para a produção de sua história fez com que ele enfatizasse: “Agora mesmo se nós pensarmos psicologicamente na rapidez do presente e na força do passado, vemos que ao pronunciar estas palavras já elas pertencem ao passado. Já são patrimônio, já desapareceram, já são uma presença, uma lembrança, uma saudade”<sup>386</sup>.

Foi através de artigos publicados nas Revistas dos Institutos Históricos dos quais fazia parte que Cascudo alcançou projeção nacional. Nas edições das revistas dos Institutos de Sergipe e de Alagoas, da década de 1930 e início da década de 1940, encontramos artigos produzidos por Câmara Cascudo e que versam sobre o período da Dominação Holandesa, revelando seu interesse na história colonial brasileira.

A partir da década de 1930, Cascudo passa a colaborar em vários números da Revista do IHGRN<sup>387</sup>. Cabe ressaltar que, à época, as temáticas dos artigos eram escolhidas pelos próprios confrades, e que Câmara Cascudo era um dos responsáveis pela Comissão Editorial da Revista, favorecendo a divulgação de seus trabalhos.

<sup>384</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **O Instituto Histórico**: estímulo e valorização da cultura. Natal, RN: IHGRN, 1967. p. 20-21. Plaquete em Homenagem ao 65º da Fundação do IHGRN. Edição comemorativa: Natal (1902-1967). Mensagem Cultural do Instituto Histórico: sua presença e seu testemunho. Ressaltamos que, segundo informações obtidas na Plaquete, esta conferência foi proferida de improviso, no salão nobre do IHGRN, em 29 de março de 1967.

<sup>385</sup> Ibid., p. 19.

<sup>386</sup> Ibid., p. 21.

<sup>387</sup> Sobre a Revista do IHGRN, sabe-se que “foi criada conjuntamente com a fundação da entidade (1902). O seu primeiro número data de 1903 e o último, de [2001], sendo essa edição comemorativa do [Quinto] Centenário do Rio Grande do Norte. No decorrer desses anos de 1903 a 1996, a historiografia colonial norte-rio-grandense nela presente geralmente se reporta às incursões dos franceses em terras potiguares, à concessão de sesmaria, aos jesuítas na colonização da Capitania, aos missionários franciscanos nas aldeias e aldeamentos, aos principais [chefes] indígenas, aos povos indígenas e seus conflitos, ao domínio Holandês, ao cultivo do algodão pelos gentios, às crônicas de viajantes, às consultas do Senado da Câmara ao Conselho Ultramarino, ao surgimento dos municípios, ao regimento de ofícios de sapateiro, alfaiate e ferreiro, dentre outras tantas matérias”. ARAÚJO, Marta Maria de; SILVA, Ana Verônica O. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e o seu acervo documental da História Colonial do Rio Grande do Norte e Brasil. **HISTEDBR** 2006. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_082.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_082.html)>. Acesso em: 10 abr. 2007.

Sua consagração, no entanto, se daria com a nomeação para o cargo de historiador oficial da cidade do Natal, em 1948, e com a publicação dos dois livros históricos, a *História da Cidade do Natal* (1947) e a *História do Rio Grande do Norte* (1955), patrocinados, respectivamente, pela prefeitura de Natal e pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

### 3.3 O historiador contador de histórias

A capa do jornal *Tribuna do Norte*, da cidade do Natal, que circulou no dia da morte de Cascudo estampava a seguinte manchete: **‘Natal perde o seu contador de histórias’**<sup>388</sup>. Para Margarida de Souza Neves, isto se devia ao fato de:

Além de inúmeras crônicas e escritos breves dedicados a biografar personagens célebres e gente do povo, Cascudo escreve livros biográficos, em especial livros dedicados à personagens ligadas à monarquia no Brasil, quer por sua relação com a família imperial, como é o caso do conde d’Eu; quer por pertencerem aos quadros da burocracia de estado da monarquia, como o Marques de Olinda, para ele “*uma entidade isolada, única, definitiva*”, discreto e eficiente a ponto de ser muitas vezes esquecido pelos cultores de pirotecnias na fixação da memória do Império; quer ainda por serem figuras de interesse para o conhecimento do século XIX brasileiro, fossem eles intelectuais, coronéis empreendedores, viajantes, médicos, jornalistas, religiosos ou mesmo um inimigo fidalgo do Brasil<sup>389</sup>.

<sup>388</sup> NATAL perde o seu contador de histórias **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 31 jul. 1986. Texto da primeira página. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>389</sup> Este aspecto pode ser constatado nos seguintes livros por ele publicados: CASCUDO, Luis da Câmara. Conde D’Eu. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933; O Marquez de Olinda e seu Tempo (1793-1870). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Prefácio do Conde Affonso Celso), p. 32; Vida breve de Aute de Souza, 1876-1901. Recife: Imprensa Oficial, 1961; Jerônimo Rosado (1861- 1930): Uma ação brasileira na província. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967; O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil (1815-1917). Rio de Janeiro: Kosmos, 1977. (Ilustrado com reproduções de originais da expedição.); Em Memória de Stradelli. Manaus: Livros Clássicos, 1936; O doutor Barata. Político Democrático e Jornalista. Bahia, 1762. Natal, 1838. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1938; CASCUDO, Luís da Câmara, et al. O homem de espanto. Natal: Tipografia Galhardo, 1947. Trata-se de um livro sobre D. Vital, um dos dois bispos envolvidos na chamada Questão Religiosa do final do Império, e sua publicação permite inferir a relação de Cascudo – ex-maçom que abandona a maçonaria para casar-se com D. Dhália – com os círculos católicos ligados ao Centro D. Vital. Ainda que a quase totalidade do livro seja do autor potiguar, encontramos também no livro trechos transcritos de outros autores como Alceu Amoroso Lima, Jackson de Figueiredo e D. Jaime de Barros Câmara apud NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

Assim, boa parte de seus escritos, alguns deles publicados nas revistas dos Institutos Históricos, enfocaram a história do século XIX a partir das trajetórias pessoais de políticos ilustres e barões, contemplando o cenário de riqueza e de prestígio pessoal no qual circulavam. Isto sugere que Cascudo dedicou-se também a temas não ligados exclusivamente à história do Rio Grande do Norte, como se constata em um exemplar da Revista do IHGRN, de 1938-1940, para o qual colaborou com um artigo que tratava, entre outros episódios, do episódio dos Muckers, que ocorreu no Rio Grande do Sul:

Os Muckers (sic), em S. Leopoldo, no Rio Grande do Sul, têm sua guerra de 1873 a 1874. o chefe é João Jorge Maurer, cantando orações, curando pelo toque, influenciando por forças invisíveis e divinas. É preciso tropa, armas seguras, comando de um coronel, Genuíno Olimpio de Sampaio, e três meses de embate e descargas, para que os Muckers se apaguem diluídos, depois das refregas doidas junto às tendas de couro, derradeiro abrigo dos chefes, que morrem combatendo. João Jorge Maurer desaparece sem vestígios. Mas o coronel, morre, furado de balas<sup>390</sup>.

Dos livros de Cascudo que tratam sobre a história do Estado potiguar, se destacam duas sínteses históricas, uma sobre Natal e a outra sobre o Rio Grande do Norte, respectivamente, *História da Cidade do Natal* e *História do Rio Grande do Norte*, e livros como *Governo do Rio Grande do Norte*; *Nomes da Terra*; *Os holandeses no Rio Grande do Norte*; *Breve História do Palácio Potengi* e *A Casa de Cunhaú*<sup>391</sup>.

Esses livros não apenas evidenciam sua concepção de História, como refletem o seu apego às tradições e sua formação conservadora, adquirida junto à família e nos bancos escolares, tanto no Atheneu Norte-Rio-Grandense, quanto na Faculdade de Direito do Recife. Em seu discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Cascudo assim se manifestou:

<sup>390</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Fanáticos da Serra de João do Vale. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, 1938-1940. Natal, RN, v. 35-37, p. 47, 1941.

<sup>391</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1984; \_\_\_\_\_. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947; \_\_\_\_\_. **Governo do Rio Grande do Norte**: cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais, governadores republicanos, interventores federais, de 1597 a 1939. Mossoró: Esam, 1989. (Mossoroense, 531) Edição fac-símile; \_\_\_\_\_. **Nomes da Terra**: história, geografia e toponímia. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968; \_\_\_\_\_. **Os Holandeses no Rio Grande do Norte**. Mossoró: Esam, 1992. (Mossoroense, 792) Edição fac-símile; \_\_\_\_\_. **Breve história do Palácio Potengi**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1978; \_\_\_\_\_. **A Casa de Cunhaú**: história e genealogia. Natal, RN: [s.n.], 1933.

História é a memória do tempo. Estabelece a continuidade do esforço humano, articulando-nos aos trabalhos que justificam nossa presença. Sem ela, seríamos uma horda bravia. Ai de nós! Nenhuma horda, por menor e mais bárbara que seja, ontem, hoje e amanhã, deixou e deixa de possuir a sua história, a sua recordação e o seu orgulho. Na solidão do deserto, imóveis, hirtos, as duras fisionomias enroladas na brancura do albonorz, as lanças faiscando, o lume subindo, acorados, estão esses homens, ouvindo a voz de um velho, de um poeta, a voz do Passado, lembrando as guerras, as valentias, as glórias que são o invisível patrimônio explicador do devotamento<sup>392</sup>.

Nesse mesmo discurso, Cascudo deixou clara a sua admiração por aqueles a quem denominou *santos padroeiros* da História do Rio Grande do Norte, e pelos quais expressaria publicamente sua filiação e respeito, declarando:

Vicente de Lemos, Tavares de Lira e Luís Fernandes são os *santos padroeiros* da nossa História provinciana. Não há maior no exemplo. Iniciaram entre nós os métodos diretos da pesquisa, a exumação dos arquivos, a divulgação dos velhos códices que o Tempo amarelou. O sr. Tavares de Lira, deputado, Governador, Ministro de Estado, fixou-se no Rio de Janeiro, perto de tudo quanto facilitaria uma extensão intelectual. Os dois ficaram no Natal, desembargadores, tendo os horizontes da incompreensão, da indiferença e dos raros estímulos. O sr. Tavares de Lira, entretanto, com mais de trinta anos de Rio de Janeiro, continuou fiel aos trabalhos que começara, moço, na pequenina Cidade. Continua escrevendo e pesquisando tudo que se refira ao Rio Grande do Norte. É um nome que todo o Brasil conhece. Vicente de Lemos está citado nos livros definitivos, seu *Capitães-mores e Governadores do Rio Grande do Norte* é, na frase justa do Sr. Tavares de Lira, *o livro clássico do Instituto*. O menos conhecido é o meu patrono. Mas, fatalmente, será, encontrado quando uma atividade maior acelerar os ritmos de nossa produção intelectual. Quando a História atrair, com a magia de sua tranqüila beleza envolvente, as inteligências e as dedicações, Luís Fernandes reaparecerá, com seu boné de seda, seus olhos parados, seu sorriso triste, contemporâneo a quem o for encontrado, através do Tempo<sup>393</sup>. (grifo do autor).

Tendo-os sempre como mentores e inspiradores, Cascudo lançaria seu primeiro livro histórico de destaque – *História da Cidade do Natal*<sup>394</sup> – em 1947, sob o patrocínio da

<sup>392</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de posse na Academia NorteRio-Grandense de Letras (1943). In: NAVARRO, Jurandyr *Oradores – Rio Grande do Norte (1889-2000)*: biografia e antologia. 2. ed. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2004. p. 266.

<sup>393</sup> *Ibid.*, p. 314.

<sup>394</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. Livro que foi um dos pilares de projeção da “consagração” de Cascudo, enquanto historiador oficial de Natal. “Constituiu-se a obra pioneira na bibliografia natalense e do Rio Grande do Norte. Reúne artigos publicados na imprensa local, a partir da pesquisa bibliográfica, documental, coleta de dados e informações do temário histórico-social e cultural, durante as décadas de 1930 e 1940. Compreende-se, então, porque não existe nos capítulos uma ordem metodológica, como também cronológica do seu temário no tempo e no espaço” apud GUIMARÃES, Leda. *História da Cidade do Natal*. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 105.

Prefeitura Municipal de Natal. A segunda edição data de 1998 e resultou de uma parceria entre a Editora Civilização Brasileira, o Ministério da Educação (MEC) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A terceira – e última – edição data de 1999, resultou da iniciativa do IHGRN, em parceria com a Prefeitura Municipal de Natal.

Nesse livro – *História da Cidade do Natal* –, Cascudo tratou a história de Natal sob os mais variados ângulos. Se preocupou com aspectos referentes à sua fundação – sustentando que ela foi fundada por Manuel Mascarenhas Homem, que à época era Capitão-Mor de Pernambuco –, e em explicar questões referentes ao nome da cidade e aos nomes de ruas e bairros. Enfoca passagens desde a conquista e colonização, versando pelo período da Dominação Holandesa, até chegar à situação em que se encontravam os bairros à época da escrita. Não descuidou de destacar a projeção que a cidade adquiriu durante a Segunda Guerra Mundial e as transformações que sofreu por conta disto. O livro conta com fotos de vários pontos de Natal, tais como a Igreja Matriz e a Igreja Santo Antônio dos Militares, e também do momento de entrega da chave da cidade – a antiga chave do Forte dos Reis Magos –, pelo Prefeito Sylvio Pedroza, a Cascudo, em 1946. Enfim, constitui-se, até os dias de hoje, em livro de referência para os pesquisadores e estudantes interessados em conhecer melhor as origens da cidade do Natal.

O livro *História do Rio Grande do Norte*<sup>395</sup>, lançado pela primeira vez em 1955, resultou de uma iniciativa de Sylvio Pedroza, tendo sido publicado pelo MEC. Contou com uma segunda edição, datada de 1984, publicada pela Fundação José Augusto, com o apoio do Governador, à época, Sr. José Agripino.

O livro *História do Rio Grande do Norte* de Cascudo é tido como o terceiro livro-síntese produzido sobre a história do Estado, já que os dois livros anteriores a esse, além de carregarem o mesmo título, atendiam, praticamente, aos mesmos interesses<sup>396</sup>. O livro escrito por Cascudo é um manual, uma espécie de história síntese, total, do Estado, que busca de forma panorâmica, englobar os aspectos históricos da terra norte-rio-grandense, desde a

<sup>395</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984. Para Marcos Silva, “a *História do Rio Grande do Norte*, apesar de seu inevitável caráter datado (seleção de temas e fontes, periodizações, nexos explicativos), preserva uma importância derivada do trabalho com vasta massa documental, bibliográfica e informativa. O silêncio sobre os saberes populares – medicina, justiça, religião, poesia, cotidiano etc., alguns deles bem estudados noutras de suas obras – demonstra que a atividade de Câmara Cascudo como polígrafo não se confunde necessariamente com uma preocupação multidisciplinar, em que cada campo de conhecimento criticasse outros” apud SILVA, Marcos Antonio da. História do Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 119.

<sup>396</sup> Estamos nos referindo à **História do Rio Grande do Norte**, de Augusto Tavares de Lyra, 1921, e à **História do Rio Grande do Norte**, de Rocha Pombo, 1922. Vale ressaltar que, ao afirmarmos que a **História do Rio Grande do Norte**, de Câmara Cascudo, se constitui na terceira síntese produzida sobre a História do Estado potiguar, não desconhecemos a publicação, em 1877, por Manoel Ferreira Nobre, do livro **Breve Notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte**, que é reconhecida como a primeira a focar a história norte-rio-grandense. Ao apresentá-la como a terceira síntese produzida sobre a história do Estado potiguar, estamos considerando como suas antecessoras aquelas que difundiam o pensamento do IHGRN e que são consideradas clássicas pela historiografia norte-rio-grandense.



colonização até o início da década de 1950. Ao referir-se ao livro, Cascudo o descreveu da seguinte forma: “Esta História do Rio Grande do Norte é um trabalho sistemático menos das fontes impressas do que dos arquivos”<sup>397</sup>, tendo-a justificado a partir da seguinte percepção: “Pareceu-nos essencial divulgar o conhecimento do passado tendo pouco interesse na fixação dos comentários pessoais, sempre discutíveis. Procura-se, na fórmula interpretativa, explicar a razão de acontecimentos e desenhar a psicologia dos homens que estiveram à frente dos sucessos antigos”<sup>398</sup>.

O livro apresenta um volume de informações e dados que contemplam alguns dos principais fatos políticos e econômicos do Rio Grande do Norte, Nele, Cascudo privilegia, claramente, o papel desempenhado por homens – raras são as mulheres referidas – tidos como os mais corretos e mais ilustres da sociedade potiguar, membros de uma elite predominantemente católica, e que ocupam um capítulo inteiro do livro:

O capítulo final do livro biografava personalidades norte-rio-grandenses, com predomínio da elite masculina: em 131 nomes, três são mulheres (Auta de Souza, Isabel Gondim e Nísia Floresta) e um é ex-escravo (Félix José do Nascimento), viés coerente com a proposta de ‘explicar a razão de acontecimentos e desenhar a psicologia dos homens que estiveram à frente dos sucessos antigos’<sup>399</sup>.

Cascudo inicia o livro, descrevendo as ações dos colonizadores da Capitania do Rio Grande, e apresentando os índios apenas como figurantes, que desapareceriam no século XIX. Ao assumir o olhar do colonizador, do senhor que percebia os índios como uma ameaça para suas terras, Cascudo imprime uma versão oficial a sua *História do Rio Grande do Norte*. É, em razão disso, que desde o seu lançamento, o livro vem sendo fonte de consulta obrigatória para instituições estatais, como a Fundação José Augusto, que em seu site oficial, se vale das informações divulgadas no livro. Isto é perfeitamente compreensível, pois através dele:

<sup>397</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984. [Introdução].

<sup>398</sup> Ibid., 1984. [Introdução].

<sup>399</sup> SILVA, Marcos Antonio da. História do Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 119.

O autor tenta fazer “nascer” a História do Rio Grande do Norte e mostrou uma história que tinha como um de seus principais objetivos a busca pelas origens e seu progresso, idéia que o mesmo corroborou quando escreveu no início do livro que: ‘[...] tenta-se evocar como nasceu a Capitania do Rio Grande, viveu a Província que é o Estado dos nossos dias’<sup>400</sup>. (grifo da autora).

Para a elaboração do livro, Cascudo recorreu a vários de seus artigos e pesquisas, mas também podem ser identificadas algumas passagens recolhidas dos livros de Tavares de Lyra e de Rocha Pombo. Ao analisarmos a História do Estado escrita por Cascudo, observamos que esta foi elaborada basicamente com as mesmas fontes utilizadas por Tavares de Lyra e Rocha Pombo, em suas *Histórias do Rio Grande do Norte*. O livro de Cascudo, no entanto, contempla outros tipos de fontes – como as orais, por exemplo –, uma vez que ele pretendia, a partir de uma abordagem mais antropológica, dar conta dos costumes do povo norte-rio-grandense. Isto fica evidente na “estratégia argumentativa utilizada por Cascudo” que se vale de “anexos documentais ou metodológicos em cada capítulo, abordando tópicos específicos dos temas tratados antes”<sup>401</sup>.

*Governo do Rio Grande do Norte* data de 1939 e é um livro mais biográfico do que propriamente político. Podemos classificá-lo como uma biografia dos nomes mais importantes da política norte-rio-grandense. Nele, Cascudo traz as biografias de personagens das elites políticas locais, não deixando de contemplar os aspectos políticos, na medida em que estes interferem diretamente na trajetória de vida dos biografados. É um livro considerado importante por fornecer dados importantes para a elaboração de biografias coletivas e, também, por reconstituir a história política do Estado do Rio Grande do Norte. De acordo com Marc Hoffnagel, o livro *Governo do Rio Grande do Norte*:

Apesar de muitas ressalvas, trata-se de uma obra que não deve ser desprezada. Os dados pesquisados pelo autor sobre o nascimento, a procedência, a formação acadêmica, a profissão e os laços familiares dos biografados fornecem elementos básicos para biografias coletivas da elite política potiguar e brasileira. Assim, o *Governo do Rio Grande do Norte* se constitui em valioso instrumento de pesquisa para aqueles que se interessam

<sup>400</sup> Cfe. LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. f. 32. Monografia (Graduação em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.

<sup>401</sup> SILVA, Marcos Antonio da. História do Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 114-115.

pela história política do Brasil, representando um importante legado para o pesquisador contemporâneo <sup>402</sup>.

Em *Nomes da Terra*, encontramos um estudo sobre o povoamento do Estado e sobre a toponímia norte-rio-grandense. Pode-se dizer que neste livro prevalecem o geógrafo e o lingüista sobre o historiador, na medida em que Cascudo se preocupou com a distribuição da população e com as formas de ocupação do território potiguar. Nele, mais uma vez, ele desconsideraria a importância dos indígenas:

O grande ausente em seu livro, no entanto, é aquele que mais contribuiu para a designação dos topônimos norte-rio-grandenses: o índio. Mesmo dando crédito aos indígenas pelos inúmeros nomes da terra que criaram, Cascudo faz com que eles apareçam minimizados na História do Rio Grande do Norte: nem mesmo a guerra de resistência de quase cinquenta anos, citada aqui e acolá, desfaz a impressão de uma ocupação pacífica da terra pelos portugueses, enquanto os índios eram ‘vilados’ <sup>403</sup>.

Para a historiadora Fátima Martins, em *Nomes da Terra*: “além da ‘toponímia’, Cascudo também apresentou uma pequena análise sobre a formação histórica do Rio Grande do Norte e penetração colonial portuguesa nas suas terras” <sup>404</sup>, atribuindo importante papel aos colonos, negros e índios, pois “Para Cascudo, é desta gente – colonos empobrecidos, mas persistentes, índios conquistados, mas renitentes [sic.], negros escravizados, mas presentes – que se formou a população do Rio Grande do Norte. [...]” <sup>405</sup>.

Em *Os Holandeses no Rio Grande do Norte*, Cascudo se valeu das fontes impressas, da literatura e do folclore para reconstituir o período de ocupação holandesa na Capitania, enfocando as disputas pela posse do território e os embates culturais e religiosos. O livro reuniu os artigos em que Cascudo tratou deste tema e que haviam sido publicados na Revista do IHGRN. O olhar de antropólogo, muitas vezes, se impôs de forma preponderante sobre o do historiador, como bem observado por Raquel Mizrahi:

---

<sup>402</sup> HOFFNAGEL, Marc. Governo do Rio Grande do Norte. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 96-97.

<sup>403</sup> LOPES, Fátima Martins. Nomes da terra. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 212.

<sup>404</sup> *Ibid.*, p. 210.

<sup>405</sup> *Ibid.*, p. 210.

O antropólogo, informalmente, e algumas vezes irônico, relatou inclusive sobre cenas dramáticas ocorridas na luta contra o jugo holandês. Depois de análise minuciosa conseguiu identificar diversos acidentes geográficos, renomeados pelos cientistas holandeses. O domínio do folclore regional, da tradição oral, utilizando ‘provas dignas de respeito e merecedoras de citação’ e estudos comparativos transformam-se em fontes estimulantes a novas pesquisas sobre o domínio holandês no Rio Grande do Norte<sup>406</sup>.

*Breve História do Palácio Potengi*, é uma plaquete que trata de um dos capítulos do livro *História da Cidade do Natal*, que originalmente tinha o título “Onde morava o Governo”. O capítulo foi revisto, ampliado e republicado em 1961, oferecendo valiosa colaboração para a reconstituição da cronologia dos governantes do Rio Grande do Norte, desde a colonização até o início da década de 1960, e pelo estudo minucioso sobre os espaços oficiais do Estado que realiza:

[...] o texto de Câmara Cascudo pode suscitar uma discussão sobre a construção e desconstrução dos territórios e lugares na cidade. As sedes do governo, dentro de seu caráter simbólico, ora consolidam territórios, ora promovem o aparecimento de outros, valorizando ou incentivando a ocupação de novas áreas, muitas vezes seguindo as mesmas leis e regras de mercado que dominam a distribuição dos usos e ocupações na cidade capitalista<sup>407</sup>.

*A Casa de Cunhaú* trata especificamente de um episódio ocorrido em julho de 1645. Trata-se, na verdade, do martírio de dois padres e alguns leigos – que se encontravam rezando numa capela –, pelos índios comandados por Jacob Rabi, um alemão encarregado de disseminar o medo para consolidar o regime na Capitania. Os religiosos envolvidos no episódio se tornariam Protomártires do Brasil<sup>408</sup>, no ano de 2000. O livro descreve a região

<sup>406</sup> MIZRAHI, Raquel. Os Holandeses no Rio Grande do Norte. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 126.

<sup>407</sup> FERREIRA, Angela Lúcia de Araújo. Breve história do Palácio Potengi. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 20.

<sup>408</sup> Segundo informações obtidas do Monsenhor Francisco de Assis Pereira, Postulador da Causa dos Mártires: “No ano de 1645, quando a colonização do Rio Grande do Norte ainda estava recente, os padres André de Soveral e Ambrósio Francisco Ferro, mais o leigo católico Mateus Moreira e 28 companheiros, foram assassinados por calvinistas holandeses. Durante o martírio, eles afirmaram a fé na Eucaristia. Mateus Moreira, no momento em que lhe arrancavam o coração pelas costas, exclamava: “Louvado seja o Santíssimo Sacramento”. PROTOMÁRTIRES. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesede natal.org>>. Acesso em: 13 out. 2007. O massacre desses religiosos ocorreu nas terras de Cunhaú e foi registrado por Cascudo quando escreveu sobre as terras de Cunhaú.

onde aconteceu o martírio, oferecendo, ainda, informações valiosas para a História da Igreja no Brasil. Em sua análise sobre *A Casa de Cunhaú*, Mário Ruldolf observou que:

A leitura descuidada desse texto traz, imediatamente, uma confusão de nomes, datas e informações minuciosas, num espaço curto de palavras, mas extenso e na formação do Brasil. [...] O centro da pesquisa e da narrativa é Cunhaú, pequeno canto do Nordeste brasileiro, onde vivem homens e mulheres e acontecem fatos que não podem ser ignorados por quem quer entender um pouco melhor o Brasil<sup>409</sup>.

Diante do exposto, consideramos a possibilidade de analisar a trajetória do *Cascudo historiador* a partir da definição de três momentos. Esclarecemos, contudo, que esta periodização – tão linear e compartimentada – não implica negar e desconhecer a dinâmica que envolveu a vasta produção histórica de Cascudo.

O primeiro momento compreenderia o período entre o final da década de 1920 e a década de 1930, momento em que ele escreveu inúmeros artigos que viriam a ser publicados pela Revista do IHGRN. Neles, se pode constatar que Cascudo se dedicou a biografar os “grandes” homens e os principais representantes dos Governos, enaltecendo a Monarquia. Para exemplificar, transcrevemos um trecho de um artigo publicado em 1928, na Revista do IHGRN, e que se trata, na verdade, da conferência que proferiu, em 1925, no Instituto de Pernambuco, por ocasião do primeiro centenário de nascimento de Dom Pedro II:

[...] Mesmo assim o Imperador não permitia a eternidade dos gabinetes. Queria o equilíbrio. Ia chamando uns e outros. Era a intervenção pessoal tão negada mais absolutamente existente. [...] Estas virtudes sem vícios cacterisantes (sic.) e brasileiros, elevou-o acima dos caricaturistas, desenhistas, jornalistas, oradores trovejantes e tribunos do Povo, no tempo em que havia Povo<sup>410</sup>.

Durante a década de 1930, os artigos encaminhados para publicação pela Revista do IHGRN também passaram a tratar de temas ligados aos costumes e às tradições populares e

---

<sup>409</sup> RULDOLF, Mário. *A Casa de Cunhaú*. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 29.

<sup>410</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Sobre o Sr. Dom Pedro II. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 15-16, p. 210-211, 1928.

com as origens de alguns topônimos, como por exemplo, do termo “*potiguar*”<sup>411</sup>, preocupação que ganharia mais espaço no livro *Nomes da Terra*:

O meu velho amigo e companheiro Mário Melo informava ao nosso patricio que *potiguar*, traduzido por ele, era coisa diversa e seria muitíssimo curioso alguém orgulhar-se de ser coprófago. Como eu havia escrito que o Sr. Godofredo Freire não tinha errado empregando *potiguar*, e que *potiguar* não era nome injurioso, e ainda podia perfeitamente ser o *comedor de camarão*, fiquei tranqüilo por ter acertado. [...] Logo podemos escrever tranqüilamente *potiguar* sem a menor ofensa às regras do *nheêgatú* e a tradição. Neste ponto, a questão está finda. *Potiguar* é *comedor de camarão*. Eu o desejaria apenas<<procedente de camarão>>. O particípio nominal *guar* de (*decoar*), está confundido com *guar, úar*, particípio do verbo *ú*, comér, o-que-come, o comedor. Os verbos acabados em u tem por sufixo *guar* em vez de *uhar*. Daí *potiguar* ser procedente do camarão ou comedor de camarão, se tomarmos o particípio como sendo nominal no primeiro caso, ou tempo do verbo comer, no segundo<sup>412</sup>.

No final da década de 1920, depois da falência do jornal *A Imprensa*, Cascudo passou a colaborar com o jornal *A República*, escrevendo artigos bastante variados, passando a assinar a coluna intitulada *Actas Diurnas*<sup>413</sup>, a partir de 1939. Nestes artigos jornalísticos, se dedicaria a temas mais populares – mais banais até – e voltados para o grande público natalense e norte-rio-grandense<sup>414</sup>. Estes artigos vêm sendo organizados, pelo IHGRN desde a década de 1970, tendo resultado em vários volumes da coleção *O Livro das Velhas Figuras*, no qual encontramos “eventos importantes para a história local, bem como o fato simples, elemento do costume, componente da cultura popular; tudo examinado na perspectiva humana dos personagens que o produziram”<sup>415</sup>.

Em uma das *Actas Diurnas* – intitulada *Discurso de Doutor e conversa de pobre* – se propôs a narrar a história do índio Antonio Felipe Camarão. Em razão da linguagem popular –

<sup>411</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. O nome “Potiguar”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 37-46, 1940.

<sup>412</sup> *Ibid.*, p. 38-39.

<sup>413</sup> Segundo Margarida Neves: “Suas ‘Actas diurnas’, registros breves do que ‘vira e ouvira’ pessoalmente ou descobrira nos arquivos cujo ‘destino’, segundo suas próprias palavras, ‘é preparar os elementos da Posteridade’, foram leituras diárias de gerações do Rio Grande do Norte”. NEVES, Margarida de Souza. *Viajando o Sertão: Luís da Câmara Cascudo e solo da tradição*. In: CHALLHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de M.(Org.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005. p. 239.

<sup>414</sup> A partir da década de 1970, os artigos da *Acta Diurna* passaram a ser publicados sob a forma de livros pelo IHGRN, compondo a Coleção intitulada *O Livro das Velhas Figuras*, título escolhido pelo próprio Cascudo.

<sup>415</sup> GALVÃO, Cláudio A. Pinto. *O Livro das Velhas Figuras*. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 159.

e de uma espécie de diálogo mantido com o leitor –, bem como da polêmica que estimulou, o artigo viria alcançar um grande número de leitores

Pernambucanos e northeriograndenses [sic.] disputam a honra da naturalidade do índio potiguar dom Antonio Felipe Camarão. Confesso não ter entusiasmo por esses prélios [sic.] infindáveis. Todos os documentos permitem os luxos da dialética e as agilidades intelectuais da controvérsia. Até que apareça uma razão irrespondível, corram as falações inutilmente. Creio, entretanto, sem meter-me na liça, que o chefe indígena era nosso conterrâneo<sup>416</sup>.

Na etapa seguinte – o terceiro momento que definimos –, temos um Cascudo mais preocupado em consolidar e assegurar a posição de historiador oficial, o que o levou a se dedicar à produção de livros – com perfil de sínteses históricas –, como os publicados a partir da segunda metade da década de 1940, com destaque para a *História da Cidade do Natal*, de 1947, e a *História do Rio Grande do Norte*, de 1955, trabalhos que foram encomendados pelos poderes públicos.

Um exemplo dessa intenção em se projetar como um historiador oficial pode ser constatado no texto da dedicatória que Cascudo escreveu no exemplar de *História da Cidade do Natal*, que deu a Sylvio Pedroza, prefeito de Natal à época: “A Sylvio Piza Pedroza, cuja alegria em amar e servir a cidade do Natal é herança espiritual de três gerações fieis ao mesmo sentimento, ofereço, dedico, consagro esta viagem no Tempo, olhando a terra comum... L. da C.C.”<sup>417</sup>.

Por mais de seis décadas, o *Cascudo historiador* privilegiou temáticas que tinham estreita relação com sua vida, com a sua formação familiar e acadêmica, com os livros que leu e criticou – cuidadosamente armazenados na sua *Babilônia* – e com a sua insaciável vontade de ver, ouvir, sentir, registrar e guardar o que os homens de seu Estado já haviam vivido ou viviam. O jornalista Assis Angelo, em artigo divulgado no Folhetim da Folha de São Paulo, de 08 de janeiro de 1979, ressaltou esta característica da produção cascudiana, valendo-se de uma entrevista que Cascudo lhe concedeu, para afirmar que: “O bom humor é marca registrada neste homem que nas horas de

---

<sup>416</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de Doutor e conversa de pobre. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1941-1943, Natal, RN, v. 38-40, p.162-163, 1946. Publicado originalmente em A República, 17 maio 1943. Acta Diurna.

<sup>417</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. [Apresentação].

leitura, que são muitas, delicia-se com Heródoto, Plínio, Tácito, Petrônio, Terêncio, Montaigne, Cícero, Aristóteles, Platão, Plauto, Homero, Ovídio, Sêneca, Anatole France etc.”<sup>418</sup>.

Na seqüência, este *Cascudo historiador*, cuja concepção de História e produção histórica apresentamos e analisamos neste capítulo, será focado enquanto um *historiador católico*. Um historiador que, em vários momentos de sua vida, não deixou de vivenciar e expressar sua fé e devoção católica.

Ao reconstituirmos sua história de vida, pudemos constatar que – já na mocidade – Cascudo manteve estreitas ligações com a Igreja Católica e com seus representantes (padres, bispos e leigos engajados), com associações eclesíásticas e com a imprensa católica, manifestando grande interesse em livros que tratavam da História da Igreja no Brasil, como revela o acervo de sua biblioteca, a *Babilônia*.

Com o objetivo de identificar as marcas da fé e do catolicismo em sua produção, analisaremos alguns de seus livros, artigos e depoimentos, destacando a visão que trazem, em especial, sobre a atuação da Igreja Católica – durante alguns episódios da história política brasileira e potiguar – e sobre o papel desempenhado pelos religiosos jesuítas durante a fase da conquista e da colonização do Rio Grande do Norte.

---

<sup>418</sup> ANGELO, Assis. O Velho que sabe tudo. Entrevista com Luís da Câmara Cascudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1979. Folhetim. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.



#### 4 O HOMEM DE FÉ E O HISTORIADOR CATÓLICO

“A primeira das virtudes sociais é a Fé. O resto é consequência funcional. Para acreditar é preciso compreender e amarmos com os sentidos do coração”<sup>419</sup>.

Neste capítulo, além de enfocarmos a religiosidade do historiador potiguar, procuramos identificar e analisar as repercussões dos vínculos que manteve com a Igreja Católica em sua produção intelectual.

A epígrafe – extraída do artigo divulgado no jornal *A República*, de 26 de maio de 1959 – revela a percepção que Cascudo tinha – nessa fase de sua vida – sobre fé. Para o ilustre potiguar, a fé deveria ser vivida e sentida pela via dos sentidos, consistindo numa experiência individual, como um ato de amar e de compreender o outro e a si mesmo. Nela, Cascudo deixava claro que atribuía à fé também uma função de responsabilidade social, classificando-a como uma das mais importantes virtudes humanas e sociais.

Em outros momentos de sua vida, Cascudo voltaria a reafirmar sua fé. Em uma entrevista concedida em 1977, afirmou: “Sou católico, fumo e bebo tanto quanto deixam”<sup>420</sup>, e, em outra, em 1979, declarou que se percebia como “um homem mais de fé do que de culto”, capaz de “recusar a extrema-unção”, mas empenhado em buscar se “entender pessoalmente com Deus”<sup>421</sup>. Essa última afirmação, que nos sugere um Cascudo avesso à ritualística católica romana, nos instiga a desvendar a constância – ou não – dessa sua postura – percorrendo as várias etapas de sua vida e trajetória como intelectual e reconstituindo os vínculos que manteve com alguns setores e níveis da hierarquia da Igreja Católica em âmbito regional e nacional.

Em muitos de seus escritos, Cascudo explicitou sua fé em Deus e sua devoção aos santos, bem como sua percepção sobre o papel desempenhado pela Igreja e por seus representantes em vários períodos da História do Brasil e, especificamente, do Rio Grande do Norte. Neste capítulo, nos valem de artigos publicados em revistas e em periódicos – eclesiásticos ou não –, plaquetes e passagens de suas principais produções históricas, nos

---

<sup>419</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Dom Helder Câmara, o padre Helder. In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras:** (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2005. v. 9, p. 121. (publicado originalmente no jornal *A República*, 26 maio 1959).

<sup>420</sup> ANGELO, Assis. O Velho que sabe tudo. Entrevista com Luís da Câmara Cascudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1979. Folhetim. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

<sup>421</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Luiz da Câmara Cascudo, 79 anos, surdo e quase cego. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1977. Caderno B, p. 4.

quais Cascudo aborda aspectos da História da Igreja no Rio Grande do Norte, destaca manifestações de religiosidade popular e expõe sua percepção sobre a atuação de autoridades religiosas de sua época, tais como o Arcebispo Dom Helder Câmara, e, ainda, sobre a formação de paróquias no Rio Grande do Norte<sup>422</sup>.

Serão, também, alvo de nossa atenção as relações, sobretudo as de amizade, que Cascudo manteve com membros do alto clero, como Dom Marcolino Dantas<sup>423</sup>, personagem emblemático da Igreja Católica norte-rio-grandense, cujo período de atuação é tido como marco divisório na história da Arquidiocese, e com intelectuais estreitamente vinculados ao mundo católico potiguar, como Otto Guerra<sup>424</sup>, professor da faculdade de Direito da UFRN, jornalista, sócio do IHGRN e imortal da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, uma das personalidades mais influentes no Estado.

---

<sup>422</sup> Referimo-nos ao texto de Cascudo intitulado Paróquias do Rio Grande do Norte. CASCUDO, Luís da Câmara **Paróquias do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. Plaquete. Esta revela a incursão que Cascudo fez na historiografia religiosa do Rio Grande do Norte, ao se debruçar sobre o processo de criação das paróquias do estado. Há, também, outra plaquete escrita por ele, e que trata da criação e da história da Paróquia de Nova Cruz no Rio Grande do Norte, tendo sido encomendada a Cascudo por ocasião do aniversário de fundação da Paróquia. Trata-se de Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz. CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz**. Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

<sup>423</sup> Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas foi o 4º Bispo e 1º Arcebispo da Arquidiocese de Natal, esteve a frente do comando do bispado norte-rio-grandense entre 1929 a 1967. Sobre a atuação de Dom Marcolino na Arquidiocese, temos as informações do Pe. Normando Pignataro Delgado (Coordenador da cúria metropolitana de Natal e também membro do IHGRN): “A Arquidiocese de Natal pode ser analisada como uma Igreja particular que teve em dom Marcolino Dantas, o seu 4º Bispo, (1929-1967), o marco divisório entre antes e depois do seu longo governo de 38 anos. A esmerada formação do clero deu a Dom Marcolino o galardão de Grande Bispo de Natal. Construiu o prédio do Seminário de São Pedro, o Dispensário Sinfrônio Barreto, o Santuário de Santa Teresinha, lançou a pedra fundamental da nova Catedral, restaurou o jornal diocesano e criou onze paróquias. Em 1945 comemorou solenemente o Tricentenário do Morticínio de Cunhaú e Uruaçu e, em 1953, Bi-centenário da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário, no Rio Potengi. Incentivou a realização de Congressos Eucarísticos Paroquiais, como o de Canguaretama, de Currais Novos e de São José de Mipibu. No decorrer deste último, ele ordenou um filho da terra, o mipibuense Manuel Tavares de Araújo, que, depois, foi sagrado bispo. No seu governo foram criadas as dioceses de Mossoró e de Caicó. Em 1952 foi criada a Arquidiocese de Natal, que como sede metropolitana, teve por sufragâneas as duas dioceses do Estado”. Disponível no site: <[www.arquidiocesedenatal.org.br/arquidiocese/ dommarcolinoesmeraldo](http://www.arquidiocesedenatal.org.br/arquidiocese/dommarcolinoesmeraldo)>. Acessado em julho de 2008. Dom Marcolino mantinha estreitos laços de amizade com Câmara Cascudo, razão pela qual foi um dos autores imortais da Academia que deixou depoimento sobre Cascudo na Plaquete de homenagem originada de evento na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

<sup>424</sup> Otto de Brito Guerra foi advogado e jornalista, tendo sido, também, um dos imortais da Academia que escreveu depoimento homenageando Cascudo na Plaquete de homenagem que foi proposta em evento na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947. Aliado a Cascudo foi um dos fundadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo o 1º vice-reitor da Instituição. Como jornalista foi um dos primeiros diretores do Jornal *A Ordem*, jornal que foi o primeiro veículo de informação da Igreja Católica do Rio Grande do Norte: “Nos primeiros anos de funcionamento, o **Jornal era dirigido por um grupo de intelectuais católicos, entre eles: Otto de Brito Guerra, Manuel Rodrigues de Melo e o professor Ulisses de Góis**. Sua sede, onde funcionava a redação e a oficina, ficava situada na Rua Dr. Barata, no Bairro da Ribeira, em Natal”. (grifo nosso). Informações obtidas através do Link. HISTÓRIA do Jornal. **A Ordem** Disponível em: <<http://www.arquidiocesedenatal.org.br>>. Acesso em: 09 set. 2007.

Dentre os aspectos que destacaremos da produção histórica de Cascudo está a visão que o historiador tinha sobre a atuação da Companhia de Jesus – e, conseqüentemente, dos missionários, tanto no processo de conquista e colonização da Capitania do Rio Grande, quanto na fundação da cidade do Natal –, procurando vinculá-la a sua formação familiar e acadêmica e as suas relações – de amizade ou não – com membros da hierarquia católica nacional e regional.

As mais variadas manifestações de catolicismo presentes na produção cascudiana – e que justificam a denominação de *homem de fé*<sup>425</sup> que Cascudo recebeu, especialmente, de representantes do clero potiguar<sup>426</sup> – e a importância que o intelectual atribuiu à fé e às expressões de devoção religiosa na representação que construiu sobre si, sobretudo, em seus escritos – memórias e entrevistas<sup>427</sup> – serão enfocadas a seguir. Para o que nos propomos nos próximos subcapítulos, consideraremos, ainda, o arquivamento de papéis, os marcadores de textos e as fotografias, as cartas escritas, as anotações feitas em diários e as coleções que Cascudo acumulou ao longo de sua vida<sup>428</sup>, pois entendemos que essas ações constituíram uma “escrita de si”, responsável por uma “memória de si” que o apresentava como um *homem de fé* e de moral católica.

---

<sup>425</sup> Ao apresentarmos Cascudo como um *homem de fé*, não desconhecemos, contudo, a importante advertência feita por Margarida Neves sobre as dificuldades inerentes ao enquadramento de Cascudo nesta ou naquela categoria: “[...] Não é trivial a tarefa de apresentar uma síntese da obra de Cascudo. Personalidade vulcânica e galvanizadora, o filho do coronel nordestino que assumiu como sobrenome familiar a identidade conservadora de seus ancestrais, foi simultaneamente o pesquisador respeitado internacionalmente e o freqüentador assíduo da zona da Ribeira; o tradutor dos poemas de Walt Whitman e o entusiasta dos versos de cordel do sertão brasileiro [...]” NEVES, Margarida de Souza. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo**. 2000. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.

<sup>426</sup> Não desconhecemos os interesses envolvidos em depoimentos, discursos e elogios fúnebres feitos por membros da cúpula católica norte-rio-grandense, nem os de Cascudo, ao vincular-se à Igreja Católica do Estado.

<sup>427</sup> Estamos cientes dos cuidados que devemos ter ao considerar e analisar esse tipo de fonte, já que “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’. [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento [...]”. GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 14.

<sup>428</sup> Como bem observado por Gomes: “Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde àquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários – até a constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções”. *Ibid.*, p. 11.

#### 4.1 Um homem de fé

Câmara Cascudo nasceu e cresceu em uma família católica. Seu batizado – feito pelo padre João Maria, tornado santo pelo povo potiguar –, ocorreu em maio de 1899, quando ele contava com menos de um ano de idade, atestando o respeito que a família tinha pelo ritual católico<sup>429</sup>. Os anos que se seguiram, marcados – como não poderia deixar de ser – pela religiosidade familiar, exerceram influência não apenas sobre o menino *Cascudinho*, mas também sobre o intelectual que se manifestaria, anos mais tarde, em artigos<sup>430</sup> e memórias<sup>431</sup>, sobre temas que diretamente ou indiretamente tinham relação com a História da Igreja e com as manifestações de devoção religiosa popular<sup>432</sup>.

Em artigo escrito em 1920, Cascudo destacaria não apenas as virtudes do padre que o havia batizado e que considerava santo, como revelaria conhecimento sobre a vida de alguns santos da Igreja Católica:

A Bondade é uma só na essência (sic). Moldalidade (sic) do poder de Deus, a Bondade, como a Graça, vem doada ao coração do predestinado como o primeiro signete (sic) de redempção (sic). São Martinho dando metade de sua capa à um mendigo, São Juan de Dios, despindo-se para agasalhar crianças (sic), Santo Antonio vendendo-se para resgatar escravos, são reflexos naturais (sic) da mesma bondade e da mesma fé, do mesmo desejo d'amor ao próximo e d'esperança na salvação, o mesmo sentimento que impellia (sic) São Raymundo Nonato à falar de paz e de luz nos lóbregos ergástulos d'Argelia ou São Francisco d'Assis abraçar, em transportes, as árvores e as pedras. João Maria tinha o coração cheio d'esse amor infinito e incompreensível (sic) dos Santos. Era fundamentalmente bom. A sua virtude resplandecia sobre todos. Adversários ou amigos, todos, se curvavam ante a sua vida, longa série (sic) de lutas, como a de São Servulo foi cheia de sofrimentos. <<O humilde vigário de Natal, diz Antonio de Souza o fino espírito de crença e de coração, << que nunca foi arcebispo, mas que bem merecia um frei de Luiz de Souza que lhe escrevesse a vida>> Durante sua passagem pela terra, o parcho (sic) natalense seguiu a risca os preceitos áureos do Sermão da Montanha. Foi um puro, um sincero, senhr d'um'alma

<sup>429</sup> Os pais de Cascudo integravam a elite norte-rio-grandense, marcadamente católica, e viveram num período que antecedeu o fim do Padroado, em decorrência da Proclamação da República. Já Cascudo, apesar de ter sido criado nesse mundo, viveu os efeitos da cisão entre Igreja e Estado e do movimento da Restauração Católica, um “projeto bem concreto de restauração da influência do catolicismo dentro da sociedade brasileira, contando, para isso, com o apoio expressivo do próprio poder político”. AZZI, Riolando. **A neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994. p. 9. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

<sup>430</sup> Referimo-nos ao artigo de abertura da Revista *Província II*, a qual traz uma homenagem da Fundação José Augusto a Cascudo pelos seus setenta anos de vida e cinqüenta de trajetória intelectual. O artigo de Cascudo a que nos referimos intitula-se *Provinciano Incurável*.

<sup>431</sup> Como exemplos, podemos citar o artigo **Provinciano Incurável** e o livro **O Tempo & Eu**.

<sup>432</sup> Seus trabalhos enfocavam tanto as manifestações devocionais populares católicas, quanto o candomblé e o catimbó.

forte, sadia e poderosamente votada para o Bem. Logo após sua morte, o Povo canonizou-o. Esta consagração veio depressa e bem merecidamente<sup>433</sup>.

Cabe lembrar que Cascudo nasceu na última década do século XIX, em um período em que a Igreja Católica no Brasil passava por profundas mudanças em decorrência da implantação da República e do fim do Padroado no Brasil. Sua família – de tradição monarquista e formação religiosa conservadora – associou-se ao movimento de religiosos e leigos: “Não era apenas no mundo dos pensadores católicos que a defesa da monarquia como única forma de governo legítima e oportuna para o Brasil era mantida e estimulada com esperanças de restauração. Entre o povo simples do sertão, muitos vigários e rezadores leigos trilham o mesmo caminho, nem sempre com muita clareza”<sup>434</sup>.

Acreditamos que a produção de Cascudo foi grandemente influenciada por esta religiosidade cultivada no ambiente familiar e escolar<sup>435</sup>, e por uma vertente mais conservadora do pensamento católico que se expressaria de forma mais intensa e explícita em alguns momentos de sua trajetória acadêmica e pessoal<sup>436</sup>.

As marcas do catolicismo de Cascudo estão muito evidentes em seus escritos, como se pode constatar nesta passagem, de uma *Acta Diurna* de 1939, em que ele ressalta o simbolismo de que se revestem os sinos para os fiéis católicos: “Sinos da **Matriz**.. testemunhas das vidas, pranto das mortes, saúdo vossa história, sino, *signum*, sinal, arauto da solidariedade, guarda da Fé, soldado perpétuo em posto inarredável, gritando com voz de bronze, no meio das ventanias de todos os orgulhos, no turbilhão da poeira doirada e efêmera dos homens, a hora de Deus, no dia de César...”<sup>437</sup>. (grifo do autor). No mesmo artigo, Cascudo reafirma o papel que os sinos tinham de congregar as multidões que, através deles, se reconheciam em sua devoção comum:

<sup>433</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Padre João Maria. **Revista do Centro Polymathico**. Natal, RN, ano 2, n. 4, p. 25-26, mar. 1921. (Datado pelo autor de novembro de 1920).

<sup>434</sup> LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 23.

<sup>435</sup> Vale lembrar que o primeiro colégio em que Cascudo estudou foi um colégio religioso – o Externato Coração de Jesus – no qual permaneceu por pouco tempo. Em seguida, foi transferido para um colégio dirigido por padres, o colégio Diocesano Santo Antônio.

<sup>436</sup> Fundamentamos esta nossa percepção na afirmação de Margarida de Souza Neves, para quem se pode encontrar num texto “em sua tessitura e em sua recepção, uma expressão do autor como sujeito histórico e de sua versão sobre o tempo vivido”. NEVES, Margarida de Souza. *Literatura: prelúdio e fuga do real*. **Revista Tempo**, Niterói, RJ, v. 9, n. 17, p. 81, 2004.

<sup>437</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Os sinos da matriz. In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2002. v. 7, p. 23. (publicado originalmente no jornal A República, 31 dez 1939).

Quando nossos sinos vibravam era uma mensagem a todos os espíritos esparsos nos limites da Cidade melancólica. Reunia-os mentalmente, fundindo-os ao acento vibrante daquele universal falando pela boca metálica e entendido pelos corações. Há uma linguagem, um código, um estranho abecedário que atravessava os ares, indo, pelo som, como a palavra dos Profetas, do ouvido às almas. Congregava a voz difusa da multidão...<sup>438</sup>.

Elas podem ser também encontradas em um outro artigo que Cascudo escreveu em 1939, e que foi publicado no jornal *A Verdade*, sob o título ‘Câmara Cascudo – escritor católico. Nossa Senhora da Apresentação’. É oportuno lembrar que Cascudo era devoto dessa santa – Nossa Senhora da Apresentação – que é a Padroeira de Natal, o que pode explicar a descrição sensível que faz da atmosfera que envolvia as homenagens prestadas pelos devotos:

**Do alto do seu altar, a Santa do Rosário, apresentada a 21 de novembro, vê passar os anos e as vidas confiadas à sua misericórdia.** Guerras, campanhas, sofrimentos, loucuras, ódios, voam como turbilhões de poeira, sem rastro para a eternidade. Cada ano, no aniversário, acende-se o Céu escuro de novembro com as alegrias luminosas dos fogos, queimados em sua honra. Uma multidão se adensa, numa oferenda que os tempos mudam de forma, mas conservam a intenção pura. Pequenininha e serena, vinda do Mar numa hora de Sol, a Padroeira olha a Cidade que ela própria escolheu para residência perpétua, há cento e oitenta e seis anos. E a Cidade se larga e multiplica, descendo e subindo os morros, abraçando os tabuleiros nos vinte braços do casario ininterrupto. E o olhar da padroeira maior se terna (sic), acompanhando a vida social do rebanho que Ela apascenta, para entregar depois, alma por alma, às mãos divinas do Filho <sup>439</sup>. (grifo nosso).

Por sua devoção à Padroeira, pelo grande prestígio que desfrutava junto às autoridades clericais e governamentais, e por sua condição de historiador oficial de Natal, Cascudo foi o orador oficial da festa de entronização da Padroeira de Natal em um nicho no prédio da Prefeitura Municipal, em 1946. A cerimônia cívico-religiosa consistiu no traslado da imagem da Santa Padroeira de Natal da Catedral Metropolitana para a Prefeitura de Natal, onde a imagem se encontra até os dias de hoje. O evento contou com a participação das autoridades civis e militares, de associações religiosas, estabelecimentos de ensino, corporações militares

<sup>438</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Os sinos da matriz. In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRRN, 2002. v. 7, p. 22-23. (Publicado originalmente no jornal *A República*, 31 dez 1939).

<sup>439</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Câmara Cascudo – escritor católico: Nossa Senhora da Apresentação. *A Verdade*, Natal, RN, 21 nov. 1939. Geral, p. 06.

e do povo natalense e de outras cidades, tendo sido promovido pelo prefeito Sylvio Pedroza e pelo Arcebispo Dom Marcolino Dantas. A cerimônia teve grande repercussão em Natal e em todo Estado, mobilizando uma multidão de fiéis numa procissão grandiosa pelas principais ruas de Natal. Por solicitação do então prefeito, “Em nome do povo da Capital usará da palavra, em discurso que será irradiado pela Radio Poty e Serviço de Alto-Falantes da cidade, o escritor Luiz da Câmara Cascudo, convidado especialmente pelo Prefeito da Capital para este fim. Também S. Excia. Revma. Dom Marcolino Dantas pronunciará algumas palavras”<sup>440</sup>. Após ter acompanhado a procissão, Cascudo pronunciou seu discurso, que mereceu grande destaque ao ser divulgado pela imprensa local: “Antes da imagem atingir o limiar do edifício, o historiador Luiz da Câmara Cascudo da sacada principal proferiu uma das suas entusiásticas orações que foi ouvida pela grande massa que se comprimia nas imediações”<sup>441</sup>.

O Cônego José Adelino Dantas, em discurso proferido na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em 1947, valorizaria a postura de *homem de fé* assumida por Cascudo, revelando não apenas o apoio que recebia do alto clero potiguar, mas também o perfil ideal de intelectual para a Igreja Católica no período:

[...] Cascudo, como renomado intelectual que é, desconhece a vaidade da descrença. Afastou-se em tempo da massa amorfa dos letrados que se gloriam de seu nihilismo [sic.] espiritual. Cascudo nunca se sentiu menos homem e menos ilustre por ter procurado e encontrado na balança de sua vocação luminosa, a admirável equação entre o valor do Pensar e o valor do Crer. Crê pensando, em plena pujança, em pleno meio dia de suas glórias intelectuais. Livrou-se, assim, da agonia mental e torturante dos que perderam ou repeliram o contato entre a Fé e a Cultura. Na sua brilhante excursão pelos campos dessa mesma cultura, ele ainda não encontrou, como tantos dizem ter encontrado, aquela linha divisória, a separar como incompatíveis os domínios do Dogma e da Ciência<sup>442</sup>.

<sup>440</sup> IMPORTANTES inaugurações da Prefeitura Municipal do Natal. **A República**, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1946. Ver anexo C (foto da procissão da santa no dia do evento citado).

<sup>441</sup> ENTRONIZADA a imagem da Padroeira de Natal na sede da Prefeitura. **A República**, Natal, RN, p. 01, 17 ago. 1946.

<sup>442</sup> DANTAS, José Adelino. Luiz da Câmara Cascudo – Homem de Fé. In: LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. p. 12. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

Cascudo, por sua vez, também explicitaria sua admiração por *homens de fé* de sua época, como fica atestado nesta referência que faz a Dom Hélder Câmara<sup>443</sup>:

Uma das minhas alegrias reais é ser contemporâneo de D. Hélder Câmara. A coincidência de minha vida com a presença vibrante do grande Prelado valoriza-a. Porque quem valoriza a vida é o homem e para que este não perecesse desceu do céu e o Filho de Deus para sofrer e reensinar-lhe o roteiro da eternidade. D. Hélder Câmara é a glória silenciosa, conquistada na cotidianidade da Fé intrépida. Onde ele passa fica queimando um vestígio luminoso de sua dedicação incomparável. [...] ‘Profissionalmente D. Helder Câmara é um professor de fé’<sup>444</sup>.

A profunda admiração que Cascudo tinha pelo trabalho de Dom Hélder levou-o a apresentá-lo como exemplo de *homem de fé*: “O homem é o denominador, [...], pregoeiro da Onipotência, criado à semelhança da Perfeição. D. Helder vive esse destino. Ascendem a classe das missões admiráveis todas as iniciativas do seu gesto”<sup>445</sup>. É oportuno lembrar que a amizade entre Cascudo e Dom Hélder e a sintonia na oposição ao “comunismo ateu” se estenderiam às posições políticas que ambos assumiriam durante a década de 1930, quando vestiram a *camisa verde* do Integralismo<sup>446</sup>.

Além dos evidentes – e estreitos – laços que manteve com representantes e setores institucionais da Igreja e o respeito que tinha por alguns religiosos – tema que será abordado mais detidamente no próximo subcapítulo –, foram inúmeras as situações em que Cascudo

---

<sup>443</sup> Hélder Pessoa Câmara nasceu em Fortaleza no Ceará, em 1909. Era filho de um guardador de livros e de uma professora. Aos quatorze anos entrou no Seminário da Prainha de São José, em Fortaleza, onde cursou filosofia e teologia. Seguiu uma vida religiosa bastante polêmica, se colocou em favor dos pobres, e foi tido por muitos contemporâneos como o “santo rebelde” da Igreja Católica de seu tempo. Dentre suas passagens polêmicas, podemos citar a participação na *Câmara dos quatrocentos* do Integralismo. Em 1931, aderiu ao Integralismo (versão brasileira do Fascismo) que viria a abandonar cinco anos depois. Exerceu, em Fortaleza, suas atividades sacerdotais entre intelectuais e operários, nunca tendo sido vigário. Trabalhou ativamente na Liga Eleitoral Católica do Ceará e, em 1934, foi nomeado pelo governador Francisco Menezes Pimentel diretor do Departamento de Educação do Estado, cargo equivalente hoje a secretário estadual de educação. Em 1952 foi nomeado bispo no Rio de Janeiro. A partir de 1964, tornou-se bispo de Olinda e Recife, e foi um dos idealizadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Pelo seu trabalho em defesa dos direitos humanos, Dom Hélder recebeu vários prêmios internacionais, entre os quais se destacam o Prêmio Martin Luther King, Estados Unidos, 1970, e o Prêmio Popular da Paz, Oslo, Noruega, 1974. Entre as honrarias, recebeu títulos de Doutor Honoris Causa em universidades de vários países. Autor de 22 livros, a maioria ensaios e reflexões sobre o Terceiro Mundo e a Igreja. Morreu em Recife em 1999.

<sup>444</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Dom Helder Câmara, o padre Helder. In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras:** (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2005. v. 9, p. 120. (Publicado originalmente no jornal A República, 26 maio 1959).

<sup>445</sup> Ibid., p. 121.

<sup>446</sup> Apesar da adesão – de primeira hora – por alguns de seus membros ao Integralismo, a Igreja Católica não se deixou enredar no movimento, que viria a ser esmagado por Vargas durante o Estado Novo. Ver mais em BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 80.



manifestou uma fé de *menino do sertão*, uma fé que remete à *religiosidade doméstica* da gente mais simples do Nordeste. Em um artigo escrito em julho de 1946, Cascudo apresenta “Madrinha Filó” como “Santa do meu oratório familiar”:

Ninguém, entretanto, maior que essa senhora tímida e doce, recatada e humilde, feita de coração e de sorridente melancolia de crepúsculo sentimental. Era uma ovelha do rebanho divino, uma das mais próximas ao invisível Pastor, fiel ao seu olhar que jamais deixou de ver, obedecer e seguir. [...] E o seu sorriso era como um clarão de lâmpada sagrada clareando as almas. Recordo-a, desde menino, por ela abençoado. Santa do meu oratório familiar, minha Madrinha do São João, a primeira que escolhi e amei sempre, viva no espírito de criança. Recordo-a em nossa casa, respondendo a quem procurava identificar a pessoa que se anunciava, batendo as palmas: – *Não é ninguém... sou eu, Filó...*<sup>447</sup>. (grifo do autor).

Para justificar a curiosa condição, Cascudo enumera as muitas virtudes de sua madrinha: a timidez, a doçura, o recato, a humildade e a profunda obediência da “ovelha do rebanho divino” ao “invisível Pastor”. Para ele, a vida de sua “Madrinha Filó” havia sido pautada por uma conduta perfeita – aquela que era capaz de santificar alguém – aspecto que voltaria a ser destacado na referência que faz a sua morte:

Deus lhe recebeu a alma luminosa, intacta e branca como lha entregará no momento em que lhe dera a vida. Filó a restituiu ainda mais pura, mais doce, mais luminosa pelo sofrimento, pela sua grande vida silenciosa e modesta. Dom Marcolino deu-me a notícia de sua morte na manhã linda que me pareceu escurecer e turvar-se. Fechei os olhos, comprimindo as lágrimas, viajando para a infância, revendo-a. Na onda amarga do primeiro soluço, só uma frase me veio aos lábios, pronunciada com o coração: – *Minha Madrinha, lembra-te de mim quando estiveres no paraíso...*<sup>448</sup> (grifo do autor).

Dessas passagens, depreende-se que uma conduta cristã perfeita – aquela que a Igreja Católica pregava aos seus fiéis e que Cascudo destacou elogiosamente em sua madrinha – era aquela pautada pelo recato, pela humildade e pela profunda obediência ao “invisível Pastor”. À exaltação dessas virtudes e à manifestação de concordância com as orientações do clero potiguar, se somaria a recomendação de que os sacramentos e os rituais católicos romanos

<sup>447</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Minha Madrinha Filó. **A República**. Natal, RN, 21. jul. 1946. Acta Diurna, p. 03.

<sup>448</sup> *Ibid.*, p. 03.

fossem observados, como revela o artigo “Guardarás o Domingo”, publicado em junho de 1948, no Diário de Natal. Neste artigo, Cascudo faz – em um tom conservador – a defesa da moral católica e da própria Igreja Católica, criticando o desvirtuamento da função do “Dia do Senhor”:

Guardarás o sábado, disse o Senhor a Moisés. Os judeus, religiosamente, o guardaram enquanto não tiveram domínio comercial. Depois ninguém aceita, sendo dono de casa, a semana inglesa, o meio sábado. Os cristãos passaram para o domingo, dando-lhes nome de Dia do Senhor, *Dies Dominica*, *Dies Solis*, *Sonnntag*, *Sunday*, *Diamanche*, Dia do Sol. Nos candomblés e macumbas, fiéis aos deuses sudaneses, o Domingo é dedicado a todos os Orixás de Xangô até Orixalá. O domingo é dia de alto respeito silencioso na Europa, especialmente nos países luteranos, anglicanos, calvinistas, etc. **O católico vai ao teatro, às corridas, às farras no domingo.** O protestante tem uma veneração real ao Dia do Senhor. **Muito mais bem comportado aos olhos do Eterno que o católico romano, displicente e engraçadinho por natureza**<sup>449</sup>. (grifo nosso).

Em outra *Acta Diurna*, desse mesmo período, essa crítica se traduziria num alerta: “Até Deus precisa dos sinos!”, na qual deixou evidente sua preocupação em relação ao futuro da Igreja Católica no Brasil: “Traduz-se que a Igreja de Deus não dispensará os instrumentos de aviso, chamando, reunindo, alertando seus fiéis. Não há Exército sem clarins. Nem cidade sem comunicações de telefone e rádio. Com a organização da defesa civil vimos o papel salientíssimo das sirenes fazendo a cobertura sonora da população, afastando-a do perigo, disciplinando-a”<sup>450</sup>. Nessa passagem, Cascudo chamava a atenção para a importante função a ser exercida pela Igreja – a do ordenamento moral dos fiéis –, e apontava para as estratégias que ela adotaria para conseguir congregar novamente os fiéis.

Em uma *Acta Diurna*, de 1948, Cascudo homenageia a memória do Comandante Gurmencindo Portugal Lorette<sup>451</sup>, exaltando não apenas a sua conduta, mas também criticando o fato deste ter perdido a fé, destacando a importância que a fé tinha para a continuidade da vida:

<sup>449</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Guardarás o Domingo. **Diário de Natal**, Natal, RN, 14 jun. 1948. *Acta Diurna*. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>450</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Até Deus precisa dos sinos! **Diário de Natal**, Natal, RN, 12 set. 1947. *Acta Diurna*. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>451</sup> Gurmencindo Portugal Lorette “Era um dos grandes orientadores da campanha pela nacionalização da pesca. Moço, elegante, orador, irradiando simpatia, teve seu nome tão espalhado pelo Brasil como nenhum almirante conseguira”. CASCUDO, Luís da Câmara. Epitáfio de uma cultura. **Diário de Natal**, Natal, RN, 19 jul. 1948. *Acta Diurna*. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

Todos os elementos de vitória estavam ao alcance daquele oficial de Marinha, mocidade, prestígio, notoriedade. Era inteligente, incisivo, disciplinador, querido. A máquina possuía todas as peças. Faltava, para continuar a ação, o comburente indispensável, energia essencial, motor primário, a Fé, crer, acreditar, confiar. Não mais a possuía. [...] A força da gravidade, de coesão, é a Fé, ligação, cimento, fixação eterna. Se a Fé desaparece tudo se esfacela, dissipado como poeira, instituições, estados, consciências, doutrinas, organizações. O comandante Portugal Loretti perdera a Fé e com ela o poder de criar, reunir, viver. Toda cultura que perder a Fé terá o epitáfio com os mesmos dizeres: *'Morro porque perdi a Fé...'*<sup>452</sup>. (grifo do autor).

Acreditamos que o apoio que Cascudo recebeu do alto clero potiguar deve, sem dúvida, ser atribuído às posições conservadoras que assumiu – como atestam alguns artigos que escreveu nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX –, e que revelavam a plena identificação com as preocupações que a Igreja Católica tinha no período. A fé de Cascudo – como procuramos mostrar nesse subcapítulo – não esteve, no entanto, circunscrita temporalmente ou condicionada aos vínculos mais estreitos que manteve com a Igreja Católica durante um determinado período de sua vida<sup>453</sup>.

Em muitos de seus escritos produzidos após a década de sessenta, sobretudo naqueles que enfocaram o folclore brasileiro, encontramos referências a manifestações de devoção popular, como neste artigo, de 1971, intitulado *Calendário das festas*:

As festas religiosas, oragos paroquiais, novenas de promessas, mantém o hinário velho pelo interior do Brasil, a doçaria secular, espécimes ainda de sabor árabe, as aproximações amorosas, com bailes, “assustados”, rifas, leilões, com os instrumentos musicais de outrora, violões, sanfonas, violas, rabecas e as danças de par enlaçado, valsas, polcas, schottischs e as quadrilhas marcadas aos berros entusiastas. Certamente tudo se nivela ao irresistível impulso da comunicação fácil, levando aos mercados mais longínquos os produtos distantes e sedutores, fácil vitória sobre os velhos<sup>454</sup>.

<sup>452</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Epitáfio de uma cultura. *Diário de Natal*, Natal, RN, 19 jul. 1948. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>453</sup> Apesar dessa forte ligação de Cascudo com a Igreja Católica, não encontramos, estranha e curiosamente, qualquer indício de que Cascudo tenha participado de alguma irmandade religiosa. Segundo pudemos apurar junto a estudiosos das irmandades religiosas no Rio Grande do Norte, um forte indício de que Cascudo não foi membro de qualquer confraria, irmandade ou ordem terceira está no fato de não ter sido enterrado trajando roupa de alguma irmandade específica. Na consulta que fizemos às fontes não localizamos qualquer comentário sobre a presença dos irmãos de irmandade no enterro, tanto em livros de memória dele, quanto em artigos que trataram de seu falecimento.

<sup>454</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Calendário das festas*. In: \_\_\_\_\_. **Informação do Folclore Brasileiro**: calendário das festas. 2 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1971. p. 1. (Coleção Cadernos de Folclore, 5).

Nesse mesmo artigo, Cascudo se deteve na devoção popular a alguns santos e nas festividades religiosas em que o sagrado e o profano conviviam harmoniosamente. O primeiro deles foi São Gonçalo do Amarante, que era festejado no dia 10 de janeiro, com danças e promessas de comida. Segundo Cascudo, durante o século XIX, a *Dança de São Gonçalo* era uma festividade bastante prestigiada do sul ao norte do Brasil e que “Ainda resiste em São Paulo e mesmo seus devotos cumprem a tradição numa e noutra localidade do centro e do norte, apesar da guerra dos vigários. Em São Paulo há imagens de São Gonçalo Violeiro. Prometem um jantar, servir de criado, juntando dinheiro para os violeiros que louvam o santo dirigindo as duas filas de fiéis em passo rítmico”<sup>455</sup>. Apesar do interesse em registrar as expressões de fé popular<sup>456</sup> Cascudo não deixou de manifestar seu respeito pelos preceitos e rituais católicos, adquiridos em sua formação cristã na infância:

Entre FEVEREIRO e ABRIL ocorre a Semana Santa com o impressionante cerimonial. [...] Quarenta dias depois do Domingo da Ressurreição era a Quinta-Feira da Ascensão, Dia da Hora, cheio de superstições e cautelas. Dez dias depois cai o Domingo do Espírito Santo (Pentecostes), quando tínhamos as festas do Divino, a eleição do Imperador do Divino, trazidas de Portugal e ilhas. No domingo imediato é a Santíssima Trindade, dia poderoso para orações fortes e promessas desesperadas, e a primeira quinta-feira é o Corpus Christi, Dia do Corpo de Deus, com a procissão famosa onde saía São Jorge, fardado de general, acompanhado pelos lacaios e recebendo as continências da tropa enfileirada no percurso do desfile<sup>457</sup>.

Cascudo escreveu, também, sobre uma outra festividade bastante tradicional no Nordeste, a Festa dos Reis ou Folia de Reis que, segundo ele, tinha origem em Portugal, pois:

Na península Ibérica, os reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes, “os reis”, de forma espontânea ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou noite de 05 de janeiro (véspera de reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos a data e solicitando alimentos

<sup>455</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Calendário das festas. In:\_\_\_\_\_. **Informação do Folclore Brasileiro**: calendário das festas. 2 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1971. p. 2-3. (Coleção Cadernos de Folclore, 5).

<sup>456</sup> Cascudo exaltou, ainda, que: “OUTUBRO é o Mês do Rosário e NOVEMBRO, Mês das Almas por causa do dia 2 de novembro, comemoração dos Fiéis Defuntos. As Encomendações das Almas, desfiles de penitentes brancos, flagelando-se e encantando [cantando] orações, indo rezar à meia-noite nos cruzeiros solitários, assombravam a todos. A devoção das Almas, Missa das Almas pela madrugada ou dita por elas mesmas, é uma fonte poderosa do sobrenatural nas lendas e estórias populares brasileiras. Não há localidade sem seus espectros fixos ou mutáveis”. Ibid., p. 6.

<sup>457</sup> Ibid., p. 3.

ou dinheiro. Os colonizadores portugueses mantiveram a tradição no Brasil e de todo ainda não desapareceu o uso nalgumas regiões<sup>458</sup>.

Em 1974, Cascudo publicou *Religião no Povo*, livro no qual procurou, segundo ele mesmo definiu na Introdução, mostrar como o povo vivia o Espírito Divino no seu cotidiano: “interessava o Espírito Divino nas entidades grupais dentro da Igreja ou fora dela. O comportamento exprimindo a convicção íntima de uma ortodoxia hereditária.” [...] Lógico que registrasse unicamente os atos populares influídos pelo credo católico. Não havendo a intenção religiosa, excluía-se da colheita”<sup>459</sup>. Ao invés de falar de religião *do* povo, preferiu falar da religião *no* povo, a partir da observação dos modos de ser religioso e católico do povo brasileiro, principalmente, do povo nordestino.

Em sua maturidade, sobretudo a partir da década de setenta, Cascudo passou a evidenciar, cada vez mais, uma vivência muito pessoal de sua fé católica, como se pode constatar no *Regimento Interno* que elaborou e que pode ser percebido como uma releitura que fez dos Dez mandamentos. Dentre as dez leis que instituiu para si, destacamos a sétima lei – “Não ajudar o Diabo” – e a décima, e última – “Não ser o Quinto Evangelista”<sup>460</sup> – pela inevitável associação à religião católica. É desse mesmo período a afirmação de que “o povo faz seu santo...”<sup>461</sup> e o registro que fez da tradição dos ex-votos e da percepção popular dos milagres:

a representação do órgão ou parte do corpo humano curado pela intervenção divina e oferecido ao santuário em testemunho material de gratidão. Os milagres são quadros registrando o episódio ou objeto de cera, ouro, prata ou marfim, materializando a parte doente que sarou. Há milagres feitos toscamente em gesso, madeira, osso. Nas grandes igrejas, nos lugares de romaria, há sempre a casa dos milagres, destinada a recolher essas ofertas<sup>462</sup>.

<sup>458</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1984. p. 668.

<sup>459</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa: Imprensa da UFPB, 1974. [Introdução].

<sup>460</sup> Vejamos as dez leis do *Regimento Interno* de Cascudo: “E são estas as leis, as dez leis do Regimento Interno de Cascudo: 1) Não mentir; 2) Não transmitir notícia desagradável; 3) Não cultivar pensamentos humilhantes e vingativos; 4) Não invejar felicidade; 5) Não pensar naquele que antipatizo; 6) não colaborar na mediocridade; 7) Não ajudar ao Diabo; 8) Evitar a tristeza dispensável; 9)Trabalhar menos e melhor e 10) Não ser o Quinto Evangelista”. SEREJO, Vicente. As leis de Cascudo. **Jornal de Hoje**, Natal, RN, [s.d.]. Coluna Diversão & Arte. Disponível em:<[http://www.jornaldehoje.com.br/novo/navegacao/editorias.php?id\\_editoria=7](http://www.jornaldehoje.com.br/novo/navegacao/editorias.php?id_editoria=7)>. Acesso em 12 abr. 2008.

<sup>461</sup> CASCUDO, op. cit., 1974. [Introdução].

<sup>462</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/text/ciclo.html>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

Em duas situações, Cascudo – contando já com quase 80 anos – reafirmaria a sua fé. A primeira, durante uma entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, em novembro de 1977, na qual afirmou:

Quanto à certeza de Deus a minha fé diz: ele existe. Nas horas de depressão, de mágoa, de tristeza, penso: **Deus é uma ilusão. Mas nas horas de beatitude e de fé eu creio que vou ver, na eternidade, o criador de todas as coisas e me reunir àqueles quem amo.** Se eu tenho certeza? Eu que pergunto: de que é que nós temos certeza nesse mundo? <sup>463</sup>. (grifo nosso).

A outra, em 1981, por ocasião da assinatura de um contrato com a Editora Itatiaia, que previa a reedição de alguns de seus livros, Cascudo deixaria evidentes as marcas da formação religiosa familiar, ao afirmar: “Sou católico, apostólico e romano” <sup>464</sup>. As vivências muito particulares de religiosidade, no entanto, fizeram com que ele acrescentasse: “Mas tenho fé de carvoeiro” <sup>465</sup>. Com isso, Cascudo deixava claro que sua fé era simples e rústica como a *fé de um carvoeiro* <sup>466</sup> e que se assentava na devoção que sentia e não numa fé ritualizada e com formação teológica mais profunda <sup>467</sup>.

Eu não tenho problema religioso. **Tenho fé**. Que me perdoe a Igreja Católica, mas tenho meu próprio caminho para Deus, a minha maneira de convivência divina. O meu breviário, as minhas orações, são feitas por mim. É mais um entendimento que uma prostração. Não menti, não roubei, não fiz mal a ninguém conscientemente, não tenho do que me arrepender. Eu não preciso de recomendação, vou me entender pessoalmente com Deus, a minha vida é a minha credencial. O que eu fui Ele sabe. **Tenho formação católica de meu pai e de minha mãe e vez por outra eu rezo, como minha mãe me ensinou, o Padre Nosso, Ave Maria, Santa Maria, o Credo.** Só não rezo o Eu Pecador, porque seria sobrecarregar Nosso Senhor com uma tarefa muito grande, a de contar os meus pecados. Quando o papa Pio XII me fez Comendador da Ordem de São Gregório, eu pensei logo no trabalho que vou dar a São Pedro. Eu,

<sup>463</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Luiz da Câmara Cascudo, 79 anos, surdo e quase cego. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1977. Caderno B, p. 4.

<sup>464</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de agradecimento em 1981. Belo Horizonte apud SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo, um escritor católico. *Revista Século* – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 39, 1998.

<sup>465</sup> *Ibid.*, p. 39.

<sup>466</sup> A expressão fé de carvoeiro é empregada para caracterizar uma fé que não é dotada de refinamento teológico; uma fé simples, ingênua, mas de experiência sensível, palpável e evidente. Ao refletirmos sobre as razões do emprego dessa expressão por Cascudo foi inevitável a associação aos homens e meninos – como os retratados nas fotografias de Sebastião Salgado – que trabalham de sol a sol nas carvoarias espalhadas em fazendas do sertão nordestino; homens e meninos de origem rústica, vida sofrida e corpos cobertos da fuligem da queima da lenha, e que tem na fé um alento para suportar as condições em que vivem.

<sup>467</sup> *Ibid.*, p. 39.

pecador profissional, e ele sem poder me botar para fora do Céu porque sou da Ordem de São Gregório. Vai ser engraçado<sup>468</sup>. (grifo nosso).

Esse trecho que transcrevemos evidencia não apenas a irreverência e a particularidade da vivência religiosa de Câmara Cascudo, que dizia ter seu “próprio caminho para Deus”, mas também a influência moral e o prestígio que desfrutou, sobretudo nas décadas de quarenta e cinquenta, junto à alta hierarquia da Igreja Católica<sup>469</sup>, e que podem ser constatados na comenda<sup>470</sup> que recebeu do Papa Pio XII<sup>471</sup>, em 1950. De acordo com Itamar de Souza<sup>472</sup>, a Comenda da Ordem de São Gregório Magno<sup>473</sup> foi concedida a Cascudo por intermédio do Arcebispo de Natal: “em reconhecimento aos seus sentimentos católicos, Dom Marcolino solicitou para ele, ao Papa Pio XII, a Comenda da Ordem de São Gregório [...]”<sup>474</sup>. Vale salientar que, em 1950, um dos mais destacados leigos católicos do Rio Grande do Norte, Otto Guerra também recebeu do Papa Pio XII, devido aos muitos serviços prestados à Igreja do Rio Grande do

<sup>468</sup> Entrevista concedida por Luís da Câmara Cascudo ao DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, Domingo, 3 de dezembro de 1978, com o título: CÂMARA CASCUDO: AOS 80 ANOS, UM HOMEM QUE NÃO DIZ "AMÉM", NEM VAI "ATRÁS DO ANDOR".

<sup>469</sup> A maioria dos católicos no Brasil, durante a primeira metade do século XX, maioria da qual Cascudo fazia parte, vinculava o regime republicano à “modernização”, “secularização”, perigo de indiferença religiosa, de ateísmo social, de ruína da Igreja Católica. Toda essa relação de ameaças, vícios e defeitos sociais transparece, clara e repetidamente, no discurso e na prática política de muitos republicanos, nos primeiros tempos do novo regime. Saná-los ou, melhor ainda, erradicá-los seria o objetivo ideal das campanhas da Igreja Católica, no terreno político. Ver mais em LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 41-42.

<sup>470</sup> A Comenda que Cascudo recebeu é uma das classes da **Pontifícia Ordem de São Gregório Magno** que foi criada em 1 de setembro de 1831, pelo Papa Gregório XVI, sete meses após sua eleição. A ordem tem quatro classes: Cavaleiro grã-cruz de primeira classe; Cavaleiro grã-cruz de segunda classe; Comendador e Cavaleiro. O principal lema da Ordem é: “*Pro Deo et príncipe*”, que significa: Por Deus e pelo Rei, o que esclarece bem o ponto comum dos membros da Ordem, pessoas dispostas a seguir a Deus e ao Rei. Ver mais em ORDEM de São Gregório Magno. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org/ordemdesaogregoriomagno/index>>. Acesso em: 30 nov. 2008.

<sup>471</sup> Papa Pio XII nasceu em 02/03/1876 e faleceu em 9/10/1958, tendo sido o primeiro Papa romano desde 1724. Foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. Foi o único Papa do século XX a exercer o Magistério Extraordinário da infalibilidade papal – invocado por Pio IX – quando definiu o dogma da Assunção em 1950 na sua Encíclica *Munificentissimus Deus*. A sua ação durante a Segunda Guerra Mundial tem sido alvo de debate e polêmica. Foi o 3º Papa a nascer no dia 2 de Março, os outros 2 foram os Papas: Papa Adriano VI e Papa Leão XIII. Ao todo criou 57 Cardeais em dois Consistórios.

<sup>472</sup> SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo, um escritor católico. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 39-41, 1998.

<sup>473</sup> São Gregório, o Grande, nasceu em Roma em 540. Em 590, S. Gregório foi eleito papa em votação unânime. Escreveu ao Imperador de Constantinopla que intervisse, não confirmando sua eleição. O Imperador, que bem o conhecia, deixou de atendê-lo. Ele então fugiu para não ser coroado Papa, mas uma luz milagrosa apontava seu esconderijo. Ele governou a Igreja como Papa até 604. Papa, Confessor e Doutor da Igreja, É considerado o último dos Papas do antigo Império Romano e o primeiro dos Papas medievais. Teve que enfrentar a peste e a fome em Roma, bem como a devastação produzida pelos invasores Lombardos, que chegaram a assediá-la cidade e só foram contidos graças à diplomacia do Pontífice. “São Gregório, como Papa, foi um exemplo de humildade. Quando recebia louvores pelo que fazia, respondia com palavras que indicavam como era grande sua humildade. Escreveu uma obra -- A Regra Pastoral, ou simplesmente Pastoral -- tratando dos deveres de um Bispo. O livro se tornou um clássico, sendo requerido que todos os Bispos do mundo nele pautem sua conduta. Em certo ponto desse livro, dizia São Gregório: ‘*Os bispos são os olhos do povo. Se os que governam o povo não têm luz, os que lhes estão submetidos só podem cair em confusão e erro*’”. FEDELI, Orlando. **Resposta sobre São Gregório Magno**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 30 nov. 2008.

<sup>474</sup> SOUZA, op. cit., p. 39.

Norte, a comenda da referida Ordem<sup>475</sup>. Como já mencionado no subcapítulo anterior, Otto Guerra e Cascudo faziam parte do mesmo núcleo de leigos que atuavam junto à Arquidiocese de Natal, em prol da Igreja Católica no Estado. De acordo com Souza, embora Otto Guerra e Cascudo fossem amigos e parceiros em algumas atividades ligadas à Arquidiocese, o primeiro se mostrou sempre um católico bem mais conservador e fervoroso, enquanto Cascudo “Sabemos, com pleno conhecimento, [...] não foi um católico praticante do tipo de outros intelectuais como Otto Guerra, Hélio Galvão, Alceu Amoroso Lima, Jackson de Figueredo, Jacques Maritain, Jean Guiton e tantos outros espalhados pelo mundo inteiro. No entanto, [...] encontramos na sua obra e na sua vida sinais evidentes de respeito e amor à Igreja Católica”<sup>476</sup>.

Passados vinte e oito anos da concessão da comenda, Cascudo faria referência a ela em entrevista concedida ao Diário de Pernambuco, em dezembro de 1978 – da qual extraímos o trecho acima, e que foi sugestivamente intitulada, pelo jornalista, de “Câmara Cascudo: Aos 80 anos, um homem que não diz ‘Amém’, nem ‘vai atrás do andor’” –, na qual reafirmaria ser um *homem de fé*, independentemente da sua ligação com a Igreja Católica.

Essa irreverência e a convivência harmoniosa – e concomitante – que mantinha com o *mundo das letras* e com o *mundo da fé* foram exploradas em uma charge divulgada por ocasião do seu centenário. Da frase que acompanha a charge – “A festa aqui já começou, mas lá embaixo, até agora, só no Instituto Histórico!”<sup>477</sup> – infere-se que o chargista Emanuel Amaral, além de se referir aos dois “espaços” nos quais, com certeza, Cascudo teria seu centenário lembrado – o céu, por ter sido um *homem de fé*, e o IHGRN, por ter sido um *homem de letras* –, expressava uma sutil crítica ao fato de o ilustre potiguar não estar sendo alvo de mais homenagens.

Já ressaltamos, em capítulo anterior, que a biblioteca particular de Cascudo – a *Babilônia* – era um espaço que ele considerava sagrado. Além dos livros, das fotografias e das coleções de arte indígena, africana e popular, nela ocupavam lugar de destaque a sua coleção de arte sacra e, em especial, os santos de sua devoção<sup>478</sup>. Dentre as muitas

<sup>475</sup> Em relação à concessão da Comenda de São Gregório Magno, sabe-se que: “Prêmios da Ordem são geralmente feitos sobre a recomendação de Bispos diocesanos ou Núncios para serviços específicos. Ao contrário da filiação nas Ordens Militares (Malta, o Santo Sepulcro), a pertença da Ordem de São Gregório, não impõe quaisquer obrigações especiais. Assim, é preferível a atribuição de acusar a um indivíduo benemérito particular do serviço à Igreja”. AS ORDENS papais. Disponível em: <<http://www.chivalricorders.org:80/vatican/gregory.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2008.

<sup>476</sup> SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo, um escritor católico. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 39.

<sup>477</sup> AMARAL, Emanuel. **Cem anos de Cascudo**. 1997. Charge. Setor iconográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Ver anexo C (foto da Charge referente ao centenário de Cascudo).

<sup>478</sup> A fotografia que anexamos retrata Cascudo fumando seu charuto na varanda da *Babilônia*, tendo ao fundo, uma imagem de São José de Botas e um terço sobre a porta da varanda. O santo, o terço e os livros se impõem na foto, enquanto Cascudo aparece pequeno, assumindo a sua condição de mortal e de “pecador profissional”, como se intitulava. Ver anexo C (foto de Cascudo na varanda da Babilônia).



imagens<sup>479</sup> – algumas delas, valiosas e raras, já que somente ele as possuía em Natal – que podem ser encontradas na *Babilônia* estão a imagem do São José de Botas, imagem que Cascudo dizia ser a mais rara, e a de São Vicente de Paula – que, segundo o próprio Cascudo, “por duzentos anos teve altar na catedral”<sup>480</sup> – e que “Um belo dia socializei-o para cá, com autorização do bispo”<sup>481</sup>. Em sua *Babilônia*, Cascudo guardava, ainda, uma réplica da cruz da primeira missa oficiada no Brasil em 1500. Além das imagens de vários santos, o acervo particular de Cascudo contava com a patena e o cálice que pertenceram à primeira Igreja instalada no Brasil, em Igarassu. Essas duas peças, pelo que consta, foram produto de suas viagens ou presente de amigos ilustres.

Nesse mesmo Acervo, encontramos dois marcadores de texto utilizados por Cascudo, e que também denotam sua fé e devoção pessoal. Um dos marcadores traz um pedido de proteção a Santo Antonio<sup>482</sup>: “Santo Antônio, meu querido Protetor, rogai por nós”, e o outro remete ao poder exorcístico do Santo<sup>483</sup>. Infere-se daí que Cascudo também era devoto de um dos santos mais populares da Igreja, principalmente no Nordeste, aspecto que ele ressaltaria no *Dicionário do Folclore Brasileiro*: “De todos os santos venerados pela Igreja Católica, Santo Antônio é o popular, não somente em Portugal como também no Brasil. Rara é a cidade, vila ou povoado que não tenha uma rua ou uma praça com o nome do Santo, ou uma de Igreja de Santo Antônio em todas as terras do mundo português”<sup>484</sup>.

Livros e santos parecem ter ocupado não apenas o espírito de Cascudo, mas também o tempo do intelectual potiguar, como se deduz do apego – de devoto e de colecionador – que tinha por ambos. Em um mesmo espaço – a *Babilônia* –, conviveram, perfeitamente, o *homem de letras* e o *homem de fé*, o que nos remete à possibilidade de que “por vezes, [...] um autor e uma obra podem não ser alguma coisa, sendo duas coisas opostas simultaneamente, porque as *obras vivas* constituem uma tensão incessante entre os contrastes do espírito e da sensibilidade”<sup>485</sup>.

<sup>479</sup> No Memorial Câmara Cascudo, o visitante encontrará, sobre a escrivadinha que era utilizada por Cascudo, uma imagem de São Sebastião – de barro – com flechas encravadas ao corpo e amarrado a um xique-xique caatingueiro. Ver anexo C (foto das imagens dos santos expostos na mesa de trabalho de Cascudo em sua biblioteca particular).

<sup>480</sup> CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo e sua Biblioteca. In: LYRA, Carlos. **Luís da Câmara Cascudo. Depoimentos**. Natal: EDUFRN, 1999. p. 62. Entrevista concedida a Carlos Lyra em 06/12/1974.

<sup>481</sup> *Ibid.*, p.62. Não obtivemos informações sobre o nome do bispo que autorizou a doação da imagem e nem sobre a data em que ela se deu.

<sup>482</sup> Ver anexo C (foto do marcador de texto de Santo Antonio).

<sup>483</sup> O marcador traz o seguinte texto: “EXORCISMO – de – Santo Antônio. Eis ai a cruz do senhor! [símbolo da cruz] Afastai-vos para longe de mim, vós, ó inimigos da salvação; venceu o leão da tribo de Judá, descendente de Davi. Aleluia”. Ver anexo C (foto de marcador do Exorcismo de Santo Antônio).

<sup>484</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/text/ciclo.html>. Acesso em: 30 jan. 2009.

<sup>485</sup> CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1959. v.1, p. 23-24.

## 4.2 O historiador e a Igreja Católica

Cascudo é tido como um escritor excêntrico, “não apenas por sua personalidade plural e, tantas vezes, desconcertante [...] mas por ter-se mantido voluntariamente afastado dos grandes centros urbanos onde concentravam-se instituições e homens de letras”<sup>486</sup>. O pronunciamento do Cônego José Adelino Dantas – referido no subcapítulo anterior – parece confirmar a originalidade de Cascudo em relação aos demais intelectuais da década de quarenta do século XX, tanto em função do seu provincianismo, quanto pela explicitação de sua condição de homem de fé. Acreditamos que um aspecto que viria, justamente, a reforçar essa excentricidade seria a convivência pacífica – para muitos, incompreensível – do homem de letras com o homem de fé em Cascudo.

É preciso lembrar que a primeira etapa da produção intelectual de Cascudo se insere claramente no período da Restauração católica, movimento da Igreja Católica que contou com a adesão de clérigos e intelectuais que se empenharam na construção de um Estado forte baseado na moral e nos valores do catolicismo: “Liderada no Brasil pelo Cardeal Dom Sebastião Leme, as atividades de recatolização apresentaram especificidades regionais na construção dos seus discursos. O apoio dos homens das letras comprometidos com os dogmas católicos foi fundamental para a expansão do projeto restaurador, entre tais destacamos Jackson de Figueiredo<sup>487</sup> e Alceu Amoroso Lima<sup>488</sup> (Tristão de Athayde)”<sup>489</sup>.

<sup>486</sup> NEVES, Margarida de Souza. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil**: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. 2000. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.

<sup>487</sup> Jackson de Figueiredo foi figura importante e atuante entre os intelectuais do início do século XX, empenhando-se na concretização da Restauração Católica. Entre suas muitas atuações, destacamos a organização e direção da Revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, que iniciaram suas funções em 1921 e 1922 respectivamente. Para Riolando Azzi, os nomes adotados para as instituições refletem o sentido sócio-político da Igreja naquele momento, isto é, a utilização da palavra “Ordem” como denominação de uma revista, refletia o combate que a Igreja pretendia travar contra as doutrinas que seus integrantes acreditavam promover a desordem social, como o comunismo e a laicização do Estado. Com o Centro Dom Vital, os clérigos prestaram uma homenagem ao Bispo pernambucano Dom Vital Maria, por ter combatido a maçonaria e o regalismo imperial, além da constante defesa do poder eclesiástico na política nacional. Ver mais em: AZZI, Riolando. **A Neocrístandade**: um projeto restaurado. São Paulo: Paulus, 1994. p. 105. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

<sup>488</sup> Pensador católico e intelectual com uma das mais longas carreiras jornalísticas na imprensa brasileira (cerca de 4.000 artigos publicados). Formado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em 1919, quando iniciou a sua colaboração em “O Jornal”, começou a assinar com o pseudônimo que o tornaria famoso, Tristão de Athayde, nome de um pirata português que atuou na Índia. Anos mais tarde, Alceu Amoroso Lima disse que optou pelo pseudônimo para não confundir a atividade literária com a de industrial, já que três anos antes, com a morte do pai, havia assumido a presidência da fábrica de Tecidos Cometa. A empresa somente deixou de pertencer à família pouco antes do começo da 2ª Guerra Mundial, em 1939. Nesta época, passou a demonstrar interesse por assuntos religiosos, o que o fez trocar uma intensa correspondência com o pensador católico Jackson de Figueiredo. Lançou o seu primeiro livro, “Afonso Arinos”, em 1922, mesmo ano em que se engaja no movimento modernista. Como líder da renovação católica no Brasil, fundou o Instituto Católico de Estudos Superiores, em 1932, três anos antes de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=359>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

<sup>489</sup> A atuação desses dois intelectuais foi significativa para a consolidação da proposta de Restauração da Igreja, no contexto do início do século XX, orientada para a recuperação dos valores católicos. MOURA, Carlos André Silva de. A Revista *A Ordem* e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930-1937). In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. **Anais...** Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 2. 1 CD-ROM.

Em consulta ao acervo da biblioteca de Câmara Cascudo, localizamos vários livros – a maioria deles com dedicatórias – de intelectuais católicos na década de trinta, com destaque para os de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Nilo Pereira<sup>490</sup> e de Jackson de Figueiredo, autores que devem ter, sem dúvida, influenciado o pensamento de Cascudo e estimulado a sua adesão ao conservadorismo católico do período<sup>491</sup>. Cabe lembrar que foi também durante este período que Cascudo aderiu ao movimento integralista no Rio Grande do Norte, o que o aproximou ainda mais de uma postura católica e conservadora. Essa adesão fica também evidente na sua forte ligação com Dom Helder Câmara e na admiração que declarava ter por Gustavo Barroso<sup>492</sup>. Admiração que se confirma na liderança absoluta de Barroso entre os dezessete autores mais presentes no acervo e nos quarenta e seis livros de sua autoria – alguns deles com dedicatória do próprio autor a Cascudo – que encontramos na *Babilônia*<sup>493</sup>.

Ao analisarmos a produção cascudiana, encontramos elementos que revelam a grande familiaridade e conhecimento que ele tinha sobre as origens do catolicismo no Brasil e sobre a História da Igreja no estado do Rio Grande do Norte, como em seu livro *Religião no Povo*<sup>494</sup>, no qual afirmou que “O português quinhentista foi base e cúpula dos fundamentos religiosos no Brasil”<sup>495</sup>. Na plaquete *Paróquias do Rio Grande do Norte* – na qual ele reconstituiu a história das paróquias do Rio Grande do Norte – isto fica bastante evidente:

<sup>490</sup> Nos tempos da Faculdade de Direito, em Recife, Cascudo tomou contato com as idéias do estudante Nilo Pereira que defendia o ensino religioso como alternativa para a crise educacional nos anos de 1930. Ver mais em: MOURA, Carlos André Silva de. A Revista *A Ordem* e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930-1937). In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. *Anais...* Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 7. 1 CD-ROM. Segundo depoimento de Nilo Pereira, durante a década de 1930, a “Faculdade de Direito do Recife era considerada o berço da intelectualidade nordestina. De suas salas e corredores, ebuliam idéias que conduziam os discursos da sociedade, reproduzidos em diversos ambientes sócio-políticos da região” Cfe. PEREIRA, Nilo. *A Faculdade de Direito do Recife (1927-1977)*. Recife, PE: Editora Universitária, 1977. v. 1, p. 23-38.

<sup>491</sup> Embora Cascudo não tenha se colocado como herdeiro de Jackson Figueiredo e de Alceu Amoroso Lima, acreditamos que ele tenha se identificado com o conservadorismo católico desses autores.

<sup>492</sup> Gustavo Barroso foi advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista, tendo produzido 128 livros e até um dicionário. Nasceu em Fortaleza, em 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, em 03 de dezembro de 1959. Eleito em 08 de março de 1923 para a Cadeira nº 19. Em 1933, após ouvir a conferência de Plínio Salgado, Gustavo Barroso aderiu ao Integralismo, tornando-se seu mais importante doutrinador. No mesmo ano publicou o livro “O Integralismo em Marcha”, e, no ano seguinte, produziu a obra que daria ao Movimento Integralista seus mais sólidos fundamentos teóricos: “Brasil, Colônia de Banqueiros”. Embora não concordasse com o rumo dos acontecimentos, a partir de 1937, manteve-se fiel à doutrina filosófica do integralismo. Disponível em: <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/hm/biografias/ev\\_bio\\_gustavobarroso.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/hm/biografias/ev_bio_gustavobarroso.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2009.

<sup>493</sup> Dentre os quarenta e seis livros de Gustavo Barroso que encontramos na *Babilônia*, alguns versam sobre a temática religiosa e sobre o Integralismo e cuja leitura podem ter influenciado Cascudo, sobretudo, em sua postura de militante católico conservador. São eles: **O Integralismo em marcha** (1933); **O Integralismo e o Mundo** (1933); **O Integralismo de Norte a Sul** (1934); **Espírito do Século XX** (1936); **Integralismo e Catolicismo** (1937); **Comunismo, Cristianismo e Corporativismo** (1938). As dedicatórias que constam nos livros de Gustavo Barroso que integram o acervo da biblioteca remetem à amizade entre os dois ou trazem saudações próprias do movimento do Integralismo. Do último que mencionamos – o livro de 1938 –, transcrevemos a dedicatória feita pelo autor no exemplar: “Ao Cascudo, com um grande e apertado abraço do Gustavo”.

<sup>494</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa, PB: Imprensa Universitária, UFPB, 1974.

<sup>495</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**, p. 310 apud CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1985. O livro “Superstição no Brasil” foi publicado pela primeira vez em 1985 a partir da reunião de três livros já publicados anteriormente: *Anúbis e Outros Ensaio*, publicado em 1951, *Superstição no Brasil*, publicado em 1958 e *Religião do Povo*, publicado em 1974.

Paróquia e freguesia são sinônimos perfeitos. Pelo exposto são amovíveis ou inamovíveis na pessoa de seus párocos ou vigários. O pároco é demissível *ad nutum* ou colado, vitalício. ‘Freguesia’ e ‘vigário’ são funcionalmente sobrevivências de nomenclatura outrora oficial e, no presente, apenas sobrevivências. Nada mais. Os títulos populares, consagrados pelo tempo, são realmente ‘freguesia’ e ‘vigário’ que em nada dessemelham de ‘paróquia’ e ‘pároco’<sup>496</sup>.

Dada a sua ligação com o clero potiguar – já referida no subcapítulo anterior –, coube a Câmara Cascudo<sup>497</sup> a reconstituição – e divulgação – de aspectos da História da Igreja no Rio Grande do Norte<sup>498</sup>, em especial, o resgate da história de algumas de suas paróquias mais antigas, fundadas mesmo antes da fundação da Arquidiocese de Natal, em dezembro de 1909<sup>499</sup>. Na plaquete escrita por Cascudo, em 1955, para a comemoração do centenário da Paróquia de Nova Cruz, encontramos elementos que atestam a confiança que era depositada em Cascudo e a atribuição de guardião que lhe foi designada pelos membros da hierarquia católica potiguar:

A Paróquia de Nova Cruz não podia comemorar um Centenário sem ouvir a palavra autorizada do ilustre historiador riograndense, Luís da Câmara Cascudo. De um lado o testemunho eloqüente dos livros paroquiais, marcando desde o ano de 1855 até hoje a presença de Vigários, como também dando á antiga capelinha de Anta Esfolada o título de Matriz de Nova Cruz; e do outro, documentos autênticos do tempo do Império, mostrando que só em 1868 é que surgiu a Paróquia de direito, deram lugar ao nosso historiador a um acurado estudo do passado desta Paróquia, para

<sup>496</sup> CASCUDO, Luís da Câmara **Paróquias do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. p. 05. Plaquete.

<sup>497</sup> Além de Cascudo, também Nestor dos Santos Lima (1887-1959) produziu obras que enfocaram a História da Igreja Católica no Rio Grande do Norte, tais como *A Matriz de Natal*, de 1909, e *O clero na história do Rio Grande do Norte*, 1954, obra que serviu, muitas vezes, de fonte para o próprio Cascudo em seus escritos. Nestor Lima foi professor de Direito Penitenciário da Faculdade de Direito da Universidade do Estado e lecionou também a Cadeira de Direito Internacional Público. Foi sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, instituição que presidiu durante trinta anos. Foi também sócio-correspondente de diversas instituições culturais do país, deixando uma obra extensa que abrangue as áreas de educação, história e cultura popular.

<sup>498</sup> Cabe, no entanto, ressaltar que apesar dos trabalhos de Nestor dos Santos Lima e de Câmara Cascudo, ainda está por ser feito um estudo abrangente e com perfil de síntese histórica – e que se estenda até os dias atuais – sobre a História da Igreja no Rio Grande do Norte.

<sup>499</sup> “A Diocese de Natal foi criada a 29 de dezembro de 1909, pela Bula “*Apostolicam in Singulis*” do Papa Pio X, após desmembramento da então Diocese da Paraíba. Foi sufragânea, sucessivamente, das Arquidioceses de São Salvador da Bahia (até 1910), de Olinda (até 1914) e da Paraíba (até 1952). A 16/02/1952, pela Bula “*Arduum Onus*” do Papa Pio XII, foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana, com duas Dioceses sufragâneas: Mossoró e Caicó”. CRIAÇÃO. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocese-denatal.org.br/arquidiocese/historiaarq.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2008. Desde 2007, a Arquidiocese vive um momento de festa, em função da celebração do Centenário de sua criação. Até final de 2009, serão realizadas visitas pastorais, “encontrões” com os agentes pastorais, peregrinação da imagem de Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira da Arquidiocese, entre várias outras atividades.

nos dizer depois, conforme determinou o Exm. Sr. Arcebispo Metropolitano, se devíamos ou não comemorar um centenário <sup>500</sup>.

Alguns membros da Igreja chegaram a referir a liberdade – e a familiaridade – com que Cascudo tratava de temas tão importantes para a religião católica, muitas vezes esquecidos ou abordados de forma errônea, e a importância de suas produções para a informação dos fiéis católicos. O Monsenhor Primo Vieira, colaborador do IHGRN, ao expressar sua admiração pelo interesse demonstrado por Câmara Cascudo pelos temas religiosos e, principalmente, católicos, afirmou:

O seu livro ‘Religião no povo’ merece leitura atenta pela sua atualidade, especialmente agora, depois de Puebla, que a religiosidade popular é objeto de altos ensaios pelos teólogos da Igreja. [...] É com essa convicção que Câmara Cascudo desce à análise de certos hábitos e crenças religiosas, de certas rezas ingênuas, tocadas de um halo supersticioso, indo às fontes orais, com perguntas sábias que não condicionam jamais as respostas. Estas vêm na sua pureza original, espontânea e fidedignas. Tem ele a preocupação de salientar, na sua pesquisa, que essa fé simples ‘exprime a convicção de uma ortodoxia hereditária. E acrescenta: ‘Em verdade vos digo que a imaginação não participa da minha narrativa’ <sup>501</sup>.

Cascudo dedicou-se também a escrever sobre as igrejas do Seridó, numa série de Actas Diurnas que viriam a ser publicadas pelo IHGRN. Em um dos artigos, ele destacou que “Os dois pontos mais antigos de povoamento na região do Seridó são o Acari e Caicó. As Igrejas, nascidas das primitivas Capelas locais, devem ser as veteranas no bom-combate da Fé” <sup>502</sup>, advertindo que “Não tenho documentação para acompanhar a marcha da construção da atual Matriz da cidade de Serra Negra. O que se deduz é ter Manoel Pereira Monteiro iniciado as obras, senhor como era de fartos recursos e administrador do patrimônio da Santa” <sup>503</sup>, para, então, concluir que “Na região do Seridó, a mais antiga Igreja é a matriz de Nossa Senhora do Ó, em Serra Negra, nascida e presente na Fé desde 1735...” <sup>504</sup>.

<sup>500</sup> MOURA, Pedro (Monsenhor). Apresentação. CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz**. Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

<sup>501</sup> VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-66, 1979-1980.

<sup>502</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A mais antiga Igreja do Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1951-1952, Natal, RN, v. 48-49, p. 187, 1952.

<sup>503</sup> Ibid., p. 191.

<sup>504</sup> Ibid., p. 193.

Além de escrever sobre as origens das paróquias, Cascudo também manifestou sua preocupação em relação ao estado de abandono que se encontravam algumas igrejas históricas, como neste artigo em que fala da Capela de Cunhaú e faz um alerta às autoridades potiguares:

Fiquei com Edgar Barbosa, perdão, com o Juiz de Direito Edgar Barbosa trocando mágoas pelo abandono das ruínas. E acalorados fizemos pacto de uma campanha obstinada pela defesa das ruínas, duplamente sagradas pelo heroísmo da Fé e do Martírio, até que se estabeleça a capelinha modesta e para ela volte, em lenta procissão romântica, a doce Nossa Senhora das Candeias, que testemunhou o massacre de 16 de julho de 1645. Juro à fé do meu grau que há muitos anos me bato por esse ideal como Dom Quixote por Dulcinéia del Toboso. Já escrevi, falei e pedi a meio mundo. [...] A Capela de Cunhaú é o santuário do Rio Grande do Norte. Lugar de morte pelo ódio e em louvor da fidelidade à tríade antiga consagradora, a Deus, ao Rei e à Família. A Pátria, terra dos pais, era a soma desses elementos. [...] Será possível a continuação desse abandono injustificado? Tanta verba espalhada e nessa chuva benéfica de ouro não caberão algumas moedas na mãozinha branca de Nossa Senhora das Candeias? Cunhaú se reergueria com pouco dinheiro. [...] Ninguém vai esperar, num colapso de burrice herética, a recusa a um apoio à Capela histórica, sagrada, tradicional e evocadora. Creio firmemente que os senhores Bispos de Caicó e de Mossoró emprestariam todo o apoio. De cada paróquia do Rio Grande do Norte havia de vir uma pedra, com o nome da Paróquia, solidárias para a reconstrução da velha e gloriosa Capelinha mutilada<sup>505</sup>.

Cascudo fazia questão de mencionar e valorizar as amizades que mantinha com autoridades eclesiásticas<sup>506</sup>, enfatizando a admiração e a afeição que sentia por alguns dos representantes do clero potiguar, como por Dom Marcolino Dantas:

Considerarei Dom Marcolino, o primeiro bispo de Natal, amigo sempre presente. A morte existe, os mortos não. Já levei ao altar, como padrinho, mais de uma centena de crianças. Tenho um voto na minha vida: o de nunca levar aos outros as más notícias. Bastam os meios de comunicação para

<sup>505</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Pela Capela de Cunhaú. **Diário de Natal**, Natal, RN, 03 dez. 1949. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>506</sup> Ressaltamos que os contatos que Cascudo mantinha com as autoridades eclesiásticas iam além do Rio Grande do Norte, como atesta essa fotografia tirada durante uma viagem que fez a Sergipe (não conseguimos obter a data da referida viagem). Cascudo aparece na foto, entre leigos e autoridades católicas e locais. Ver anexo C (Foto de Cascudo no Convento São Francisco de Sergipe).

transmitir a tristeza. Sou Comendador da Ordem de São Gregório Magno (Santa Sé) e da Ordem Militar de Cristo, de Portugal <sup>507</sup>.

De um artigo de Monsenhor Primo Vieira, publicado na Revista do IHGRN, depreende-se que Cascudo e Dom Marcolino – um dos mais representativos membros do alto clero norte-rio-grandense – eram amigos, e que o intelectual potiguar era presença constante em eventos e homenagens promovidos pela hierarquia católica do Rio Grande do Norte<sup>508</sup>:

Falou-me naquela tarde, com grande simpatia de Dom Marcolino Dantas, primeiro Arcebispo de Natal que considerava um verdadeiro santo e um amigo sempre presente. E para confirmar o que dizia apelava para aquela passagem do Evangelho em que Jesus fala do Deus do Jacob, de Isaac e de Abraão. ‘Se é também o Deus de Dom Marcolino e Deus é sempre o Deus dos vivos, Dom Marcolino continua vivo e bem vivo... os mortos são aqueles que não são lembrados’. Sorrindo, confessava-se, ao contrário de um Marcolino, como um pecador profissional. Os outros são amadores <sup>509</sup>.

Reconhecido por seu catolicismo – pelo clero católico do Rio Grande do Norte –, e prestigiado – em vida – com as Comendas da Ordem de São Gregório Magno e da Ordem Militar de Cristo, Cascudo teria sua fé celebrada em elogios fúnebres após sua morte, como se pode constatar no discurso de Dom Nivaldo Monte<sup>510</sup>, proferido durante a missa de corpo presente celebrada na Academia de Letras potiguar:

O Brasil, o Rio Grande do Norte e o mundo perderam um dos seus grandes filhos, a maior cultura folclórica do país, autor de trabalhos originais, pioneiros, de modo que vão frutificar no nosso meio, porque ele fez escola no Estado. [...] Se por um lado, a morte dele foi uma perda, por outro, sabemos que o seu exemplo permanece vivo, com ressonâncias eternas e universais. [...] Esse homem na sua vida, procurou ser, no meio que viveu e trabalhou, epifania de Deus, ou seja, espelho e revelação da eternidade. [...]

<sup>507</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. In: PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal-RN, v. 77-78, p. 176, 1985-1986.

<sup>508</sup> Ver anexo C (foto da cúpula do Episcopado potiguar, por ocasião da homenagem feita a Dom Marcolino, e na qual Cascudo se fez presente).

<sup>509</sup> VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-66, 1979-1980.

<sup>510</sup> Era o Arcebispo de Natal por ocasião da morte de Cascudo. Foi o segundo Arcebispo da Arquidiocese de Natal, com bispado entre os anos de 1967 a 1988. Foi o mesmo Dom Nivaldo quem celebrou também a missa em homenagem ao centenário de Cascudo, em 30 de dezembro de 1998, na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Ver anexo C (foto do convite da Missa em homenagem ao centenário de Cascudo).

Cascudo não tinha medo de ser tenro, terno, criança. O humanismo foi uma de suas características principais<sup>511</sup>.

A fé de Cascudo voltaria a ser referida pelo Cônego Jorge O’Grady de Paiva, que era potiguar e membro do IHGRN e da ANL-RN, durante a missa celebrada no Rio de Janeiro, pela passagem do trigésimo dia do seu falecimento: “Quem não vê, na fé cristã de Câmara Cascudo a influência de seu lado humano, universalizado por todos os povos e raças que jamais existiam sem crença?”<sup>512</sup>.

Em julho de 2006, por ocasião da semana em homenagem aos vinte anos de “encantamento” de Câmara Cascudo, Monsenhor Francisco de Assis Pereira – personalidade de destaque na Arquidiocese de Natal, por ser um respeitado pesquisador da História da Igreja local e por ter sido o postulador da beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu<sup>513</sup> – ao discursar na sessão solene do IHGRN, destacou a inestimável contribuição prestada por Cascudo para a história do Estado. Nesse discurso, intitulado “*A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte*” e publicado sob a forma de artigo no livro que resultou das homenagens prestadas ao longo daquela semana, o Monsenhor Assis Pereira assim se referiu a Cascudo: “Todo ramo da ciência tem os seus clássicos: Platão e Aristóteles na filosofia, Homero na literatura grega, Machado de Assis para a Literatura Brasileira. Na historiografia do Rio Grande do Norte, o grande clássico, o verdadeiro “ícone”, é sem dúvida, Luís da Câmara Cascudo”<sup>514</sup>.

Referindo-se, especificamente, à contribuição para a Igreja Católica norte-riograndense, o Monsenhor destacou o interesse que Cascudo demonstrou pela temática em seus dois principais livros de história, *História da Cidade do Natal* e *História do Rio Grande do Norte*, nas plaquetes e nas Actas Diurnas que já foram mencionadas nessa

<sup>511</sup> Dom Nivaldo Monte destaca a fé inabalável do mestre da cultura. CASCUDO sepultado com honras de Estado. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 01 ago. 1986. Cidade, p. 05.

<sup>512</sup> PAIVA, Jorge O’Grady. (Cônego) apud PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal-RN, v. 77-78, p. 177, 1985-1986.

<sup>513</sup> “Uma das maiores conquistas da Arquidiocese foi a beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, reconhecidos pelo Papa João Paulo II como os Protomártires do Brasil. No ano de 1645, quando a colonização do Rio G. do Norte ainda estava recente, os padres André de Soveral e Ambrósio Francisco Ferro, mais o leigo católico Mateus Moreira e 28 companheiros, foram assassinados por calvinistas holandeses. Durante o martírio, eles afirmaram a fé na Eucaristia. Mateus Moreira, no momento em que lhe arrancavam o coração pelas costas, exclamava: “Louvado seja o Santíssimo Sacramento”. No dia 5 de março de 2000, após vários anos de trabalho do Postulador da Causa dos Mártires, Mons. Francisco de Assis Pereira, o Vaticano elevou os mártires potiguares aos altares. A beatificação aconteceu no Vaticano, com a presença de vários cristãos da Arquidiocese”. PROTOMÁRTIRES. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesede natal.org>>. Acesso em: 13 out. 2007.

<sup>514</sup> PEREIRA, Francisco de Assis. (Monsenhor). A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte. In: CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo: 20 anos de encantamento**. Natal, RN: Ed. da UFRN, 2007. p. 82.



Dissertação: “do conjunto de crônicas publicadas, oitenta trataram de assuntos relacionados com a Igreja; das oitenta, 40 são sobre figuras de sacerdotes ilustres de nosso Clero, desde os padres com fama de santidade, como o Padre João Maria e o Padre Monte, aos que se envolveram com a política e com a Revolução, como Padre Miguelinho, [...] passando por padres seus contemporâneos e grandes amigos, como o Monsenhor Alfredo Pegado Cortez, o Cônego Jorge O’Grady e Dom Marcolino Dantas”<sup>515</sup>. Ele continuou, esclarecendo que, apesar de a criação da Arquidiocese, em dezembro de 1909, e o Movimento de Natal<sup>516</sup> não terem sido abordados por Cascudo em seus escritos, isto não diminuía a sua contribuição, uma vez que foi um dos mais atuantes colaboradores do Jornal *A Ordem*, veículo de comunicação da Arquidiocese de Natal e porque “Sabemos, porém, que ele acompanhava e admirava todo este esforço de renovação da Igreja, [...] prova disto é a grande admiração que ele nutria por um dos mais notáveis artífices desta renovação, Dom Hélder Câmara”<sup>517</sup>.

Se a Cascudo coube, por sua estreita – e até afetiva – ligação com representantes do alto clero potiguar, reconstituir episódios da História da Igreja no Rio Grande do Norte, por sua condição de historiador oficial da cidade do Natal – e por extensão, do Rio Grande do Norte – dedicou-se também à reconstituição histórica dos períodos da conquista e da colonização, atribuindo à Companhia de Jesus um papel bastante destacado

---

<sup>515</sup> PEREIRA, Francisco de Assis. (Monsenhor). A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte. In: CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo: 20 anos de encantamento**. Natal, RN: Ed. da UFRN, 2007. p. 85.

<sup>516</sup> “A Igreja Católica do Rio Grande do Norte é considerada pioneira em ações sociais, sendo que muitas delas surgiram nas décadas de 1950 a 1960, na época do Movimento de Natal, e se expandiram em nível nacional e até internacional. No início da década de 1940, em plena 2ª Guerra Mundial, Natal era uma cidade com 60 mil habitantes. No final de 1941, 20 mil soldados americanos desembarcaram nas praias de Parnamirim, o que significou um aumento bastante expressivo da população local, trazendo suas conseqüências em termos sociais, econômicos e culturais. Procópio Camargo, autor do livro “O Movimento de Natal”, usa o termo desorganização social para explicar o que viria acontecer: “a instalação das bases militares, a chegada de técnicos e tropas americanas propiciaria o desequilíbrio da organização social da área, ocasionando elevação do custo de vida, proliferação das casas de tolerância, crise habitacional, mudança de comportamento com a introdução de novos costumes que abalam a estrutura tradicional. A grande procura de mão-de-obra para a construção e instalação do campo de Parnamirim e da Base Naval termina por ocasionar uma imigração rural em larga escala. Diante da situação, os jovens sacerdotes Eugênio Sales e Nivaldo Monte começam a pensar um jeito de “reorganizar” a sociedade em Natal. O conjunto de ações sociais realizadas pela Arquidiocese, na época recebeu o nome de Movimento de Natal. Criação do Patronato de Ponta Negra, idealização de reuniões e de cursos de formação permanente do clero, frentes de trabalho, incentivo à organização de Sindicatos de Trabalhadores Rurais, criação da Campanha da Fraternidade, formação de lideranças, missões rurais, escolas radiofônicas, cooperativismo, educação de base mobilizavam pessoas e grupos, em busca de transformações sociais e da promoção humana”. PIONEIRISMO. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedenatal.org>>. Acesso em: 13 out. 2007.

<sup>517</sup> Essa observação feita pelo Monsenhor Assis Pereira já foi por nós explorada, quando mencionamos a ligação de Cascudo com D. Hélder na década de 1930 e o seu envolvimento com o Integralismo. PEREIRA, op. cit., p. 92.

nesse processo<sup>518</sup>. Na próxima seção, iremos nos deter na análise de alguns capítulos de livros e artigos em que Cascudo abordou a atuação dos missionários jesuítas, procurando relacioná-los ao contexto histórico e político específico em que foram produzidos. Interessamos, especialmente, analisar as informações que esses escritos divulgam, as representações dos missionários que veiculam e as avaliações que estes capítulos e artigos trazem do trabalho desenvolvido pela Companhia de Jesus na Capitania.

### 4.3 O historiador e a Companhia de Jesus

Os escritos de Câmara Cascudo sobre a atuação dos jesuítas em terras potiguares, é preciso ressaltar, obedeceram aos interesses da elite intelectualizada que integrava o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e foi justamente desse lugar institucional que provieram alguns de seus mais representativos escritos sobre a temática. A elite potiguar a que nos referimos formou-se, em sua maioria, dentro da tradição e do modelo conservador da Igreja católica, razão pela qual a fé e a moral difundida pelos jesuítas inspiravam homens – como Cascudo – a escreverem sobre as ações desses religiosos.

Estas razões, com certeza, determinaram as representações<sup>519</sup> cascudianas dos jesuítas e levaram o *homem de fé* e historiador católico a enfatizar a ação “heróica” dos padres da Companhia de Jesus:

A conquista pela espada seria consolidada pela catequese dos espíritos. Mosquetes, canhões, lanças, espadas e pelouros nada fariam. Vencido recuava o indígena como uma onda e voltaria mais forte, quebrando-se nas muralhas da pedra do ‘Reis Magos’. O processo era embainhar a espada e dar a palavra ao padre. É a vez dos jesuítas no futuro do Rio Grande do

<sup>518</sup> Esses trabalhos, cuja realização foi confiada a Cascudo pelos representantes da Igreja Católica potiguar e pelas autoridades políticas do Estado, nos remeteram às reflexões propostas por Pierre Bourdieu. Segundo o sociólogo francês, quem dispõe de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, detém os mecanismos para impor suas próprias definições de si e do outro. Ver mais em BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. F. Tomaz (Org.). Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand Brasil, 1989. Em **Economia das trocas lingüísticas**, Bourdieu reforçaria este aspecto, ao afirmar: “O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador”. BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 89.

<sup>519</sup> Ressaltamos que empregamos o conceito de *representação* na acepção de Roger Chartier: “As representações do mundo social assim construídas, [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”. CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

Norte. Padre Francisco Pinto conquista o tuixáua dos Potiguares, o Camarão-Grande, Potiguassú. O padre Gaspar de Samperes percorre, num largo círculo, o próximo distrito, arrebanhando os chefes para as pazes. Tudo se apazigua<sup>520</sup>.

Em alguns de seus escritos, também encontramos passagens bastante reveladoras da visão de Cascudo sobre os indígenas. Referindo-se à primeira solenidade celebrada – com ar de festividade e certa organização e que teria ocorrido em Salvador, durante a procissão do corpo de Deus –, Cascudo informa que para atrair os índios e instruir os colonos, os jesuítas teriam adotado e propagado esse ato devocional conferindo-lhe caráter penitencial<sup>521</sup>:

Não conheciam Deus. Era o depoimento unânime dos cronistas. Nem uma fé têm, nem a adoram a Deus algum (frei Vicente do Salvador). Esta gentildade nenhuma coisa adora, nem conhecem Deus (Padre Manuel da Nóbrega). Além de não revelarem conhecimento nenhum do verdadeiro Deus, não adoram nem confessam deuses falsos, celestiais ou terrestres (Jean de Léry). Nenhuma criatura adoram por Deus (Padre Anchieta). Este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador, nem de coisa do céu (Padre Fernão Cardim). Não adoram coisa alguma (Pero de Magalhães Gandavo). Não tinham espécie alguma de religião (Cláudio [sic] d'Abbeville). Sem fé, sem lei, sem religião (André Thevet)<sup>522</sup>.

Perseguindo o objetivo de desvendar a visão de Cascudo sobre a atuação dos jesuítas na conquista da Capitania do Rio Grande e os resultados que os missionários deixaram em terras potiguares – quando foram responsáveis pela pacificação dos índios – e, posteriormente, durante a colonização – quando atuaram no apaziguamento das relações entre índios e colonos –, selecionamos alguns artigos publicados em jornais e revistas e capítulos de livros da vasta produção histórica cascudiana<sup>523</sup>, para identificação e análise das representações dos jesuítas e da Companhia de Jesus neles presentes.

O primeiro artigo que analisamos, *As lendas de Extremôz* (sic), foi redigido entre os anos de 1935-1937 e publicado na Revista do IHGRN em 1940. Nele, Cascudo trata da Vila de Estremoz, primeira vila da Capitania do Rio Grande e antigo aldeamento de São Miguel de

<sup>520</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Fundação e nomes da cidade. In: \_\_\_\_\_. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 21.

<sup>521</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/text/ciclo.html>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

<sup>522</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Brasília: José Olympio, 1976, p. 54.

<sup>523</sup> Para proceder a análise, definimos algumas categorias-chave, nas quais enquadrámos as representações dos jesuítas e da Companhia de Jesus presentes na produção cascudiana. São elas: *pacificação, conquista, salvação e catequese*.

Guagirú, contemplando o período que se estende de fins do século XVII, quando se criou o aldeamento, até o final do século XVIII.

Cabe ressaltar que à época da escrita e da publicação do artigo referido acima, Câmara Cascudo era sócio efetivo do IHGRN, além de redator da Revista na qual o artigo foi publicado. Esta informação é relevante para a análise que propomos, uma vez que reafirma a importância do lugar ocupado pelo autor, como bem observado por Michel de Certeau ao apontar para o condicionamento da pesquisa histórica ao lugar institucional<sup>524</sup>. Mais uma vez, Cascudo enfatiza a importância dos missionários jesuítas para a conquista e a colonização da Capitania do Rio Grande, ressaltando a sua missão evangelizadora: “[...] Guagirú era um aldeamento. Quer dizer que se compunha de algumas famílias, entregues à agricultura, presididas por um sacerdote. Em Guagirú, no aldeamento de São Miguel, **era um jesuíta o pastor dos homens**. [...]”<sup>525</sup>. (grifo nosso).

Ao apresentar os jesuítas como “pastor [es] de homens”, Cascudo evidencia não apenas a sua visão sobre o trabalho evangelizador desenvolvido pelos missionários durante o período colonial, como expressa a sua percepção sobre a função primordial de um religioso, a de guiar os homens nos princípios e na moral católica.

Nesse artigo, Câmara Cascudo, além de apresentar as muitas lendas ligadas à história da Vila de Estremoz, atribui aos jesuítas a manutenção e a criação de algumas delas. O historiador potiguar inicia o artigo informando que coube aos padres da Companhia, que dirigiam o aldeamento Guagirú, posteriormente transformado em Vila de Estremoz, a construção das igrejas do lugar. Reproduzindo as lendas que se criaram em torno dessas igrejas, Cascudo informou que todas elas possuíam subterrâneos que levavam a um lugar secreto, no qual eram guardados os “tesouros dos jesuítas”: “Era destino do jesuíta esconder dinheiro, alfaias, armas e jóias. **Onde ele andou semeando a sabedoria da moral, do trabalho, as lendas do trabalho foram também semeadas**”<sup>526</sup>. (grifo nosso).

Em outro momento do artigo, Cascudo volta a destacar o papel de civilizador desempenhado pelo missionário jesuíta, responsável pelo treinamento dos indígenas para o trabalho e pelas construções das igrejas nos aldeamentos:

<sup>524</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

<sup>525</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 87, 1940. Percebe-se nessa passagem a importância que Cascudo dá à ação missional e civilizadora desempenhada pelos jesuítas, visão que nos parece decorrer tanto de sua identificação e adesão ao modelo historiográfico em vigor no período, quanto de sua fé - seu catolicismo - e de sua identificação com a atuação da Igreja católica no Rio Grande do Norte.

<sup>526</sup> *Ibid.*, p. 86, 1940.

Depois da guerra dos índios é que se deu o aldeamento Guagirú. [...] Depois a redução cresceu... A cidade do Natal estava perto. Os terrenos eram férteis. A indiada ajudava também. **O jesuíta a tudo olhava e chegava a tempo para ensinar trabalho doméstico às cunhãs desocupadas.** A Igreja deve ser dos fins de XVIII, ou princípios, como é mais provável, do século XVIII. Era um barroco jesuítico. [...] As três portas e três janelas, com ornatos escuros e típicos, **lembram o punho inegalável [sic] e fino do jesuíta construtor**, em toda plenitude do seu estilo despido e impressionante. **Ele conservava a aridês e austeridade de Loiola**<sup>527</sup>. (grifo nosso).

Revelando uma visão extremamente positiva dos tempos em que os jesuítas administravam os aldeamentos, Cascudo contrapõe a pobreza de Estremoz, no século XX, à riqueza que os jesuítas teriam acumulado no período colonial. Embora demonstre uma certa perplexidade diante das informações que dão conta do “grande tesouro” acumulado pelos jesuítas – apesar das terras pobres, da “vida primitiva” e do inexpressivo número de padres –, Cascudo não deixa de expressar sua verdadeira admiração diante da “projeção dos inacianos” junto à população e das demonstrações heróicas de fé e caridade dos missionários, parecendo considerá-las como o maior tesouro que teriam conseguido efetivamente reunir:

[...] Extremôz (sic) continua sem história, silenciosa, pequenina, ignorada, sem lances heróicos que não fossem os da fé e sem maiores trabalhos afora os da caridade e do rythmo (sic) moral que o jesuíta imprimia como uma projecção (sic) de sua presença. Nesse ambiente, terra pobre, meia dúzia de padres (não há informes sobre o número) famílias indígenas, trabalhadores ruraes (sic), raro homem branco, vida primitiva e serena, pautada pela oração e pelo hábito das madrugadas e dos somnos (sic) ao cahir (sic) da noite, o jesuíta juntou um thesouro (sic). Um grande thesouro (sic) que inda (sic) faísca e deslumbra toda diversidade de gente. Como teria o jesuíta arranjado tanto ouro? E para que, Santo Deus?<sup>528</sup>.

Ao escrever sobre o período da conquista e colonização do Rio Grande do Norte, como demonstrado nesse capítulo, Câmara Cascudo enfatizou o papel civilizador dos missionários jesuítas, inspirando-se e valendo-se, sobretudo, da produção<sup>529</sup> do Pe. jesuíta Serafim Leite<sup>530</sup>. As consultas a essa produção ficam evidentes – dentre as muitas que

<sup>527</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 88, 1940.

<sup>528</sup> *Ibid.*, p. 89.

<sup>529</sup> LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

<sup>530</sup> Serafim Leite nasceu em Portugal, em 1890. Veio ao Brasil, ainda rapaz, aos 15 anos, quando entrou para a Companhia. Por indicação do Provincial, foi incumbido de escrever a *"História da Companhia de Jesus no Brasil"*, produzida entre 1938 e 1950. Morreu em 1969.

podemos referir – numa passagem do primeiro capítulo de seu livro *História da Cidade do Natal*, aquele que o consagrou como historiador, no qual Cascudo refere explicitamente a Serafim Leite, a propósito da controvérsia em torno da data da chegada dos portugueses à região: “A esquadra entrou a barra do rio Potengi em dia discutido ainda. O Pe. Serafim Leite, S. J., divulgou o 25 de dezembro de 1597”<sup>531</sup>.

Esta *reverência* a Serafim Leite não impediu que Cascudo atualizasse algumas informações sobre a Capitania do Rio Grande, outrora divulgadas pelo historiador jesuíta. Em um exemplar original da obra de Serafim Leite – que encontramos na biblioteca do Memorial Câmara Cascudo –, deparamo-nos com um pequeno texto – escrito à mão por Cascudo – ao final do capítulo III do livro III, que trata das antigas aldeias jesuíticas de Guajuru e Guaraíras<sup>532</sup>.

Na conclusão do capítulo, Serafim Leite informa: “O exílio dos Padres destas duas Aldeias não se fêz (sic) sem protestos e lágrimas de Índios e Brancos, que de Guajuru os vieram acompanhar por espaço de duas milhas até a Cidade. [...] Episódio apenas significativo, conclui Francisco da Silveira, do amor e reverência dos nacionais do Brasil para com os seus benfeitores de quem assim os privavam”<sup>533</sup>. A este último parágrafo, Cascudo – valendo-se, com certeza, da sua condição de historiador oficial de Natal e das informações de que dispunha através de pesquisas realizadas – acrescentou à mão: “O último diretor era o Pe. Alexandre de Carvalho, com o escolástico José Ferreira deixou a aldeia em junho de 1759. O Padre [M.] do Colégio de Recife. Embarcou em Bahia a 1-5-1760 com 52 companheiros para Lisboa”<sup>534</sup>.

Alguns outros capítulos da obra de Serafim Leite também foram alvo da leitura atenta e criteriosa de Cascudo, como se pode perceber nas correções e anotações que fez à margem de algumas páginas. Uma das que nos chamou a atenção é a anotação que fez ao lado da seguinte passagem: “E, ao mesmo tempo, se cuidaria dos Potiguares, tanto dos do Rio Grande, <<como dos que se desceram para Paraíba e Gueena, que é Aldeia que está entre a

<sup>531</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. O “Santos Reis”. In: \_\_\_\_\_. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 18.

<sup>532</sup> Trata-se, efetivamente, do capítulo II, *Fundação do Rio Grande do Norte*, e capítulo III, *Aldeias de Guaraíras e Guajuru* da obra de LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, cap. 2-3, p. 504-535.

<sup>533</sup> LEITE, Serafim. Aldeias de Guaraíras e Guajuru. In: \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p. 535.

<sup>534</sup> Ver anexo C (a página 535 – do capítulo 3, do livro 3 da obra **História da Companhia de Jesus no Brasil**, de Serafim Leite, que integrava o acervo pessoal do historiador. Passagem escrita à mão por Cascudo).

Paraíba e Pernambuco, que nós, por missão, conservamos>>”<sup>535</sup>. (grifo de Cascudo). Além de sublinhar a palavra que considerou estar incorreta, Cascudo a corrigiu, substituindo-a por *Goiana*. Em outro capítulo, Cascudo – preocupado com a precisão de nomes, lugares, datas e personagens – complementar a informação dada por Serafim Leite sobre o padre Bourel: “A vida da Aldeia continuou neste ambiente de apostolado em meio versátil e difícil, durante alguns anos, até que em 15 de maio de 1709 faleceu nela o P. Filipe Bourel”<sup>536</sup>. (grifo de Cascudo). Ao lado do nome do missionário, Cascudo acrescentou: *1659-1709*.

Esses indícios de uma leitura crítica e atenta – que não se limitou à obra de Serafim Leite e nem às anotações que fazia à margem dos livros que lia e consultava – nos comprovam o espírito inquieto e investigador de Cascudo, aspecto que viria a ser destacado por ele mesmo: “Sempre fui curioso, indagador, grande memória e sem atração pelo que seduzia os contemporâneos, Pecúnia, Poder, Luxúria [e] Ostentação. Nunca me saciara do conhecer”<sup>537</sup>.

Cascudo também publicou artigos que enfocavam a atuação dos missionários jesuítas durante o período colonial em um importante veículo de divulgação da Igreja Católica no estado do Rio Grande do Norte, o jornal *A Ordem*, da Arquidiocese de Natal<sup>538</sup>. Fundado em 1935, o jornal circulou diariamente até 1953, e após sete anos sem ter sido impresso, voltou a circular semanalmente em 1960. A partir de 1967, tornou-se mensal, sendo divulgado a partir das paróquias. Para dar continuidade à análise que pretendemos fazer neste subcapítulo, selecionamos dois artigos publicados no ano de 1938: *Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte* e *As grandes festas de hoje em Estremoz: uma povoação que é uma relíquia histórica*.

Vale destacar que o jornal *A Ordem* foi lançado em uma época em que a Igreja Católica do Rio Grande do Norte se mostrava preocupada com os problemas sociais decorrentes da Primeira Guerra Mundial, com o fortalecimento do catolicismo e com a moral. A primeira fase do jornal, de 1935 a 1953, segundo Alceu Ferrari<sup>539</sup>, se caracterizou por uma linha editorial que seguia idéias integralistas. Seus dirigentes, na primeira fase, foram jovens intelectuais católicos. De acordo com relatos de leitores e de funcionários do jornal, em sua

<sup>535</sup> LEITE, Serafim. Fundação do Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.506. Ver anexo C (foto da página 506 de Serafim Leite do capítulo 2, do livro 3).

<sup>536</sup> LEITE, Serafim. Nas Fronteiras do Rio Grande e Ceará. In: \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.548. Ver anexo C (foto da página 548 de Serafim Leite do capítulo 4, do livro 3).

<sup>537</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio e fuga do real**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1974. p. 137-138.

<sup>538</sup> Os dois artigos foram publicados no mesmo dia. O artigo sobre as festas de Estremoz é matéria de capa e o artigo sobre as aldeias se encontra na pág. 6 da edição do dia 14 de agosto de 1938.

<sup>539</sup> Ver mais em FERRARI, Alceu. **Igreja e desenvolvimento: o movimento de Natal**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968.

primeira fase, *A Ordem* tinha grande importância na sociedade natalense, sendo não só instrumento da ação católica, mas fonte de informação e opinião sobre assuntos locais, nacionais e internacionais<sup>540</sup>. Corroborando esses relatos, em 1967, Dom Nivaldo Monte, então Arcebispo da Arquidiocese de Natal, chegou a afirmar: “se saía em *A Ordem* todo mundo acreditava”<sup>541</sup>.

Ao analisarmos os artigos divulgados n’*A Ordem*, constatamos que eles reafirmam o discurso apologético em relação à Companhia de Jesus, tão evidente no artigo *Os jesuítas no Rio Grande do Norte*, publicado na Revista *Estudos Brasileiros*, e no capítulo do livro *História do Rio Grande do Norte* que já mereceram a nossa atenção. Neles, Cascudo enfoca a situação das populações indígenas do Rio Grande do Norte após a “Guerra dos Bárbaros”<sup>542</sup>, ressaltando a importante contribuição dos missionários jesuítas para a pacificação e para o aldeamento dos índios: “As Missões apasiguadoras [sic] estavam ao redor dos antigos centros de resistência selvagem. **O missionário empregou a tática infalível da bondade, da alegria e da tolerância.** O cariri taciturno e agressivo virou cordeiro. [...]”<sup>543</sup>. (grifo nosso).

Cascudo não descuidou de ressaltar as habilidades dos missionários e da sua atuação em áreas muito distintas: “O jesuíta nestas duas reduções<sup>544</sup> multiplicou-se [sic]. [...]. O padre, mestre escola, feitor, arquitecto [sic], era ainda um animador de festas tradicionais. [...]”<sup>545</sup>. Isto, no entanto, não o impediu de, curiosamente e discordando da visão apologética tão difundida em outros de seus trabalhos, afirmar que: **‘Os jesuítas viviam explorando os pobres índios’**<sup>546</sup>. (grifo nosso).

Em outra passagem, Cascudo refere-se aos efeitos negativos da colonização, sobretudo da exploração da mão-de-obra indígena, contrapondo-os ao bom tratamento que os jesuítas haviam lhes dado nos aldeamentos: “Os índios desapareceram. Resta, no meio das duas praças

<sup>540</sup> Informação contida em: JORNAL A Ordem: origem. **A Ordem online**. Disponível em: <[http://www.arquidiocesedenatal.org.br/aordem/ao\\_historia.htm](http://www.arquidiocesedenatal.org.br/aordem/ao_historia.htm)>. Acesso em: 19 set. 2007.

<sup>541</sup> Ibid., 2007.

<sup>542</sup> As guerras movidas contra os indígenas que resistiam à ocupação de suas terras foram chamadas pelos colonizadores de “guerras justas”. Segundo a legislação portuguesa, os “índios bárbaros” que eram nelas aprisionados poderiam ser escravizados ou vendidos como escravos – assim como seus descendentes –, ao contrário dos “índios mansos”, ou seja, os já batizados e, portanto, já supostamente submetidos à colonização. A “Guerra dos Bárbaros”, por sua vez, consistiu numa série de conflitos que ocorreram entre 1651 e 1704, nas capitânicas do Norte, sendo a Capitania do Rio Grande uma das mais atingidas por tais conflitos. MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3 ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007. p. 46-49.

<sup>543</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938. Constatamos que essa caracterização da atuação dos missionários será feita por Cascudo em outro artigo, de 1940, no qual voltará a reforçar sua percepção elogiosa sobre a conduta dos padres na Capitania.

<sup>544</sup> Referência às duas missões no Rio Grande do Norte que ficaram sob o comando dos jesuítas, a de Guagirú e de Guaráíras.

<sup>545</sup> Ibid., p. 06.

<sup>546</sup> Ibid., p. 06.



silenciosas e devastadas, espectral, abrindo os dois grandes braços de rija madeira, **os dois Cruzeiros, derradeiras testemunhas [...] dos homens que por ali passaram, ensinando e sofrendo por eles, os padres da Companhia de Jesus ...**”<sup>547</sup>. (grifo nosso).

Em um artigo divulgado no Jornal *A Ordem*, intitulado *As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica*, também identificamos representações cascudianas sobre os jesuítas e o papel que desempenharam em terras potiguares:

As raízes do Brasil, aquelas que o sustentam, estão na tradição. Quem quiser conhece-las (sic) precisa mergulhar em nosso passado histórico. A poucas léguas de Natal, em Estremoz, o Brasil pode ser visto no que ele possui (sic) de eterno e superior a todos os atrativos do progresso atual. Aquelas ruínas tem uma eloquência (sic) singular, porque nos revelam o verdadeiro Brasil sem articular palavra ou desferir um gesto. O Rio Grande do Norte é feliz porque, além de Estremoz, conserva outros tesouros históricos como Arez, Uruassú (sic), Cunhaú, Papari, Vila-Flor, Assú, Port’Alegre (sic), Apodi, São José de Mipibu e tantos mais. **Quanta espiritualidade se respira numa visita a esses velhos monumentos do passado! Precisamos, vez por outra, empreender visitas coletivas a esses lugares (sic) sagrados, para conhecer, sentir e amar as nossas tradições positivas. A romaria de hoje a Estremoz tem este sentido**<sup>548</sup>. (grifo nosso).

Nesse trecho que transcrevemos, Cascudo, além de caracterizar a antiga aldeia jesuítica de Guagirú como uma das “belas e louváveis” raízes do Brasil, incentiva os potiguares a manterem a romaria a Estremoz e a manterem as tradições religiosas populares.

Nesse mesmo artigo, Cascudo procura convencer os leitores do Jornal *A Ordem*, de que o legado jesuítico foi de suma importância para o *patrimônio espiritual e material* do Rio Grande do Norte, pois, segundo ele:

Ali, há três séculos, os jesuítas estabeleceram a aldeia de Guagirú; dali a ira do marquês de Pombal expulsou, em 1760, os beneméritos filhos de Santo Inácio de Loiola; ali foi edificada, nesse ano, a Nova Vila de Estremoz sobre as ruínas da antiga aldeia. Na primitiva capela construída pelos jesuítas existiam, em 1760, tantas imagens que fariam hoje uma santa inveja a muitas de nossas matrizes. [...] Tudo isto é muito significativo. É uma <<raiz>> que

<sup>547</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. *A Ordem*, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938.

<sup>548</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica. *A Ordem*, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1938.

contém muita substância. No solo da pátria estão enterradas muitas dessas raízes!<sup>549</sup>

Na continuidade, passamos a analisar um outro artigo de Câmara Cascudo, intitulado *Os jesuítas no Rio Grande do Norte*, escrito em fins da década de 1930 e publicado em 1940<sup>550</sup> na revista *Estudos Brasileiros*<sup>551</sup>, do Rio de Janeiro. É importante lembrar que Cascudo era, à época, um dos mais destacados intelectuais norte-rio-grandenses e integrava o IHGRN, instituição cujo maior interesse era o de construir uma história e uma memória sobre o Rio Grande do Norte, e que este artigo, apesar de não ter sido publicado pela Revista do IHGRN, se enquadrava perfeitamente no tipo de produção que o Instituto estimulava e divulgava<sup>552</sup>. Vale ressaltar, ainda, que a produção histórica dessas duas décadas foi marcada pelas tentativas de interpretação e pela publicação de sínteses do passado brasileiro<sup>553</sup>, que se caracterizaram, especialmente, pela amplitude temática, de difícil classificação teórico-metodológica, apesar de profundamente marcadas pelos estudos comparativos<sup>554</sup>.

---

<sup>549</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica. **A Ordem**, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1938.

<sup>550</sup> Vale ressaltar que foi durante a década de quarenta que Cascudo se consagrou como historiador, integrando-se, efetivamente, ao esforço de construção de uma memória do estado do Rio Grande do Norte.

<sup>551</sup> A **Revista Estudos Brasileiros**, publicada no Rio de Janeiro, teve como fundador João Augusto de Mattos Pimenta, idealizador do Instituto de Estudos Brasileiros.

<sup>552</sup> Como já observado em outro momento, o Rio Grande do Norte havia passado pela Revolução de 1930, sem muitas mudanças em sua estrutura política. Dessa forma, o IHGRN continuava congregando a elite pensante que se responsabilizava pela história do Estado, sendo que uma grande parte dessa elite era composta por políticos importantes que detinham o poder local. Cascudo fazia parte desse universo, escrevendo seus livros sobre diversas áreas, tais como etnografia, história e folclore.

<sup>553</sup> Como exemplo dessas sínteses, podemos citar a renomada tríade da historiografia brasileira, formada por Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Sérgio Buarque que publicou em 1936 o seu renomado livro: **Raízes do Brasil**. Hollanda escreveu sobre a formação do Brasil, diagnosticando o português como elemento predominante, o que difere da perspectiva de Gilberto Freyre, que responsabilizou a mestiçagem entre as raças e que em 1933 lançou sua obra prima: **Casa Grande & Senzala**. De acordo com as idéias defendidas no livro por Freyre, a própria estrutura arquitetônica da Casa-Grande expressaria o modo de organização social e política que se instaurou no Brasil, qual seja o do patriarcalismo. E, posteriormente, consolidando esse modelo de grandes construções sobre o Brasil que dessem conta de aspectos cruciais da sociedade e do espaço brasileiro. No livro **Formação do Brasil Contemporâneo**, Caio Prado Júnior faz uma síntese dos três primeiros séculos da colonização, até inícios do século XIX, momento caracterizado por ele como uma etapa decisiva na evolução do país, visto que se constituiu num período de transição para uma nova fase. Através de uma abordagem inovadora, Caio Prado descartou a tendência predominante na época de enquadrar o sistema colonial em um modelo de economia feudal, afirmando que o processo colonial não passou de uma das manifestações de um fenômeno de maior amplitude, a expansão comercial iniciada no século XIV, ou seja, criando uma visão do colonialismo como parte integrante do capitalismo mundial. Esses três grandes livros publicados alimentaram, no dizer de Antônio Cândido, a imaginação dos jovens brasileiros e os estimularam a refletir sobre seu país: **Casa-Grande & Senzala** (1933), de Gilberto Freyre; **Raízes do Brasil** (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e **Formação do Brasil Contemporâneo** (1942) de Caio Prado Júnior. Vale ressaltar que cada um desses autores apresenta particularidades que os diferenciam entre si, possuindo como semelhança na maioria das vezes apenas o fato de tratar do processo de formação histórico e cultural do Brasil e terem marcado a historiografia brasileira do século XX.

<sup>554</sup> Ver mais em. DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes**. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo, RS: UPF, 2004. p. 17-18.

No artigo em questão, Cascudo atribuiu grande importância aos jesuítas, tanto por sua formação e condição de pregadores – para a salvação das almas dos indígenas<sup>555</sup> –, quanto para a instalação dos primeiros núcleos populacionais, em função das suas habilidades. Este último aspecto, aliás, fica bem evidenciado na passagem que faz referência à construção do Forte dos Reis Magos, um dos principais marcos da conquista do Estado: “O padre Gaspar de Samperes fôra (sic) soldado, batalhando em Espanha, sabendo dirigir uma construção militar. Ergueu-se a fortaleza dos Reis Magos debaixo do desenho e naturalmente da fiscalização do **Jesuíta Engenheiro**”<sup>556</sup>. (grifo nosso).

Constata-se que os jesuítas são apresentados como os grandes responsáveis pela fundação da Cidade do Natal, dada a sua persistência e habilidade para negociar e estabelecer alianças:

De 1597 a 1599 as missões jesuíticas desdobraram-se para possibilitarem a fundação da Cidade do Natal. Alianças com ‘tuixáuas’ potiguares, “pazes” solenemente proclamadas, trocas de presentes, moradia avisinhada (sic), todos os processos foram praticados, **com aquela paciência irresistível [sic] e continua (sic) do Jesuíta [...]**<sup>557</sup>. (grifo nosso).

Reforçando esta representação positiva dos jesuítas, Câmara Cascudo afirmou: “Os dois jesuítas<sup>558</sup> são a velocidade inicial da **conquista católica**. Procuram os Potiguares<sup>559</sup> ariscos, **conversam, discutem, convencem**”<sup>560</sup>. (grifo nosso).

---

<sup>555</sup> Constata-se que, ao escrever esse artigo, Cascudo estava claramente influenciado pelo evolucionismo próprio do século XIX, pois entendia os índios – a “indiada” – como “selvagens”, “ariscos”, “suspicazes” a quem os jesuítas, com muita paciência conseguiram “civilizar”. Ele não deixa de enfatizar a importância do trabalho catequético e de destacar os benefícios que as Missões haviam trazido para os índios: nelas eles tinham sua casa, faziam seu roçado, cultivavam a mandioca e a vendiam, as moças aprendiam a tecer, a fiar e a coser, enquanto os rapazes iam à escola e aprendiam um ofício. Isto fica bem evidente quando ele se refere à expulsão dos jesuítas do Brasil e ao processo da transformação de cada Missão em Vila. Nele, Cascudo não deixa de esboçar uma crítica em tom de ironia: “Os índios, restituídos (sic) a sua liberdade e comércio (sic), ficaram otimamente servidos. El-Rei nomeou um bando de técnicos desinteressados para iniciar-los (sic) nas contentisas (sic) da administração civil. Começaram, naturalmente, dividindo o espólio (sic) do Jesuíta.” E concluiu o texto afirmando que, após a expulsão dos jesuítas, os índios ficaram desorientados e se entregaram à preguiça e a uma vida errática, o que fez com que eles se destruíssem a si próprios, pois perderam completamente a sua identidade. CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 206-207, jul./out. 1940.

<sup>556</sup> Ibid., p. 199.

<sup>557</sup> Ibid., p. 201.

<sup>558</sup> Referência aos padres Gaspar de Samperes e Francisco Pinto. Ibid., p. 200.

<sup>559</sup> Os Potiguares falavam o Tupi e habitavam o litoral da Capitania do Rio Grande. Nesta passagem que transcrevemos fica evidente que Cascudo incorporou a percepção dos jesuítas e reproduz a dos cronistas clássicos, fazendo a distinção entre os Potiguares e os Cariri. Estes índios, para Cascudo, eram os habitantes do sertão – muito mais arredios que os Potiguares –, tendo sido – pela persistência dos jesuítas – transformados em dóceis “ovelhas” pela catequese.

<sup>560</sup> Ibid., p. 200.

Em outro momento do artigo, Cascudo vincula a “pacificação”, a conseqüente civilização dos índios pelos jesuítas, ao estabelecimento de colonos na região: “Deve o Rio Grande do Norte aos Jesuítas o plano da fortaleza, a escolha provável do local e denominação da Cidade, **a pacificação do indígena indispensável para o estabelecimento regular dum (sic) núcleo europeu**”<sup>561</sup>. (grifo nosso). A passagem expressa o posicionamento de Cascudo sobre a forma como se deu a conquista e a colonização no Rio Grande do Norte. Uma visão que exalta a atuação dos missionários da Companhia de Jesus – representantes da Igreja Católica – e de conformidade com o processo de sujeição a que foram submetidos os indígenas, tido como fundamental para o estabelecimento da cultura européia na região.

Ao exaltar a ação do Estado português no período inicial da conquista e colonização e ao valorizar a conduta e as estratégias de atração e de aldeamento empregadas pelos missionários, Cascudo acaba por apresentar os efeitos negativos que o posterior afastamento dos jesuítas trouxe para os indígenas do Rio Grande do Norte:

As Missões apaziguadoras estavam ao redor dos antigos centros de resistência. [...] Aldeados (sic), El-Rei entregou-os ao Missionário. O Padre empregou a tativa (sic) infalível da bondade, da alegria e da tolerância. O Cariri, taciturno e agressivo, virou ovelha de quadro de Watteau. Quando lhe tiraram o Padre, o Cariri foi desaparecendo, roído de sífilis, inchado pelo álcool, expoliado (sic) das terras, expulso das roças, sem estímulo para trabalhar. Quando lhe deram a Liberdade o índio morreu<sup>562</sup>.

A passagem acima evidencia um *discurso* de enaltecimento da “empresa colonizadora” – bem de acordo com a postura historiográfica do IHGB –, na qual os jesuítas se engajaram como “funcionários” a serviço do Estado português<sup>563</sup>, bem como dos procedimentos de conquista<sup>564</sup> e, sobretudo, dos benefícios decorrentes da instalação de

<sup>561</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 201, jul./out. 1940.

<sup>562</sup> Ibid., p. 203.

<sup>563</sup> Para esclarecer essa questão, recorremos a Thomas Bruneau, que afirma: “A base legal para o controle do Estado sobre a Igreja foi a série de bulas papais que concediam padroado aos Reis de Portugal. (...) Padroado é a outorga, pela Igreja de Roma, de certo grau de controle sobre uma Igreja local, ou nacional, a um administrador civil, em apreço de seu zelo, dedicação e esforços para difundir a religião, e como estímulo para futuras “boas obras”. De certo modo o espírito do padroado pode ser assim resumido: aquilo que é construído pelo administrador, pode ser controlado por ele.” BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 31.

<sup>564</sup> Entendemos esses procedimentos de conquista como as estratégias utilizadas para garantir a conquista, dentre as quais se destacaram: “a aprendizagem das línguas indígenas pelos agentes de colonização, a criação da língua geral que homogeneizava as línguas nativas e o ensino da língua portuguesa. [...]”. Ver mais em: LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. 2005. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

missões jesuíticas. A “infalível e inteligente” ação dos jesuítas mereceria destaque em outra passagem do artigo: “O padre Miguel de Carvalho foi o aquietador dessa multidão turbulentíssima (referência à resistência dos indígenas). **E só podia ser Jesuíta** (grifo nosso). Os padres seculares não eram aproveitados no serviço das missões”<sup>565</sup>. O historiador, ao ressaltar a formação qualificada e a habilidade dos jesuítas para a atividade missionária junto aos indígenas, não apenas revalida a importância da Companhia no processo da conquista do Rio Grande do Norte – já apontada por outros historiadores –, como reforça o discurso laudatório da atuação missionária jesuítica durante o período colonial.

Cascudo também se referiu aos jesuítas em ocasiões solenes, como na sessão organizada pelo IHGRN, em 1940, por ocasião das comemorações do quarto centenário da fundação da Companhia de Jesus. De acordo com a Ata da sessão, publicada na Revista do IHGRN, o orador oficial do Instituto:

[...] produziu (sic) uma brilhante oração, pela qual historiou toda a obra patriótica e christã (sic) dos discípulos de Inácio de Loiola. O orador demonstrou o heroísmo de Anchieta e continuando, disse que tivemos paginas maravilhosas nas epopéias da Catequese dos indígenas e que os nomes gloriosos de Nóbrega, José de Anchieta, Aspicuelta Navarro e centenas de outros **fazem parte integrante da própria civilização** (sic) **brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonisadoras** (sic). Disse que o Rio Grande do Norte deve muito aos padres jesuítas. De um jesuíta é a planta da fortaleza dos Reis Magos e as vilas de Estremoz e Ares (sic), hoje cidades, foram aldeias entregues ao seu cuidadoso pastoreio espiritual. [...] <sup>566</sup>. (grifo nosso).

O trecho que destacamos da Ata – “fazem parte integrante da própria civilização [sic] brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonisadoras [sic]” – expõe – de forma muito evidente – a visão que Cascudo – representando o IHGRN – tinha da Companhia de Jesus e do papel que havia desempenhado na Capitania do Rio Grande durante o período colonial. Os missionários jesuítas são apresentados como “decididos fatores de progresso” e responsáveis pela “própria civilização brasileira”, em consonância com a

<sup>565</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 204, jul./out. 1940.

<sup>566</sup> ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 32-37, p. 178-179, 1935-1940.

postura historiográfica da primeira metade do século XX<sup>567</sup>, que tinha nos Institutos Históricos um espaço privilegiado para sua consagração e difusão.

Outros confrades, além de Cascudo, publicaram artigos enfocando a atuação da Companhia de Jesus na Revista do IHGRN, como Monsenhor Paulo Herôncio, que, em 1953, definiu os jesuítas como personagens essenciais para a conquista do território potiguar:

[...] É nesta alvorada de conquista da nossa terra que aparecem os primeiros jesuítas integrando-se na história da Capitania [...]. Ninguém melhor do que elês (sic) estava credenciado para os entendimentos de paz com os indígenas. [...] Foram os jesuítas que descortinaram o futuro da nossa terra, numa antevisão que o presente está a confirmar, insistindo no estabelecimento de Missões na Capitania, alegando ser o Rio Grande do Norte a “Chave do Brasil”. [...] Recolhendo com carinho os feitos do passado, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte presta, no jubileu áureo de sua fundação, comovida homenagem aos jesuítas que ajudaram a construir os alicerces da nossa nacionalidade<sup>568</sup>.

Analisamos também uma *Acta Diurna* escrita por Cascudo em 1940, na qual ele se referiu especificamente a passagens da atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande, a Acta foi intitulada: *PADRE GASPAR DE SAMPERES E OUTROS TEMAS JESUÍTICOS*. Nesse texto, Cascudo ressaltou mais uma vez a “essencial” participação dos padres jesuítas nos processos de conquista e colonização das terras potiguares e dos ensinamentos e práticas cristãs que difundiram:

A ‘Semana Santa’ de 1598 foi realizada durante as tarefas da Fortaleza. Os índios assaltavam sempre. Não havia segurança. Os dois Jesuítas temiam uma batalha e nela conspurcar-se a sagrada partícula. Mascarenhas Homem teimou em assistir uma ‘Semana Santa’ nessa solidão selvagem. Enquanto o Santíssimo Sacramento esteve encerrado, duzentos arcabuzeiros vigiavam, os capitães compareceram, arrastando as bandeiras, rojando ao chão os estandartes, em homenagem. Fez-se o ‘Ofício das Trevas’ e houve ‘Procissão’. A Cidade do Natal nasceria um ano depois... Regressando Mascarenhas Homem à Paraíba teriam os dois Jesuítas o acompanhado, sem que ficasse um deles no apasento do rebanho que surgia? Não é crível. O Padre Francisco de Lemos seguiu, mas Gaspar de Samperes ficou e parece

<sup>567</sup> LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. f. 45-46. Monografia (Graduação em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.

<sup>568</sup> MELO, Paulo Herôncio de. Os jesuítas nas primeiras horas da colonização da Capitania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 50, p. 47-48, 1953.

ter sido a nossa primeira autoridade eclesiástica no Natal que ainda não se fundara<sup>569</sup>.

Nessa *Acta*, Cascudo, novamente, reproduz a versão do historiador jesuíta Serafim Leite, como se pode constatar nesta passagem que deixa explícita a consulta às informações por ele divulgadas:

Ao lado de Manuel Mascarenhas Homem, Capitão-Mor de Pernambuco, comandante da expedição colonizadora do Rio Grande do Norte, vinham dois Jesuítas, os padres Francisco de Lemos, por superior, e Gaspar de Samperes ou São Peres. Quando aportaram as naus no estuário do rio Potengi, logo chamado Rio Grande? Uma ‘Relação’ inédita que o Padre Serafim Leite S. J. divulgou, informa: - ‘O Rio Grande está em cinco graus e meio de altura à parte do sul da linha equinocial. Entraram os Portugueses neste rio e terra para conquistar o ano de 97, a 25 de dezembro’. Sabemos agora ter sido os dois Jesuítas, Pinto e Samperes, os artífices das pazes entre Potiguares e Portugueses. **O Padre Pinto, Francisco Pinto, o “Pai Pinto” dos indígenas, foi à serra da Cupaóba apaziguar a indiada submissa. Samperes conquistou Potiguassú, o Camarão Grande, Pai de Dom Antônio Felipe Camarão. Não lhe custou pouco, andando o Padre pelo sertão, subindo e descendo serras, comendo o que lhe davam, na esperança de serenar o ambiente.** Em documento público, atestava Mascarenhas Homem que os Jesuítas haviam palmilhado cinquenta léguas pelo interior, entrando em vinte e cinco aldeias bárbaras. [...] O sonho do Padre Francisco Pinto, sacrificado pelos Tocarijús em Ibiapaba, era uma “residência” jesuítica no Rio Grande do Norte. Mas o Padre Pero de Toledo, Reitor do Colégio de Pernambuco, contrariava, opinando que a casa se abriria se El-Rei a sustentasse. [...] E o Padre Gaspar de Samperes, construtor da Fortaleza e possivelmente quem escolheu o lugar para a fundação da Cidade do Natal? Sei apenas que a 24 de setembro de 1616 estava em Natal, dizendo aqui ‘residir’. Depois, infelizmente, perdi-o de vista e notícia...<sup>570</sup>. (grifo nosso).

Da *Acta* em questão, depreende-se que as cartas escritas pelos jesuítas que atuaram na Capitania do Rio Grande foram a fonte primordialmente utilizada por Serafim Leite e que as informações por elas trazidas são utilizadas [e reproduzidas] – sem qualquer questionamento – por Cascudo: “O Provincial dos Jesuítas Padre Pero Rodrigues, em carta de 19 de dezembro de 1599, aclara uma passagem escura, escrevendo que *‘E vindo-se o dito capitão para a Vila de Pernambuco, pediu aos ditos Padres quizessem ficar, como ficaram, assistindo na*

<sup>569</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. A **República**, Natal, RN, 20 jul.1940. *Acta Diurna*, p. 01.

<sup>570</sup> *Ibid.*, p. 01.

*Fortaleza do Rio Grande*'. Da Fortaleza seguiram para Cupaóba e vararam o deserto, em catequese”<sup>571</sup>.

Na seqüência, e perseguindo o mesmo objetivo, dedicamo-nos à análise do capítulo primeiro de seu livro *História do Rio Grande do Norte*<sup>572</sup>, concentrando nossa atenção – como vimos fazendo até o momento – nas referências feitas pelo historiador potiguar aos missionários jesuítas. Em várias passagens do livro, encontramos o jesuíta associado à catequese, pacificação, salvação, conversão, colonização e conquista, e a algumas características, tais como a de ter sido um pregador paciente e tenaz. Já os índios, aparecem descritos como insubmissos, indomáveis e selvagens.

No item IV, intitulado **A Expedição Colonizadora de Mascarenhas Homem. Construção do Forte dos Reis Magos**, o jesuíta é, mais uma vez, apresentado como alguém dotado de formação qualificada, o que teria sido fundamental para o êxito da conquista do território: “a planta (**do Forte**) é do Pe. Gaspar de Samperes que fora mestre nas traças de engenharia na Espanha e Flandres antes de entrar para a Companhia de Jesus”<sup>573</sup>. (grifo nosso).

Em **Pazes com os indígenas**, no item V, Cascudo enfatiza a habilidade dos missionários no trato com os índios, e a importância de sua “pacificação” – a quebra da resistência – para a execução do projeto colonial na região:

Era indispensável a **pacificação** da massa indígena, insubmissa, reatacando sempre, transformando a vida dos brancos num estado permanente de inquietação bravia e áspera. É missão dos jesuítas, dos missionários. Gaspar de Samperes, Francisco Pinto, Francisco de Lemos **fazem milagres de persuasão**, com as forças irresistíveis da **paciência e da tenacidade em Serviço da Fé**<sup>574</sup>. (grifo nosso).

Em uma das passagens de *História do Rio Grande do Norte*, Cascudo, não apenas nos revela quais foram os autores que consultou para a elaboração do livro, como identifica uma divergência de informações, sem, no entanto, posicionar-se sobre as duas visões:

[...] Não somente a indiada que residia às margens do Rio Potengi, chefiada pelo tuixaua Potiguaçu, o Camarão Grande, mas as aldeias distantes na serra

<sup>571</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

<sup>572</sup> Para tanto, nos valeremos da segunda edição da obra, datada de 1984.

<sup>573</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 24.

<sup>574</sup> *Ibid.*, p. 26.



paraibana da Capaoba (Serra da Raiz), com os chefes Mar Grande, o valoroso Pau Seco (Ibiratinin), o mais atacado mentor indígena, foram visitadas e o padre Francisco Pinto (segundo a <<carta>> de Pero Rodrigues, **divulgada pelo Pe. Serafim Leite, S.J.**) ou Gaspar de Samperes (**segundo Frei Vicente do Salvador**) conseguiu perfeita harmonização <sup>575</sup>. (grifo nosso).

A menção explícita a Frei Vicente do Salvador<sup>576</sup> e a Serafim Leite é confirmada pela presença dos dois historiadores nas referências bibliográficas, tanto do livro, quanto do artigo já analisado, e que incluem, também, o livro de Henry Koster<sup>577</sup>, de significativa importância para a trajetória do intelectual potiguar<sup>578</sup>.

Pudemos constatar que, ao tratar da atuação dos missionários no Rio Grande do Norte, Cascudo se aproxima, efetivamente, da posição do historiador jesuíta Serafim Leite, para quem os padres, além de atuarem como “redentores” dos “sem alma, foram os responsáveis pela consolidação da conquista e pela colonização: “[...] os resultados da catequese jesuítica em Serra do Copaoba foram definitivos para a colonização. Copaoba vale Iperoig para o Rio Grande do Norte” <sup>579</sup>.

No livro *História do Rio Grande do Norte*, o capítulo IX foi inteiramente dedicado à História da Igreja no Rio Grande do Norte, tema que foi desenvolvido a partir dos seguintes tópicos: (I) – Início histórico. As três Dioceses. (II) Aldeias e Missionários. (III) As Paróquias vivas. (IV) Religiões acatólicas. Nele encontramos mais evidências da visão que tem o autor sobre a atuação dos missionários jesuítas, apresentando-os como os “responsáveis” mais diretos pelo sucesso da conquista:

<sup>575</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 26.

<sup>576</sup> Frei Vicente, ou Vicente Rodrigues Palha, nasceu em Matuim, Bahia, em 1564. A sua obra *História do Brasil* é de 1627, tendo permanecido inédita até 1888.

<sup>577</sup> Henry Koster era filho de ingleses; nasceu em Portugal e viveu em Pernambuco durante 16 anos. Sua obra *Viagens ao Nordeste do Brasil* foi publicada em Londres, no ano de 1816, tendo alcançado grande sucesso, o que pode ser constatado nas sucessivas reedições e publicações em outros países. No Brasil foi publicado em 1898. Em razão disso, tornou-se, fonte de consulta e citação obrigatória para todos que escreveram sobre o Brasil, a partir de então. No século XX, a obra ganhou uma especial tradução, feita por Luís da Câmara Cascudo. Além de traduzir, Cascudo prefaciou e acrescentou notas e comentários à edição.

<sup>578</sup> Cascudo deve ter se utilizado dessas fontes para conferir maior credibilidade às informações que seus livros traziam. Vale lembrar que a operação historiográfica, como afirma Certeau, “é animada por um desejo de verdade, produzindo resultados de verossimilhança e credibilidade através de um discurso que se legitima pela autoridade da fala, pela lógica da argumentação e da retórica e pelas evidências de pesquisa, com as citações, as notas de rodapé, a bibliografia e o arrolamento de fontes, a desafiar o leitor ainda incrédulo a refazer o mesmo caminho percorrido pelo historiador”. PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org>. Acesso em: 25 jan. 2009.

<sup>579</sup> CASCUDO, op. cit., p. 26.

Na conquista do Rio Grande do Norte os serviços da assistência religiosa estavam confiados aos jesuítas Gaspar de Samperes e Francisco de Lemos [...] e ficaram os jesuítas Samperes e Lemos na luta da catequese, reunindo-se-lhes o Pe. Francisco Pinto, jesuíta que se popularizou entre a indiada que o chamava de Pai Pinto e o apelidaram “Amanaiara”, senhor da chuva, porque o supunham dispor dos elementos naturais<sup>580</sup>.

Para confirmar a presença inequívoca desses missionários na Capitania do Rio Grande, Cascudo dedicou-se a desvendar a origem da expressão *Curral dos padres*<sup>581</sup>: “Há no município de Angicos um topônimo que possivelmente identifique o local. Dizem *Curral dos Padres*. Curral é sinônimo do que dizemos hoje fazenda, criação de gado. Padres é quase o mesmo que jesuíta porque os demais missionários eram frades”<sup>582</sup>.

Para legitimar as informações e conferir credibilidade a seu trabalho, Cascudo, mais uma vez, recorre à obra do padre e historiador Serafim Leite<sup>583</sup>, como se constata nesta passagem: “Serafim Leite S. J. mostrou que os Jesuítas pastoreavam o rebanho antes e depois da criação da freguesia, em data ignorada até hoje. Padre Gaspar de Samperes esteve (sic) quase sempre em Natal e temos sua presença nos anos de 1606 e 1616. É o autor da planta do Forte dos Reis Magos”<sup>584</sup>.

As inúmeras referências que Cascudo faz à Companhia de Jesus não apenas reforçam a visão elogiosa que a historiografia clássica brasileira já havia se encarregado de difundir, como inserem a Ordem e seus missionários na História oficial do Rio Grande do Norte, atribuindo-lhes o papel de “fundadores da civilização nas terras potiguares”: “Os jesuítas tinham S. Miguel de Guagiru (a futura Estremoz) e S. João Batista de Goaraíras que depois seria a Vila de Arez. [...] Os missionários empregados eram dedicados e tenazes”<sup>585</sup>.

Ao escrever sobre os missionários jesuítas, as primeiras igrejas do Estado, a importante função moralizadora desempenhada pela Igreja Católica, as manifestações de religiosidade popular ou sobre as expressões tão particulares de sua fé, Luís da Câmara

<sup>580</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 237.

<sup>581</sup> Na Acta Diurna, publicada no jornal A República em 12 de outubro de 1945, sob o título *Curral dos Padres*, Cascudo revela ter se dedicado a descobrir a origem do local e a quem pertencia. Ao fim da breve Acta, Cascudo assinalou que: “Curral dos Padres, até prova em contrario, é um vestígio de aldeia jesuítica, ainda não registrada pelos nossos historiadores, vivendo, normal e prolífera, nos princípios do século XVIII”. CASCUDO, Luís da Câmara. *Curral dos Padres* (identificação de um topônimo). In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRRN, 2002. v. 8, p. 119.

<sup>582</sup> CASCUDO, op. cit., p. 241.

<sup>583</sup> LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

<sup>584</sup> CASCUDO, op. cit., p. 237.

<sup>585</sup> *Ibid.*, p. 238.

Cascudo conseguiu – como demonstramos nesse último capítulo – conciliar o *homem de letras*, prestigiado pelo poder público, pelos seus pares intelectuais e confrades de Instituto Histórico e, ainda, pela Igreja Católica, com o *homem de fé*, que não deixou de expressar sua religiosidade ao longo de sua vida.

Após sua morte, esse *homem de letras* seria conduzido – simbolicamente – da *rede*, na qual, muitas vezes, podia ser encontrado escrevendo ou lendo, ao *altar*, tanto pelos contadores de histórias que o transformaram em seu santo padroeiro – *São Cascudo* –, quanto pelos adeptos da *cascudolatria*, que reverenciam o Cascudo historiador, tomando-o como referência obrigatória da e para a História potiguar até os dias de hoje.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ouvi estórias de trancoso, de cangaceiros, de gente rica, guerras de família, heroísmos ignorados, ferocidades imprevisas e completas. Também recordavam vida de missionários, de santos canonizados pelo povo, superstições, adivinhações de chuva e bom tempo, rezas fortes para ser feliz em tudo, para não cair do cavalo, para ficar- se insensível. [...] Vivi nesse meio. E deliciosamente”<sup>586</sup>.

Nosso maior empenho nessa Dissertação foi o de apresentar duas das facetas menos exploradas de Luís da Câmara Cascudo, a de historiador e a de *homem de fé*. E foi sobre esse *homem de letras* e sobre esse *homem de fé* que nos ocupamos nos três capítulos que a compõem. O texto em epígrafe pareceu-nos bastante pertinente para iniciar as nossas reflexões finais, na medida em que remete tanto às lembranças de sua infância de menino de província, quanto às expressões da religiosidade do *homem de fé* que Cascudo foi.

Luís da Câmara Cascudo foi – e continua sendo – cultuado como um dos historiadores mais importantes para a história do estado do Rio Grande do Norte. Ele mesmo empenhou-se em definir como queria ser lembrado, legando para o Rio Grande do Norte uma imagem que segue sendo cultuada até os dias de hoje na mais antiga instituição cultural do Estado, a “Casa da Memória”, termo por ele empregado ao se referir ao IHGRN. Ao ser perguntado sobre se temia a morte, Cascudo teria afirmado: “eu não tenho tempo para olhar a morte, a miséria, o desespero, a angústia [...]”<sup>587</sup>. Esta forma de pensar – que traduz como Cascudo encarava a vida – fez com que muitos de seus “discípulos” passassem não apenas a cultuá-lo, mas defendessem o seu “encantamento”.

Para o historiador Marcos Silva, há, inegavelmente, uma “*casculologia*” e uma “*casculolatria*”, decorrentes do culto à pessoa e à obra de Câmara Cascudo. Isto fica evidente na postura assumida pelos letrados que integram e integraram o IHGRN, para quem “*a identidade potiguar de Cascudo é a jóia mais preciosa que Natal possuiu e possui*”. Segundo este mesmo autor, Câmara Cascudo “experimentou, ainda em vida, processo de monumentalização em Natal, de nome de rua, prêmio cultural, Biblioteca e Museu de

<sup>586</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**: folclore poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. p. 16.

<sup>587</sup> Última entrevista concedida por Cascudo ao jornalista Osair Vasconcelos e publicada no jornal Diário de Natal em 11 de junho de 1986 apud SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 6, 03 fev. 1999. DN-educação, p. 114. Projeto Ler.

Antropologia, a transformação de sua casa em referência turístico-cultural da cidade e a construção de Memorial após seu falecimento”<sup>588</sup>.

Também a imprensa de Natal o aclamou como o “padroeiro literário” da Cidade, como se pode constatar nessa homenagem que lhe foi prestada pelo jornal *A República*, por ocasião do seu aniversário de oitenta e seis anos:

Escolhida por Nossa Senhora da Apresentação para protegê-la com seu manto, a Cidade do Natal terminou ganhando também um padroeiro. Um santo padroeiro que nasceu na Rua das Virgens e, graças a Deus, ainda vive lícido e saudável, mostrando às novas gerações, com seu exemplo, que o bem querer à cidade pode se transformar numa obra universal. Ao completar 86 anos Luís da Câmara Cascudo vê a sua festa de aniversário se transformar na festa do padroeiro literário da Cidade do Natal. Festa que esperamos continuar comemorando ainda por muitos e muitos anos. Ao lado do homenageado<sup>589</sup>.

Movido por razões de fé ou pelo sentimento, Cascudo agiu da forma mais espontânea possível, quando se tratava de expressar suas opiniões e, de uma forma mais intencional, ao controlar o processo de construção de uma memória sobre si mesmo. Num trecho extraído de uma entrevista que ele concedeu, encontramos muito presentes os elementos da construção do “São Cascudo”, do padrinho dos contadores de história e patrono da cultura popular:

Eu não sei porque fui para isto, só posso afirmar agora, sessenta anos depois, que não estou arrependido e continuarei, porque a cultura popular vive em mim, e agora que não posso ser mais, surdo, vendo o povo, andando com relativa dificuldade, já não posso ser o etnógrafo de campo, de ruas, de praças, de viagens, sou o memorialista, o homem que trabalha nas suas reminiscências, comparando-as com a reminiscência erudita, da etnografia latina, grega, bizantina, francesa, européia ou asiática, indo até o paleolítico<sup>590</sup>.

A paixão que sentia pelas tradições populares assoma de seus trabalhos e entrevistas. Foi, inegavelmente, um sentimento que o acompanhou já nos primeiros artigos como jornalista até suas memórias produzidas na velhice:

<sup>588</sup> SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva; FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFERN; Fundação José Augusto, 2003. p. xvi.

<sup>589</sup> FESTA do Padroeiro. *A República*, Natal, RN, 30 dez. 1984.

<sup>590</sup> LYRA, Carlos. Cascudo as razões de minha preferência. *Revista Século* – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 59, 1998. Entrevista concedida ao autor em: 19/08/1976.

A cultura popular é justamente anterior a toda as formas clássicas e sistemáticas do espírito. Pertence a “life university” a universidade da vida. Nós aprendemos superstições, mitos, cantigas, maneira de andar, saudar, cumprimentos, mímica, tudo isso antes de ir à escola. A criança brinca primeiro, depois é que aprende a ler, e essa parte oral instintiva, permanente, nos acompanha a vida inteira. Por isso eu fiquei obstinadamente na cultura popular. **Não quer dizer que não estudasse história. Eu sou autor da História do Rio Grande do Norte, História da Cidade do Natal, de Mossoró, Santana do Mattos, de Cerro Corá.** A etnografia em caráter de informação científica e estilização de costumes, Biografia do Conde D’Eu, Marquês de Olinda e seu tempo, isso tudo foi publicado no Sul, São Paulo, mas quando me soltam, eu vou para cultura popular, e é ela a característica do meu labor, a enamorada, mesmo antes de conhecer aquela que me deu a felicidade doméstica, a graça de eu poder mobilizar e realizar sozinho O Dicionário do Folclore Brasileiro, agora em quarta edição, a Antologia do Folclore, História dos Nossos Gestos, Superstições e Costumes, Tradição, Ciência do Povo, superstições, tantas coisas que eu não posso lembrar da minha bibliografia<sup>591</sup>. (grifo nosso).

Nesse trecho, evidenciamos um Cascudo preocupado também em se firmar como historiador e como detentor do saber da cultura popular. Um homem empenhado na construção de uma representação de si, como fica bem evidenciado em uma das muitas entrevistas que concedeu: “Quando o século nasceu, eu já tinha dois anos. Vi o século menino, adolescente, maduro e agora, já meio trôpego, com [78] anos. Analisei, comparei tudo o que vi e ouvi. Quando os homens do século XXI quiserem saber como vivia, como vestia, o que comia<sup>592</sup>, como dançava, como amava, o que era brasileiro do século XX, terão de ler Luís da Câmara Cascudo”<sup>593</sup>. Uma representação de si que não apenas justifica o título de *São Cascudo* que ele receberia anos mais tarde, como parece reforçar e alimentar a *cascudologia* ou a *cascudolatria* apontada por estudiosos do intelectual potiguar e de sua produção.

Pudemos constatar que, muito recentemente, ocorreram atualizações desse *culto a Cascudo* referido pelo historiador Marcos Silva. A primeira celebrou o intelectual como “*São*

<sup>591</sup> LYRA, Carlos. Cascudo as razões de minha preferência. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 58-59, 1998. Entrevista concedida ao autor em: 19/08/1976.

<sup>592</sup> É interessante destacar que esse homem que se preocupava em resgatar informações sobre hábitos alimentares e sobre a culinária de várias regiões brasileiras tinha um gosto bem identificado com a sua “província”, pois sua comida predileta era peixe (arabaiana, principalmente), cozido com pirão. Gostava demais de pimentão recheado com carne moída. Isto sem falar da tradicional carne de sol de Natal, com feijão verde e macaxeira. Adorava todos os doces e era fã de chá. Sua sobremesa favorita era cartola. Informações obtidas através de: CASCUDO, Daliana. **Cascudo vicia...** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 10 fev. 2009.

<sup>593</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Luiz da Câmara Cascudo, 79 anos, surdo e quase cego. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1977. Caderno B, p. 4.

*Cascudo*”<sup>594</sup> – como santo padroeiro da tradição oral brasileira – através de eleição realizada em agosto de 2007, durante o Simpósio Internacional dos Contadores de História<sup>595</sup>. E a segunda, a que transformou Cascudo em enredo de escola de samba de São Paulo<sup>596</sup>, por ocasião do carnaval de 2008. Estas duas “novas funções” por ele exercidas reforçam a percepção de que Cascudo tornou-se uma “marca”, um “símbolo” do que ele próprio denominou *cultura popular*. Neste sentido, merece destaque, também, o lançamento de um vinho em homenagem a Cascudo – o **Grande Reserva 2001 – Câmara Cascudo** – que ocorreu em Natal, em 30 de dezembro de 2008<sup>597</sup>, e que parece atestar o uso de novas estratégias para a perpetuação de uma memória sobre Cascudo no Estado potiguar.

Já a produção cascudiana vem sendo divulgada através de diversos veículos, que incluem desde os mais consagrados e conhecidos no meio acadêmico – livros e artigos –, até sites como Os Modernos Descobridores e o Memória Viva e, ainda, o Blog do Cascudo, que disponibilizam as Actas Diurnas para consulta dos pesquisadores. Os dois últimos foram idealizados pelo jornalista Sandro Fortunato e contam com apoio e a colaboração direta de Daliana Cascudo, que é também a revisora oficial das Actas Diurnas publicadas no Blog do Cascudo, através do site Memória Viva.

---

<sup>594</sup> Apropriamo-nos da expressão “São Cascudo” que foi criada e difundida pelo Instituto Cultural Aletria. A expressão nos remete ao “culto” a Cascudo existente até os dias de hoje e a uma possível semelhança com o culto a “São Nabuco” que decorre de uma espécie de canonização de Joaquim Nabuco pela historiografia nacional. Para conhecer mais sobre esta interessante abordagem sobre Joaquim Nabuco, ver AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Quem Precisa de São Nabuco? **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 85-97, 2001.

<sup>595</sup> “Os contadores de histórias precisavam de um padroeiro. Eis que o Instituto Cultural Aletria elegeu o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo como protetor da tradição. A oração de “São Cascudo” faz referências ao mundo das histórias que ele, em vida, tão bem valorizou. Escreveu mais de 150 livros sobre a cultura brasileira, entre eles o clássico *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Durante mais de cinquenta anos, Câmara Cascudo foi professor na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Era o único estudioso de sua especialidade que tinha uma visão verdadeiramente nacional do folclore brasileiro. O lançamento de “São Cascudo” ocorreu no Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, realizado no Rio de Janeiro, de 23 a 26 de agosto de 2007”. CASCUDO, Daliana. **Instituto Câmara Cascudo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 9 set. 2007. Ver anexo D (Santinho da Oração de São Cascudo).

<sup>596</sup> “Não satisfeito de ser SANTO, Câmara Cascudo foi enredo de escola da Escola de Samba NENÊ DE VILA MATILDE, no carnaval de São Paulo, em 2008. O tema foi UM VÔO DA ÁGUIA COMO NUNCA SE VIU TAMBÉM SOMOS FOLCLORE DO NOSSO BRASIL 110 ANOS APRENDENDO COM CÂMARA CASCUDO”. CASCUDO, Daliana. **Instituto Câmara Cascudo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 4 out. 2007. Ver anexo D (Letra da composição do samba enredo).

<sup>597</sup> O lançamento resultou de uma parceria entre a Garrafeira Lusa, o Instituto Câmara Cascudo e a Quinta do Portal (Porto, Portugal). A edição foi limitada a duas mil garrafas, tendo sido acompanhada de um livreto numerado com textos de Cascudo organizados por sua filha Anna Maria e com uma pequena biografia do homenageado. O rótulo traz uma caricatura de Cascudo feita pelo angolano Albano Neves de Souza. Informação Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/novoblog/page/2/>>. Acesso em: 31 jan. 2009. Ver anexo D (foto do convite do lançamento do vinho).

Em nossa busca por outros veículos de divulgação midiática que trouxessem informações e/ou celebrassem a memória de Cascudo, localizamos o blog *Alma do beco*<sup>598</sup>, que chegou a veicular entrevista realizada com a neta de Cascudo, Daliana, na qual ela traz valiosas informações sobre sua vida e obra. O blog não tem qualquer relação direta com o Memorial ou com a família Cascudo, mesmo assim, em 2006, promoveu uma campanha para que Cascudo fosse eleito o maior brasileiro da história, tomando como referência uma campanha feita pela Revista *Época* no mesmo ano<sup>599</sup>. Vale ressaltar que esse blog alcança internautas de diferentes faixas etárias, formação e interesses, incluindo desde pessoas que freqüentam o *beco* ou já o freqüentaram como um dia fez Cascudo até aquelas interessadas nos movimentos culturais do Rio Grande do Norte e na difusão da memória de Cascudo.

A opção pela divulgação em sites e blogs aponta não apenas para uma ampliação, mas também para uma significativa transformação dos lugares da memória cascudiana que exploramos nessa Dissertação, uma vez que Cascudo passou a se fazer presente em ambientes virtuais, facilitando o acesso e a difusão de sua produção intelectual entre pesquisadores e interessados.

O empenho e a diversificação de meios e estratégias para a construção de uma memória cascudiana não tem impedido releituras da produção intelectual de Cascudo pelos pesquisadores. Muitos deles têm apontado para lacunas e silêncios em relação a algumas temáticas da História norte-rio-grandense, como por exemplo, em relação à história indígena no Rio Grande do Norte. Outros pesquisadores têm investido em análises do processo de monumentalização de Cascudo, como o historiador Durval Muniz que se propõe a “realizar

---

<sup>598</sup> Este blog remete ao “famoso beco da lama” em Natal (localizado no centro de Natal) e se destaca por divulgar as produções culturais do Estado, principalmente dos freqüentadores do local. *Alma do Beco* é a junção dos recortes literários produzidos através dos sonetos de Antoniel Campos, das glosas fesceninas de Laélio Ferreira, dos pés-quebrados de Chagas Lourenço, das imagens translúcidas de Hugo Macedo, das performances poéticas de Jakson Garrido, dos poemas de Eduardo Alexandre, Luiz Carlos Guimarães, Márcia Maia (poeta pernambucana), Nei Leandro de Castro, Yasmine Lemos, Barbinha dos Santos, Ferreira Itajubá, Newton Navarro, Cristina Tinoco, Élder Heronildes e tantos outros que passam pelo Beco. Neste mundo virtual, também há espaço para as crônicas, ensaios, pesquisas, história do Estado, fotos de quase todos os confrades e congreiras dessa “Garçonière” potiguar. Uma das mais interessantes descrições sobre o Beco da Lama é a epígrafe do blog na internet: “Beco da Lama, o maior do mundo, tão grande que parece mais uma rua... Tal qual muçulmano que visite Meca uma vez na vida, todo natalense deve ir ao Beco libertário, Beco pai das ruas do mundo todo”. Cascudo era freqüentador costumeiro do Beco da Lama. Era sempre visto entre amigos pelas ruelas adjacentes ao Beco ao cair da tarde, buscando inspiração para mais uma “Acta Diurna” que seria veiculada nas páginas da *República* no dia seguinte. Ver mais em: <<http://almadobeco2.blogspot.com>>.

<sup>599</sup> Neste mesmo blog, encontramos uma postagem de autoria de Daliana Cascudo, de 19 de agosto de 2006, na qual identificamos mais uma ação para perpetuar a memória Cascudiana. “A Revista *Época*, Edição 430, de 14/08/2006, está realizando uma pesquisa para saber quem foi o maior brasileiro da história. Na sua lista, está o nome de “Câmara Cascudo” na seção “Ciências” (cientistas, pensadores, inventores). Vamos votar no CASCUDO no site: [www.edglobo.globo.com/pesquisas/pesquisa\\_epoca\\_190706.htm](http://www.edglobo.globo.com/pesquisas/pesquisa_epoca_190706.htm). Um grande abraço, Daliana Cascudo”. Conferir em: <<http://almadobeco2.blogspot.com>>.



um diálogo com as várias versões que foram produzidas para a vida, para a biografia de Luís da Câmara Cascudo, seja por ele próprio, seja por aqueles que o tomaram como objeto de memória”<sup>600</sup>.

Em relação às lacunas que referimos, destacamos a constatação feita pela historiadora Fátima Martins, que ressaltou que “Quanto aos aspectos históricos relacionados à população do século XVIII, a historiografia torna-se ainda mais silenciosa, visto que admite, genericamente, que ‘toda essa gente desapareceu’”<sup>601</sup> e que “Câmara Cascudo, [...] em seu livro História do Rio Grande do Norte, relata sucintamente um procedimento burocrático de elevação das Missões à categoria de Vilas no século XVIII e aponta o processo posterior de tomada das terras indígenas”<sup>602</sup>.

A historiadora acrescenta que Cascudo não se aprofundou ao abordar a temática, não explicando quais foram as comunidades que sofreram este tipo de ação e o que dela resultou concretamente, optando pela tese da extinção das populações indígenas em terras potiguares. Para Martins, Cascudo não explicou “para onde foi afinal esta ‘indiada’, já que suas terras, pelo que comenta, foram todas tomadas inexoravelmente. Por outro lado, as populações indígenas, descritas como ‘manadas’ sem vontade ou expressão de resistência à tomada de suas terras e à dominação, são inferiorizadas, desumanizadas, silenciadas”<sup>603</sup>.

Esses silêncios e lacunas detectáveis na produção cascudiana foram também apontados por antropólogos, como se pode constatar nessa afirmação bastante pertinente de Julie Cavnac:

[...] a figura de Luís da Câmara Cascudo, ainda muito presente hoje, parece ter impedido o aparecimento de outras pesquisas, pois o escritor incansável abordou todos os temas – sem, portanto, dedicar-se ao estudo com o rigor esperado na academia –, imprimindo duravelmente sua marca, sem realizar, sistematicamente, investigações empíricas. Como principal consequência dessa herança, deparamo-nos – até hoje! – com um assunto ‘tabu’ em nível local: a questão étnica. O silêncio de Luís da Câmara Cascudo sobre o assunto é revelador nem tanto da ausência das populações indígenas e afro-

---

<sup>600</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o tempo”**: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Não paginado. Projeto de pesquisa CNPq.

<sup>601</sup> LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. 2005. f. 25. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

<sup>602</sup> Ibid., f. 25.

<sup>603</sup> Ibid., f. 25.

descendentes no estado, mas, sobretudo do projeto intelectual do erudito e da sua posição social e política na sociedade potiguar da época<sup>604</sup>.

Ao longo dessa Dissertação procuramos, justamente, analisar a produção de Câmara Cascudo – enquanto historiador –, a partir dessa perspectiva, considerando essa vinculação entre o “projeto intelectual do erudito” e a “posição social e política [ocupada por Cascudo] na sociedade potiguar da época”, para melhor entender as opções que fez e as posturas que adotou ao longo de sua trajetória como *homem de letras*. Essas, aliás, ficam bem evidentes na afirmação que transcrevemos:

“História é o registro cronológico dos fatos memoráveis... Dos fatos memoráveis apenas. Um fato memorável como pode ser fixado? Naturalmente pelo consenso dos homens que o motivaram. Mesmo negando a imortalidade divina amaríamos emprestar os halos da perpetuidade aos nossos atos. Decretamos a vitaliciedade da admiração futura aos mesmos assuntos que admiramos agora. Escolhemos um homem, uma doutrina, um livro, um poema, uma estátua, um vício, uma idiossincrasia e declaramos sua inarredável eternidade no tempo. Falemos como outrora nas páginas da História...”<sup>605</sup>.

Ao nos debruçarmos sobre o *homem de fé*, também não descuidamos de relacionar a posição social e política ocupada por Cascudo – em especial, a sua formação católica, as estreitas relações que manteve com autoridades eclesiásticas num determinado período e as inúmeras demonstrações públicas de *fé de carvoeiro* – com as marcas desse catolicismo e dessa fé na sua produção intelectual. Ao analisarmos as suas memórias e as entrevistas que concedeu, constatamos que Cascudo fazia questão de deixar claro o quão firmes e sinceros eram os seus sentimentos religiosos, como se constata nessa passagem: “[...] Foram os motivos de minha vida expostos em todos os livros. Em outubro de 1968 terei meio século nessa obstinação sentimental. Devoção aos mesmos santos tradicionais”<sup>606</sup>. Cabe destacar que ao optarmos por analisá-lo nessa perspectiva, tomamos contato com uma temática que vem sendo pouco explorada pelos pesquisadores potiguares – e que se revelou para mim,

<sup>604</sup> CAVIGNAC, Julie A. A etnicidade encoberta: ‘Índios’ e ‘Negros’ no Rio Grande do Norte. **Mneme**: revista de humanidades, Caicó, RN, v. 4, n. 8, p. 5, abr./set. 2003. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/antiores/sumario08.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

<sup>605</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. “A função dos arquivos”. **Separata da Revista do Arquivo Público**. Recife: Arquivo Público, 1952-1956, ano 7 a 10, n.º 9-12. p. 431.

<sup>606</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 5, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

absolutamente desafiadora e apaixonante –, que é a que contempla aspectos da História da Igreja no Rio Grande do Norte.

Em vários momentos durante a escrita da Dissertação, especialmente, quando nos detivemos na análise das memórias escritas por Cascudo ou nos artigos que escreveu sobre religiosidade popular e sobre a História da Igreja no Rio Grande do Norte, sentimos uma grande identificação com Cascudo, sobretudo, em relação a sua formação católica e a vivência de sua fé. Identificação que nos remeteu a uma poesia do Padre Zezinho<sup>607</sup>:

**‘De Lá do Interior’**

*Eu vim de lá do interior.  
Aonde a religião ainda é importante.  
Lá se alguém passa em frente [da] matriz,  
Se benze e pensa em Deus, e  
Não sente vergonha de ter fé.  
Eu vim de lá do interior.  
E sei que a religião já não influi mais tanto nas pessoas  
Sei que a televisão,  
O rádio e o jornal  
Convencem mais cabeças  
Do que o padre lá no altar.  
Mas deixa eu lhe dizer,  
Que eu ainda creio e quero crer,  
Que sem religião não sei viver!*

Estamos cientes de que por mais que um pesquisador se debruce sobre a vida e a obra desse multifacetado intelectual – como foi Luís da Câmara Cascudo –, sempre haverá aspectos que deveriam (ou poderiam) ter sido melhor explorados ou, então, que poderão ser contemplados em futuros projetos. O período de dois anos – fixado para a realização dos créditos e para a escrita da Dissertação – tornou inviável a procura por novas fontes, ou mesmo, a análise de forma mais aprofundada e demorada de algumas delas – em grande medida, inéditas – que levantamos durante os sete meses em que estivemos pesquisando junto aos diversos arquivos e acervos documentais da cidade do Natal.

Naquela ocasião, constatamos que o IHGRN dispõe de muitos documentos que ainda não foram explorados e disponibilizados aos pesquisadores, e que fontes que trazem informações de caráter mais privado sobre Luís da Câmara Cascudo – e que se encontram no Memorial –, também não foram totalmente catalogadas, posto que se encontram em processo de organização. Dentre elas, está uma parte substancial das correspondências que Câmara

---

<sup>607</sup> Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/padre-zezinho/801288/>>. Acesso em: 05 jan. 2009.

Cascudo trocou com várias personalidades brasileiras e mesmo estrangeiras, e que, com certeza, permitirão o desenvolvimento de muitos outros projetos de pesquisa. Lembramos que o próprio Cascudo, consciente da importância da constituição e da preservação de acervos documentais, chegou a afirmar que “O destino do Arquivo é preparar os elementos da Posteridade”<sup>608</sup>.

Ao final dessa Dissertação, nos sentimos gratificados com a possibilidade que tivemos de, mesmo distantes do Rio Grande do Norte – e da cidade do Natal onde viveu Câmara Cascudo – conhecer melhor um de seus mais renomados intelectuais, cuja vida, ofício e fé podem se traduzir nessa bela mensagem que, com seus mais de oitenta anos, nos deixou: “Sou homem que não desanimou de viver e acho a vida cheia de encantos e para quem a vida é sempre uma experiência nova e uma revelação. [...] Sou uma saudade da vida agarrado ao sonho de continuar a viver”<sup>609</sup>.

---

<sup>608</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A função dos arquivos. Separata de: **Revista do Arquivo Público**, Recife, ano 7-10, n. 9-12, p. 438, 1952-1956.

<sup>609</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Frases ditas por Cascudo em dezembro de 1985. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso: em 13 dez. 2008.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Saindo da vida para entrar na História. In: \_\_\_\_\_. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996. p. 21-30.

AFFONSO, Almino. Câmara Cascudo: alma do povo. In: \_\_\_\_\_. **Testemunhos e perfis**. Brasília, [s.n.], 1998.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o tempo”**: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Não paginado. Projeto de pesquisa CNPq.

\_\_\_\_\_. **Ágeis, inquietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo**. Digitado. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **A escrita como remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **O Historiador Naif ou a análise historiográfica como prática de excomunhão**. Digitado. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2008.

ALEGRE, Maria Sylvia. **Rompendo o silêncio: por uma revisão do “desaparecimento” dos povos indígenas**. Disponível em: [http://br.geocities.com/esp\\_cultural\\_indigena/texto3](http://br.geocities.com/esp_cultural_indigena/texto3). Acesso em: 25 jan.2009.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história indígena. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 27-37.

AMARAL, Emanuel. **Cem anos de Cascudo**. 1997. Charge. Setor iconográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

ANDRADE, Mário de. Carta de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: 22/05/1933. In: MELLO, Veríssimo de. (Introdução e notas). **Cartas de Mario de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1991. p. 128-129.

ANGELO, Assis. O Velho que sabe tudo. Entrevista com Luís da Câmara Cascudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1979. Folhetim. Disponível em: <<http://www.modernosdescribriores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

ARAÚJO, Marta Maria de; SILVA, Ana Verônica O. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e o seu acervo documental da História Colonial do Rio Grande do Norte e Brasil. **HISTEDBR**. 2006. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_082.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_082.html)> Acesso em: 10 abr. 2007.

ARRAIS, Raimundo. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos**: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. 2005. Trabalho inédito.

\_\_\_\_\_. Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, PE, ano 4, n. 48, p. 06-21, ago. 2006.

ATA da Sessão Solene de posse da Diretoria e Comissões do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do dia 29 de março de 1927. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 23-24, p. 342-343, 1926-1927.

ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 32-37, p. 178-179, 1935-1940.

ATA da sessão magna comemorativa do 3º Centenário de Felipe Camarão, a 14 de maio de 1943. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 38-40, p. 190-191, 1941-1943.

[ATAS]. **Diário de Pernambuco**, Recife, PE, p. 1, 03 dez. 1925.

ATAS de Sessões do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do dia 17 de julho de 1927. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 23-24, p. 348-349, 1926-1927.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Quem Precisa de São Nabuco? **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 85-97, 2001.

AZZI, Riolando. **A neocristandade**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, Religião e História Cultural. **Revista de Estudos da Religião - PUC**, São Paulo. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2004](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004)>. Acesso em: 25 Jan. 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. F. Tomaz (Org.). Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **Economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.

\_\_\_\_\_. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

\_\_\_\_\_. **A distinção**: crítica do social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

BRESSANE, Zita (Prod.) **Depoimento. TV Cultura. Cascudo**. São Paulo. Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia: TV Cultura, 1978. 1 videocassete, VHS. NTSC, son., color.

BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

BYINGTON, Silvia Ilg. Prezados modernistas: a correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. In: CHALLHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de M.(Org.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005. p. 491-517.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1959. v. 1.

CASCUDO sepultado com honras de Estado. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 01 ago. 1986. Cidade, p.05.

CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo**: 20 anos de encantamento. Natal: Ed. da UFRN, 2007.

CASCUDO, Daliana. **São Cascudo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 9 set. 2007.

\_\_\_\_\_. **Cascudo - samba enredo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 4 out. 2007.

\_\_\_\_\_. **Instituto Câmara Cascudo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 4 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **Cascudo vicia...** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 10 fev. 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Imprensa**, Natal, 18 out. 1918. Bric-à-Brac.

\_\_\_\_\_. Padre João Maria. **Revista do Centro Polymathico**. Natal, RN, ano 2, n. 4, p. 25-37, mar. 1921. (Datado pelo autor de novembro de 1920).

\_\_\_\_\_. Sobre o Sr. Dom Pedro II. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 15-16, p. 210-211, 1928.

\_\_\_\_\_. Anhangá, o mito de confusão verbal. **Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano**, Recife, PE, v. 32, n. 151-154, p. 75-80, jan./dez, 1932.

\_\_\_\_\_. **A Casa de Cunhaú**: história e genealogia. Natal, RN: [s.n.], 1933.

\_\_\_\_\_. **A intencionalidade no descobrimento do Brasil**. Natal, RN: Imprensa Oficial, 1933.



CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938.

\_\_\_\_\_. As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica. **A Ordem**, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1938.

\_\_\_\_\_. Câmara Cascudo – escritor católico: Nossa Senhora da Apresentação. **A Verdade**, Natal, RN, 21 nov. 1939. Geral, p. 06.

\_\_\_\_\_. Os sinos da matriz. In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2002. v. 7, p. 21-23. (publicado originalmente no jornal A República, 31 dez. 1939).

\_\_\_\_\_. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 199-208, jul./out. 1940.

\_\_\_\_\_. As lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 85-96, 1940.

\_\_\_\_\_. O nome “Potiguar”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 37-46, 1940.

\_\_\_\_\_. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

\_\_\_\_\_. Fanáticos da Serra de João do Vale. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, 1938-1940. Natal, RN, v. 35-37, p. 45-63, 1941.

\_\_\_\_\_. Discurso de Doutor e conversa de pobre. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1941-1943, Natal, RN, v. 38-40, p.162-163, 1946. Publicado originalmente em A República, 17 maio 1943. Acta Diurna.

\_\_\_\_\_. O que quer dizer “Acta Diurna”? **Diário de Natal**, Natal, RN, 03 ago. 1943. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Minha Madrinha Filó. **A República**. Natal, RN, 21. jul. 1946. Acta Diurna, p. 03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Fundação e nomes da cidade. In: \_\_\_\_\_. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 21-27.

\_\_\_\_\_. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947.

\_\_\_\_\_. O “Santos Reis”. In: \_\_\_\_\_. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 13-20.

\_\_\_\_\_. Até Deus precisa dos sinos! **Diário de Natal**, Natal, RN, 12 set. 1947. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Guardarás o Domingo. **Diário de Natal**, Natal, RN, 14 jun. 1948. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Errado é que dá certo. **Diário de Natal**, Natal, RN, 14 jul. 1948. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Epitáfio de uma cultura. **Diário de Natal**, Natal, RN, 19 jul. 1948. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Símbolo jurídico do Pelourinho. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 45-47, p. 67-85, 1948-1950.

\_\_\_\_\_. Há treze anos... **A República**, Natal, RN, p. 08, 09 ago. 1949.

\_\_\_\_\_. Pela Capela de Cunhaú. **Diário de Natal**, Natal, RN, 03 dez. 1949. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. A mais antiga Igreja do Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1951-1952, Natal, RN, v. 48-49, p. 187-193, 1952.

\_\_\_\_\_. **Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz**. Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Paróquias do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. Plaquete.

\_\_\_\_\_. A função dos arquivos. Separata de: **Revista do Arquivo Público**, Recife, ano 7-10, n. 9-12, 1952-1956.

\_\_\_\_\_. **Canto de Muro**: romance de costumes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. p. 239.

\_\_\_\_\_. Dom Helder Câmara, o padre Helder. In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2005. v. 9, p. 120-122. (publicado originalmente no jornal A República, 26 maio 1959).

\_\_\_\_\_. Entrevista. **Manchete**, Rio de Janeiro, 29 fev. 1964.

\_\_\_\_\_. **Folclore do Brasil**: pesquisas e notas. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

\_\_\_\_\_. **O Instituto Histórico**: estímulo e valorização da cultura. Natal, RN: IHGRN, 1967. p. 15-22. Plaquete em Homenagem ao 65º da Fundação do IHGRN. Edição comemorativa: Natal (1902-1967). Mensagem Cultural do Instituto Histórico: sua presença e seu testemunho.

\_\_\_\_\_. **Nomes da Terra**: história, geografia e toponímia. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968.

\_\_\_\_\_. Um Provinciano Incurável. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 05-06, 1968.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e Eu**: confidências e proposições. Natal, RN: Imprensa Universitária, 1968. Fichamento feito por Silvia Ilg Byington, p. 17 e p. 15. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Calendário das festas. In: \_\_\_\_\_. **Informação do folclore brasileiro**: calendário das festas. 2 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1971. p. 1-8. (Coleção Cadernos de Folclore, 5).

\_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/text/ciclo.html>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e sua Biblioteca. In: LYRA, Carlos. **Luís da Câmara Cascudo. Depoimentos**. Natal: EDUFRN, 1999. p. 59-65. Entrevista concedida a Carlos Lyra em 06/12/1974.

\_\_\_\_\_. **Prelúdio e fuga do real**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1974.

\_\_\_\_\_. **Religião no povo**. João Pessoa, PB: Imprensa Universitária, UFPB, 1974.

\_\_\_\_\_. **Geografia dos mitos brasileiros**. Brasília: José Olympio, 1976.

\_\_\_\_\_. **História dos nossos gestos: uma pesquisa mímica do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

\_\_\_\_\_. Luiz da Câmara Cascudo, 79 anos, surdo e quase cego. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1977. Caderno B, p. 4.

\_\_\_\_\_. **Breve história do Palácio Potengi**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1978.

\_\_\_\_\_. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 73-74, 1981-1982. [Apresentação].

\_\_\_\_\_. **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1983.

\_\_\_\_\_. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, Achiamé; Natal, RN: EDUFRN, 1983.

\_\_\_\_\_. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 75-76, 1983-1984. [Apresentação].

\_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1984.

\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores: folclore poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1985.

\_\_\_\_\_. **Governo do Rio Grande do Norte**: cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais, governadores republicanos, interventores federais, de 1597 a 1939. Mossoró: Esam, 1989. (Mossoroense, 531) Edição fac-símile.

\_\_\_\_\_. **Histórias que o tempo leva...** da história do Rio Grande do Norte. Mossoró: Esam, 1991. (Mossoroense, 757).

\_\_\_\_\_. **Os Holandeses no Rio Grande do Norte**. Mossoró: Esam, 1992. (Mossoroense, 792) Edição fac-símile.

\_\_\_\_\_. **Antologia do Folclore Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. O mais antigo marco colonial do Brasil. (Edição do “Centro de Imprensa - C. M. M.”- Natal-1934). In: RIO Grande do Norte: 500 anos. Natal, RN: IHGRN, 2001. p. 05-55. Plaquete encontrada no IHGRN.

\_\_\_\_\_. Curral dos Padres (identificação de um topônimo). In: \_\_\_\_\_. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRN, 2002. v. 8, p.118 -119.

\_\_\_\_\_. Discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. **Oradores – Rio Grande do Norte (1889-2000)**: biografia e antologia. 2. ed. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2004. p. 262-267.

\_\_\_\_\_. Discurso no Ato da inauguração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: NAVARRO, Jurandyr. **Rio Grande do Norte**: os notáveis dos 500 anos. Natal, RN: Ed. do autor, 2004. p. 421-427.

\_\_\_\_\_. **Crônicas de origem**: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20. Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005. Versão digitada.

CAVALCANTI, Francisco Ivo. Luís da Câmara Cascudo. Aluno Primário. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 50-52, 1968.

CAVIGNAC, Julie A. A etnicidade encoberta: 'Índios' e 'Negros' no Rio Grande do Norte. **Mneme**: revista de humanidades, Caicó, RN, v.4, n.8, p. 1-69, abr./set. 2003. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anteriores/sumario08.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 17-48.

\_\_\_\_\_. A operação historiográfica. In: \_\_\_\_\_. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 65-130.

CESAR, Temístocles. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. História. A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Resenha. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 267-271, jan./jun. 2008.

COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1969.

\_\_\_\_\_. Mestre Cascudo em Quatro Tempos. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, RN, v. 33, n. 21, p. 69-76, maio 1990.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre praticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (Dir.). **O homem do iluminismo**. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Presença. 1997. p.143-144.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. À mesa com Cascudo: da água, do pasto, da horta e do pomar à cozinha como fábrica dos sonhos. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, RN, v. 46, n. 34, p. 11-20, jan./jun. 2005.

CRIAÇÃO. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesdenatal.org.br/arquidiocese/historiaarq.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2008.

CYPRIANO, Doris Cristina C. de Araújo. **Margens dos Rios Madeira e Tapajós**: situação de contato e dinâmica social – séculos XVII e XVIII. 2005. Tese. (Doutorado em História). UNISINOS, São Leopoldo- RS, 2005.

DANTAS, José Adelino. Luiz da Câmara Cascudo – Homem de Fé. In: LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. p. 12. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

DEPOIMENTO de Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

DEPOIMENTO de Dália Freire Cascudo. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

DEPOIMENTO de Domingos Gomes de Lima. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

DIEHL, Astor Antônio. **A Cultura Historiográfica Brasileira**: do IHGB aos anos 1930. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998.

\_\_\_\_\_. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980**: experiências e horizontes. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo, RS: UPF, 2004.

DINIZ, Ilma Melo. Apresentação. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, 1968.

DOM Hélder Câmara: o santo rebelde. Direção: Erika Bauer. Produção: Andréa Glória. Brasília, DF: Cor Filmes, 2004. 1 DVD (74 min), son., color. Gênero: Documentário.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, RS, n.13, p. 21-26, dez. 1995.

EMOÇÃO na Missa. **Diário de Natal**, Natal, RN, p. 06, 01 ago. 1986.

ENTRONIZADA a imagem da Padroeira de Natal na sede da Prefeitura. **A República**, Natal, RN, p.01, 17 ago. 1946.

FEDELI, Orlando. **Resposta sobre São Gregório Magno**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br>>. Acesso em: 30 nov. 2008.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998.

FERNANDES, Nascimento. Irreverências. **A Notícia**, Natal, RN, ano 1, 04 set. 1921.

\_\_\_\_\_. Irreverências. **A Notícia**, Natal, RN, ano 1, 11 set. 1921.

FERRARI, Alceu. **Igreja e desenvolvimento**: o movimento de Natal. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968.

FERREIRA, Angela Lúcia de Araújo. Breve história do Palácio Potengi. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 17-20.

FERREIRA, Sônia Maria Fernandes. **De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado**. Natal, RN: Climax-Arte, 1986. (Coleção Edições Clima, v. 51).

FESTA do Padroeiro. **A República**, Natal, RN, 30 dez. 1984.

FORTUNATO, Sandro. **A cada dia mais leve** Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br>>. Acesso em: 07 ago. 2008. Editor do site Memória Viva.

FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado**: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

GALVÃO, Cláudio A. Pinto. O Livro das Velhas Figuras. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 156-160.

GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo**: bibliografia comentada 1968/1995. Natal, RN: EDUFRN, 1996.

\_\_\_\_\_. **Luís da Câmara Cascudo**: itinerário de um pensador. 1998. f. 40. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, mimeo.) -- PUC-SP, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, 6., 2002, Alcalá de Henares. **La correspondencia en la Historia**. Alcalá de Henares: Calambur, 2002. v. 1, p. 419-431.



GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n.11, p. 62-77, 1993.

\_\_\_\_\_. A guardiã da memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 07-24.

GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 163- 193.

\_\_\_\_\_. O “cruzado da inteligência”: Capistrano de Abreu, memória e biografia. **Revista Anos 90 - Dossiê História e Memória**, Porto Alegre, RS, v. 14, n. 26, p. 41-76, dez. 2007.

GUERRA, Otto. Luiz da Câmara Cascudo – Professor. In: **LUIZ da Câmara Cascudo** (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. p. 10. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org.). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 23-41.

HISTÓRIA do Jornal. **A Ordem**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedenatal.org.br>>. Acesso em: 09 set. 2007.

HOFFNAGEL, Marc. Governo do Rio Grande do Norte. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 96-97.

HOLANDA, Aurélio B. de. Visita do escritor Câmara Cascudo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Anais de 1967, Rio de Janeiro, v.117, p. 122-124, jan./jun, 1967.

UMA HONROSA distinção. **A Imprensa**. Natal, RN, ano 11, n. 2345, p. 01, 21 dez. 1924.

IMPORTANTES inaugurações da Prefeitura Municipal do Natal. **A República**, Natal, RN, p.01, 14 ago. 1946.

JORNAL A Ordem: origem. **A Ordem online**. Disponível em: <[http://www.arquidiocesedenatal.org.br/aordem/ao\\_historia.htm](http://www.arquidiocesedenatal.org.br/aordem/ao_historia.htm)>. Acesso em: 19 set. 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 535-553.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

\_\_\_\_\_. Aldeias de Guaraíras e Guajuru. In: \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p. 525-535.

\_\_\_\_\_. Fundação do Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p. 504-524.

\_\_\_\_\_. Nas Fronteiras do Rio Grande e Ceará. In: \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p. 536-549.

LEMOS, Afrânio Pires. Na Cultura popular repousa a grandeza. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 1, n. 1, p. 07-17, 1996. Entrevista com Câmara Cascudo.

LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. 69 f. Monografia (Graduação em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lido, 1998.

\_\_\_\_\_. Natal na íntegra. **Arte e Cultura**. Disponível em: <<http://www.tafalado.com.br/natalnaintegra/cultura/diogenes.htm>>. Acesso em: 03 set. 2008.

LIMA, Patrícia Souza. Correspondência de intelectuais: O Arquivo Gustavo Capanema como lugar de sociabilidade. **Revista Primeiros Escritos**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 01-11, jun., 1999. LABHOI (Laboratório de História Oral e Imagem).

LIMA, Pedro de. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal, RN: EDUFRN, 2006.

LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande, 2003.

\_\_\_\_\_. Nomes da terra. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 209-212.

\_\_\_\_\_. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. 2005. 701 f. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

\_\_\_\_\_. Fontes para a História do Rio Grande do Norte no IHGRN. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH/ RN: o ofício do historiador, 1., 2004, Natal. **Anais...** Natal, RN: EDUFRN, 2006.

LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

LUÍS da Câmara Cascudo. **A Imprensa**, Natal, RN, p. 01, 13 set. 1922.

LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991.

LYRA, Carlos. Cascudo as razões de minha preferência. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 57-59, 1998. Entrevista concedida ao autor em: 19/08/1976.

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo**: 50 anos de vida intelectual 1918/1968. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3 v. Bibliografia Anotada.

MÁSCARA Mortuária de Cascudo é doada ao Instituto Histórico. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1994-95-96, Natal, RN, v. 87, p. 77-78, 2001. (Edição comemorativa do V Centenário do Rio Grande do Norte).

MATOS, Odilon Nogueira de. Luís da Câmara Cascudo, historiador e folclorista no seu centenário. **Revista Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, SP, ano, 31, n. 172, p. 3-10, jan./mar. 1999.

MEIRA, Silvio. Louvação Cultural de Câmara Cascudo e Homero Homem. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 84 -85, p. 97-112, 1992-1993.

MELO, Luiz Gonzaga Cortez G. de. **Câmara Cascudo**: o jornalista integralista. Natal, RN: CCHLA-UFRN, 1995.

MELO, Manoel Rodrigues. Câmara Cascudo: historiador. In: **LUÍS da Câmara Cascudo**: sua vida e sua obra. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Pongetti, 1969. p. 68-89.

MELO, Paulo Herôncio de. Os jesuítas nas primeiras horas da colonização da Capitania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 50, p. 41-52, 1953.

MEMORIAL Câmara Cascudo. Disponível em: <[http://www.fja.rn.gov.br/fja\\_site/navegacao/ver\\_memorial.asp?idmemorial=6](http://www.fja.rn.gov.br/fja_site/navegacao/ver_memorial.asp?idmemorial=6)>. Acesso em: 03 ago.2008.

MIZRAHI, Raquel. Os Holandeses no Rio Grande do Norte. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 124.-127.

MONTEIRO, Denise Mattos. Balanço da historiografia norte-rio-grandense. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH/ RN: o ofício do historiador, 1., 2004, Natal. **Anais...** Natal, RN: EDUFRN, 2006.

\_\_\_\_\_. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007.

MOURA, Carlos André Silva de. A Revista A Ordem e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930 1937). In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. **Anais...** Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 1-9. 1 CD-ROM.

NATAL perde o seu contador de histórias **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 31 jul. 1986. Texto da primeira página. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil**: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. 2000. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.

\_\_\_\_\_. Literatura: prelúdio e fuga do real. **Revista Tempo**, Niterói, RJ, v. 9, n. 17, p. 79-104, 2004.

\_\_\_\_\_. Para descobrir “a alma do Brasil”: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia**. Rio de Janeiro: Ed. UniverCidade, 2003. p. 377-388.

\_\_\_\_\_. Viajando o Sertão: Luís da Câmara Cascudo e solo da tradição. In: CHALLHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de M.(Org.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005. p. 237-262.

\_\_\_\_\_. **Literatura**: prelúdio e fuga do real. Disponível em <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo**: um homem chamado Brasil. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

ORDEM de São Gregório Magno. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org/ordemdesaogregoriomagno/index>>. Acesso em: 30 nov. 2008.

AS ORDENS papais. Disponível em: <<http://www.chivalricorders.org:80/vatican/gregory.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PARÓQUIA de Santo Afonso. Disponível em: <<http://www.paroquiadesantoafonsomariadeligorio.org.br>>. Acesso em: 24 ago. 2008.

PAULA, Débora Clasen de. **Da mãe e amiga Amélia**: cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX). 261 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - RS. 2008.

PEDROZA, Sylvio Piza. **Política e cultura**: dois vultos potiguares - Pedro Velho & Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, 1989. p. 03-26. Plaquete encontrada no acervo do IHGRN.

PERDA Lamentável. **Diário de Natal**, Natal, RN, p. 6, 01 ago. 1986.

PEREGRINO, Umberto. Lembrando Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 166-169, 1985-1986.

PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatthy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

PERSONALIDADES da História do RN - Câmara Cascudo. 2. ed. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 1, p. 3-14, 16 jan. 2008.

PEREIRA, Francisco de Assis. (Monsenhor). A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte. In: CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo**: 20 anos de encantamento. Natal, RN: Ed. da UFRN, 2007. p. 82-93.

PEREIRA, Nilo. **A Faculdade de Direito do Recife (1927–1977)**. Recife, PE: Editora Universitária, 1977. v. 1.

PETROVICH, Enélio Lima. **Luís da Câmara Cascudo**: sua vida e sua obra. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Pongetti, 1969.

\_\_\_\_\_. Câmara Cascudo – Imortal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 172-181, 1985-1986.

PETROVICH, Enélio Lima. Necrológio de Luís Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 159-163, 1985-1986.

\_\_\_\_\_. **Em três tempos**: Antônio Soares de Araújo Filho, Luís da Câmara Cascudo, Peregrino Júnior. Natal, RN: Nordeste Gráfica, 1999.

PINTO, Juliana da Silva. “A Nina que despertou: da disputa de memórias à construção de um mito”. **Revista Primeiros Escritos**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 01-10, jun. 1999. LABHOI (Laboratório de História Oral e Imagem).

PIONEIRISMO. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedenatal.org>>. Acesso em: 13 out. 2007.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTO, Maria Emília Monteiro. **Jesuítas na Capitania do Rio Grande séculos XVI-XVIII**: arcaicos e modernos. 2000. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Salamanca, Espanha, 2000.

PROTOMÁRTIRES. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedenatal.org>>. Acesso em: 13 out. 2007.

PROVÍNCIA do Rio G. do Norte. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, p. 01, 11 out. 1934.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, v. 169, 1934.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. **Revista Virtual História e História**. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/cfm?tb=historiadores&id=11>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 93-101.

RULDOLF, Mário. A Casa de Cunhaú. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 29-31.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo**: um homem chamado cidade. 56 f. Qualificação (Mestrado em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Pedra do Rosário** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 20 jan. 2009.

SEREJO, Vicente. As leis de Cascudo. **Jornal de Hoje**, Natal, RN, [1998?]. Coluna Diversão & Arte. Disponível em: <[http://www.jornaldehoje.com.br/novo/navegacao/editorias.php?id\\_editoria=7](http://www.jornaldehoje.com.br/novo/navegacao/editorias.php?id_editoria=7)>. Acesso: em 12 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. Cascudo na mira de Serejo. **O POVO**, Fortaleza, CE, 19 ago. 2006. Caderno Vida & Arte. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **Depoimento**. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

SILVA, Marcos A. da. Câmara Cascudo e a Erudição Popular. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 317-334, nov. 1998. Trabalhos da memória.

SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva; FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN; Fundação José Augusto, 2003.

SILVA, Marcos Antonio da. História do Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. 314-319.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo, um escritor católico. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 39-41, 1998.



SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 2, 06 jan. 1999. DN-educação, p. 23-42. Projeto Ler.

\_\_\_\_\_. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 3, 13 jan. 1999. DN-educação, p. 43-62. Projeto Ler.

\_\_\_\_\_. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 5, 27 jan. 1999. DN-educação, p. 83-102. Projeto Ler.

\_\_\_\_\_. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 6, 03 fev. 1999. DN-educação, p. 103-122. Projeto Ler.

STUDART, Barão de. Histórias que o tempo leva. **A Imprensa**, Natal, RN, ano 11, n. 2345, p. 01, 21 dez. 1924.

TAKEYA, Denise Monteiro. História do Rio Grande do Norte: questões metodológicas-historiografia e história regional. **Caderno de História**, Natal, v. 1, n. 1, p. 8-11, jul./dez. 1994.

TORQUATO, Arthur Luís de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas**: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945). Monografia (Graduação em História) -- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2008.

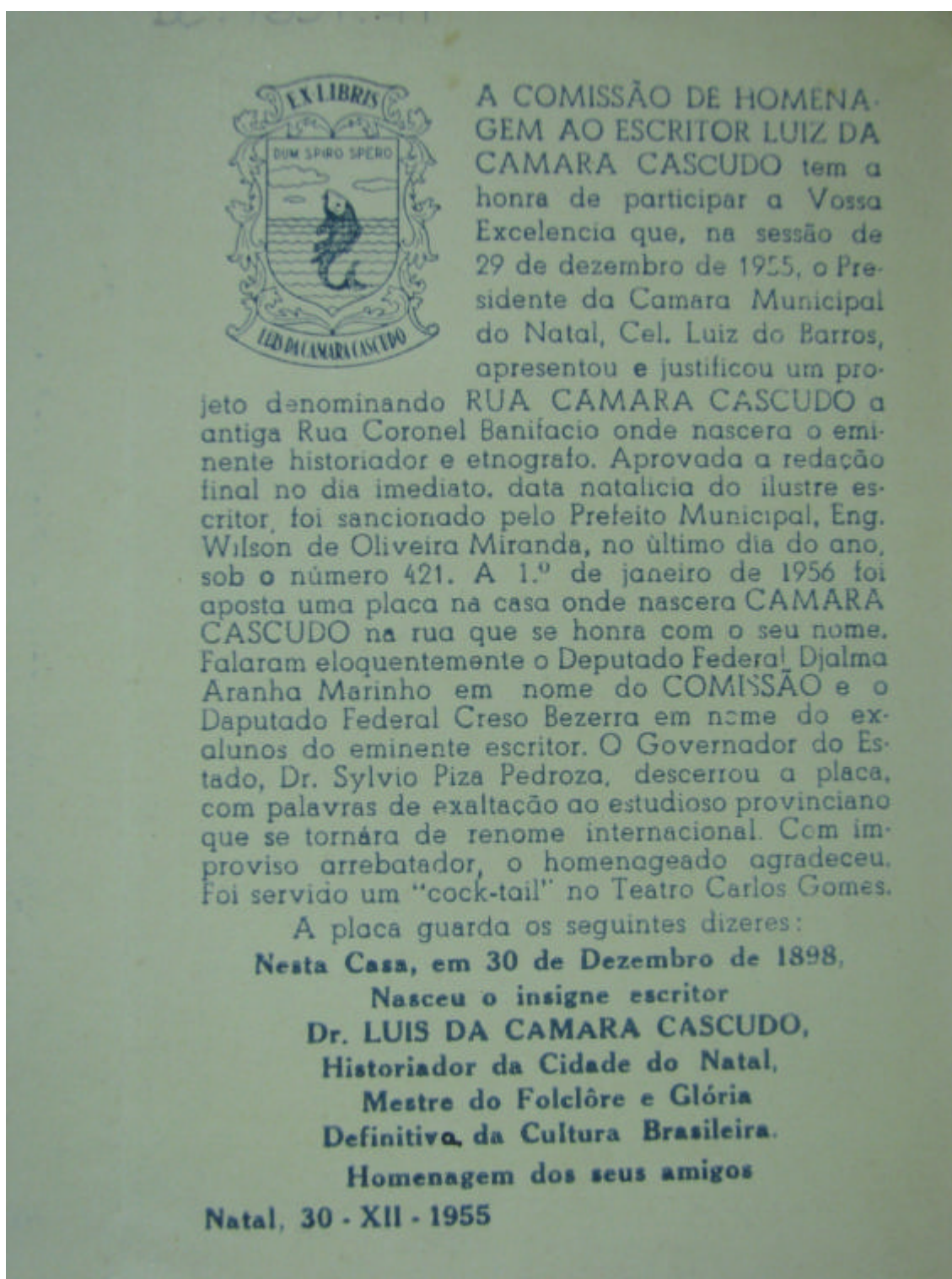
A TRADIÇÃO e a Renovação: poetas, escritores e intelectuais. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 1998. Cadernos especiais. Educação e Cultura. (Coleção História do Rio Grande do Norte, 14). Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br>>. Acesso em: 09 out. 2008.

VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-67, 1979-1980.

WANDERLEY, Jaime. O Príncipe do Tirol. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 27-32, 1968.

**ANEXO A - FOTOS REFERENTES AO PRIMEIRO CAPÍTULO**

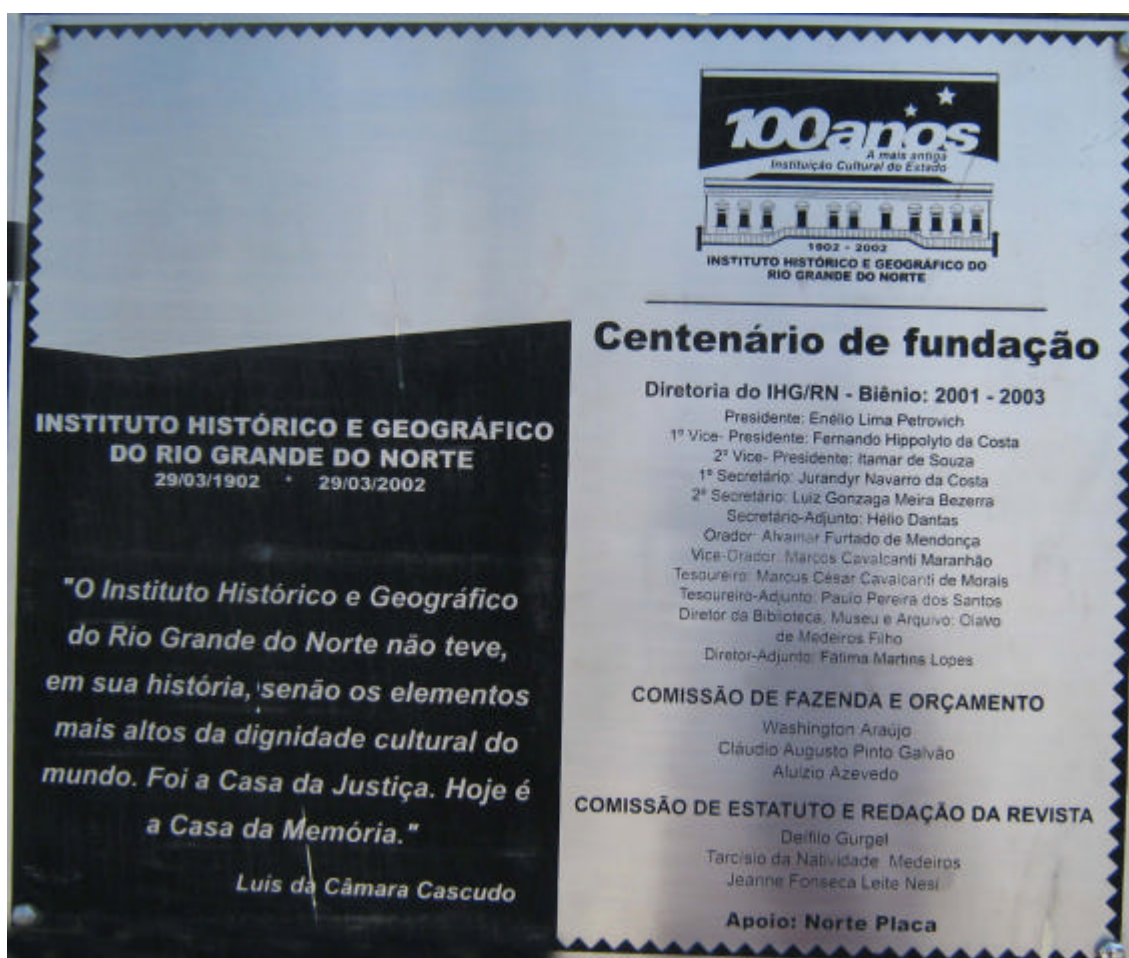
**Placa em homenagem a Luís da Câmara Cascudo afixada na ANL-RN.  
Crédito da foto: Ana Verônica de Oliveira  
(Acervo pessoal)**



Cartão comemorativo da afixação do nome de Cascudo na rua onde ele nasceu, que reproduz a lei que instituiu essa toponímia.

Crédito da foto: Francisco Firmino Neto

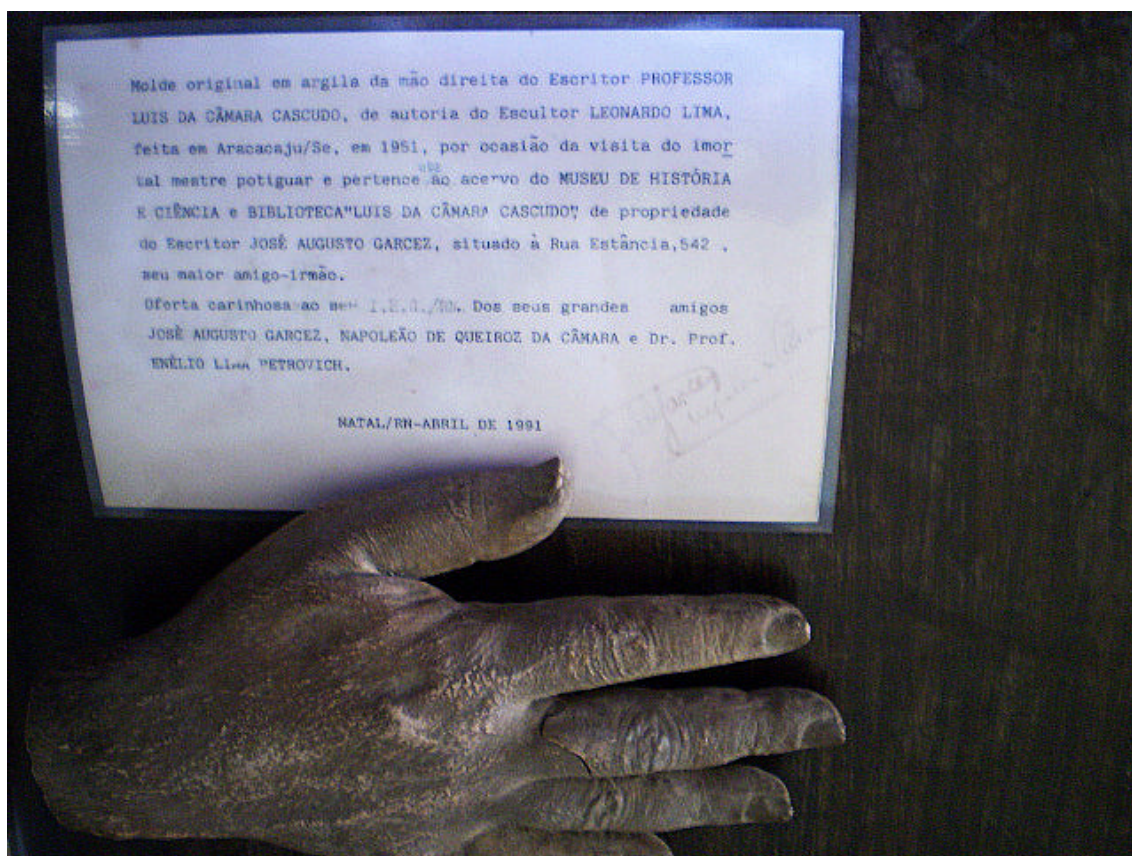
(Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Fundo Hélio Vianna. Pasta DL 1352.002. Rio de Janeiro /RJ)



**Placa com mensagem de Cascudo afixada na Entrada do IHGRN**  
Crédito da foto: José Maria Fernandes de Lima  
(Acervo pessoal)



**Máscara mortuária de Luís da Câmara Cascudo**  
**Crédito da foto: José Maria Fernandes de Lima**  
**(Acervo pessoal)**



**Molde da mão de Luís da Câmara Cascudo**  
**Crédito da foto: José Maria Fernandes de Lima**  
**(Acervo pessoal)**



**Placas de homenagens afixadas na entrada da Casa de Cascudo**  
**Crédito da foto: Daliana Cascudo**  
**(Acervo do Memorial Câmara Cascudo)**



Placa da homenagem da Prefeitura de Natal a Cascudo, também afixada na entrada da Casa.  
Crédito da foto: Daliana Cascudo  
(Acervo do Memorial Câmara Cascudo)





**Casa de Luís da Câmara Cascudo  
Crédito da foto: Daliana Cascudo  
(Acervo do Memorial Câmara Cascudo)**

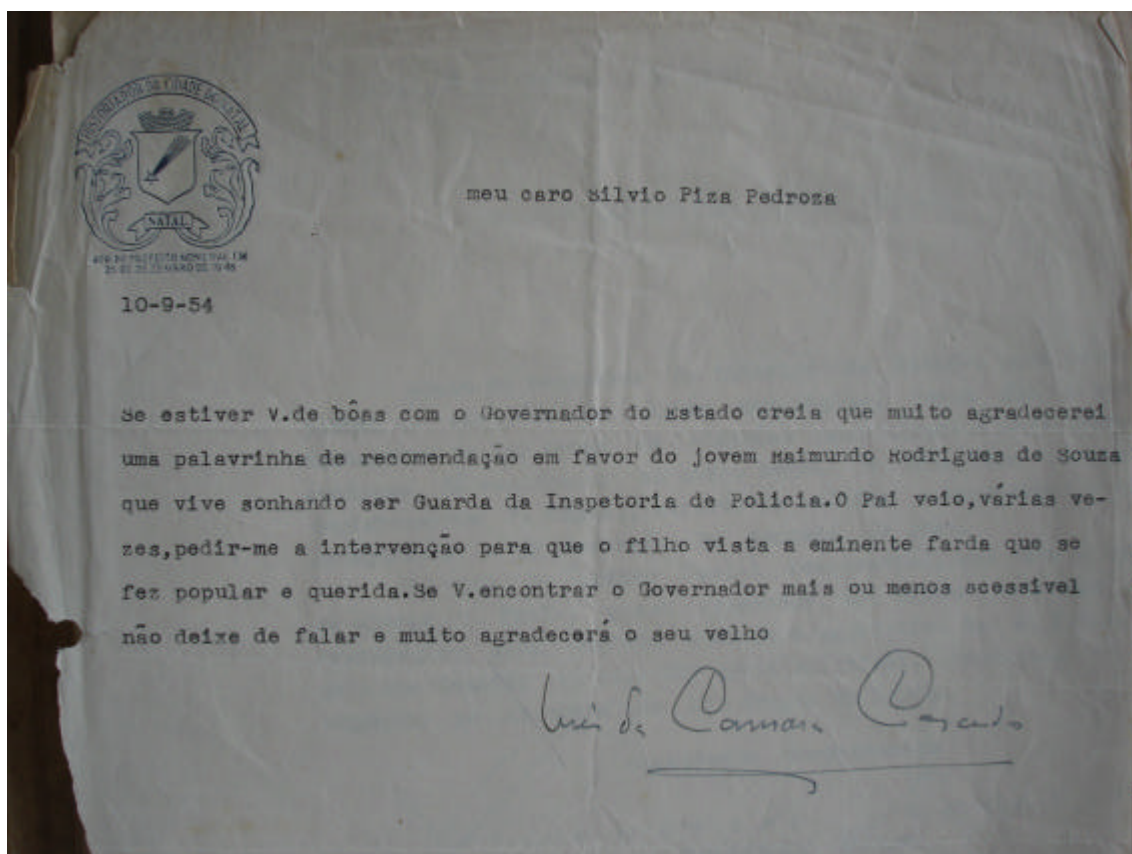


**Cascudo e Sylvio Pedroza na Babilônia.  
Acervo do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Fundo Sylvio  
Pedroza. Natal / RN.**



**Governador Sylvio Pedroza condecorando o escritor Luís da Câmara Cascudo , com a Ordem do Mérito Militar. Natal – 1954.**

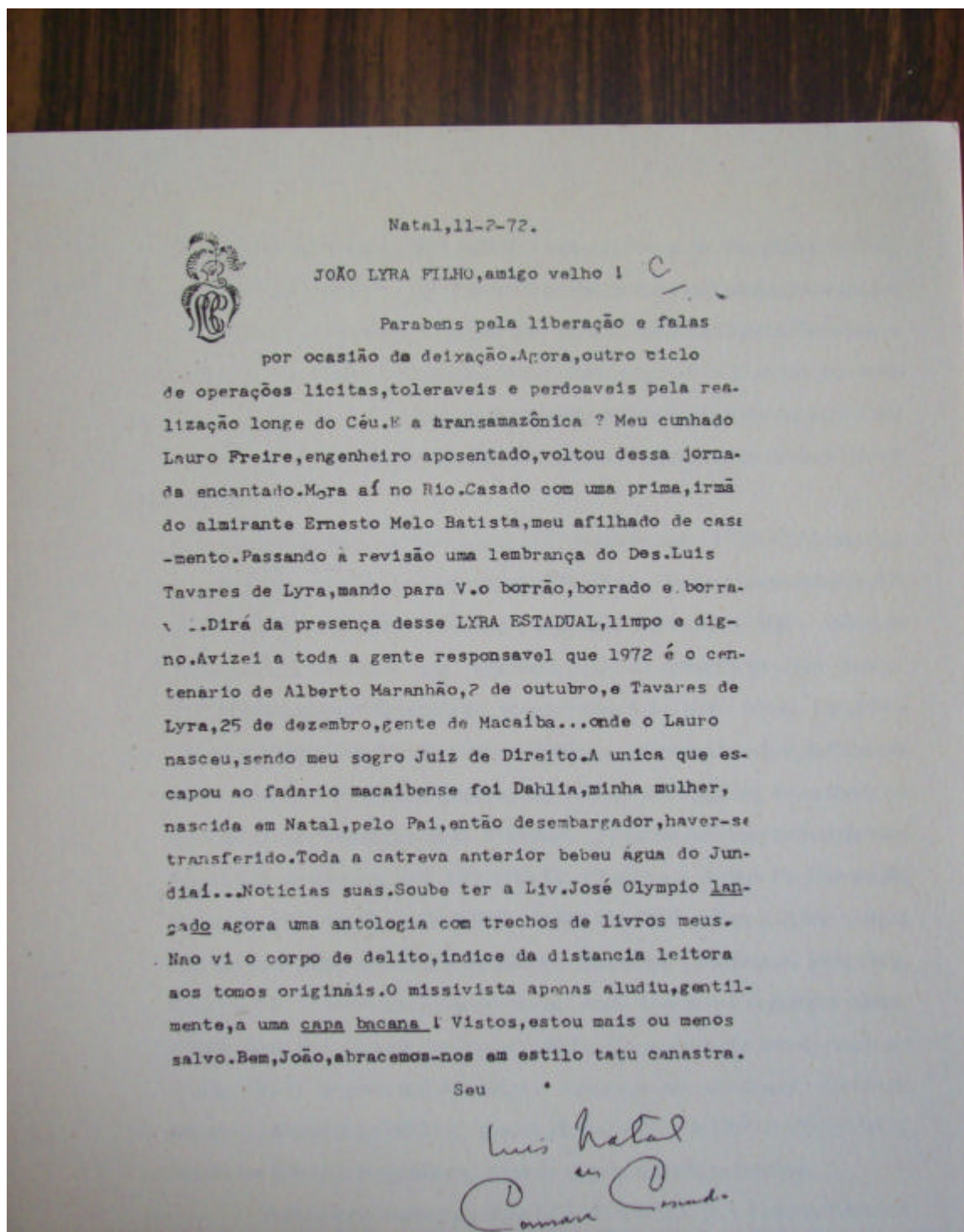
**Acervo do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Fundo Sylvio Pedroza. Natal / RN.**



Carta escrita por Cascudo para Sylvio Pedroza

Crédito da foto: Francisco Firmino Sales Neto

Acervo do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Fundo Sylvio Pedroza. Natal / RN.



Carta a João Lyra, assinada como Luís Natal.

SILVA, Roberto (Org.). *Jasmins do Sobradinho: cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho.*

Natal: Sebo Vermelho Edições, 2000.

Crédito da foto: Arthur Luís Torquato

(Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte)

NATAL (rua da Conceição-565) 30-XII-37. GC/ CASCU DO, L  
b

exm<sup>o</sup> sr. dr. Gustavo Capanema.  
 meu illustre s-igo. 0818

Tomo a liberdade de desejar a V. Excia um 1938 tranqulla e generoso.  
 Pensava em avistar-me com V. Excia logo em principios do Janeiro  
 mas a inauguração da sêdo do Liceu Literario Portuguez foi adiada  
 e com ella a minha viagem até Rio.  
 Lendo aqui alguns volumes da BIBLIOTECA DE ESCRITORES DE CHILE lembrei-me de sugerir a V. Excia, que tanto apez te viva atividade e  
 força renovadora tem feito no Ministerio, uma biblioteca semelhante  
 mas de caracter historico. A França e a Espanha fizeram semelhanta-  
 mente ao Chile e nós do Brasil não estamos em situação inferior aos  
 países que realizaram esses empreendimentos culturais. Creio não con-  
 stituir dificuldade insurmontavel a fundação de uma coleção anti-  
 tulada HISTORIA DO BRASIL, dividida em tantos tomos quantos são os  
 Estados e mais o Acre. V. Excia convidaria os futuros autores, indica-  
 do a forma do volume que devia ter umas 250 a 300 paginas, no maxi-  
 mo e dar um aspeto sociologico, economico e historico ao trabalho,  
 sem os rigores da cronologia inexpressiva. O essencial era o tipo  
 de livro ficar uniforme, mesma tipagem, formato, capa, illustrado ou não  
 Quatro livros seriam impressos por ano e apenas as bibliotecas pu-  
 blicas receberiam exemplares. O restante ficaria para o Ministerio  
 que o faria vender, alem de enviar alguns exemplares para as embaixa-  
 -das. Em pouco mais de cinco anos teriamos a Historia do Brazil com-  
 pleta, clara, documentada e real e não fracionada como a possuímos.  
 O historiador Artur Cesar Ferreira Reis, do Amazonas, já me havia es-  
 crito a este respeito e eu, na falta de cerimonia notavel que me ca-  
 racteriza aqui vou levando até V. Excia como uma sugestão seroda e  
 bem intencionada. Luís da Câmara Cascudo

Carta de Luís da Câmara Cascudo ao Ministro Gustavo Capanema  
 Crédito da foto: Arthur Luís Torquato  
 (CPDOC/FGV. GC b Cascudo, L. b 0818.30.12.1937)

## ANEXO B - FOTOS REFERENTES AO SEGUNDO CAPÍTULO

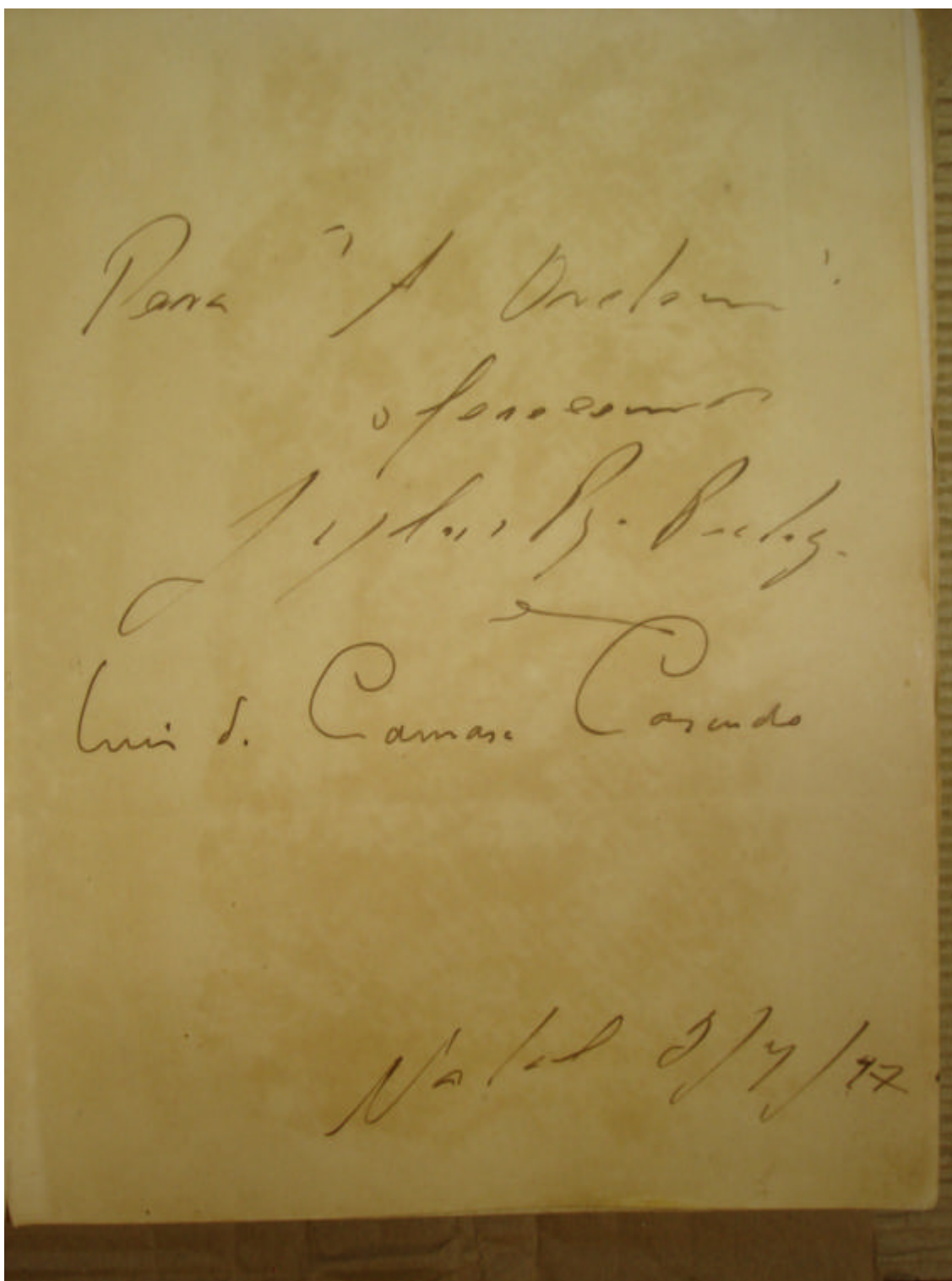
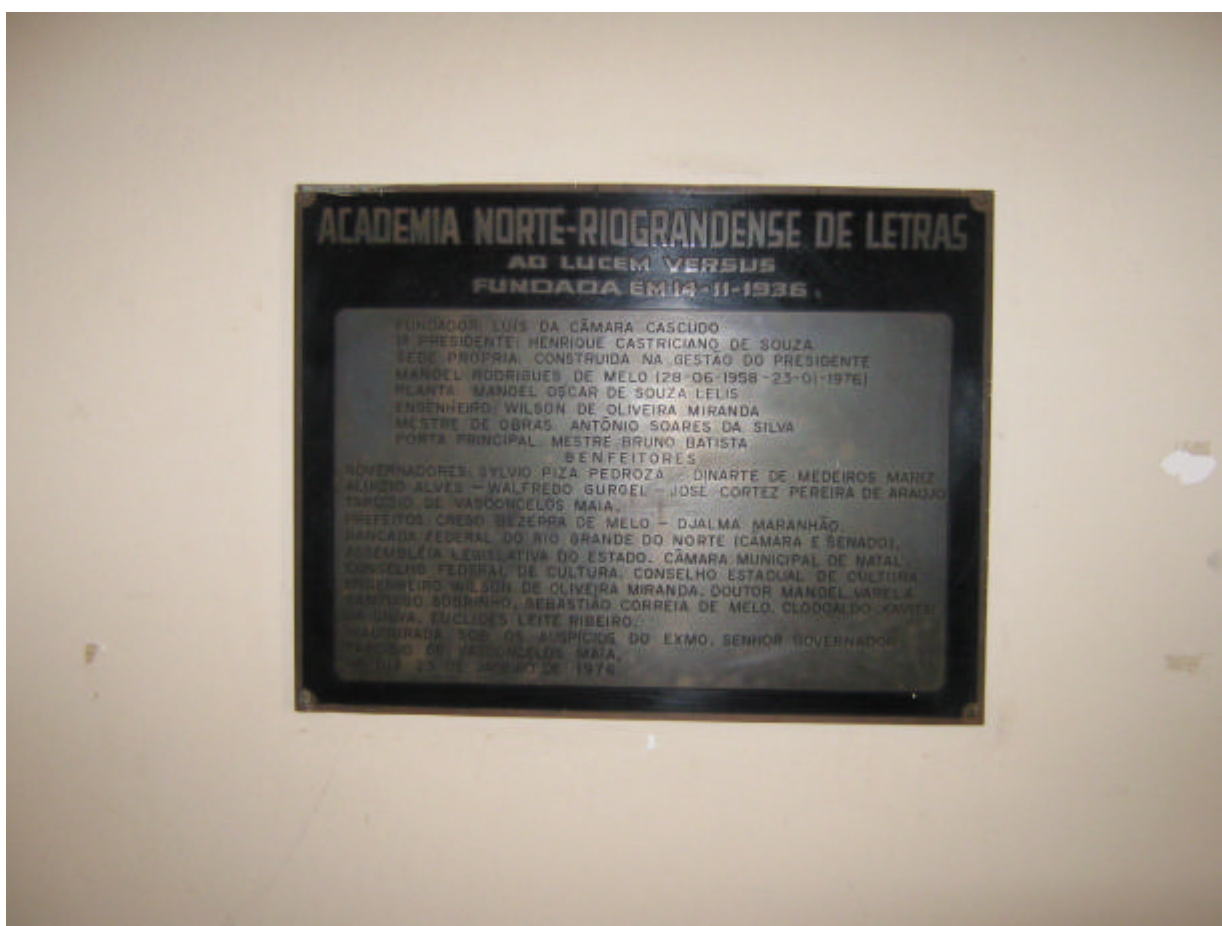


Foto da folha de rosto do livro *História da Cidade do Natal*.  
CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 1. ed. Edição da Prefeitura do  
Município do Natal, 1947.

Créditos da foto: Francisco Firmino Neto  
(Acervo da biblioteca particular do Prof. Raimundo Arrais)



**Placa da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, destacando Câmara Cascudo como seu fundador.**

**Crédito da foto: Ana Verônica de Oliveira  
 (Acervo pessoal)**





Jornal a Imprensa, 21 de dezembro 1924.  
 Crédito da foto: Bruna Rafaela de Lima  
 (Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte)

a proseguir com zelo e carinho na missão affecta ao meo-  
mo: Sua Excellencia foi muito applaudido.

O Dr. Nestor Lima, por ultimo, encerrou a sessão,  
agradecendo a comparencia de todos.

A nova Direcçoria empossada ficou assim consti-  
tuída: Presidente, Dr. Nestor dos Santos Lima; 1º Secre-  
tario, Conego Estevam Dantas; 2º Secretario, Julio de  
Mello Rezende; Orador, Dr. Joaquim Ignacio de Carvalho  
Filho; Thesoureiro, Dr. Horacio Barretto; 1º e 2º Vice-  
presidentes, Desembargadores Dyonisio Filgueira, e Luiz  
Lyra; Suplentes de 2º Secretario, Padre Calazans Pi-  
nheiro e Coronel Joaquim Manoel; Vice-orador, Dr. Ho-  
norio Carrilho; Commissão da «Revista», Desembargado-  
res Phelippe Guerra e Antonio Soares e Dr. Joaquim Igna-  
cio; Commissão de Fazenda: Desembargador Hemeterio  
Fernandes, Dr. Valle Miranda e Professor João Tiburcio.

De tudo para constar, eu Julio de Mello Rezende,  
Segundo Secretario, lavrei a presente Acta, que vae assig-  
nada pela mesa. (aa)

(aa) *Hemeterio Fernandes*  
*Nestor dos Santos Lima*  
*Horacio Barreto*  
*Francisco de Albuquerque Mello*  
*Augusto Leopoldo R. da Camara*  
*Luiz da Camara Cascudo.*

Acta da 357ª sessão ordinaria do Instituto Histo-  
rico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Presidencia do Dr. Nestor dos Santos Lima, Secre-  
tarios Julio de Mello Rezende e Luis da Camara Cascudo.

Aos vinte e oito dias do mez de Abril do anno do  
nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil nove-  
centos e vinte e sete, em a séde social, á rua da Concei-  
ção, n. 577, presentes os Senhores Nestor dos Santos Li-  
ma, Julio de Mello Rezende, Luis da Camara Cascudo e  
os Desembargadores Francisco de Albuquerque Mello e  
Horacio Barretto, ás 15 horas, foi, pelo primeiro, aberta a  
sessão. O Sr. Presidente agradeceu a escolha do seu nome  
para a suprema direcção dos trabalhos da casa.

O expediente constou de telegrámmas dos socios  
Dr. Luiz Antonio dos Santos Lima (effectivo) e do Dr.  
João Vicente (correspondente), agradecendo sua eleição.

O Sr. Presidente communicou o fallecimento do Coronel  
Pedro Soares, socio fundador do Instituto, informando da  
representação da casa no enterramento, offerta de corôa  
funebre e que falára em nome do Instituto, á beira do

Ata da sessão ordinária em abril de 1927, na qual Cascudo já aparece como um dos assinantes da  
Ata publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN – vols. XXIII e XXIV, 1926/1927.

Natal-RN.

Crédito da foto: Bruna Rafaela de Lima  
(Acervo da biblioteca particular do Prof. Cláudio Galvão)

**ANEXO C - FOTOS REFERENTES AO TERCEIRO CAPÍTULO**

**Aspecto da Procissão que conduzia a imagem de Nossa Senhora da Apresentação para a Prefeitura de Natal, em 15 de Agosto de 1946, por ocasião de sua entronização na Prefeitura de Natal  
Acervo do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Fundo Sylvio Pedroza. Natal / RN.**



Foto da charge de Emanuel Amaral referente à comemoração ao centenário de Cascudo  
Acervo do setor iconográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte  
Crédito da foto: Francisco Firmino Sales Neto.



Foto de Cascudo na varanda da Babilônia  
Acervo do site Memória Viva  
Disponível em: <<http://memoriaviva.com.br>>. Acesso em: 13 dez. 2008.



**Na biblioteca: a direita: São Sebastião (com o mandacaru), ao centro: São Vicente de Paula e a esquerda: São José de Botas sobre a mesa de trabalho de Câmara Cascudo.**  
**Foto importada do Relatório de Cristiane Furtado - A cidade e o letrado: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 29 jan. 2009.**



**Foto do marcador de texto do Santo Antônio  
Acervo do Memorial Câmara Cascudo  
Crédito da foto: Francisco Firmino Sales Neto.**



Foto do marcador de texto do Exorcismo de Santo Antônio  
Acervo do Memorial Câmara Cascudo  
Crédito da foto: Francisco Firmino Sales Neto.





**Convento de São Francisco, em Sergipe**

**Crédito da Foto: Valmir (Aracaju - SE)**

**Acervo do site Memória Viva. Disponível em:<<http://memoriaviva.com.br>>. Acesso em 25 jan.2009.**



Foto da cúpula do Episcopado potiguar, por ocasião da homenagem feita a Dom Marcolino. CASCUDO, Luís da Câmara Paróquias do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. Plaquete.

Acervo: Memorial Câmara Cascudo  
Crédito da Foto: Francisco Firmino Sales Neto.



Foto do convite da Missa do Centenário de Cascudo, em 1998  
 Acervo do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte  
 Crédito da foto: Francisco Firmino Sales Neto.

O exílio dos Padres destas duas Aldeias não se fez sem protestos e lágrimas de Índios e Brancos, que de Guajuru os vieram acompanhar por espaço de duas milhas até à Cidade. *Geralda Quarriima*, índia já de idade, mulher do capitão-mor, não se acomodou facilmente, arrastando nos seus protestos muitos Índios, sete dos quais mandou presos para Pernambuco, o director civil, que succedeu aos Jesuítas. Episódio apenas significativo, conclui Francisco da Silveira, do amor e reverência dos nacionais do Brasil para com os seus benfeitores de quem assim os privavam <sup>1</sup>.

O último director em P. Alexandre de Carvalho, com o escolástico José Terrellia, deixam a aldeia em junho de 1759. O Padre do Collegio de Recife, Embranca em Bahia a 1-5-1760 em 52 companheiros para Lisboa.

autor na *Explicação* à edição fac-similar do *Catecismo Kiriri*, do P. Luiz Vincêncio Mamiani (Rio 1942)XXIV.

1. Silveira, *Narratio*, 66; ms. da Gregoriana, 138, f. 258. Guajuru fica à margem da Lagoa do mesmo nome, e anda unida a ela uma lenda ou malefício, desfeito pelas bênçãos dos Jesuítas, cf. D. José Pereira Alves, *A Lenda de Extremoz*, em *Anuário Brasileiro de Literatura* (Rio 1939)147-148. Entre as Aldeias da Companhia, inclui-se a de *Nossa Senhora dos Prazeres de Guajuru*, na Provisão episcopal de 5 de Fevereiro de 1759; *Rev. do Inst. do Ceará*, XLIV (1930) 347-348. Deve tratar-se da mesma Aldeia de Guajuru com orago diferente. A velha Igreja, « derrubada menos pelo tempo do que pelo abandono criminoso », diz Luiz da Câmara Cascudo que era, depois da de S. Antônio do Natal, a « mais bonita Igreja do Rio Grande do Norte colonial ». Cf. « A Velha Igreja de Extremoz » e « Os Santos de Extremoz », em « A República », de Natal, 23 de Janeiro e 19 de Julho de 1944.

LEITE, Serafim. Aldeias de Guaraíras e Guajuru. In: \_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, cap. III, p. 535.

Acervo: Memorial Câmara Cascudo  
Crédito da Foto: Bruna Rafaela de Lima.

cruzes «boas». Indo de caminho, vieram outros principais pedir-lhe que fôsse, dali a «9 ou 10 léguas», levantar-lhes cruz na sua terra. «E esta foi a derradeira parte por onde alevantamos cruz daquela banda do Norte».

O Padre era decidido partidário da abertura de duas grandes Residências uma na Paraíba, outra no Rio Grande do Norte, com dez da Companhia. E, ao mesmo tempo, se cuidaria dos Potiguares, tanto dos do Rio Grande, «como dos que se descera para a Paraíba e Guena, que é Aldeia que está entre a Paraíba e Pernambuco, que nós, por missão, conservamos».

Esperava o P. Francisco Pinto que El-Rei subsidiasse estas residências centrais, donde os Padres percorreriam em missão as Aldeias do interior, porque para haver residência em cada Aldeia era impossível, por não haver tantos Padres e porque êsse isolamento era nocivo à própria vida espiritual dos missionários. «E assim, conservando-nos a nós, não deixaremos de acudir no que pudermos à conversão»<sup>1</sup>.

Além do subsídio real, que se esperava, para tal estabelecimento, tomavam-se precauções para assegurar terras como ponto de apoio local.

No dia 8 de Agosto de 1603 concedeu Jerónimo de Albuquerque uma data de terras, aos Padres da Companhia, no «sítio demarcado da Cidade»<sup>2</sup>. E entre outras terras dos Jesuítas no Rio Grande do Norte, na Várzea do Ceará-Mirim e no Rio Jundiá, havia, já em 1601, um tracto, «que começa do Esteiro Jaguaribe para o sudoeste até chegar a Aguape a que chamam Obure, cercada com o Rio Petegi; poderá ser esta terra meia légua em quadra: é terra que a maré cobre. Tem muitas madeiras de mangues. É sítio para salinas»<sup>3</sup>. Estava então lá o P. Diogo Nunes, Superior, e o P. Gaspar de Semperes, «prefeito das obras»<sup>4</sup>, sinal de que havia então outras construções, além da Fortaleza dos Reis Magos, que êle como architecto dirigira.

1. Carta do P. Francisco Pinto ao P. Geral, «dêste Colégio de Pernambuco e de Janeiro 17 de 600», *Bras.* 3(1), 177-179v.

2. Vicente de Lemos, *Capitães-mores e Governadores do Rio Grande do Norte* (Rio 1912)7.

3. Studart, *Documentos*, II, 123.

4. *Bras.* 5, 50.

LEITE, Serafim. Fundação do Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.506.

Acervo: Memorial Câmara Cascudo  
Crédito da Foto: Bruna Rafaela de Lima.

defende dos inimigos por meio de soldados de El-Rei, era muito amado dêles e viviam em comum nas Aldeias, ainda que saíam alguns meses durante o ano a recolher frutos do mato»<sup>1</sup>.

A vida da Aldeia continuou neste ambiente de apostolado em meio versátil e difícil, durante alguns anos, até que a 15 de Maio de 1709 faleceu nela o P. Filipe Bourel<sup>2</sup>. Estava só, no tempo em que faleceu, por andar fora em missão o seu companheiro. Se não era ainda, mas já ordenado de sacerdote, o P. Bonifácio Teixeira, foi-o algum tempo depois. Não há narrativa dêste período. Mas infere-se da carta do Governador Geral do Brasil, da Baía, 29 de Julho de 1708, em resposta a outra de El-Rei em que mandava «fazer a guerra geral, entrando-se por tôdas as partes», nas Capitãncias do Ceará e Rio Grande, que boa parte do fruto da guerra anterior dos Paulistas se frustrara, por os moradores do Rio Grande e Ceará a embaraçarem tão injustamente, «por interêsse e razões particulares»<sup>3</sup>, e que as perturbações recomeçaram.

Mas a Aldeia do Lago Podi continuava, e com maior assistência dos Padres por causa da epidemia do «morbilho», semelhante à varíola, que atacava em particular os adultos. Tinha-se feito o baptismo de mais de 150 meninos e 70 adultos, que assim morreram cristãos. Muitos, porém, recuavam para as antigas superstições<sup>4</sup>.

1. Carta de João António Andreoni, da Baía, 12 de Novembro de 1706, *Bras. 4*, 104v.

2. *Hist. Soc.* 51; 289. Natural de Colónia (Alemanha) entrara na Companhia de Jesus com 17 anos, no dia de S. José (19 de Março) do ano de 1676, *Bras. 6*, 37. Trabalhou nas missões de Rodélas do Rio de S. Francisco. Homem sábio e santo. Santo, como se vê da sua vida. Conta-se que ressuscitara uma criança, que morreu sem baptismo, e êle vendo a mãe chorar desenterrou a criança que voltou à vida; e baptizando-se, ainda durou algum tempo. Conservava-se uma pintura dêsse facto na Aldeia do Apodi aonde se dera a cena, e cujos ecos recolheu Loreto Couto, *Desagravos do Brasil*, em *Anais da BNRJ*, XXIV(1902)350. Sábio, a sua ciência é atestada pelo facto de o Padre Provincial de Portugal, antes de embarcar o P. Bourel, pedir ao do Brasil que lho cedesse um ano «para ser lente de Matemática na Universidade de Coimbra» (*Ad legendam mathematicam in Universitate Conimbricensi*). Carta de 10 de Fevereiro de 1692, *Bras. 3*(2), 301. Fêz em Coimbra, a 2 de Fevereiro de 1693, a sua profissão solene, *Lus. 11*, f. 266-267. João António Andreoni escreveu dêle uma breve biografia latina, que se guarda em *Bras. 10*, 64-65; *Lus. 58* (Necrol. 1)20.

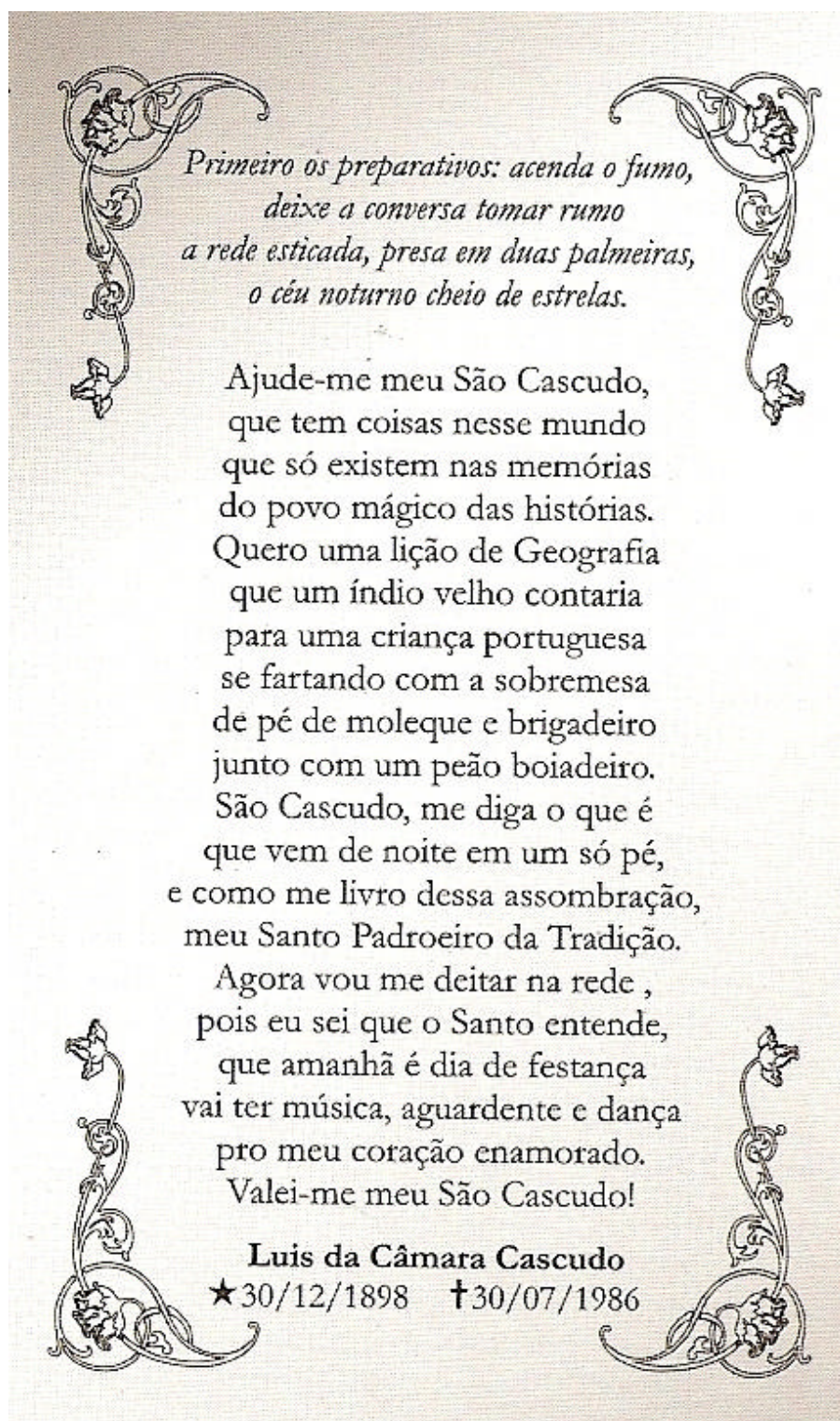
3. *Doc. Hist.*, XXXIV, 298.

4. Carta do P. Mateus de Moura, de 31 de Dezembro de 1711, *Bras. 10*, 78.

LEITE, Serafim. Nas Fronteiras do Rio Grande e Ceará. In: \_\_\_\_\_. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.548.

Acervo: Memorial Câmara Cascudo  
Crédito da Foto: Bruna Rafaela de Lima.

## ANEXO D - FOTOS REFERENTES AS CONSIDERAÇÕES FINAIS



Santinho com a oração de São Cascudo.  
(Acervo Memorial Câmara Cascudo)

“PRA ENCANTAR A AVENIDA  
 A ÁGUIA VEM MISTIFICAR  
 DE BOCA EM BOCA, PAI PRA FILHO  
 O MODO DE AGIR, SENTIR E PENSAR (Ô POTIGUAR)  
 CÂMARA CASCU DO MOSTROU PARA O MUNDO  
 O FOLCLORE POPULAR  
 BRASIL DA MISCIGENAÇÃO, NOSSO POVO ESTENDE AS MÃOS  
 VAMOS MESTIÇAR

COSTUMES DO NORDESTE... ÓXENTE, CABRA DA PESTE  
 VEM PRO FORRÓ DANÇAR, POEIRA LEVANTAR  
 MARACATU, FESTA JUNINA  
 BOI-BUMBÁ NO NORTE, PARINTINS, O PONTO NOBRE  
 PRO MAL OLHADO TEM REZA FORTE  
 O PAJÉ PODE SALVAR

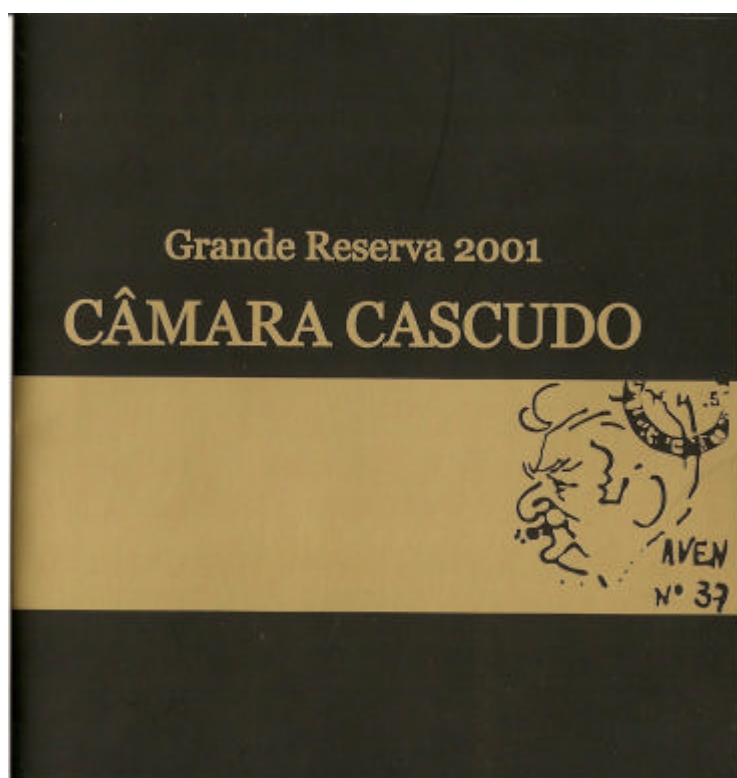
FERRADURAS E CARRANCAS... PATUÁS  
 QUEM FOI QUE DEIXOU O ESPELHO SE QUEBRAR?  
 NO CENTRO-OESTE NÃO PESQUE SEM ORAÇÃO (PORQUE)  
 ASSOMBRAÇÃO VAI TE PEGAR

NO SUL BRINQUEI  
 DE COBRA CEGA E AMARELINHA  
 E REPAREI NUM LINDO CANTO QUE OUVIA  
 ATÉ O SACI SE ENCANTOU  
 NÃO É CHULA, NEM FANDANGO  
 E PERGUNTOU: - QUE SOM É ESSE?  
 QUE CADÊNCIA DIFERENTE  
 PROTEGIDA PELOS DEUSES  
 ME RESPONDA QUEM VEM LÁ  
 EU SOU NENÊ! DA CULINÁRIA, BATUCADA E CARNAVAL  
 NO SUDESTE A FESTA É PRA VALER  
 FOLCLORE VIVO NESSE AMANHECER

MINHA ESCOLA DE SAMBA É EVOLUÇÃO  
 BATERIA DE BAMBA, TOCA ATÉ JONGO E BAIÃO  
 A NOSSA BANDEIRA, MANTO SAGRADO  
 GUETO AZUL E BRANCO, MITO RESPEITADO”.

**Letra do samba-enredo da escola de samba paulista Nenê de Vila Matilde (2008)**  
**(Acervo Memorial Câmara Cascudo)**





**Convite de Lançamento do vinho Grande Reserva 2001 – Câmara Cascudo  
(Acervo Memorial Câmara Cascudo)  
Créditos: Francisco Firmino Neto**